



A Redescoberta da **SANTIDADE**

O Caminho para a Alegria e Liberdade,
agora e no futuro

com roteiro
para estudos

J. I. Packer





Redescoberta da SANTIDADE

O Caminho para a Alegria e Liberdade,
agora e no futuro

Digitalização, Revisão e Edição

Alex Bruno

J. I. Packer



A Redescoberta da Santidade © 2002, Editora Cultura Cristã. © 1992, 1999, J. I. Packer sob o título *Rediscovering Holiness*. Publicado originalmente por Servant Ministries, P.O.Box 8617, 1143 Highland Drive, Suite E, Ann Harbor, Michigan 48107, USA. Traduzido com permissão.
Todos os direitos são reservados.

1ª edição, 2002 - 3.000

Tradução

Elias Dantas Filho

Revisão

Valéria Lamim Delgado
Edson Reinaldo Facco

Editoração

Cláudio César Gonçalves

Capa

Antonio Carlos Ventura

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br
0800-141963

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

À

Jim e Rita Houston,

*que também
buscam a santidade*

*Digitalização, Revisão e Edição
Alex Bruno*

Índice

<i>Prefácio</i>	07
Capítulo 1 – Qual a Definição e Importância da Santidade?	09
Capítulo 2 – Explorando a Salvação: É Necessário Ser Santo?	35
Capítulo 3 – Valorizando a Salvação: O Ponto Inicial da Santidade	59
Capítulo 4 – Uma Visão Panorâmica da Santidade	79
Capítulo 5 – Humilhando-se Para Crescer: A Vida de Arrependimento	105
Capítulo 6 – Crescendo na Semelhança de Cristo: A Experiência Cristã Saudável	139
Capítulo 7 – Crescendo em Força: A Vida Cristã com Poder	177
Capítulo 8 – A Dura Conquista: A Disciplina da Persistência	211
<i>Notas</i>	239
<i>Guia de Estudo</i>	243

Prefácio

Este livro se desenvolveu de quatro palestras que dei em uma conferência no ano de 1991. A conferência foi patrocinada pela Alliance for Faith and Renewal, uma organização interdenominacional que tem por missão a tarefa de habilitar líderes para a expansão do Reino de Deus e o fortalecimento da vida cristã daqueles a quem lideram.

O formato deste livro reflete a minha convicção de que é preciso dar um basta quanto ao descaso com a questão da santidade pessoal. Mesmo entre os cristãos do Ocidente que continuam crendo na Bíblia, a tendência em tratar este assunto como algo secundário pode ser facilmente observada. Tal tendência não é algo que se deveria esperar, já que as Escrituras insistem que somos chamados para sermos santos, que Deus tem prazer na nossa santidade, mas abomina o nosso pecado, e que, sem santidade, ninguém verá o Senhor. No entanto, o foco do interesse cristão tem mudado, de uma busca por santidade, para o prazer, a realização pessoal, o massageamento do ego e técnicas para o alcance do sucesso, e assuntos públicos que não representam nenhum desafio para os padrões morais de um indivíduo. Tal mudança é triste e escandalosa, e precisa ser revertida.

Com a perda crescente de interesse pela santidade sobrenatural, houve um aumento no interesse pela cura e pelos poderes sobrenaturais do mal contra os quais os cristãos precisam batalhar. Minha esperança é que este grande despertar em relação à realidade sobrenatural nos reconectará, em breve, àquilo que Walter Marshall, o Puritano, há muito tempo chamou de o “mistério do evangelho da santificação”. Eu me sentirei plenamente recompensado se este livro colaborar para esta reconexão.

Agradeço profundamente à minha filha, Naomi, que, mesmo em detrimento de outras coisas que tinha a fazer, trabalhou duramente para digitar este livro no computador. Agradeço também à minha esposa Kit. Ela prontamente abriu mão do nosso tempo juntos para que este livro fosse escrito.

J. I. Packer
Março, 1992.

Capítulo 1*

QUAL A DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DA SANTIDADE?

(...) segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo. 1Pe 1.15,16

Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor... Hb 12.14

A PERDA DE UM PASSADO PRECIOSO

O relógio do meu avô é uma verdadeira relíquia. Além de marcar as horas, os minutos e os segundos, ele também mostra os dias da semana, os meses do ano e as fases da lua. Encontra-se registrado no seu ponteiro maior, o ano de 1789 – ano da Revolução Francesa e o início do mandato de George Washington como presidente dos Estados Unidos. Estou escrevendo estas palavras no ano de 1991, ocasião em que se comemoram os 200 anos da morte de John Wesley. O nosso relógio nunca parou, se posso colocar nestes termos. Ele é também um relógio musical de um tipo muito inusitado. Além de emitir um som de hora em hora, ele tem um carrilhão interno (instalado sobre um cilindro de cobre, com martelos móveis que batem nos sinos, a cada três horas, tocando uma melodia por três minutos). Reconhecemos duas de suas quatro melodias, pois elas são tocadas até o dia de hoje. No entanto, as outras duas, que parecem

* Recomendamos que se leia antes o Guia de Estudo, p. 249.

músicas sertanejas americanas, são desconhecidas, não somente para nós, mas para todos que as ouviram. Com o passar dos anos, aquelas melodias foram esquecidas. Isto é realmente triste, porque elas são muito bonitas, e gostaríamos de saber mais a respeito delas.

Da mesma forma, o ensino cristão histórico da santidade tem sido largamente esquecido. Isto também é triste, pois tal ensino é central para a glória de Deus e o benefício das nossas almas.

Há cerca de 60 anos, aprendi na escola, os primeiros versos de um poema escrito por Rudyard Kipling, chamado “O caminho do bosque”. Os versos dizem:

Eles abriram o caminho pelo meio do bosque,
Setenta anos atrás.
O clima e a chuva, mais uma vez, o destruíram.
E agora, ninguém mais sabe que, no passado,
Havia um caminho pelo meio do bosque.

Estes versos ainda me tocam profundamente. Talvez isto aconteça porque eu gosto de passear nos bosques. Muitas vezes, quando me pego lamentando que algo bom tenha se perdido por causa da burrice, falta de cuidado ou negligência (e confesso que, pelo fato de ser tanto um conservacionista quanto um cristão, esta tem sido uma experiência constante), os versos de Kipling vêm à minha mente. Recordo-me deles agora mesmo, ao ver como a Igreja está perdendo a verdade bíblica com relação à santidade.

Nossa Herança de Santidade Cristã

Houve um tempo em que todos os cristãos enfatizavam a realidade do chamado divino para uma vida de santidade e também falavam, com grande entendimento, sobre recursos de Deus que nos capacitavam a viver esse tipo de vida. Os Protestantes Evangélicos, em particular, ofereciam muitas variedades sobre o tema, como as exigências requeridas pela santidade divina, os meios e maneiras pelas quais o Espírito Santo nos santifica e as maneiras pelas quais a santidade aumenta nossa segurança, alegria e proveito na obra divina. Os Puritanos insistiram que toda a nossa vida e relacionamentos precisam tornar-se “santos para o Senhor”. John Wesley afirmou para o mundo que Deus levantou o Metodismo para “comunicar a santidade bíblica por toda a

terra”. Phoebe Palmer, Handley Moule, Andrew Murray, Jessie Penn-Lewis, F. B. Meyer, Oswald Chambers, Horatius Bonar, Amy Carmichael e L. B. Maxwell são apenas alguns dos líderes do “reavivamento da santidade”, que tocou toda a Cristandade evangélica por cerca de cem anos, até meados do século 20.

Do outro lado do movimento divino da Reforma, em uma maneira similar, Seraphim de Sarov (Ortodoxo Russo), Teresa de Ávila, Ignácio de Loyola, Madame Guyon e Père Grou (todos Católicos Romanos) ministraram como apóstolos da santidade. O que John Wesley claramente afirmou, e nós ainda hoje precisamos entender, é que a Reforma Protestante foi bem menos profunda nas questões da santidade e do Espírito do que nas da justificação e do culto.

Como vimos até este ponto, a santidade era ensinada, com o merecido destaque, por toda a igreja. Como é diferente hoje em dia! Ao ouvirmos os nossos sermões, ao lermos os livros que escrevemos e, então, ao contemplarmos as maneiras mundanas, tolas e conflituosas do nosso comportamento como povo cristão, não podemos nem sequer imaginar que houve um tempo em que a estrada da santidade estava claramente delineada para os que criam na Bíblia, de modo que os ministros e o povo sabiam o que a santidade significava e podiam falar dela com autoridade e confiança. Infelizmente, “o clima e a chuva, mais uma vez, a destruíram”. Agora temos de reconstruir e reabrir a estrada, começando realmente do zero.

Lemos no Antigo Testamento que Isaque, forçado a mudar com toda a sua família e bens, “tornou a abrir os poços que se cavaram nos dias de Abraão, seu pai (porque os filisteus os haviam entulhado depois da morte de Abraão)” (Gn 26.18). Com isso, Isaque garantiu o fornecimento de água que permitiu a sobrevivência da sua família, servos, animais e dele mesmo. Ele não explorou o solo na tentativa de achar novos poços, que poderia ou não ter sido bem-sucedida, mas foi direto para os velhos poços. Sabia que ali encontraria água, bastando apenas limpá-los da terra, sujeira e detritos que os filisteus, maldosamente, tinham jogado dentro deles.

As ações de Isaque refletem dois princípios espirituais, aplicáveis de um modo muito objetivo:

1. O retorno à antiga verdade, o que foi um meio de bênçãos no passado pode, pela graça divina, se tornar um meio de bênçãos no presente, enquanto a busca por novas alternativas pode, muito bem, provar-se improdutiva;
2. Ninguém deve ser desencorajado, ao tentar tal retorno, por qualquer preconceito, má vontade ou antipatia que tenha se desenvolvido contra a antiga verdade durante o tempo em que ela não esteve em evidência.

Ao escrever este livro, sigo a orientação desses dois princípios. Não espere encontrar aqui, uma grande novidade. O que farei, com grande satisfação, é basear o seu conteúdo na antiga sabedoria cristã.

O Mundo Perdido

Sir Arthur Conan Doyle, criador de Sherlock Holmes, também escreveu uma história de aventuras intitulada *O Mundo Perdido*. Nela, o professor Challenger e seus amigos conseguem chegar a uma região, na América do Sul, que todos acreditavam ser inacessível e descobrem ali tanto os dinossauros quanto um padrão desconhecido de vida humana. A história foi claramente escrita para garotos de nove a noventa anos, e lembro-me nitidamente de ela ter-me envolvido, acho que aos dez anos, quando a ouvi, em forma de seriado transmitido pelas estações de rádio na Inglaterra, no programa conhecido como a Hora das Crianças. Terminava com o professor Challenger lutando contra a fria descrença de seus colegas cientistas quando conta-lhes o que havia descoberto.

Neste livro, tento testemunhar a respeito do mundo perdido da autêntica santidade cristã. Fico me perguntando se as pessoas acreditarão no que direi sobre a supernaturalização de nossa vida desordenada. Será que meu relato deste padrão desconhecido de vida humana terá alguma credibilidade? Será que serei visto como um tipo de dinossauro espiritual por produzir tais idéias antigas? Não me preocupo. Nas palavras memoráveis de Cary Grant, “uma pessoa tem de fazer o que tem de ser feito”. Para mim, isto significa mover-me, sem demora, para a execução de minha tarefa expositiva, sem me importar se serei levado a sério. Para esta tarefa agora me volto.

ESCOLA DE SANTIDADE, ESCOLA DE ORAÇÃO

Um dos títulos que propus para este livro foi *Com Cristo na Escola da Santidade*. Esse título foi um eco deliberado, quase um furto, do título do livro *Com Cristo na Escola da Oração*, escrito por Andrew Murray, um autor sul-africano bastante apreciado de duas gerações passadas. Adaptei o título de Murray com o objetivo de salientar três verdades que, para mim, são básicas para tudo o que me proponho a dizer. (Murray, de fato, concordou plenamente com todas as três de uma forma muito clara em seus muitos livros.)

Primeira Verdade

A santidade, como a oração (que é, de fato, parte dela), é algo que, apesar de os cristãos terem um instinto para ela por meio do novo nascimento, como veremos, tem de ser aprendida na – e por meio da – experiência. Assim como Jesus “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8) – aprendeu o que a obediência requer, custa e envolve por meio da experiência de realmente fazer a vontade do Pai indo até a cruz – assim também, os cristãos devem aprender a orar através das lutas e a ser santos através das batalhas na busca da pureza de coração e retidão de vida.

Jovens talentosos, que entram em programas esportivos para aprender a jogar tênis, logo descobrem que o centro do processo de aprendizado do esporte não é ficar conversando sobre táticas, mas, na verdade, ir para a quadra e treinar o serviço e os voleios, desenvolvendo, conseqüentemente, novos hábitos e reflexos de modo a aperfeiçoar as fraquezas de estilo. A rotina, que requer um grande esforço, implica em repetir, por inúmeras vezes, as coisas prescritas para serem postas em prática na quadra, quando o verdadeiro adversário se apresentar para o jogo.

Também aprendemos a orar e a viver em santidade de uma maneira muito parecida, com os compromissos que firmamos, os hábitos que formamos e as batalhas que travamos contra o nosso verdadeiro adversário (neste caso, Satanás) que, com grande habilidade, brinca constantemente com os nossos pontos fracos. (O fato de esses pontos fracos serem, muitas vezes, vistos pelo mundo como sendo nossos pontos fortes é uma indicação dos enormes recursos de Satanás: a presunção da autoconfiança e o orgulho de atitudes e esforços de nossa parte servem tão bem aos propósitos malignos quanto à paralisia da timidez, aos hábitos de ira e severidade, à falta de disciplina, quer seja ela interior ou exterior, à fuga das responsabilidades, à falta de reverência por Deus e a uma tolerância intencional para com o que se sabe ser errado.) Satanás é tão bom nos golpes laterais de judô quanto nos ataques frontais, e nós temos de estar em alerta o tempo todo.

Segunda Verdade

O processo de aprendizado da santidade, assim como o da oração, pode ser perfeitamente entendido como algo semelhante a uma escola – a escola de Deus, na qual o currículo, os professores, as regras, a disciplina, os prêmios ocasionais e os colegas de classe, que estudam, jogam, debatem e se confraternizam, estão todos debaixo da soberana providência de Deus.

A perseverança no caminho da oração e santidade é a melhor forma de enfrentar a batalha espiritual contra o pecado e Satanás; portanto, é um processo educacional, planejado e programado por Deus com o propósito de nos refinar, purificar, animar, firmar e amadurecer. Por meio dele, Deus nos leva, progressivamente, à forma moral e espiritual que Ele quer que alcancemos.

A educação física, praticada nas escolas e nas academias de ginástica, oferecem talvez o paralelo mais próximo do que está acontecendo aqui. Ela também exige que suportemos exercícios dos quais não gostamos. Nos tempos de escola, eu era desajeitado e lerdo. Eu detestava o “T.F.” (treino físico – assim era chamada a educação física naquela época). Apesar de ser muito ruim nesta disciplina, eu sabia que os exercícios físicos me fariam muito bem. O fato de ter feito um esforço para praticar, por vários anos, aqueles exercícios que outros achavam tão fáceis (além de se divertirem com eles e se saírem muito melhor do que eu) pode muito bem ter me ajudado a entender a virtude da perseverança em outras disciplinas que não me trazem uma gratificação imediata. O programa divino de treinamento na santidade sempre inclui um bom número de aulas como aquela.

Precisamos entender de uma vez por todas que quaisquer que sejam as razões pelas quais Deus permite que passemos por situações tão diferentes de alegrias e tristezas, realizações e frustrações, contentamentos e desapontamentos e de júbilo e dor, que constituem a realidade emocional de nossa vida, todas essas experiências fazem parte do currículo de Deus, visando o nosso treinamento na escola da santidade, que é sua academia de ginástica espiritual para nosso aprimoramento e reedificação na semelhança moral de Jesus Cristo.

Conta-se que em certa ocasião, durante uma de suas viagens, Tereza de Ávila foi lançada na lama pelo animal que a conduzia. As primeiras palavras daquela corajosa santa, enquanto lutava para se pôr de pé, foram: “Senhor, se este é o seu modo de tratar os amigos, não é de admirar que tenha tão poucos!” Uma de suas qualidades mais atraentes era sua forma espontânea e alegre de relacionar-se com Deus. No entanto, ninguém melhor do que ela para saber que as alegrias e tristezas de sua vida foram divinamente planejadas com o propósito de moldar o seu caráter, abrir o seu coração e aprofundar a sua devoção. O que foi verdade para ela também é verdade para nós.

Terceira Verdade

Na escola divina da santidade, nosso Senhor Jesus Cristo (o Filho do Pai e o Salvador do cristão) está conosco, e nós estamos com ele, em um relacio-

namento equilibrado entre um mestre e seu servo, um líder e seu liderado, um professor e seu aluno. É extremamente importante que entendamos isto. Por que será que, assim como acontece nas escolas para onde mandamos os nossos filhos, também na escola da santidade, alguns progridem mais rápido do que outros? Como podemos explicar a variação de índices no progresso? Fundamentalmente, o fator que determina a diferença entre uns e outros não é o coeficiente de inteligência, nem o número de livros que são lidos ou mesmo as conferências, acampamentos e seminários dos quais alguns participam, mas a qualidade da comunhão com Cristo, mantida mesmo em meio às vicissitudes da vida.

Jesus ressuscitou e está vivo. Por meio de sua Palavra e de seu Espírito, ele hoje nos chama para si, para que o recebamos como nosso Salvador e Senhor e nos tornemos seus seguidores e discípulos. Objetivamente falando, com referência às coisas como elas realmente são, em contraste com o que elas poderiam ser em dado momento, a presença de Jesus e a natureza pessoal do seu relacionamento conosco, como seus discípulos, são tão verdadeiras quanto o foram a sua presença física e as suas palavras de conforto e comando enquanto caminhou pela terra muito tempo atrás. Alguns, no entanto, não reconhecem este fato com a praticabilidade e grandeza que o reconhecem outros. É isto que faz a diferença.

O que quero dizer é o seguinte: Alguns, que confiam em Jesus como seu Salvador, desenvolvem o hábito de ir até ele no intuito de consultá-lo acerca de tudo o que acontece para que saibam como reagir diante das situações da vida enquanto seus discípulos. (“Ir até ele” é uma expressão ampla que embarca três atitudes: oração, meditação, que inclui o ato de pensar, refletir e tirar conclusões das Escrituras, com a aplicação prática dessas conclusões na presença de Jesus, e o permanecer aberto, durante todo o processo, a possíveis iluminações específicas do Espírito Santo.) Esses cristãos conseguem ver como os eventos exigem que eles:

- como Jesus, se consagrem totalmente ao Pai;
- como Jesus, falem e façam somente o que agrada ao Pai;
- como Jesus, aceitem a dor, a tristeza, a deslealdade e a traição;
- como Jesus, cuidem das pessoas e as sirvam em suas necessidades sem comprometerem os seus princípios ou sem motivos mais profundos;
- como Jesus, aceitem a oposição e o isolamento, esperando pacientemente por coisas melhores e, enquanto isso, permanecendo firmes diante das pressões;
- como Jesus, se alegrem nos propósitos específicos do Pai e sejam gratos a ele por sua sabedoria e bondade.

E a lista continua.

Afastados dessas formas de amargura e autopiedade, esses cristãos enfrentam os problemas com um espírito de paz, alegria e expectativa de ver o que Deus tem preparado adiante. Outros, no entanto, que igualmente confessam a Jesus como Salvador, não têm o hábito de praticar esta arte de sempre voltar-se a ele em meio aos desafios da vida. Quase sempre começam a caminhada da fé afirmando que a vida para eles, como filhos de Deus, será sempre como um mar de rosas. Então, quando a tempestade vem, o máximo que podem fazer é questionar a fé em um espírito de verdadeiro desapontamento com Deus, sentindo, o tempo todo, que ele os desamparou. É fácil entender a razão pela qual os da primeira categoria avançam mais rápido do que os da segunda: em amor, humildade e esperança, qualidades que formam a essência da santidade cristã.

DEFININDO SANTIDADE

O que vem a ser santidade? Precisamos de uma definição completa, e minha próxima tarefa é desenvolver uma.¹

Em primeiro lugar, consideremos a palavra em si. *Santidade* é um substantivo que pertence ao adjetivo *santo* e ao verbo *santificar*, que basicamente significa tornar santo. *Santo*, tanto no hebraico, como no grego, significa separado, consagrado e recriado para Deus. Quando aplicada às pessoas, como os “santos de Deus” ou “santos”, a palavra implica em devoção e assimilação: devoção, no sentido de viver uma vida de serviço para Deus; assimilação, no sentido de imitar, conformar-se a e tornar-se como o Deus a quem se serve. Como cristãos, a implicação é que precisamos assumir a lei moral de Deus como a nossa regra e o Filho encarnado de Deus como o nosso modelo. É aqui que a nossa análise de santidade deve começar.

Em seu grande livro *Santidade*, (lançado em 1879, e ainda largamente vendido), o bispo anglicano, John Charles Ryle, desenvolve, em termos simples e bíblicos, uma lista clássica de 12 pontos na qual esboça um quadro de uma pessoa santa. Sua descrição diz o seguinte:

1. Santidade é o hábito de ser de uma só mente com Deus, de acordo com o que as Escrituras descrevem como sendo a mente dele. É o hábito de concordar com seu julgamento, odiando o que ele odeia, amando o que ele ama e comparando tudo neste mundo com o padrão de sua Palavra.

2. Um homem santo se esforçará para evitar cada pecado conhecido, e guardar cada mandamento revelado. A inclinação de sua mente será decisivamente direcionada para Deus. O desejo do seu coração será o de fazer a vontade do Pai. Ele temerá muito mais a desaprovação divina do que a do mundo e terá o mesmo sentimento que Paulo teve quando disse: “Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus” (Rm 7.22).
3. Um homem santo se esforçará por ser como o Senhor Jesus Cristo. Ele não somente viverá uma vida de fé nele, e dele receberá paz e força para viver o dia-a-dia, mas também trabalhará para ter a mente de Cristo e ser conforme à sua imagem (Rm 8.29). O seu objetivo em relação às outras pessoas será o de andar ao lado delas, perdoá-las... ser generoso... caminhar em amor... ser manso e humilde... Ele guardará no coração as palavras de João: “Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1Jo 2.6).
4. Um homem santo buscará mansidão, longanimidade, bondade, paciência, gentileza e controle de sua língua. Dará um bom testemunho, será muito paciente, tolerante para com os outros, e também não se apressará em exigir os seus direitos.
5. Um homem santo buscará temperança e auto-negação. Lutará para mortificar os seus desejos carnisais, crucificar sua carne com suas tentações e lascívias, fugir das paixões e controlar suas inclinações carnisais, sempre que elas se manifestarem. (Ryle então cita Lc 21.34 e 1Co 9.27).
6. Um homem santo buscará praticar a caridade e a fraternidade. Ele se esforçará por fazer para os outros o que gostaria que os outros fizessem para ele e falará dos outros o que gostaria que os outros falassem dele... Abominará toda mentira, difamação, maledicência, engano, desonestidade e injustiça, mesmo nas pequenas coisas.
7. Um homem santo buscará misericórdia e bondade no trato com os outros... Será como Dorcas, “notável pelas boas obras e esmolas que fazia”, que não somente se propôs a fazer ou falou a respeito das boas obras, mas as *praticou* (At 9.36).
8. Um homem santo buscará a pureza de coração. Temerá toda a corrupção e impureza de espírito e tentará evitar todas as coisas que podem levá-lo a se contaminar. Ele sabe que o seu coração facilmente se inflama, e tentará cuidadosamente evitar a brasa da tentação.

9. Um homem santo buscará o temor a Deus. Não me refiro ao temor de um escravo, que somente trabalha para evitar a punição que receberá, caso seja descoberto sem fazer nada. Ao contrário, penso no temor de uma criança, que deseja viver e se locomover como se estivesse sempre com o seu vigilante pai por perto, porque sabe que ele a ama.
10. Um homem santo buscará humildade. Desejará, em sua mente simples e caridosa, ter os outros em mais alta estima do que a si mesmo. Também perceberá mais o mal existente em seu coração do que em qualquer outro neste mundo.
11. Um homem santo buscará fidelidade em todos os seus deveres e relacionamentos. Por seus motivos serem os mais sublimes, e contando com o adicional da ajuda divina, ele não se contentará apenas em cumprir suas obrigações, mas, melhor ainda, tentará ajudar aqueles que não se preocupam com a sua alma. Pessoas santas devem, em todos os momentos, desejar praticar o bem, e devem se envergonhar se algo de mal acontecer a alguém que elas poderiam ter ajudado. Elas devem lutar por ser boas esposas e bons maridos, bons pais e bons filhos, bons patrões e bons empregados, bons vizinhos, bons amigos, bons cidadãos, bons em particular e em público, bons no local de trabalho e no ambiente familiar. O Senhor Jesus perguntou ao seu povo algo que exige reflexão, quando diz: “Que fazeis de mais?” (Mt 5.47).
12. Por fim, um homem santo encherá sua mente com coisas espirituais. Tentará se concentrar inteiramente nas coisas do alto, não se apegando às coisas deste mundo... Ele buscará viver como alguém cujos tesouros estão no céu e cuja permanência nesta terra é vista apenas como a de um peregrino, que viaja para casa. Sua maior fonte de prazer está na comunhão com Deus por meio da oração, da leitura da Palavra e da reunião do seu povo. Ele dará valor à cada coisa, lugar e relacionamento, uma vez que esses fatores o trazem mais para perto de Deus.²

OS ASPECTOS DA SANTIDADE

Sem dúvida, todas as declarações de Ryle são verdades imutáveis e desafiadoras que nenhum cristão, em sã consciência, deveria questionar. Tendo o que ele disse como fundamento e vendo as coisas por sua perspectiva, desenvolverei a seguir, por iniciativa própria, algumas afirmações. Faço-as em primeira

pessoa. Primeiro, para ajudar o leitor a aplicar o que é discutido aqui à sua própria vida e, segundo, porque aceito o ensino de Calvino que diz que seria melhor para um pregador cair e quebrar o pescoço ao subir no púlpito se ele próprio não fosse o primeiro a seguir a Deus, pondo em prática a sua mensagem. Isto se aplica tanto às pregações escritas quanto àquelas proferidas na igreja. Assim, preciso pregar para mim mesmo tanto quanto para qualquer outra pessoa.

Aqui, então, seguem minhas considerações.

Santidade Tem a Ver com o Meu Coração

Falo do coração no sentido bíblico. Assim, não me refiro à bomba de sangue do nosso corpo, mas ao centro e foco da vida pessoal e íntima de cada um de nós: a fonte de motivação, o assento da paixão, a fonte de todos os processos do pensamento e, particularmente, da consciência. A afirmação que faço, e que também preciso aplicar em minha vida, é que a santidade começa no coração. Inicia-se no íntimo de uma pessoa que possui uma intenção correta e procura expressá-la de uma maneira apropriada. É uma questão, não apenas dos processos pelos quais passo, mas também dos motivos que me impulsionam a passar por eles.

O objetivo, a paixão, o desejo, a vontade, a aspiração, o alvo e a direção que motivam uma pessoa santa visam agradecer a Deus, tanto pelo que ela faz quanto pelo que deixa de fazer. Em outras palavras, ela pratica as boas obras e deixa de praticar as que são más. As boas obras começam com louvor, adoração, honra e exaltação de Deus como o termômetro espiritual de uma pessoa. As obras más começam com a negligência e conseqüente frieza em relação a estas coisas. Portanto, tenho de me esforçar para fazer com que meu coração esteja constantemente receptivo a Deus.

O puritano Richard Baxter, comentando sobre seu poeta favorito, George Herbert, disse: “Os seus livros contêm a *obra do coração* e a *obra do céu*”.³ O que Baxter queria dizer com a “obra do coração” é o cultivo de um espírito agradecido, humilde, que manifesta um amor reverente e adorador por aquele que é o Amante e Salvador divino, como o espírito expresso por Herbert em um de seus poemas (atualmente, um hino bastante conhecido):

Rei da glória, Rei da paz,
Te amarei;
E que esse amor nunca cesse,
Te peço.

Tu me tens concedido o meu pedido,
Tu me tens ouvido;
Tu conheces os meus pensamentos,
Tu me tens guardado.

Por isso, com tudo de melhor que tenho
Cantarei a Ti,
E o meu coração,
A ti entregarei...

Este tipo de amor do coração é a raiz de toda santidade verdadeira. Assim, o ascetismo, como tal – a abstinência voluntária, as rotinas da auto-privação e a austeridade exaustiva –, não é a mesma coisa que santidade, embora algumas formas de ascetismo possam muito bem achar o seu lugar na vida de uma pessoa santa. Não é formalismo, no sentido de uma conformidade exterior, em palavras e ações, com os padrões que Deus tem estabelecido, algo como santidade, embora indubitavelmente não haja santidade sem tal conformidade. Nem é legalismo, no sentido de fazer determinadas coisas para obter o favor divino ou recebê-lo ainda mais. Santidade é sempre a resposta de gratidão a Deus, do pecador salvo, pela graça recebida.

Os fariseus dos dias de Jesus cometeram os três erros descritos acima, no entanto, pensava-se que eram pessoas muito santas até o dia em que Jesus lhes falou a verdade sobre eles mesmos e sobre a insuficiência de sua suposta piedade. Portanto, é melhor não esquecermos que a santidade começa no coração. Quem quer se aliar àqueles fariseus?

Charles Wesley escreveu:

Para que o coração louve ao meu Deus,
Ele tem de estar livre do pecado;
Tem de sempre sentir o sangue de Cristo
Gratuitamente derramado por mim;

Um coração resignado, submisso, manso,
Trono do meu grande Redentor,
Onde só se ouve a voz de Cristo,
Onde somente Jesus reina soberano;

Um coração renovado a cada pensamento,
E cheio do amor divino;
Perfeito, correto, puro e bom:
Uma reprodução fiel do seu coração, Senhor.

É com este enfoque e com esta oração que a verdadeira santidade tem início.

Santidade Tem a Ver com o Meu Temperamento

Com temperamento, refiro-me aos fatores que fazem com que algumas maneiras específicas de reação e comportamento sejam naturais para mim. Usando o jargão dos psicólogos, é o meu temperamento que me inclina a *interagir* com o ambiente que me cerca (situações, coisas e pessoas) da forma que normalmente faço.

O psicólogo Gordon Allport, explorando os recursos deste jargão, define temperamento como “o fenômeno característico da natureza de um indivíduo, incluindo sua susceptibilidade ao estímulo emocional, sua força e rapidez normal de resposta, a qualidade de seu humor predominante e todas as peculiaridades de instabilidade e intensidade de disposição, sendo estas consideradas como dependentes da formação constitucional e, portanto, basicamente hereditárias em sua origem”.⁴ A definição de Allport é complicada, mas também muito clara. Podemos dizer que o temperamento é o material bruto a partir do qual o caráter é formado. O caráter é o que fazemos com o nosso temperamento. A personalidade é o produto final, a individualidade distinta resultante.

Os temperamentos são classificados de várias maneiras: positivo e negativo, fácil e difícil, introvertido e extrovertido, expansivo e retraído, ativo e passivo, dado e receptivo, sociável e acessível em oposição a manipulador e abstraído, tímido e desinibido, rápido ou lento nos relacionamentos e assim por diante.

Embora estas classificações tenham o seu valor nas mais variadas situações, talvez a mais útil delas, certamente para o líder pastoral, seja a mais antiga de todas, usada pelos doutores gregos antes da era cristã. Ela distingue quatro temperamentos humanos básicos:

- o sanguíneo (comunicativo, jovial, extrovertido, descontraído, otimista);
- o fleumático (calmo, retraído, imparcial, impassível, apático);
- o colérico (rápido, ativo, impaciente, explosivo, de pavio curto);
- o melancólico (sombrio, pessimista, introspectivo, inclinado ao cinismo e depressão).

Essa classificação reconhece a realidade dos temperamentos mistos, como o fleumático-melancólico e o sanguíneo-colérico, quando características de dois desses temperamentos são encontradas na mesma pessoa. De certo modo, essa

mistura existe em todos nós. As crenças antigas sobre os fluídos do corpo que sustentavam esta classificação já não são mais mencionados, mas a classificação em si permanece como uma ferramenta pastoral muito útil. As pessoas, de fato, enquadram-se nas categorias mencionadas acima, e reconhecê-las ajuda-nos a entender o temperamento e as reações da pessoa com quem estamos lidando.

A colocação que farei agora, e que tenho eu mesmo de encarar, é que não preciso me tornar (ou continuar sendo) uma vítima do meu temperamento. Cada temperamento tem os seus pontos fortes e fracos. Os sanguíneos tendem a viver despreocupada e imprevisivelmente. Os fleumáticos tendem a ser isolados e insensíveis, lerdos e pouco simpáticos. Os coléricos tendem a ser briguentos, geniosos e difíceis de trabalhar em equipe. Os melancólicos tendem a ver todas as coisas como erradas e ruins, e a negar que exista algo genuinamente bom e correto. Sujeitar-me aos pontos fracos do meu temperamento é, sem dúvida, a coisa mais natural para mim, e, conseqüentemente, entre os pecados que cometo, o mais difícil de detectar e combater. Contudo, a natureza humana plenamente santa, como a vejo na pessoa de Jesus Cristo, combina em si mesma os pontos fortes dos quatro temperamentos sem vestígios dos pontos fracos. Portanto, devo tentar ser como Jesus, e não condescender com as fraquezas particulares de comportamento para as quais o meu temperamento me tenta.

A santidade, então, para um sanguíneo, envolverá o aprender a encarar os seus próprios obstáculos, a pensar com responsabilidade e a falar com sabedoria, em vez de simplesmente com paixão. (Estas foram algumas das lições que Pedro aprendeu, com a ajuda do Espírito, após a experiência do Pentecostes.) A santidade, para um fleumático, envolverá uma boa vontade de sua parte em se relacionar com outras pessoas, compartilhar os seus sentimentos, ser acessível em termos de relacionamentos e tornar-se sensível, no sentido de correr o risco de se machucar emocionalmente. Para um colérico, a santidade envolverá a prática da paciência e do autocontrole. Significará redirecionar a ira e a hostilidade para Satanás e o pecado, em vez de redirecioná-las para outros seres humanos que possam estar obstruindo o que ele considera como o caminho a ser seguido. (Esta foi uma das lições que o Senhor ensinou a Paulo após sua conversão.) E, por fim, a santidade, para um melancólico, envolverá o aprender a alegrar-se em Deus, deixar de lado a auto-piedade e o orgulho do pessimismo e crer, como creu o místico medieval Julian de Norwich, que, pela graça soberana de Deus, “todos ficarão bem, tudo ficará bem, e todas as coisas ficarão bem”. Quais são os pontos fracos do meu temperamento? Se devo ser santo, como sou chamado a ser, preciso identificá-los (e esta é a parte difícil) e pedir ao Senhor que me ajude a desenvolver hábitos que me levem a vencê-los.

Santidade Tem a Ver com o Fato de que Sou um Ser Humano

Nosso Senhor Jesus Cristo é tanto Deus para os homens quanto homem para Deus. Ele é o Filho encarnado de Deus, totalmente divino e totalmente humano. Nós o conhecemos como o mediador da graça divina e o modelo da religiosidade humana. E o que vem a ser esta religiosidade, que é a verdadeira santidade, vista em Jesus? É simplesmente uma vida humana vivida de acordo com o plano do Criador – em outras palavras, é a natureza humana perfeita e ideal, uma existência na qual os elementos do ser humano estão completamente unidos de forma que Deus seja completamente honrado e o ser humano, plenamente realizado. (Uma vez que Deus criou a raça humana para si mesmo, a religiosidade naturalmente preenche a natureza humana no seu nível mais profundo. Como prova a experiência, nenhum contentamento pode se igualar à satisfação de obedecer a Deus, seja qual for o preço dessa obediência). No entanto, a vida humana que é vivida de uma maneira diferente da exposta acima, embora seja biológica e funcionalmente humana, não é totalmente humana em termos de sua qualidade. A santidade e a natureza humana são termos correlativos com implicações mútuas (como diriam os especialistas em lógica). Se não corresponder à primeira categoria, também não correspondo à segunda.

Todos os membros de nossa raça caída que, por não conhecerem a Jesus Cristo, ainda vivem debaixo do poder daquela síndrome autodivinatoria e anti-Deus que existe em nosso sistema espiritual e a qual a Bíblia chama de pecado, estão vivendo de forma qualitativamente subumana. O pecado, presente em nossa mente, diz o contrário, mas, como sempre, ele está mentindo.

O século 20, sem dúvida alguma, será lembrado pelas gerações futuras, como o século do humanismo secular. Ele começou com a convicção pecaminosa e eufórica de que o esforço humano na ciência, na educação, no controle da natureza e no aumento da riqueza geraria uma satisfação humana tão grande que viveríamos em um verdadeiro céu aqui na terra. No entanto, ele termina sem a realização de nenhuma destas esperanças, mas com memórias repugnantes das muitas e grandes maldades cometidas e com o coração do mundo todo cheio de preocupação com o valor da vida presente e a perspectiva futura da humanidade.

Nosso, assim chamado, orgulhoso humanismo fez o mundo se assemelhar mais ao inferno do que ao céu. “O que o mundo hoje realmente anseia”, dizem os escritores britânicos, Brain e Warren, “certamente é a descoberta do que significa ser verdadeiramente humano. O mundo vê o efeito destrutivo da devoção ao dinheiro, ao sexo e ao poder na vida de muitos dos seus heróis. O que as pessoas

anseiam achar é uma maneira de integrar as várias partes delas mesmas com os critérios da psicologia e da sociologia moderna de maneira que as conduza à plenitude. O humanismo não pode prover tal resposta. É somente por intermédio da pessoa de Jesus Cristo que a verdadeira humanidade pode ser achada... Santidade não tem a ver, primordialmente, com submissão a regras autoritárias ou a noções estreitas ou conformistas de um comportamento aceitável. Tem a ver com a celebração da nossa natureza humana.

Para concluírem este assunto, eles mencionam um comovente texto do pregador escocês James Philip:

Acima de tudo, a vida da Igreja Primitiva foi caracterizada – e certamente esta é uma necessidade suprema da vida evangélica dos nossos dias – pela natureza humana. A palavra mais profunda que pode ser dita acerca da santificação é que ela é uma progressão em direção à nossa verdadeira natureza humana. A salvação é, em sua essência, a restauração, no homem, de sua natureza humana. Este é o motivo pelo qual as ênfases observadas em algumas formas e expressões de santificação, além de serem quase desumanas e desnaturais, estão muito distantes da verdadeira obra da graça divina, operada na alma do ser humano. Os maiores santos de Deus foram caracterizados não por uma luminosidade repentina que cercava o seu corpo, de uma maneira que os colocavam distantes e inacessíveis a todos, mas por sua natureza humana. Eles foram pessoas extremamente amorosas e humanas com brilho de vida em seus olhos.⁵

A conclusão a que chego, e à qual tenho de me curvar, é que Brain, Warren e Philip estão corretos. A verdadeira santidade é uma semelhança genuína com a pessoa de Cristo. Tal semelhança, por sua vez, é a verdadeira natureza humana – a única que existe. O amor à obra de Deus e aos outros, a humildade e mansidão debaixo da mão divina, a integridade das atitudes que expressam a firmeza de caráter, a sabedoria com fé, a coragem com devoção, a tristeza pelos pecados do povo, o regozijo com a bondade do Pai e a sinceridade em agradecer a Deus em todos os momentos foram qualidades observadas em Cristo, o homem perfeito.

Ser cristão implica em tornar-se humano, como Jesus foi humano. Somos chamados a imitar estas qualidades de caráter, com a ajuda do Espírito Santo, na expectativa de que a nossa instabilidade pueril, o egoísmo irrefletido, as obras da falsa piedade e a nossa indiscernível teimosia, que tão frequentemente atrapalham a nossa vida cristã, sejam deixadas de lado. “A santidade, quando entendida corretamente, é algo lindo, e a sua beleza é a beleza e delicadeza do amor divino”⁶

– que é, precisamente, a beleza da natureza humana verdadeiramente madura. Preciso lembrar-me de todas estas verdades, guardando-as no coração, e ajustar a minha visão de acordo com elas.

Santidade Tem a Ver com os Meus Relacionamentos

Ensinou-se, em várias ocasiões, que um estado de isolamento e solidão, permanentemente afastado dos envoltivos normais do ser humano, é uma ajuda, e até mesmo uma necessidade, para a prática da santidade. É verdade que uma vida de santidade exige momentos regulares de intimidade pessoal com Deus. No entanto, a noção de que uma pessoa, caso se isole da família, igreja e sociedade, ganhará a liberdade para mover-se em um nível mais profundo com Deus é completamente falsa. Esta idéia, ao que parece, surgiu no século 4º da era cristã, quando os primeiros monges cristãos se isolaram para praticar a mortificação do corpo e as atividades espirituais que, naquela época, definiam a santificação. Por isso, Santo Antonio isolou-se no deserto do Egito por vinte anos. São Simeão construiu um pilar e viveu no topo dele por 30 anos. Existem muitos outros exemplos como esses.

Por sua vez, as pessoas na Idade Média alimentavam a idéia da santidade como uma opção pessoal por uma “vida mais elevada” de compenetrada austeridade, vivida por cristãos extremamente sérios. Não tinham dúvidas de que era certo buscar a separação, supostamente necessária para esse tipo de vida, renunciando o casamento e as riquezas, e tornando-se um monge, uma freira ou um eremita. Foi, portanto, revolucionário para a vida e o pensamento social quando os reformadores repensaram a santidade como a plenitude do relacionamento, a administração dos talentos e do tempo, e a manutenção do amor, da humildade, da pureza de coração e do zelo para com Deus no coração de uma pessoa. O ideal do isolacionismo foi, portanto, completamente descartado e substituído por uma insistência no fato de que a santidade – vista agora como a vida consagrada do pecador perdoado e agradecido – deve ser evidenciada na maneira pela qual o cristão, como adorador, trabalhador e testemunha, se relaciona com a família, igreja e sociedade. É inquestionável, no entanto, que os reformadores tinham a Bíblia a seu favor.

Não há dúvida de que os reformadores exageraram quando, no calor de sua reação contra o modelo predominante, procuraram fechar todos os mosteiros e negar qualquer validade de um chamado para servir a Deus na solidão resultante de um afastamento dos assuntos do mundo. Contudo, eles estavam certos ao

negar a idéia de que esse afastamento é uma condição indispensável para a santidade, e que o envolvimento com o mundo afasta toda e qualquer possibilidade de se alcançar uma vida plenamente santa. A santidade bíblica, neste sentido, é também uma santidade do mundo. Sem conformar-se com o mundo, tornando-se materialista, perdulário ou um cobiçoso construtor de seu próprio império, o cristão deve procurar agir como servo de Deus no mundo, honrando a Jesus ao servir os outros. Portanto, a afirmação que faço, e na qual devo me enquadrar, é que a maneira como me relaciono com os outros é a essência de minha santidade aos olhos de Deus, assim como uma indicação da mesma aos olhos dos homens.

Recordo-me de algo que li a respeito de uma senhora que, por volta de cem anos atrás, foi uma escritora e pregadora eloqüente bastante conhecida neste tema da santidade. (Para evitar escândalos, não mencionarei seu nome nem a fonte da referência que segue.) Seu genro escreveu que muitos a viam como “uma pessoa sábia e santa”, mas ele mesmo “aos poucos foi formando suas idéias a seu respeito como uma das piores pessoas que já conhecera”. Por quê? Sua lista de razões começava assim: “a maneira como ela tratava o marido, a quem odiava, era a mais humilhante possível. Ela nunca conversava com ele nem falava dele sem deixar claro o seu desprezo. Não se pode negar que ele era um velho ignorante. No entanto, ele não merecia o tratamento que ela lhe dava, e ninguém capaz de ser misericordioso poderia dar esse tipo de tratamento”.

Seu genro não era cristão, contudo, nada do que disse era contrário ao Cristianismo. Portanto, quando o amor é suplantado pelo ressentimento rancoroso entre marido e mulher ou por alguma divergência entre pais e filhos, ou entre colegas, o que acontece é a negação da santidade, independente do que seja publicado em livros ou pregado nos púlpitos. Preciso me lembrar disso e não acredito que eu seja o único.

No livro citado por Brain e Warren, James Philip aponta o caminho de alguns cristãos que não estão dispostos a mostrar qualquer tipo de sentimento empático (a síndrome de macho daqueles que gostam de ser vistos como os valentões de Deus), nem renunciar a intenção de ser o centro das atenções e o desejo de controlar os outros (a doença de Diótrefes, em 3Jo 9). Segundo ele, todas estas coisas induzem ao endurecimento do coração que, do ponto de vista de Deus, arruína seus relacionamentos.

Existem muitos cristãos que nunca aprenderam a dizer “obrigado”, e que causam muito aborrecimento aos seus melhores amigos por causa de sua aparente grosseria e falta de gratidão, quando julgam que o amor e a amizade não

precisam ser cultivados(...) Não existe algo tão destinado a causar problemas(...) como a insistência em manter uma opinião irrealista a respeito de si mesmo(...) Quase sempre, indubitavelmente, ela é a projeção incansável de um complexo de inferioridade que se manifesta em idéias entusiasmadas e maravilhosas da importância do próprio indivíduo, fora de todas as proporções da realidade. O problema do complexo de inferioridade está muito mais ligado ao egocentrismo do que a maioria de nós gostaria de acreditar(...) Precisamos reconhecer a raiz do problema. Este é o motivo pelo qual, em última análise, o evangelho é a única psicologia verdadeira, uma vez que nenhum outro poder pode quebrar a tirania do ego no coração humano.

A essência do problema é “o ego que não aprendeu a morrer”. Mas uma “verdadeira submissão a Cristo esvazia o nosso ego inflado, reduzindo-o ao tamanho adequado, em relação a ele e aos nossos amigos, e reimplanta a perspectiva da realidade em nossa vida”.⁷ Que palavras sábias! Que ninguém imagine que pode crescer em santidade se mantiver relacionamentos cristãos fracassados em sua própria vida.

Resumindo, parece que a santidade cristã são diversas coisas ao mesmo tempo. Ela tem aspectos externos e internos. É um assunto que envolve ação e motivação, conduta e caráter, graça divina e esforço humano, obediência e criatividade, submissão e iniciativa, consagração a Deus e compromisso com as pessoas, autodisciplina e entrega pessoal, justiça e amor. É uma caminhada ou curso de vida de cumprimento de leis estabelecidas e dirigida pelo Espírito, que revela o fruto do Espírito (atitudes e disposição semelhantes às de Cristo). É uma questão de procurar imitar a maneira de proceder de Jesus, dependendo dele para obter libertação do domínio da carne e discernimento de necessidades e possibilidades espirituais.

É uma questão de paciência e perseverança na retidão; de passar para o lado de Deus, lutando contra o pecado em nossa própria vida e na vida de outros; de adorar a Deus no Espírito enquanto o servimos no mundo; de sinceridade, seriedade e concentração livre e prazerosa no que se refere a agradar a Deus. É uma forma diferente de vida, separada para Deus, que agora se renova interiormente por seu poder.

Santidade é, portanto, a demonstração da fé, motivada pelo amor. É algo completamente sobrenatural, no sentido de que é uma realização graciosa de Deus em nosso interior e completamente natural, no sentido de que é a nossa verdadeira natureza humana, perdida em meio aos nossos pecados, mal interpretada em razão da nossa ignorância e disposição em ouvir os ditames da presente cultura –

mas agora em processo de restauração por meio do redirecionamento e da energia reintegradora da nova criação em Cristo por intermédio do Espírito Santo. Oswald Chambers chamou o presente da santidade dado por Deus de “nossa brilhante herança”. A frase foi bem escolhida, pois o adjetivo *brilhante* – luminoso, refulgente, precioso, glorioso – se encaixa muito bem dentro da definição de santidade.

A SANTIDADE É IMPORTANTE PARA OS DIAS ATUAIS?

Mas será que a santidade é realmente importante? Em última análise, importa que os seguidores professos de Cristo vivam em santidade ou não?

Pelo que vemos no mundo cristão contemporâneo (e, em particular, no grande grupo evangélico da América do Norte), podemos facilmente concluir que este é um assunto sem importância. Certa ocasião tive de responder, por escrito, a seguinte questão: “Santidade é coisa do passado?” Achei difícil não concluir que a maioria dos cristãos de hoje pensa que santidade é um assunto fora de moda. Eis algumas evidências que me levaram à esta conclusão.

Pregação e Ensino

Que assuntos temos adotado nos nossos sermões, ensinamentos e programas de televisão e vídeo que produzimos atualmente? A resposta não será a santidade, mas sucesso e sentimentos positivos – saúde, riqueza, liberdade, sexo seguro e bom, e felicidade em família. Lembro-me de ter visto em uma única página de um jornal cristão, comentários e propaganda sobre oito novos livros, todos eles do tipo “como fazer” para alcançar o sucesso desejado. Então lhe pergunto: Há quanto tempo você não ouve falar em oito novos livros sobre santidade? Posso dar um palpite?

Liderança

O que nós, enquanto cristãos, mais valorizamos em nossos líderes – pregadores, professores, pastores, escritores, evangelistas de televisão, pessoas importantes nos ministérios cristãos, homens de dinheiro que sustentam financeiramente igrejas e outras iniciativas de cunho cristão, e outras pessoas que desempenham funções-chaves em nossa estrutura? A resposta não será sua santidade,

mas seus dons, habilidades e recursos. O número de líderes (e outros cristãos) norte-americanos que, nos últimos anos, se envolveram em pecados sexuais e financeiros e que, quando confrontados, renunciaram à qualquer submissão ao corpo de Cristo é surpreendente. Muito mais chocante, no entanto, é a maneira pela qual, após terem os seus pecados expostos publicamente e recebido suaves disciplinas, logo retornam aos seus antigos ministérios e continuam a vida como se nada tivesse acontecido, ao que parece, recebendo mais apoio do que nunca. Afirmar que os cristãos crêem no perdão de pecados e na restauração dos pecadores não é o ponto em questão aqui. O que estou tentando dizer é que a rapidez com que esses líderes são reintegrados, mostra que nós os valorizamos mais pelos seus dons comprovados do que por sua atestada santidade, já que o ensino de que somente pessoas santas são espiritualmente úteis não parece ser primordial em nossa mente.

Robert Murray McCheyne, ministro e pregador reavivalista escocês, declarou há mais de cento e cinquenta anos o seguinte: “O que o meu povo mais necessita é de minha santidade”. Parece óbvio que nem os ministros atuais, nem o povo moderno concordam com a afirmação de McCheyne. Quando a igreja cria um comitê para conduzir o processo de escolha de um novo pastor, é praticamente certo que o perfil adequado e os dons esperados no possível candidato já foram especificados. No entanto, até que ponto tem-se dado ênfase na necessidade de encontrar um santo homem de Deus? Posso dar um palpite?

Evangelismo

Como apresentamos o evangelho aos outros em nosso evangelismo, e a nós mesmos, como cristãos nascidos de novo, que somos chamados a viver por ele? Penso que há um consenso no fato de que, enquanto colocamos uma grande ênfase na fé (vir a Cristo, confiar em suas promessas, crer que Deus sabe o que está fazendo na nossa vida e esperar o céu), falamos muito superficialmente da necessidade de arrependimento (submeter a nossa consciência à lei moral de Deus, confessar os nossos pecados e abandoná-los, corrigir os erros do passado, quebrantar-nos diante de Deus pela desonra que os nossos pecados lhe causaram e traçar um plano para que vivamos uma vida santa). A cultura pós-cristã do Ocidente lança dúvidas a respeito da existência de qualquer absoluto moral. É certo que, não importando se o caso seja de moralidade ou imoralidade pessoal, tal assunto só diz respeito realmente àqueles que estão diretamente envolvidos. Os cristãos do mundo ocidental agem como se concordassem com o exposto

acima, principalmente em situações que envolvem sexo e dinheiro (expressão adequada de H. Hensley Henson).

Alguns até afirmam que falar em arrependimento como uma necessidade, em vez de uma simples opção que traz benefícios, e afirmar que o chamado de fé feito pelo evangelho é também um chamado ao arrependimento é cair dentro do legalismo anticristão.⁸ Tenho certeza de que você já ouviu muitos sermões sobre fé. Mas com que frequência já ouviu uma série, ou mesmo um sermão, sobre arrependimento? Certamente temos livros em casa sobre uma vida cristã próspera. Será que esses livros pelo menos mencionam a necessidade do arrependimento, isso sem falar na disciplina do arrependimento como uma necessidade primordial e constante na nossa vida.

Quando pregamos o evangelho para outra pessoa, enfatizamos o arrependimento e a santidade, pela qual se manifesta o arrependimento, como uma necessidade espiritual? Posso adivinhar?

Mas se desmerecemos ou ignoramos a importância da santidade, estamos completa e absolutamente errados.

A santidade é, de fato, uma exigência. Deus quer santidade, Cristo requer santidade e as Escrituras como um todo – lei, evangelhos, profetas, livros de sabedoria, epístolas, livros históricos que falam dos julgamentos no passado e o livro do Apocalipse, que nos fala do julgamento que há de vir – nos chamam a viver uma vida santa.

Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação. (1Ts 4.3)

Vai e não peques mais. (Jo 8.11)

Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra. (2Tm 3.16,17)

Não cesses de falar deste livro da lei; antes, medita nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer segundo tudo quanto nele está escrito; então, farás prosperar o teu caminho e serás bem-sucedido. (Js 1.8)

Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. (Mt 5.19)

Porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo. (1Pe 1.16)

Na realidade, a santidade é o alvo da nossa redenção. Assim como Cristo morreu para que pudéssemos ser justificados, também somos justificados para que possamos ser santificados e santos.

Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras. (Tt 2.11-14)

(...) Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. (Ef 5.25-27)

A santidade é a razão de ser da nossa nova criação. Nascemos de novo para que possamos crescer à semelhança de Cristo.

Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas. (Ef 2.10)

Mas não foi assim que aprendestes a Cristo, se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus, no sentido de que, quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade. (Ef 4.20-24)

A santidade, como sinal e expressão da realidade da fé, arrependimento e aceitação dos propósitos divinos, é algo genuinamente necessário para a salvação final de uma pessoa.

Nela [na Nova Jerusalém], nunca jamais penetrará coisa alguma contaminada, nem o que pratica abominação e mentira. (Ap 21.27)

Segui a paz com todos e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. (Hb 12.14)

A santidade é, de fato, a verdadeira saúde de uma pessoa. Tudo o mais, em nível de caráter, é fealdade, deformação, um mau funcionamento do indivíduo, uma imperfeição da alma. As diversas formas de enfermidades e defeitos do corpo humano, que Jesus curou, são ilustrações desta profunda deformidade interior.

A santidade tem a capacidade de frustrar, efetivamente, os desígnios de Satanás para a nossa vida. Em compensação, o descaso por tão importante assunto e a falta do exercício da pureza e retidão, para o qual fomos chamados, favorecem os ataques do maligno.

Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe (...). (1Pe 5.8,9)

Nem deis lugar ao diabo. (Ef 4.27)

A justiça, que significa integridade e retidão, é representada por uma couraça na armadura de Deus, que os cristãos devem usar para combater os ataques do diabo (Ef 6.14).

A santidade também dá credibilidade ao nosso testemunho. No entanto, a pessoa que proclama uma mudança de vida por meio de Cristo não atingirá os outros se sua própria vida não for diferente. Uma vida de santidade realça o nosso testemunho, enquanto uma vida mundana o faz minar. “Vós sois a luz do mundo (...) Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras [que sustentam palavras de sabedoria] e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus [sobre quem você lhes falou, e cujo poder agora pode ser visto em seu modo de viver] (Mt 5.14-16).

Se desejamos ser frutíferos no evangelismo, temos de cultivar uma vida de santidade.

Por fim, santidade é a substância que gera a verdadeira alegria. Aqueles que vivem em busca de alegria nunca a acham; mas aqueles que buscam a santidade, pela graça de Cristo, descobrem que a alegria do Espírito vem espontaneamente.

Terei prazer nos teus mandamentos, os quais eu amo (...) porque me constituem o prazer do coração. (Sl 119.47,111)

Depois de tudo isto, será que ainda pode existir dúvidas na mente de alguém de que, para o cristão, sem exceção, a santidade é importante?

TESTADA PELO TEMPO E PELA TEOLOGIA SISTEMÁTICA

A discussão do tema da santidade nos próximos capítulos, para o que der e vier, será a de um especialista em teologia sistemática. Anselmo, um dos antigos teólogos da Igreja, definiu a teologia sistemática como sendo a fé em busca de entendimento – a fé tentando pensar, e fazendo isto de uma forma articulada e completa, em relação a Deus, o Criador, como a realidade central. O estudo da santidade é o mapeamento da vida de Deus na alma humana, um estudo que atualmente é chamado de espiritualidade cristã. (O adjetivo “cristã” é importante aqui, porque toda religião tem sua própria espiritualidade. No entanto, a espiritualidade cristã está tão distante destas outras espiritualidades quanto sua doutrina em relação às outras formas de crença.) Este livro deve ser visto como uma especulação no campo da espiritualidade sistemática. O que é isto? É a subseção da teologia sistemática na qual se tenta pensar em tudo, de forma integrada e conjunta, em termos de comunhão com Deus como a relação central.

Como já mencionei anteriormente, considero a qualidade do ensino sobre a santidade melhor no passado do que nos dias de hoje. Assim, todas as linhas de pensamento que apresentarei neste livro foram testadas pelo tempo. Não preciso me desculpar por recorrer à sabedoria dos protestantes, católicos romanos e ortodoxos do passado para ajudar-nos a ver o modo como as instruções bíblicas importantes nos são aplicadas hoje. Pelo contrário, entendo que se trata de bom senso. Sentados nos ombros dos gigantes, pessoas pequenas, como nós, têm a esperança de ver mais longe do que se permanecêssemos no chão.

Capítulo 2

EXPLORANDO A SALVAÇÃO: É NECESSÁRIO SER SANTO?

Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo. 2Ts 2.13,14

Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos eleitos que são forasteiros da Dispersão no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia, eleitos, segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e a aspersão do sangue de Jesus Cristo, graça e paz vos sejam multiplicadas. 1Pe 1.1,2

DOENÇAS E ENGANOS

Abri os olhos e descobri que estava deitado em uma cama que não conhecia. Como minha cabeça estava um pouco levantada, pude ver, na penumbra, o que havia no quarto. A primeira coisa que me veio à mente foi a de estar no centro de Nova York, na estação de trem e metrô conhecida como Grand Central, em plena noite. (Eu tinha visto, há pouco tempo, uma foto noturna do enorme salão principal daquela estação e pensei estar reconhecendo aquele local.) Então vi minha mãe sentada à esquerda da cama. Ela estava usando o grande avental florido e o lenço na cabeça que costumava usar para limpar a casa. Nada disse, apenas sorriu e deu-me algo gelado para beber – que bebi com um canudo – em um recipiente

branco que parecia com o que é usado para servir chá. Mais tarde, eles me disseram que logo voltei a dormir.

Na verdade, o que descobri, quando acordei no dia seguinte, era que estava muito longe da estação Grand Central. Estava na Inglaterra, internado no hospital de minha cidade natal, onde fui submetido a uma cirurgia por motivo de uma fratura no crânio, que levou todos a pensarem que ficaria com danos irreparáveis no cérebro. O que vi naquela noite foi uma imagem falsa e parcial, porque aquela enfermaria não tinha nenhuma semelhança com a estação de trem, quer fosse de dia, quer fosse de noite. A pessoa ao lado de minha cama era uma enfermeira de uniforme, que vestia um avental branco, um vestido azul e uma pequena toca na cabeça. Vi o que vi (e se fechar os olhos posso vê-lo agora), mas não estava vendo o que estava ali. Meu cérebro danificado estava me pregando peças. A realidade era diferente daquilo que eu pensava que fosse.

Tudo isto aconteceu em 1933, quando eu tinha apenas sete anos de idade. Que razões tenho para mencionar este fato acontecido no passado? Creio que ele ilustra duas verdades que tenho de ressaltar inúmeras vezes quando converso com outros cristãos hoje.

Primeira Verdade

Todos nós somos pessoas inválidas no hospital de Deus. Em termos morais e espirituais, estamos todos enfermos e machucados, doentes e deformados, cicatrizados e doloridos, fracos e desequilibrados, em um grau muito mais profundo do que imaginamos. Com o cuidado de Deus, estamos melhorando, mas isto não quer dizer que estejamos bem. O cristão moderno prefere desfrutar das bênçãos do presente a confiar nas promessas para o futuro. Gosta de testemunhar que, no passado, era cego, surdo e, de fato, morto para o que se referia a Deus. Mas agora, por meio de Cristo, fomos levados para a vida, radicalmente transformados e abençoados com saúde espiritual. Graças a Deus, há uma verdade real nisto. Mas a saúde espiritual implica em sermos santos e completos. Do contrário, não desfrutaremos de uma saúde plena.

Precisamos entender que a saúde espiritual, da qual damos testemunho, é apenas parcial e relativa; uma questão de sermos menos enfermos e incapacitados agora do que éramos antes. Quando comparados aos padrões absolutos de saúde espiritual que vemos em Jesus Cristo, todos nós somos inválidos no processo de cura. Ainda continua válido o velho ditado que diz que a igreja é o hospital de Deus. Nossa vida espiritual encontra-se, na melhor das hipóteses, em um estado

de convalescença, que pode ser facilmente interrompido. Quando existem tensões, pressões, perversidades e frustrações na igreja de Cristo, convém lembrar que nenhum cristão ou igreja possui o atestado de saúde perfeita, que corresponde ao atestado de bem-estar físico total, alvo dos que buscam estar em perfeita forma física hoje em dia. É correto e perfeitamente natural buscar o bem-estar espiritual pleno, mas acreditar que se está prestes a alcançar esse objetivo é enganar-se a si mesmo.

Nem sempre é fácil perceber que alguém está doente. Lembro-me de meu estado de saúde naquele hospital, em 1933, onde recebi cuidados intensivos por vários dias, segundo recomendações médicas, uma vez que ninguém sabia ao certo os danos causados ao meu cérebro. Também me recordo de como foi difícil para mim imaginar-me na situação de um garoto doente, já que, em nenhum momento, eu sentia os sintomas da doença. Minha enfermeira, com uma eloquência galesa, repreendia-me por colocar a vida em risco ao me levantar da cama e sair andando pelos corredores, e ao ficar em pé, pulando em cima da cama. Depois disso, eu ficava deitado, seguindo as instruções – contudo, não me sentia nem um pouco convencido da necessidade de estar daquela maneira. (Garotos de sete anos de idade podem ser tão opiniosos quanto um adulto e eu certamente o era.)

Da mesma maneira, os cristãos de hoje podem se imaginar fortes, saudáveis e santos quando, na verdade, estão fracos, enfermos, e cometendo pecados facilmente observáveis, não somente pelo Pai celeste, mas também pelos outros cristãos. No entanto, o orgulho e a complacência fecham nossos olhos para esta realidade. Não queremos que nos digam quando estamos escorregando; pensando que estamos firmes, criamos as condições para a queda e, fatalmente, terminamos caindo.

Em bons hospitais, os pacientes recebem tanto os curativos regulares quanto o cuidado constante, e a linha terapêutica adotada determina diretamente a forma de aplicação do tratamento. No hospital de Deus, a linha terapêutica escolhida pela equipe médica, formada pelo Pai, Filho e Espírito Santo, que visa a nossa completa restauração à plenitude da imagem divina, é chamada de *santificação*. Este é um processo que inclui, por um lado, medicamentos e dieta (na forma de instrução bíblica e admoestação que chegam de várias formas ao nosso coração) e, por outro, testes e exercícios (na forma de pressões internas e externas, que são providencialmente permitidas pelo corpo clínico, às quais temos de fornecer respostas ativas). O processo continua enquanto estivermos neste mundo, o que é algo cuja decisão de cada caso cabe a Deus.

Como qualquer outra pessoa que se encontra em tratamento, ficamos impacientes com o processo de recuperação. A pergunta, que também é título do pequeno e maravilhoso livro de Lane Adams sobre a terapia de santificação de Deus, “*Por que está demorando tanto para que eu fique curado?*”¹, é quase sempre o grito do nosso coração a Deus. A verdade é que Deus sabe o que está fazendo, mas, às vezes, por razões ligadas à maturidade e ao ministério que ele nos tem preparado, o processo caminha devagar. Essa verdade é algo que precisamos aprender a aceitar com humildade. Ao contrário de Deus, temos pressa.

Segunda Verdade

Todos nós estamos propensos a cometer enganos que nos prejudicam. Em minha primeira noite no hospital, o local não era o que pensei que fosse e a pessoa ao lado de minha cama não era quem pensei que fosse: eu estava em um estado de falsa realidade. No dia seguinte, senti-me bem e não conseguia pensar que estava doente, mas isso também era um engano. Da mesma maneira, os cristãos frequentemente se enganam a respeito da fé e da vida cristã.

Existem os enganos dos erros teológicos diretos nas questões relacionadas à natureza, caráter, maneiras e propósitos divinos. Esses enganos são frequentes na teologia liberal e moderna e na teologia de processo.

Existem os enganos da dúvida e da descrença. Algo horrível acontece, e logo concluímos que Deus esqueceu-se de nós ou se voltou contra nós, ou talvez nem mesmo exista.

Existem os enganos da autoconfiança. Imaginamos que finalmente vencemos determinado pecado ou fraqueza que sempre nos levava a cair. Relaxamos, e uma sensação de bem-estar, segurança e triunfo nos invade. Daí vem o infortúnio duplo de uma nova pressão externa e de uma renovada demanda interior e, mais uma vez, passamos pela frustração da queda.

Existem também os enganos que rompem relacionamentos. Não entendemos bem os motivos e propósitos de outras pessoas. Responsabilizamos os outros por provocarem tensões e gerarem a hostilidade, enquanto fechamos os olhos para a parte que nos toca na criação desses problemas.

Além disso, existem os enganos que resultam de não se fazer distinção entre coisas que são diferentes – por exemplo, identificar o evangelho bíblico com o legalismo, o antinomismo, o socialismo e o racismo supostamente centrados em Jesus; igualar o aconselhamento psicológico secular à orientação bíblica pastoral; ou igualar a passividade interior como uma fórmula para a santidade ao convite

bíblico à disciplina do esforço moral no poder do Espírito Santo.² Tais equívocos provocam desastres.

E, por fim, existem os enganos sobre a vida cristã – entre eles, que ela será fácil, bem-sucedida, saudável, próspera e entusiasticamente marcada por milagres; que ações como fornicação e sonegação de impostos realmente não são relevantes, desde que outras pessoas não tomem conhecimento; que Deus realmente quer que façamos o que temos vontade de fazer e assim por diante. Satanás, o pai da mentira e antigo mestre na arte do engano, trabalha constantemente para desviar e confundir o povo de Deus, de modo que a humildade da autodesconfiança, a teimosia do bom senso, que costumava ser chamada de prudência, e o hábito de provar por meio das Escrituras coisas até aqui tidas como certas, tornam-se virtudes de grande importância.

No decorrer deste livro, estarei constantemente recorrendo às Escrituras. Esta é a única maneira segura de proceder, já que todos nós somos tão vulneráveis aos enganos sobre a santidade quanto o somos a respeito de qualquer outra coisa.

A RECEITA DIVINA PARA NÓS

O tipo de médico de que gosto (e espero que você também) conquista a confiança do paciente e explica o diagnóstico, prognóstico e tratamento que pretende lhe dar. Em seguida, explica o que espera alcançar com sua prescrição. O paciente fica a par de todo o seu quadro clínico e, portanto, sabe onde se encontra. Nem todos os médicos agem desta maneira, mas os melhores agem – e assim também procede o Grande Médico de nossa alma, nosso Senhor Jesus Cristo. Seu estilo terapêutico, se é que posso me expressar nestes termos, é comunicativo, do começo ao fim. A Bíblia, ouvida e lida, pregada e ensinada, interpretada e aplicada, é tanto o canal quanto o conteúdo de sua comunicação. É como se Jesus nos transmitisse diretamente as Escrituras canônicas, dizendo-nos que elas são a fonte de autoridade e de auto-suficiência da qual devemos aprender o que fazer para que sejamos seus seguidores e também, o que ele tem feito, está fazendo e fará para livrar-nos da enfermidade fatal do pecado. Então, pense em sua Bíblia como um presente de Jesus Cristo para você; pense nela como uma carta escrita pelo Senhor para você. Veja o seu nome, escrito na capa da Bíblia, como se o próprio Jesus o tivesse escrito ali. Pense em Jesus toda vez que ler a sua Bíblia. Pense nele lhe perguntando, página após outra, capítulo após outro, o que você acabou de aprender sobre a natureza, necessidade, método e efeito da graça que ele concede, e sobre a trilha do discipulado leal na qual

ele lhe convida a andar. Esta é a melhor maneira de aproveitar sua leitura da Bíblia. As Escrituras somente cumprem o seu propósito divino de ser o canal de luz e vida, quando o que lemos na Palavra escrita, alimenta o nosso relacionamento com a Palavra Viva (Jesus).

Estrutura Bíblica

O objetivo deste capítulo é traçar o perfil, a partir das Escrituras, da obra completa da graça divina no indivíduo, do início ao fim, para que possamos compreender a estrutura de referência dentro da qual é tratado o convite de Deus a uma vida de santidade. A partir do momento que compreendermos o que Deus, por meio de Cristo e do Espírito, está fazendo por nós e em nós, estaremos em uma melhor posição para entender o que ele nos chama a fazer por – e com – ele. Neste ponto, a distinção entre santificação e justificação se torna muito importante. No que diz respeito ao sacrifício propiciatório por nossos pecados, e ao nosso conseqüente perdão e justificação, a obra é exclusiva e inteiramente de Deus. Quando nos confessamos pecadores perdidos e nos lançamos aos pés de Cristo em busca de salvação, estamos reconhecendo, por meio do nosso ato, que em nada contribuimos para o estabelecimento do novo relacionamento com Deus, e esta é a mais pura verdade. Recebemos o favor de Deus por meio de uma anistia conquistada com sangue, e não por algum pagamento que tenhamos feito. No entanto, na santificação, que é a obra divina em nós, e da qual flui nossa vida de santidade, somos chamados a cooperar ativamente com Deus. Para que possamos fazê-lo como deve ser, precisamos ter uma consciência plena de seus propósitos e estratégias para a nossa vida como um todo.

Portanto, agora ofereço um relato baseado na Bíblia do agir de Deus para conosco, como nosso Criador e Redentor; um relato construído ao redor das questões concernentes a Deus e a nós mesmos que todos devíamos fazer (caso não estejamos fazendo). É meu desejo que este relato funcione como o mapa de um viajante, ou seja, como uma ajuda para apontar a posição em que nos encontramos no momento e o caminho que devemos seguir. Admito que o mapa é de pequena escala (o que tratarei brevemente aqui ocupa centenas de páginas de livros de teologia). No entanto, mapas de pequena escala são, algumas vezes, melhores para apresentar uma visão geral da terra. E espero que este seja o caso aqui.

Peço desculpas se minha tentativa de esclarecer tudo de uma só vez dificultar-lhe a compreensão deste capítulo. Contudo, peço que insista nele uma vez que é essencial para tudo o mais que direi.

DEFININDO A SALVAÇÃO

A primeira questão é: *O que é salvação?*

Esta não é uma questão difícil de responder. Em qualquer lugar que abriremos o Novo Testamento, descobriremos que, de um ângulo ou de outro, a salvação está sendo explicada, apresentada e discutida. A salvação é o principal tema do Novo Testamento em todos os seus vinte e sete livros. Se compararmos e correlatarmos o conteúdo de cada um, veremos que o entendimento da salvação apresentado é uniformemente claro e quase unânime. A idéia transmitida pela linguagem da salvação não deixa dúvidas alguma. Salvação sempre significa resgate de uma condição de perigo e miséria para uma situação de segurança. Assim, no Antigo Testamento, lemos que Deus liberta Israel do Egito, Jonas do ventre do peixe e o salmista da morte (Êx 15.2; Jn 2.9; Sl 116.6).

Entretanto, no Novo Testamento, a salvação é apresentada como a libertação do pecado e de suas conseqüências. É a obra do Deus que se revela como Deus Trino, que é Pai, Filho e Espírito Santo, em uma distinção clara e pessoal, contudo, em uma unidade igualmente clara do ser e do propósito. O Novo Testamento é explícito ao deixar claro que o Salvador-Deus a quem ele proclama é Yahweh (Jeová), o Senhor da aliança do Antigo Testamento. No entanto, é igualmente explícito ao apresentá-lo como Trino. O Deus que salva do pecado é, por assim dizer, um time. Parte da glória de cada pessoa da divindade é a de ser parte de um time de jogadores. Os autores do Novo Testamento falam de suas próprias experiências de salvação como sendo a ação conjunta do Pai, Filho e Espírito Santo. Eles se estendem em suas explicações discutindo os vários aspectos desta salvação na esperança de ajudar os seus leitores a entendê-la melhor, e assim vivenciá-la de maneira mais plena. Aqueles que não enxergam isto não entendem o Novo Testamento.

A salvação no Novo Testamento tem três tempos: passado, presente e futuro. É a salvação:

- da culpa do pecado (o aspecto passado: já não estamos mais debaixo das penalidades do pecado);
- do poder do pecado (o aspecto presente: o pecado não mais nos domina) e
- da presença do pecado (o aspecto futuro: o pecado, um dia, não passará de uma má recordação).

A salvação, em outras palavras, é um processo contínuo que está incompleto no momento. Neste processo, os cristãos já estão salvos:

- da ira de Deus (da retribuição judicial: Rm 5.9; 1Ts 1.10);
- da morte eterna (Rm 6.21,23);
- do domínio do pecado (Rm 6.14,18);
- de uma vida de temores (Rm 8.15) e
- dos hábitos impiedosos e imorais que querem nos controlar (Tt 2.11–3.6).

E, um dia, em uma realidade que transcende este mundo, os cristãos serão conforme Jesus em corpo e caráter moral (Fp 3.20; 1Jo 3.2). Então, o pecado não mais estará presente.

No entanto, neste momento, nós, como cristãos, estamos perfeitamente conscientes de ainda não termos alcançado esse estado de felicidade. Vivemos com alegria no favor de Deus, o servimos e o adoramos com gratidão pela sua graça, e lutamos contra a pressão do pecado por meio da força que nos é concedida pelo Espírito Santo que habita em nós (Rm 5.1; 12.1; 8.5-14; Gl 5.16). Temos muitas razões para agradecer a Deus pelas recentes vitórias, mas, como Paulo, anelamos pelo dia em que a luta interior contra o pecado será uma coisa do passado (Rm 7.24ss; 8.23).

Desejamos e buscamos a perfeita santidade, mas, neste momento, nossa busca excede a nossa capacidade de tê-la. Deus nos salva do pecado: estamos na salvação, mas ela não está em nós na sua plenitude. Os indícios da salvação já são nossos agora; a sua plenitude permanece no futuro. Esta é minha situação atual enquanto escrevo estas palavras, e entendo que também seja a sua enquanto as lê. Não é verdade?

Na salvação do Novo Testamento, Jesus Cristo, o Salvador, que é Deus e homem (Jo 1.14; Cl 1.13-20; 2.9) é a figura central. A salvação é *por meio dele*, no sentido de que nosso perdão, justificação, reconciliação, aceitação, acesso, firmeza e comunhão com Deus (todos estes termos são usados³) baseiam-se na sua morte como um sacrifício por nossos pecados – um sacrifício que garante aos cristãos que nunca mais estarão debaixo da condenação, nem serão destituídos da comunhão que agora desfrutam com o Pai e o Filho (Jo 5.24; Rm 8.32-39).

A salvação é também *nele*, no sentido de que somos solidários com ele como nosso representante, que sofreu ao carregar sobre si os nossos pecados, e agora intercede a nosso favor, e também estamos em uma união vital e vivificadora com ele pela fé, por intermédio do Espírito Santo. Assim, ele se torna verdadeiramente o doador da vida, que nos anima a buscar a santidade de uma maneira completamente nova para nós (Rm 5.12-19; Ef 2.1-10; 4.20-24; Cl 1.27; 3.4). A vida

natural é supernaturalizada à medida que o Espírito Santo nos apresenta a Cristo e reproduz em nós os desejos, alvos, atitudes e modelos de comportamento que foram observados na perfeita natureza humana de Cristo quando estava na terra. Todos os cristãos, que relembram a vida que tinham antes de sua conversão, podem indicar situações específicas nas quais as atitudes de agora são muito diferentes das que tinham antes de conhecer a Cristo.

Salvação como uma Obra Conjunta da Trindade

Como vimos anteriormente, a salvação no Novo Testamento é o trabalho conjunto de um trio divino que consiste no Pai, Filho e Espírito Santo. É, de fato, no processo de expor o trabalho cooperativo da ação salvadora da santa Trindade que o Novo Testamento manifesta a distinção de cada pessoa da Trindade dentro da unidade de Deus. Assim, a verdade da Trindade emerge como parte da doutrina da salvação. Suas funções são assim delineadas: o Pai, que planejou todas as coisas (Rm 8.28-30; Ef 3.9-11), enviou primeiramente o Filho e depois o Espírito ao mundo para cumprimento de sua intenção de salvação (Jo 3.17; 6.38-40; 14.26; 16.7-15; Rm 8.26). O Filho, cuja natureza e alegria são de sempre fazer a vontade do Pai (Jo 4.34; 5.19; 6.38; 8.29), tornou-se homem para morrer por nós, ressuscitar por nós, reinar por nós e, um dia, retornar por nós para levar-nos para o lugar de alegre descanso que ele nos tem preparado (Jo 10.14-18; 14.2, 18-23). Enquanto isso, ele media a misericórdia e nos ajuda do seu trono (Hb 4.14-16; 7.25). O Espírito Santo, o discreto executivo divino que efetuou a criação (Gn 1.2) e agora opera a nova criação (Jo 3.3-8), trabalha desde o Pentecostes para conceder aos cristãos as primeiras experiências da vida no céu, no Salvador e com ele (Rm 8.23; Ef 1.13). Além disso, o Espírito Santo está transformando pouco a pouco cristãos para que se assemelhem a Cristo (2Co 3.18).

A salvação é, então, uma atividade de três partes realizada pelo Deus Trino. Assim como o amor e a honra mútuos são revelados nas atividades da Trindade (Jo 3.35; 5.20; 14.31; 16.14; 17.1,4), o louvor e a honra à Trindade se tornam a vocação eterna daqueles a quem a Trindade salvou – começando neste exato momento! Uma das marcas dos salvos, portanto, é que eles se envolvem na adoração e desejam continuar envolvidos nela literalmente para sempre. Este fato é evidente na antecipação jubilosa da eternidade no céu, descrita no hino “Maravilhosa Graça”:

Quando já estivermos lá por dez mil anos,
Brilhando como o sol,
Teremos o mesmo número de dias que tínhamos desde o começo,
Para cantar louvores a Deus (grifo meu).

A FINALIDADE DA SALVAÇÃO

A segunda questão é: *Por que precisamos ser salvos?*

Por quê? Porque somos pecadores! E, como tal, estamos perdidos! Essa verdade já foi mencionada anteriormente, mas agora precisamos ampliá-la.

Somos pecadores: Praticamos o pecado, porque a nossa natureza é pecaminosa. O pecado é uma realidade universal que transcende culturas, e uma infecção da qual nenhum ser humano, em lugar e tempo algum, está isento. Como podemos defini-lo? Formalmente, é o que a resposta nº 14 do *Catecismo Menor de Westminster* diz: “Qualquer falta de conformidade ou transgressão da lei de Deus”.

No entanto, o pecado também é uma energia, uma obsessão, uma reação alérgica à lei de Deus, uma síndrome irracional anti-Deus em nosso sistema espiritual que nos leva à exaltação do nosso ego e endurece o nosso coração para que não prestemos devoção e obediência ao nosso Criador. O orgulho, a ingratidão e o satisfazer-se a si mesmo são suas expressões básicas que, em algumas ocasiões, leva ao comportamento anti-social e à constante manifestação, mesmo nas pessoas mais honráveis e agradáveis, de uma falta de amor por Deus no nível motivacional. A prática religiosa da humanidade sem regeneração, independente de sua forma, pode ser, e muitas vezes é, consciente e diligente. No entanto, na análise, ela sempre prova buscar e explorar a figura de Deus, em vez de negar-se a si mesma e glorificar a Deus, em seu propósito.

Tanto o Antigo Testamento no hebraico como o Novo Testamento no grego têm uma grande variedade de palavras usadas para definir o pecado que descreve sua não-conformidade com Deus de várias formas diferentes:

- como rebelião contra o nosso justo dono e Senhor;
- como transgressão dos limites determinados por ele;
- como falha em deixar de alcançar o alvo estabelecido por ele;
- como quebra da lei ordenada por ele;
- como macular-se (sujar-se, corromper-se) aos olhos dele, tornando-se, assim, indigno de sua companhia;

- como decidir-se por abraçar a loucura, fechando os ouvidos para sua sabedoria e
- como achar-se culpado diante de seu trono no juízo.

A Bíblia, como espelho do autoconhecimento, projeta a nossa imagem quando brincamos de Deus, fazendo de nós mesmos, nossos desejos e sucessos, o centro de todas as coisas; quando lutamos contra Deus, recusando-nos a nos sujeitar a ele e desafiando sua vontade revelada; e quando odiamos Deus em nosso coração pelas queixas que ele faz sobre a nossa vida. “Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. Por isso, o pendor da carne é inimizado contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus” (Rm 8.6-8).

Perdidos Pecadores

Como pecadores, *estamos perdidos* no mesmo caminho da ovelha desgarrada: distante de nossa verdadeira casa e sem contato com o nosso verdadeiro mestre. Não temos o que esperar para salvar-nos da miséria sem fim. Nada merecemos, senão a exclusão da presença do Deus vivo, a quem já excluímos da nossa vida. Talvez fizemos isto ao longo de nossa busca por prazer e proveito, posição e bens, e talvez até por nos escondermos atrás de uma cortina de fumaça de religiosidade. De qualquer forma fizemos isto, e nada mais justo que a justiça de Deus para nos excluir de sua vida, do modo que o excluímos da nossa. Criados por Deus e para Deus, e pelo fato de termos feito isso no nível mais profundo, não podemos encontrar alegria em um relacionamento de amor com Deus, estamos, conseqüentemente, sem “esperança e sem Deus no mundo” (Ef 2.12). Esta é a situação universal da raça humana. Todo cristão sabe, em seu coração, que em qualquer pessoa, cuja natureza decaída segue o seu curso normal, existe um estado de perdição e desesperança. Por isso, ele se gloria na “graça maravilhosa (...) que salvou um pecador como eu”.

Todos os pecadores sabem que estão nesta condição? Sim e não. A distinção, importante ao longo de toda teologia, entre a ordem do ser e a ordem do saber aplica-se aqui (ou melhor, a distinção, para aqueles que gostam de termos técnicos, entre as dimensões ontológica e epistemológica). O domínio para lidar com a morte decorrente do pecado que está sobre nós é uma realidade desde o nosso nascimento. Ele só é discernido quando a luz de Deus resplandece em nosso coração, expondo nossa falta de amor pelo Criador e a desobediência à sua Palavra.

Esta luz nos mostra o quanto a nossa verdadeira motivação está centrada em nós, e com que frequência deixamos de fazer o que deveria ser feito para fazer, ao contrário, o que não deveria ser feito. Contudo, essa exposição é dolorosa e, por isso, fugimos dela. Nossa primeira reação ao que a luz nos mostra sobre a maldade de nosso próprio interior é semelhante à primeira reação comum ao diagnóstico de um câncer já em estágio terminal, a saber, a negação.

Todos têm, no entanto, um certo conhecimento rudimentar de Deus a partir do qual estas coisas podem ser aprendidas. Em Romanos 1.18-32, o apóstolo Paulo afirma que todos os homens “têm conhecimento de Deus” – eles estavam (e ainda estão) conscientes até certo ponto da existência e das exigências divinas, por meio da auto-revelação universal de Deus via a criação da mente e da consciência de todos. Portanto, a raça humana, como um todo, “não tem justificativa” para abraçar a idolatria e a imoralidade. Toda a incredulidade do mundo não-e pós-cristão é, na verdade, uma evidência da impiedade humana e de suas manifestações anti-Deus no mundo do Criador. É o pecado contra a luz e, no fundo, as pessoas sabem disso, embora muitas estejam tão desajustadas consigo mesmas que, se questionadas, afirmariam o contrário.

Aqueles, no entanto, que foram instruídos na lei de Deus e no Evangelho, como descrito na Bíblia, normalmente têm uma consciência mais viva de seu estado pecaminoso, e de seus pecados particulares, porque a luz divina que brilha neles e que vem das Escrituras para expor-lhes é mais intensa. Esta é uma das razões (e existem outras) por que o cristão convertido, normalmente, experimenta uma convicção mais profunda do pecado após sua conversão do que a que tinha antes de converter-se, e por que uma dimensão de crescimento espiritual, como logo veremos, se caracteriza por um crescimento interior que conduz a uma humildade maior e um arrependimento profundo. Embora não se fale muito sobre isso nos dias de hoje, o profundo sentimento de pecaminosidade de uma pessoa continua sendo um das maiores provas da vida cristã genuína.

O PLANO DIVINO PARA SALVAÇÃO

A terceira questão é: *Qual é a estratégia de Deus na salvação?* Qual é a seqüência de passos e etapas que ele seguiu, e seguirá, para executar o seu propósito de salvação na vida de todo cristão, e assim completar a “boa obra” que começou (Fp 1.6)? Podemos formular uma resposta a partir das Escrituras para as duas partes de nossa pergunta. Como acontece na questão anterior, a resposta bíblica já foi sugerida, mas agora precisa ser ampliada.

A História da Salvação

Em primeiro lugar, como Deus chamou-me à salvação que agora desfruto? A Bíblia diz que no início do século 1º da nossa era, na Galiléia, localizada na região norte da Palestina, “vindo, porém, a plenitude do tempo” (Gl 4.4), aconteceu a encarnação divina. O Filho de Deus, sem deixar de ser Deus Filho, tornou-se Jesus de Nazaré ao nascer de uma virgem (Lc 1.29-35; Jo 1.14; Gl 4.4). Como Deus-Homem, a vocação de Jesus era ser o mediador entre seu Pai e os homens (1Tm 2.5), revelando-nos o Pai, ensinando e sendo exemplo do caminho da bondade, transmitindo a misericórdia e o auxílio de Deus às pessoas necessitadas e, finalmente, tornando-se o sacrifício redentor por nossos pecados (Mc 10.45; Mt 26.28; 1Tm 2.6).

Ao final de seus três anos de ministério, após anunciar o reino de Deus e conferir credibilidade a esse anúncio por meio de obras milagrosas de graça, em sua maioria curas, Jesus foi crucificado como um subversivo político (o que não era). Na cruz, a retribuição penal que nos era devida por nossos pecados foi lançada sobre ele e tornou-se sua experiência, pela própria ação de seu Pai. Portanto, ao sofrer como nosso substituto sacrificial, ele nos redimiu do mal, reconciliou-nos com o Pai e cancelou a hostilidade (ira) judicial do Pai em relação a nós para sempre (Rm 3.21-26; 5.6-11).

O histórico *Livro Anglicano de Orações* celebra a morte vicária de Cristo na cruz como “um sacrifício completo, perfeito e suficiente; a oblação e expiação dos pecados do mundo inteiro”. Esta maravilhosa frase expressa uma verdade magnificente: uma vez que Cristo morreu em nosso lugar, nossos pecados podem ser perdoados e nós, sermos salvos – “salvos pelo seu precioso sangue” (sua preciosa morte sacrificial, que é o que o Novo Testamento quer enfatizar sempre que menciona o sangue de Cristo). Como disse Calvino, Deus nos amou de uma maneira que excede o nosso entendimento mesmo quando nos abominou. A medida do seu amor foi, e é, a dádiva de seu Filho para morrer por nossos pecados (Jo 3.16; Rm 5.8; 1Jo 4.8-10).

A morte de Jesus não foi o fim da História. No terceiro dia após a sua crucificação, ele ressuscitou dos mortos pelo poder de seu Pai. Deixou o sepulcro munido de um corpo com capacidades misteriosamente melhores. Nesse corpo, mais uma vez, de forma misteriosa, apareceu em questão de instantes aos seus discípulos e permaneceu com eles nos próximos quarenta dias. Então ascendeu para estar com o Pai (Jo 20.17; At 1.1-11; Ef 4.10), desaparecendo diante de seus olhos, subindo em uma nuvem. C. S. Lewis fala que esta experiência de Jesus ser retirado, se deu por uma “passagem no espaço”.

Daquele dia em diante, ele vem exercendo domínio sobre a ordem da criação em nome e no lugar de seu Pai. (Por isso ele é chamado “Cristo”: o título define Jesus como o Ungido Rei Salvador de Deus.) Como um dos primeiros atos de seu domínio, tanto em atitudes de demonstração como de favor, ele fez descer o Espírito Santo sobre seus discípulos às 9 horas do dia de Pentecostes, uns dez dias após sua ascensão ao trono (At 2.1-21,33). Desde então, o Espírito Santo tem atuado no mundo, testemunhando acerca de Jesus ao inspirar e abençoar o testemunho que os homens dão do ministério de salvação de Cristo, e conduzir pessoas a Jesus por meio de sua obra de nova criação e novo nascimento (Jo 3.3-8; 2Co 5.17; Tt 3.4-7). Isto significa que ele os renova bem no íntimo de sua personalidade para que venham a confiar em Jesus, obedecê-lo e amá-lo como seu Salvador que vive, Rei divino e Amigo celestial. É por esta ação do Espírito Santo que todos os cristãos que já existiram tornaram-se cristãos como nós o tornamos.

O que acontece aqui é que, por meio da obra do Espírito no coração das pessoas, uma vez que a mensagem que as convida à fé em Cristo penetrou em sua mente, elas têm certeza de que Jesus Cristo é fato, e não fantasia; que ele vive para salvar aqueles que abandonam o pecado e se voltam para ele; e que não existe salvação a não ser por meio de uma convicção pessoal nele. Assim, as pessoas, de fato, se entregam a ele, ativa e deliberadamente, não apenas por saberem que precisam fazer isto, mas porque se vêem tão transformadas, que o que querem é se comprometer com ele.

Para alguns, como este que lhes escreve, esta entrega ocorre como uma ruptura consciente e clara com um passado não-convertido. Para outros, ela emerge como o desabrochar de algo que estava implícito em sua vida por algum tempo, talvez desde a infância. No entanto, essa diferença não muda em nada a realidade do que acontece na entrega. De qualquer forma, o que emerge do coração transformado é um compromisso de viver uma vida transformada, enquanto o Espírito, dentro de nós, testemunha a respeito da realidade de Jesus, como o poderoso Salvador que se faz presente por nós, e da nossa própria renovação, como pecadores penitentes que agora fizeram de Jesus o centro de sua total fidelidade.

Nova Vida

O Novo Testamento continua a explicar a novidade da nossa vida em Cristo como uma transformação real e radical do nosso ser. Segundo ele, os cristãos foram unidos a Cristo, e agora estão “nele”, tendo morrido (deixado a velha vida)

e ressuscitado (começado uma vida nova) com o Senhor (Rm 6.3-11; Ef 2.4-10; Cl 2.11-14). Em Cristo, eles desfrutam uma nova posição. Eles são:

- *justificados* (perdoados e aceitos);
- *adotados* (feitos filhos e herdeiros de Deus) e
- *purificados* (preparados para a comunhão com o seu santo Criador).

Todos os aspectos de sua nova posição se tornam reais pela virtude do sofrimento de Cristo na cruz por eles (Rm 3.21-26; 5.1; 8.15-19; Gl 4.4-7; Jo 15.3; 1Jo 1.3-7). Isto é muito importante. Ser justificado significa que, pela própria decisão judicial de Deus, coloco-me diante dele, agora e para sempre, “como se nunca tivesse pecado”. Ser adotado significa que agora posso chamar meu Juiz e Criador de “Pai”, na intimidade de sua amada família, e saber que sou herdeiro de sua glória – “herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo” (Rm 8.7). Ser purificado significa dizer que nada do meu passado impõe qualquer restrição à minha comunhão com Deus no presente.

E isto não é tudo. Em Cristo, os cristãos também estão envolvidos em um processo de mudança de caráter. O Espírito Santo (por meio do qual a fé é gerada neles) e Cristo (por meio de quem a nova vida foi conquistada e tornou-se conscientemente uma realidade para eles) agora habitam neles para transformá-los “à sua semelhança (de Cristo) com crescente glória”. Cristo e o seu Espírito dão-lhes poder para mortificar os hábitos pecaminosos e gerar os novos modelos de comportamento que constituem os “frutos” do Espírito (Rm 8.9-13; 2Co 3.18; Gl 5.22-26). Isto, também, é muito importante.

Nós, que cremos, temos de acordar para o fato de que o ministério do Pai e do Filho para nós, por meio do Espírito, transformou-nos em pessoas diferentes das que éramos por natureza. Nossa tarefa no momento é, como algumas vezes se tem dito, ser o que somos – viver o que Deus tem feito, expressando em ações a nova vida (nova visão, motivação, devoção e senso de direção) que agora temos. Ou, como diz Paulo, “Andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados” (Ef 4.1). A idéia é a mesma.

O coração dos salvos sempre afirmará que a sua conversão, ou novo nascimento, ou renovação (diversas pessoas usam termos diferentes nesta questão) foi uma obra divina do princípio ao fim. Toda a busca e luta que passamos no início foram divinamente orquestradas, da mesma forma que foram os seus estágios finais de convicção, compromisso e segurança. Desde o século 5º os cristãos do Ocidente têm empregado a expressão Agostiniana para descrever a iniciativa

divina de amor vivificador na alma, agradecendo por sua *graça preveniente*: graça que se instala em nós como uma força renovadora para dar visão aos espiritualmente cegos, dar audição aos espiritualmente surdos e dar a falar aos espiritualmente mudos. (Preveniente significa “que chega antes” – que chega a uma pessoa, antes que ela esteja espiritualmente viva, para conceder vida.)

O Propósito de Deus

A impressão de que Deus, portanto, invadiu a própria escuridão e perdição de uma pessoa para naturalmente salvá-la leva a uma pergunta que foi acerbamente proposta em uma canção moderna: “Mas, por que eu, Jesus?”. O Novo Testamento propõe e responde esta pergunta, apontando para um propósito eterno do amor divino e soberano por pecadores, um propósito cuja origem reside na decisão livre do próprio Deus. Ele se manifesta pela graça preveniente que traz todos à fé e salvação, e garante sua glória no final. Os autores do Novo Testamento não falam por que Deus escolheu me salvar. Apenas me pedem para render graças pelo que ele fez.

Aqui está Paulo celebrando o propósito amoroso de Deus enquanto convida os cristãos de Éfeso a se juntarem a ele na doxologia:

“Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado, no qual temos a redenção, pelo seu sangue, a remissão dos pecados, segundo a riqueza da sua graça (...) em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, até ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória”. (Ef 1.3-8,13,14)

Para incentivar os cristãos que enfrentam o sofrimento e se sentem fracos, este é o modo como Paulo formula o mesmo propósito eterno:

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos

que de antemão conheceu, também os destinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que destinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”. (Rm 8.28-30)

O próprio Senhor Jesus tinha este mesmo propósito quando disse:

“Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora. Porque eu desci do céu, não para fazer a minha própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou. E a vontade de quem me enviou é esta: que nenhum eu perca de todos os que me deu; pelo contrário, eu o ressuscitarei no último dia. De fato, a vontade de meu Pai é que todo homem que vir o Filho e nele crer tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia (...) Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia (...) Portanto, todo aquele que da parte do Pai tem ouvido e aprendido, esse vem a mim”. (Jo 6.37-40,44,45)

O plano de Deus para salvar o pecador por meio de sua graça soberana é às vezes visto como um tema para debates calorosos. Acredita-se que o fato de Deus ter esse plano de salvação é uma ameaça para aqueles que ainda não crêem, por implicar em dizer que se essas pessoas se voltarem para Deus, podem descobrir que ele não terá misericórdia delas por não fazerem parte de seus eleitos. Contudo, esse temor não procede, porque ninguém se volta para Deus – “ninguém pode vir a mim”, disse Jesus – sem obter a graça soberana que implementa o misericordioso plano divino.

Na realidade, todos são convidados a entrar no Reino de Deus, com a garantia de que se buscarem a capacitação do Espírito Santo para arrependem-se e crerem, eles irão achá-lo. A graça preveniente – o Espírito Santo já em ação – estimula qualquer resposta positiva que o convite desperta. Como vimos, os cristãos com certeza sabem que, sem a graça preveniente, eles não seriam cristãos, e que a graça preveniente alcançou sua vida por causa do plano de Deus para salvá-los. Assim, não causa surpresa o fato de que, no Novo Testamento, o plano de Deus seja apresentado não como um assunto para debate e dúvidas, mas para a doxologia – direcionando aqueles que agora crêem para o caminho da humildade, exultação e esperança, e concedendo-lhes determinação e alegria enquanto sua mente confia nessa verdade. O artigo 17 dos 39 artigos anglicanos expressa este fato de uma maneira muito clara:

...as considerações divinas da predestinação, e nossa eleição em Cristo, são cheias de um doce, agradável e inexplicável conforto para as pessoas piedosas que, com isso, sentem a obra do Espírito de Cristo mortificando as obras da carne e seus membros carnis e voltando sua mente para as coisas do alto; como também estabelece e confirma a fé dessas pessoas na salvação eterna, a ser desfrutada por meio de Cristo, bem como inflama seu amor por Deus...

O PLANO DIVINO DE SALVAÇÃO

Agora que a questão de como Deus trouxe-nos à salvação que agora desfrutamos está completamente respondida, podemos partir para a próxima questão sobre a estratégia divina de salvação: *O que Deus continua a fazer, aqui e no futuro, para terminar o que começou e consumir a salvação que tem reservado para mim?* Para estabelecer a perspectiva própria para responder esta pergunta, cito o conhecido hino de Thomas Binney:

Luz Eterna! Luz Eterna!
 Quão pura deve ser a alma
 Que, quando alcançada pela tua visão perscrutadora,
 Não se destrói, mas com calmo prazer,
 Pode viver e te contemplar!

Os espíritos que cercam o teu trono
 Talvez tenham o fervor da alegria;
 Mas certamente essa alegria só pertence a eles,
 Uma vez que nunca conheceram
 Um mundo caído como este.

Ó, como eu, cuja esfera natural
 É escura, cuja mente é pequena,
 Estarei diante do inefável,
 E, no meu Espírito, conterei
 A luz eterna?

Há um caminho para o homem que leva
 Àquela sublime morada –
 Uma oferta e um sacrifício,
 A força do Santo Espírito,
 O defensor que opera com Deus.

Isto nos prepara para a visão
Da santidade celestial;
Os filhos da ignorância e das trevas
Podem habitar na luz eterna,
Por meio do amor eterno.

O Plano Futuro de Salvação de Deus

A lição que devemos aprender aqui é que os nossos pensamentos a respeito do plano futuro de salvação de Deus devem começar por onde começa Binney: a saber, reconhecer que o Deus Trino é *luz*. Isto significa que ele é santo – puro e perfeito, que ama todo o bem e abomina todo o mal. Além disso, significa que ele constantemente perscruta tudo que há em nós, para que sejam “todas as coisas descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.13). (A revelação do que está escondido nas trevas é um dos conceitos que a imagem bíblica de *luz* normalmente expressa: veja Jo 3.19-21; Ef 5.11-14.) Assim nenhuma impureza existente em nós passará despercebida.

O Trino Deus, que é *luz*, é também *amor* – amor santo (1Jo 1.5; 4.8,16). O que isto significa? Significa que apenas o que realmente é santo e digno pode agradar a Deus. Como o amor que une o casal em um matrimônio sólido é um modelo de valor que aprecia a superioridade do outro, assim o amor que une Pai, Filho e Espírito é um modelo de valor pelo qual cada um se apraz na santidade dos outros dois, e na santidade dos santos anjos. Este tipo de amor não terá plena alegria em nós, que somos de Cristo, até que também sejamos santos. Nem podemos amar plenamente a Deus e nos alegrar completamente nele uma vez que o amamos, enquanto tivermos consciência de que estamos presos às fraquezas e perversidades morais. Saber que cada um de nós que segue a Cristo é, aqui e agora, no dizer de Lutero, *simul justus et peccator* – um pecador justificado, em paz com Deus, embora ainda pecador – é um privilégio maravilhoso. Mas a esperança que temos à nossa frente é ainda mais maravilhosa, a saber, estar na presença de Deus, vendo-o e tendo comunhão com ele como alguém que não é mais um pecador. O plano de Deus para nós no presente é guiar-nos rumo a este alvo.

Portanto, o plano divino para o resto da minha vida na terra é a minha santificação. Como falei anteriormente, fui ressuscitado da morte espiritual e nasci de novo em Cristo para que pudesse ser transformado segundo à sua semelhança moral. “Fostes instruídos”, diz Paulo (uma vez que eu, como qualquer outro leitor da Bíblia, faço parte do grupo de cristãos de Éfeso neste ponto),

“que quanto ao trato passado, vos despojeis do velho homem (...) e vos renoveis no espírito do vosso entendimento, e vos revistais do novo homem, criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef 4.22-24; veja também Cl 3.9,10). As diretivas morais bem detalhadas em cada uma das cartas de Paulo mostram que elas devem ser entendidas no seu sentido mais literal e prático possível.

A conformidade crescente à imagem de Cristo – à sua retidão e santidade, amor e humildade, abnegação e sinceridade, sabedoria e prudência, ousadia e autocontrole, fidelidade e força sob pressão – é a soma e essência das “boas obras” para as quais os cristãos foram criados (ou seja, recriados) em Cristo (Ef 2.10). É também o “bem” por meio do qual, em todas as coisas, Deus age na vida daqueles que o amam (Rm 8.28). O Deus em cujas mãos estou, por bem ou por mal, e a quem tenho, alegre e penitentemente, de fato colocado no controle da minha vida está envolvido na questão da santidade. Parte da resposta à pergunta que o trajeto dos pontos altos e baixos da vida repetidamente faz – *Por que isto aconteceu comigo?* – é sempre a seguinte: o treinamento e a disciplina moral, planejados pelo meu Pai celestial, servem para me ajudar a trilhar o caminho das virtudes semelhantes às de Cristo (Hb 12.5-11).

Há muitos anos, um homem sábio explicou-me que a vida cristã – como acabamos de ver, no sentido de ser a vida de crescimento na semelhança de Cristo – é como um banquinho de três pernas, que só pode ficar firme se todas elas estiverem no lugar. Ele chamou as três pernas de D, E e P – Doutrina, Experiência e Prática.

Doutrina

Refere-se à verdade e sabedoria que podemos receber constantemente de Deus por meio de estudos bíblicos, meditações com base na Palavra de Deus e o ministério da Palavra.

Experiência

Refere-se aos muitos aspectos da comunhão com Deus para a qual a verdade e sabedoria divina nos conduzem no que se refere à nossa vida: a fé, a penitência, o senso renovado de pecado, a restauração da alegria da salvação, a aflição por constantemente não sermos o que gostaríamos de ser para Cristo, a tristeza que sentimos quando oramos por pessoas em grande necessidade e miséria,

a alegria que temos quando outros são abençoados. A experiência também inclui os momentos de profunda convicção e desejo pelo céu, o aprendizado de novas lições sobre o modo de Deus agir em meio à dor e aflição do sofrimento, o temor de ser considerado um hipócrita não-convertido no final das contas, a consciência mais profunda da realidade de Deus de que um relacionamento sincero com outro cristão será firmado, o sentido vívido da intimidade de Cristo que vem por meio da adoração comunitária, principalmente pelo sério partilhar na celebração da Ceia do Senhor, e assim por diante.

Prática

Envolve um comprometimento em obedecer à verdade e seguir o caminho da sabedoria nos relacionamentos, a auto-análise diária, o envolvimento familiar, o compromisso com a igreja, a função na comunidade, o emprego para manter-se e assim por diante.

O ensino é verdadeiro. Um cristão que falha na D, E ou P, de qualquer forma, não escapa aos problemas. A vida cristã pode tornar-se um verdadeiro desastre quando as pessoas desconhecem a verdade e a sabedoria divina, ou não têm nenhuma consciência da necessidade de expressar manifestações práticas desse conhecimento, ou se omitem a buscar a Deus nesses termos e lidar com ele nessa base. Neste caso, o banquinho caiu. Um crescimento distorcido frustra o plano divino para o nosso crescimento espiritual saudável.

Renovação da Igreja

Parece claro que, pelo menos, parte do propósito de Deus nos movimentos de renovação da igreja é sempre a restauração do D, E e/ou P na vida de cada indivíduo. Esses movimentos só são percebidos e realisticamente avaliados quando o que foi dito é observado. O movimento da Reforma, por exemplo, é freqüentemente visto como um conflito técnico e teológico, exclusivo e remoto, que nada mais expressa do que uma paixão nacionalista. No entanto, seus líderes o viam e um número imenso de pessoas o experimentou, como um movimento popular de reavivamento da religião pura. Exemplos mais óbvios incluem o reavivamento devocional que alcançou tanto a Contra-Reforma Católica, quanto o Puritanismo Protestante no início do século 17; o reavivamento metodista britânico e o Grande Despertamento da Nova Inglaterra em meados do século 18; e o assim chamado “reavivamento de santidade”, com suas inúmeras variantes das

causas metodistas, que alcançou todo o mundo protestante entre 1850 e 1950. Uma ilustração contemporânea é a constante renovação realizada pelo Espírito Santo nos nossos dias.

O que dizer do movimento carismático espalhado pelo mundo nos últimos trinta anos? Deixando de lado os pormenores⁴, creio que Deus o gerou para combater e corrigir os padrões de pensamento em torno da morte que, começando com os teólogos e espalhando-se para todos os cantos no século passado, causou danos ao Cristianismo por opor-se à verdade da Trindade, diminuir a natureza divina de Jesus Cristo e, por razões práticas, desmerecer o Espírito Santo.

Para tratar destes erros teóricos, e da morte espiritual a que eles levaram, Deus levantou este movimento caracterizado por uma vida empolgante e destemida no Espírito Santo pela qual a verdade da Trindade é resgatada (D), a união/comunhão com o divino Cristo por intermédio do Espírito como o foco da vida espiritual é explorada (E) e a idéia de Cristianismo como uma vida sobrenatural no Espírito, louvando, compartilhando e servindo tornou-se novamente respeitável (P). Todos os que mantêm os erros mencionados acima estão, conseqüentemente, deslocados, para não dizer fora de cena. Como a estratégia de Deus é sábia!

Sinais de Crescimento Espiritual

Existe muito mistério com relação ao futuro dos cristãos. O crescimento espiritual, como sua reprodução física, normalmente é um processo delicado e imperceptível. O indivíduo não vê, nem sente que ele está acontecendo. O máximo que se pode dizer sobre seu lado subjetivo é que, de vez em quando, os cristãos percebem que são diferentes de um jeito ou de outro do que eram. Os efeitos a longo prazo dos discernimentos, experiências, disciplinas, momentos de choque, rotinas permanentes e constantes relacionamentos não podem ser avaliados de antemão.

Alguns cristãos mudam superficialmente muito mais rápido e de forma mais radical do que outros, no entanto, não é possível monitorar, por um agente ou nenhum meio de observação humana, o grau dessa mudança correspondente em um nível mais profundo. Somente Deus sabe, porque só ele pode perscrutar o íntimo do coração. A luz da consciência nos permite conhecer apenas uma pequena parte de nós mesmos. A obra transformadora do Espírito Santo porém, penetra no mais profundo daquela grande parte de nós mesmos a qual não temos acesso. Não é de admirar, então, que constantemente entendamos mal e julguemos mal o que Deus está e não está realizando em nós, conosco e por nós,

assim como constantemente erramos quando tentamos avaliar o que Deus está fazendo por nosso intermédio, no serviço prestado a outros.

Outros fatores nos ocultam a obra de Deus em nosso íntimo. Em todos nós, o corpo e a alma (o princípio da vida pessoal consciente) estão intimamente ligados, muito mais próximos do que podemos entender e a influência de um sobre o outro mais adiante obscurece a obra de santificação do Espírito. Penso aqui em inúmeras aflições, que vão de depressão e esquizofrenia à síndrome de Down, demência senil e mal de Alzheimer, nas quais as condições físicas afetam negativamente a mente.

Então a morte, o momento em que uma pessoa deixa seu corpo físico, vem em momentos e de maneiras diferentes para pessoas diferentes. É difícil explicar por que um cristão é levado enquanto outro permanece vivo. Deus já determinou a hora e o modo como morreremos. Após a morte, ele acabara por eliminar o pecado de nosso sistema e nos assemelhar com Cristo. O nosso eu transformado e recriado receberá, no devido tempo, o corpo ressurreto por meio do qual poderemos expressar tudo o que seremos, então, enquanto pessoas completamente renovadas. Esta é nossa certeza, contudo, uma certeza de fé, não de visão. Não podemos imaginar agora o que isto significará para nós. Temos de nos contentar em aguardar e ver.

Entretanto, duas coisas devem ser ditas com relação à futura obra divina de consumação da nossa salvação. A primeira é que *conhecemos a fórmula*. Já a vimos anteriormente. Ela está definitivamente resumida no seguinte trecho do comentário de John Stott sobre o texto de 1João 3.2: “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é”. Stott escreve o seguinte:

A imagem de Deus, maculada pela queda, já foi novamente restaurada em nós. O novo homem, que assumimos em nossa conversão, foi “criado segundo Deus, em justiça e retidão procedentes da verdade” (Ef 4.24; cf. Cl 3.10). E, desde esse dia, em cumprimento do propósito predestinado de Deus que determina que seríamos “conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29), o Espírito Santo vem nos transformando, “de glória em glória, na sua própria imagem” (2Co 3.18; cf. 1Jo 2.6).

Nesta passagem de 2Coríntios 3.18, diz-se que a transformação se deve ao fato de que estamos “com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor”; assim, é compreensível que quando o virmos como ele é, e não somente o nosso rosto, mas o dele também, for revelado, seremos,

final e completamente como ele, incluindo o nosso corpo (Fp 3.21; cf. 1Co 15.49). “A visão torna-se assimilação” (Lei). Isto é tudo o que João sabe sobre nosso estado celestial final. Paulo concentra-se em suas epístolas sobre a verdade de que no céu seremos “como Cristo” (2Co 5.8; Fp 1.23; Cl 3.4; 1Ts 4.17; cf. Lc 23.43; Jo 14.3; 17.24). É-nos suficiente saber que, no último dia e por toda a eternidade, estaremos com Cristo e seremos como ele; pois devemos estar contentes por esperar a revelação plena do que seremos.⁵

A segunda verdade, entretanto, é que, embora conheçamos a fórmula, *não conhecemos o cenário*. Podemos declarar em termos teológicos o que nos aguarda, de acordo com a vontade revelada de Deus sobre seus propósitos. No entanto, não podemos dizer em termos circunstanciais o que nos espera, de acordo com a sua vontade oculta de eventos. Uma canção de minha juventude trazia este verso: “Algo pode acontecer, e provavelmente acontecerá” – e isto é verdade em relação à vida cristã. Não sabemos o que um dia trará, por isso temos que estar preparados para qualquer coisa. É certo que nada poderá nos separar do amor de Cristo, e que Deus age para que todas as coisas cooperem para o nosso bem espiritual (Rm 8.28,35-39). É certo também que nos deparemos com a possibilidade de enfrentar a “tribulação, ou a angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada” (Rm 8.35). Assim fica para todo cristão em qualquer lugar do mundo que esteja diante do futuro desconhecido, a palavra de sabedoria que é o moto dos escoteiros, e também a premissa maior do alpinista: *sempre alerta!*

O que envolve a expressão “sempre alerta”? Resumindo, o realismo centrado em Deus sobre a vida – e a verdadeira santidade de vida. Após a afirmação “quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é”, João escreve: “E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim com ele é puro” (1Jo 3.3). E novamente: “Todo aquele que permanece nele não vive pecando (...) Aquele que pratica o pecado procede do diabo (...) Para isto se manifestou o Filho de Deus: para destruir as obras do diabo (...) Aqueles que enfrentarem melhor as pressões e dificuldades normalmente serão aqueles cuja busca na vida será a santidade, imitando o Filho para a glória do Pai, tanto como uma manifestação de gratidão pelo amor trino que os livrou da morte espiritual e os trouxe para a vida como um desejo de se preparar a cada instante para encontrar-se com o Senhor Jesus e prestar-lhe contas, quer ele escolha aquele momento para voltar, quer nos chame à sua presença. Se queremos viver e morrer em paz, a santidade é, na verdade, uma necessidade.

Capítulo 3

VALORIZANDO A SALVAÇÃO: O PONTO INICIAL DA SANTIDADE

“Senhor, deveras sou teu servo (...) quebraste as minhas cadeias. Oferecer-te-ei sacrifícios de ações de graças e invocarei o nome do Senhor. Cumprirei os meus votos ao Senhor, na presença de todo o seu povo”. Sl 116.16-18

Nosso esboço do plano divino da salvação para o homem pleno, agora está completo, como a Bíblia o apresenta em seus aspectos no passado, presente e futuro. Mas, quem é este “homem pleno” a quem me refiro? Esta pergunta nos reporta ao famoso livro sobre os pontos básicos do cristianismo, *O Caminho para o Céu do Homem Pleno* (1601), por Arthur Dent, um puritano de linha elisabetiana. O “homem pleno” a quem Dent escreveu, e para quem escrevo agora, é uma pessoa reta, pura e honesta, cujo coração repete as palavras de João Wesley: “Sou uma criatura temporal, pronto para entrar na eternidade; quero saber uma coisa: o caminho para o céu”. E, certamente, este é o melhor e mais sábio desejo que uma pessoa pode ter! Mas, se as coisas são assim, não há alternativa melhor para este escritor do que tentar ser este “homem pleno”. Neste capítulo, farei uma reflexão sobre as reações que o conhecimento do plano divino de salvação deve produzir em mim.

Eu disse reações, no plural, por, pelo menos, quatro razões diferentes. A santidade cristã envolve essas quatro razões, o que indica que nossa própria jornada em busca da santidade será grandemente prejudicada na ausência de qualquer uma delas.

TEMOR DIANTE DA GRANDEZA DE DEUS

Primeiro, devo aprender, com este plano da salvação, *a ter temor diante da grandeza do meu Criador*.

Durante os últimos trinta anos, lamentei, com freqüência, em público, a maneira pela qual o século 20 se permitiu pensamentos grandiosos a respeito do ser humano e, por outro lado, escandalosamente pequenos a respeito de Deus. A história relembrará a nossa época, pelo menos no que diz respeito ao Ocidente, como a era dos “encolhedores” de Deus. Pensadores influentes, dentro e fora da igreja, afirmaram ou a existência de um deísmo sem vida que apresenta um Deus frio, distante, desinteressado e que deixa o mundo correr livremente; ou o monismo estático de um Deus cuja grande realização limita-se a uma realidade unificadora, ligando todas as entidades e processos a ele em um todo interdependente; ou ainda a impotência patética de um Deus que revela-se em Jesus como um amante fracassado; ou a força sem rosto de um Deus que estabelece com igualdade todas as religiões para que nenhuma sonhe em suplantar qualquer outra.

Existiram teólogos leigos, como G. K. Chesterton, Charles Williams, Dorothy L. Sayers, C. S. Lewis e Peter Kreeft, e teólogos acadêmicos, como Leonard Hodgson, Oliver Quick, Karl Barth, Cornelius van Til, G. C. Berkouwer e Donald Bloesch, que proclamaram as verdades gêmeas da Trindade e da Encarnação, e a dupla esperança da ressurreição pessoal e renovação cósmica, sob a soberania de Deus, de uma forma reconhecível. No entanto, eles foram uma minoria. Frequentemente se pareciam com o rei dinamarquês da Inglaterra, chamado Rei Canuto, há mil anos, que, em vão, proibiu a maré de subir. Enquanto isso, as ondas das teologias enfraquecidas continuam a quebrar e a formar redemoinhos, para todos os lados com impacto crescente. Por favor, Deus, mude a maré – talvez já esteja começando a mudar – entretanto, a moda de encolher Deus, há muito vem prevalecendo. Conseqüentemente, a crença na onisciência e soberania divina, a majestade de sua lei moral e o temor dos seus julgamentos, as conseqüências retributiva da vida que levamos aqui e o caráter infindo da eternidade na qual iremos experimentá-las, juntamente com a crença na trindade intrínseca de Deus e a divindade e retorno pessoal de Jesus Cristo, estão tão corroídas nos nossos dias que, dificilmente, são discerníveis. Para muitos hoje, Deus não passa de uma mancha.

Mas o plano da salvação, que me diz como o meu Criador tornou-se meu Redentor, apresenta, em sua plena glória, a majestade transcendente que as igrejas têm tanto esquecido. Ele me mostra um Deus que é infinitamente grande

em sabedoria e poder – que sabia, desde a eternidade, qual seria a triste realidade da queda da raça humana – e que, antes mesmo de criar o cosmos, já tinha desenvolvido, em detalhes, a maneira pela qual salvaria não somente a mim, mas cada um dos muitos bilhões a quem resolveu trazer à salvação. O plano fala de um programa amplo para a história do mundo, que envolve milênios de preparação providencial para a primeira vinda de um Salvador e milhares de anos de evangelismo de âmbito mundial, cuidados pastorais, cristianização da cultura, apresentação do reino de Deus, batalha espiritual contra os inimigos do reino e a edificação da igreja antes da volta do Salvador.

O plano apresenta-me o Pai enviando o Filho para ser o Redentor, e o Espírito para dar vida aos mortos-vivos perdidos e culpados – almas mortas como a minha, em delitos e pecados, conduzidas pelos conselhos e desejos de um coração corrompido, e, muitas vezes, criando uma cortina de fumaça de formalismo religioso para impedir que a luz de Deus alcance a minha consciência. O plano abrange não somente (1) as três horas de agonia de Jesus na cruz, suportando, de modo vicarial, o desamparo divino para que pecadores como eu jamais tivessem de suportá-lo; mas também (2) a ressurreição corporal permanentemente transformadora de Jesus e a regeneração permanente do coração de todos os que são salvos – duas demonstrações do poder que fazem o mundo ser completamente inexplicável em termos das forças criadas que nele operam. (Aqui deveria ser o ponto de partida da apologética). Finalmente, o plano penetra no futuro, prometendo a todos um corpo novo e imortal. Além disso, ele promete aos pecadores salvos como eu, a alegria de desfrutar de um novo céu e uma nova terra, uma grande sociedade perfeita, e a presença visível de Jesus por meio desse novo corpo.

Estas são as maravilhas do plano de salvação. O chamado divino para uma vida de santidade começa dizendo que devo mergulhar nestas tremendas e majestosas realidades até que eu me sinta realmente intimidade com a grandeza do meu Deus, que tudo faz acontecer. Deste modo, aprenderei a dar-lhe glória (no sentido de louvor) pela grandeza de sua glória (no sentido de revelar-se a si próprio) como aquele cuja sabedoria e poder revelados, tanto na redenção quanto na criação, ultrapassam, ofuscam e excedem o meu entendimento. O Deus trino do plano de salvação é grande – transcendente e imutável em sua onipotência, onisciência e onipresença. Ele é eternamente fiel, verdadeiro, justo, sábio, austero e bondoso – e deve ser louvado e adorado como tal. Este tipo de louvor é o fundamento doxológico da santidade humana, que sempre começa aqui. Assim como Jesus não poderia ter a coroa sem a cruz, também não podemos ter a santidade sem o louvor.

A Bíblia Enfatiza o Louvor

As Escrituras são repletas de passagens que exigem e repetem os louvores que os remidos devem a Deus. Aqui estão alguns exemplos do Antigo Testamento:

Cantarei ao Senhor, porque triunfou gloriosamente (...) portanto, eu o louvarei (...) Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitos gloriosos, que operas maravilhas? O Senhor reinará por todo o sempre. (Êx 15.1,2,11,18)

Pois o Senhor Altíssimo é tremendo, é o grande rei de toda a terra. (Sl 47.2)

Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado. (Sl 48:1)

Reina o Senhor (...) Ele está entronizado (...) O Senhor é grande em Sião e sobremodo elevado acima de todos os povos. Celebrem eles o teu nome grande e tremendo, porque é santo. És rei poderoso (...) Exaltai ao Senhor, nosso Deus, e prostrai-vos ante o escabelo de seus pés, porque ele é santo. (Sl 99.1-5)

Aleluia! Louvai o nome do Senhor (...) Louvai ao Senhor, porque o Senhor é bom (...) Com efeito, eu sei que o Senhor é grande (...) Tudo quanto aprouve ao Senhor, ele o fez (...) O teu nome, Senhor, subsiste para sempre; a tua memória, Senhor, passará de geração em geração (...) Bendizei ao Senhor. (Sl 135.1,3,5,6,13,19)

Render-te-ei graças, Senhor, de todo o meu coração; na presença dos poderosos te cantarei louvores. Prostrar-me-ei para o teu santo templo e louvarei o teu nome, por causa da tua misericórdia e da tua verdade, pois magnificaste acima de tudo o teu nome e a tua palavra. Render-te-ão graças, ó Senhor, todos os reis da terra, quando ouvirem as palavras da tua boca. (Sl 138.1,2,4)

Louvai ao Senhor, porque é bom e amável cantar louvores ao nosso Deus; fica-lhe bem o cântico de louvor. Grande é o Senhor nosso e mui poderoso; o seu entendimento não se pode medir. Louva, Jerusalém, ao Senhor (...) Aleluia! (Sl 147.1,5,12,20)

Cantai louvores ao Senhor, porque fez coisas grandiosas (...) Exulta e jubila, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti. (Is 12.5,6)

Ninguém há semelhante a ti, ó Senhor; tu és grande, e grande é o poder do teu nome. Quem te não temeria a ti, ó Rei das nações? Pois isto é a ti devido (...) (Jr 10.6,7)

E existem muitos outros textos bíblicos além destes acima. Os Salmos 145-150, por exemplo, poderiam ser citados aqui. No entanto, temos de ir adiante.

O Novo Testamento, periodicamente, também explode em louvor. Eis alguns exemplos:

A minha alma engrandece ao Senhor (declara que ele é grande, exalta-o), e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador (...) porque o Poderoso me fez grandes coisas. Santo é o seu nome. (Lc 1.46,47,49)

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois, a glória eternamente. Amém. (Rm 11.33,36)

Assim, ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém. (1Tm 1.17)

Ao único Deus, nosso Salvador, mediante Jesus Cristo, Senhor nosso, glória, majestade, império e soberania, antes de todas as eras, e agora, e por todos os séculos. Amém. (Jd 25)

Digno é o Cordeiro que foi morto de receber o poder, e riqueza, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e louvor (...) Àquele que está sentado no trono e ao Cordeiro, seja o louvor, e a honra, e a glória, e o domínio pelos séculos dos séculos. (Ap 5.12,13)

Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos. (Ap 15.3,4)

Foi um instinto cristão saudável que levou Horatius Bonar, autor do pequeno clássico *O Caminho Divino da Santidade*, a orar e louvar:

Preenche a minha vida, ó Senhor, meu Deus,
Em todas as partes com louvor,
Para que, com tudo o que sou, eu possa proclamar
O teu ser e os teus caminhos.

Peço-te não somente lábios de louvor,
Nem tampouco um coração engrandecedor,
Mas uma vida
Completamente feita de louvor;

Louvor nas coisas simples da vida,
Em suas idas e vindas;
Louvor em cada dever e em cada feito,
Ainda que pequeno e simples.

Preencha cada área do meu ser com louvor:
Permita que todo o meu ser fale
De ti e do teu amor, ó Senhor,
Apesar de pobre e fraco que sou.

Assim, tu deves, Senhor, de mim, e em mim,
Receber a glória devida;
E assim devo iniciar na terra
Uma canção sempre renovada.

É exatamente isso: a verdadeira consagração a um propósito realístico de vida que se concentra em agradar e glorificar a Deus começa aqui. A verdadeira vida de santidade está enraizada no solo da reverência na adoração. Ela não cresce em outro lugar. Ainda que cresça em qualquer outro lugar, ela não caracteriza a verdadeira santidade. Se faltar o louvor, nenhuma combinação de zelo, paixão, abnegação, disciplina, ortodoxia e esforço acrescenta-se à santidade.

GRATIDÃO PELA MISERICÓRDIA DE DEUS

Segundo, devo aprender, com este plano de salvação, *a ser grato pela misericórdia do meu Deus.*

É correto dizer que jamais existiu uma religião que desse tanta ênfase à necessidade de oferecer ações de graças e que chamasse seus adeptos, de modo tão insistente, a dar graças a Deus, como a religião da Bíblia, tanto no Antigo

como no Novo Testamento. Os salmistas estão constantemente dando graças (Sl 35.18; 75.1; 119.62) e convocando os outros a fazer o mesmo (Sl 95.2; 100.4; 105.1; 106.1; cf. 47; 107.1,21ss; 118.1,29; 136.1-3,26; 147.7). Paulo, da mesma forma, dá graças repetidas vezes (Rm 1.8; 6.17; 7.25; 1Co 1.4,14; 14.18; 15.57; 2Co 2.14; 8.16; 9.15; Ef 1.16; Fp 1.3; Cl 1.3; 1Ts 1.2; 2.13; 3.9; 2Ts 2.13; 1Tm 1.12; 2Tm 1.3; Fm 4) e orienta os cristãos para que façam o mesmo (Ef 5.20; Fp 4.6; Cl 2.7; 4.2; 1Ts 5.18).

É fácil entender a razão pela qual existe uma ênfase tão grande em glorificar a Deus por meio de ações de graças (Sl 69.30; 2Co 4.15). Os dons e bênçãos divinas, que segundo as Escrituras são concedidos nas boas experiências da vida natural e pela maravilhosa misericórdia da salvação sobrenatural, são muito mais ricos e abundantes, e envolvem uma dose muito maior da generosidade divina, do que os sonhados por qualquer outra fé.

Portanto, nossas ações de graças não devem ser formalidades vazias. Pelo contrário, para que sejam aceitáveis, elas precisam ser expressões genuínas de gratidão do coração por tudo que Deus nos tem dado – gratidão que o *Livro Anglicano de Oração* define como sendo pela “nossa criação, preservação e por todas as bênçãos desta vida; mas, acima de tudo, pelo inestimável amor de Deus na redenção do mundo por nosso Senhor Jesus Cristo, pelos meios da graça e pela esperança da glória”. O plano de salvação é o mapa deste “inestimável amor”.

Amor (*agape*), no sentido cristão da palavra, tem sido definido como um propósito de engrandecer aquele a quem se ama. Aprendemos a defini-lo como tal a partir da revelação do amor de Deus em Cristo, o amor que salva. Como uma manifestação de amor por pecadores que merecem o inferno, ele é misericordioso. Como uma intenção de levá-los de uma situação de destituição espiritual à dignidade do perdão e da restauração, aceitação e adoção na família de Deus, ele teve um alto preço – não para nós, mas para o próprio Deus, como as Escrituras deixam claro:

Porque Deus amou ao mundo (seres humanos em seu estado de corrupção e distanciamento de Deus) de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. (Jo 3.16)

Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. (Rm 5.8)

Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito

ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. (1Jo 4.8-10)

Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou (...). (Rm 8.32)

A maneira de medir todo e qualquer amor é a sua capacidade de doar-se. A medida do amor de Deus é a cruz de Cristo, onde o Pai entregou o seu Filho para morrer, para que os espiritualmente mortos pudessem ter vida.

Nossa Motivação

O mundo secular nunca compreende a motivação cristã. Confrontados com a questão do que faz dos cristãos pessoas confiantes, os incrédulos sustentam a idéia de que o Cristianismo só atua em defesa dos seus próprios interesses. Eles vêem os cristãos como pessoas que temem as conseqüências de não ser cristão (a religião como um seguro contra incêndio) ou que sentem a necessidade de ajuda e apoio para alcançar seus objetivos (a religião como uma muleta), ou que desejam manter uma identidade social (a religião como uma marca de respeitabilidade). Sem dúvida, todas estas motivações podem ser encontradas entre os membros das igrejas: seria fútil contestar isso. Contudo, assim como um cavalo, quando trazido para dentro de casa, não se torna um ser humano, também uma motivação que visa o seu próprio interesse, quando trazida para dentro da igreja, não se torna algo cristão, nem a santidade será o nome certo para designar as rotinas religiosas, conseqüentemente, motivadas. Aprendo, com o plano da salvação, que a verdadeira força motivadora da vida cristã autêntica não é, nem jamais deve ser, a esperança de ganhar algo, mas o coração cheio de gratidão.

O plano da salvação não apenas me ensina que nada posso fazer para ganhar, aumentar ou estender o favor de Deus, ou evitar a fúria de sua ira, ou arrancar-lhe benefícios, mas também que nunca preciso tentar fazer qualquer uma dessas coisas. O próprio Deus me amou desde a eternidade. Ele mesmo me redimiu do inferno por meio da cruz, renovou o meu coração e me trouxe à fé. Ele mesmo, soberanamente, firmou o compromisso de completar a obra de minha transformação à semelhança de Cristo e levar-me, irrepreensível e glorificado, à sua presença por toda a eternidade. Quando este poderoso amor tiver assumido, portanto, o controle total de levar-me para minha casa na glória, o amor responsivo, nutrido pela

gratidão e expresso em ações de graças, deverá brotar espontaneamente como o sentimento que rege minha vida. Serei sábio se pensar e meditar nas maravilhosas misericórdias do plano de Deus.

Um pequeno poema, certa vez ensinado aos adolescentes, fala-me de qual deve ser a minha resposta:

Não tentarei salvar a minha alma,
Pois isto já foi feito pelo meu Senhor;
Mas trabalharei como qualquer servo
Pelo amor do querido Filho de Deus.

O apóstolo Paulo, em Romanos 12, deixa claro que é assim que deve ser. Ele proclama a justiça de Deus (a obra divina de fazer do pecador, para sempre, uma pessoa justa diante de Deus: Rm 1.17; 3.21; 10.3) em sua relação com a expiação histórica (Rm 3.21-26), a eleição eterna (Rm 8.29-39), a vocação pessoal (ou seja, o “chamado” que gera a fé: Rm 1.6; 8.28-30; 9.24) e o lugar dos judeus e gentios na comunidade da Aliança (Rm 9.1-11.36). Agora ele pede aos leitores que respondam da seguinte forma: “Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus (o texto grego diz “misericórdias” no sentido de atos que expressem misericórdia), que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional” (Rm 12.1).

Segundo Paulo, os cristãos devem ser induzidos e levados a uma vida consagrada uma vez que conhecem o amor, graça e misericórdia de Deus – a misericórdia da salvação soberana, pela qual Deus perdoa, aceita e exalta o pecador indigno e vil a um preço que lhe é altíssimo. Há uma diferença entre os termos amor, graça e misericórdia de Deus. O amor significa o seu desejo visível de abençoar aqueles a quem vê, como pessoas que não têm nenhum direito de exigir isto dele; a graça significa o seu desejo visível de abençoar aqueles a quem vê, como pessoas que merecem sua rejeição; a misericórdia significa o seu desejo visível de abençoar aqueles, cujo estado ele vê como miserável. O *amor* expressa a liberdade autodeterminadora de Deus; a *graça*, o seu favor auto-gerado e a *misericórdia*, a sua compaixão. Paulo discutiu a questão da misericórdia soberana de Deus para com os pecadores em Romanos 9.15-18 e 11.30-32. É como se dissesse: “Vocês, que conhecem esta misericórdia em sua própria vida, devem mostrar-se verdadeiramente agradecidos por meio da integridade de seu compromisso com Deus daqui para a frente. Esta integridade é a sua santidade, porque santidade significa entregar-se totalmente a Deus como ele se deu, está se dando

e se dará por completo para vocês. E esta integridade agradecerá a Deus, porque revelará a sua apreciação e afeição por ele, e então será a essência real, ensinada e realizada pelo Espírito, da adoração que lhe prestam”.

É importante deixar claro que, assim como o louvor a Deus por sua grandeza transcendente é a base doxológica da santidade, o compromisso de passar a vida expressando gratidão pela graça de Deus, de todas as maneiras possíveis, é a sua base devocional. Qualquer tentativa de reorganizar a vida, que não seja resultado deste tipo de compromisso, não contribui à santidade, ainda que possa ser admirável por outros padrões e a partir de outros pontos de vista.

Portanto, parece claro que, como diziam os puritanos, o coração da santidade é a santidade no coração. O sacrifício santo que agrada ao Senhor é o cristão cujo coração nunca cessa de agradecer-lhe por sua graça. Deus se agrada da pessoa cujo objetivo, dia após dia, é expressar esta gratidão por meio de uma vida dedicada a ele, por ele e para ele, e que constantemente pergunta como o salmista: “Que darei ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?” (Sl 116.12). Esse cristão foi o escocês Robert Murray McCheyne, que escreveu:

Escolhido, não por ter algo bom em mim;
Despertado da ira para fugir;
Protegido ao lado do Salvador,
Santificado pelo Espírito;
Ensina-me, Senhor, a mostrar nesta terra,
Por meio do meu amor, o quanto sou devedor.

Este é o tipo de cristão que devo procurar ser.

ZELO POR SUA GLÓRIA

Em terceiro lugar, devo aprender, com este plano de salvação, *a ser zeloso pela glória do meu Senhor*.

Muitas vezes diz-se que o objetivo de Deus no plano da salvação é o exaltar-se a si mesmo, exaltando aqueles a quem ele salva, e isto é verdade. Mas o Novo Testamento vai além, insistindo que o propósito principal do Pai é a exaltação do Filho, a quem conhecemos em sua forma humana como Jesus Cristo, nosso Senhor. O Filho de Deus, que é Deus Filho (a segunda pessoa da Trindade), foi e é o agente de todas as obras do Pai na criação, na providência e na graça. Ele é o mediador de toda bondade e misericórdia que tem fluído de Deus para homens e

mulheres. O Novo Testamento identifica sua vida, morte, ressurreição e entronização como o ponto decisivo da história do mundo, do mesmo modo que descreve seu trono como a peça centro do céu (Ap 4, 5). Assim como o Pai ama o Filho e expressa esse amor honrando-o na comunhão eterna da Trindade, ele deseja que, pela execução do plano de salvação, no qual Jesus é a figura central, “todos honrem o Filho do modo por que honram o Pai” (Jo 5.23).

Para isso, e em direto reconhecimento da perfeição da preciosa obediência do Filho na expiação dos pecados cometidos pela humanidade, “Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (Fp 2.9-11).

Paulo, escrevendo aos colossenses, que estavam sendo ensinados a adorar não somente a Jesus, mas aos anjos, fala do plano do Pai para “o Filho do seu amor” (Cl 1.13) de receber a suprema honra em todos os níveis:

Pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nele, tudo subsiste. Ele é a cabeça do corpo, da Igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprovou a Deus que, nele, residisse toda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus. (Cl 1.16-20)

O qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos. (Cl 1.28; 2.3)

Porquanto, nele, habita, corporalmente, toda a plenitude da Divindade. Também, nele, estais aperfeiçoados. Ele é o cabeça de todo principado e potestade. (Cl 2.9,10)

Porque morrestes, e a vossa vida está oculta juntamente com Cristo, em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, vós também sereis manifestados com ele, em glória. (Cl 3.3,4)

Não mintais uns aos outros, uma vez que vos despistes do velho homem com os seus feitos e vos revestistes do novo homem que se refaz para o pleno

conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; no qual não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre; porém Cristo é tudo em todos. (Cl 3.9-11)

Seja a paz de Cristo o árbitro em vosso coração (...) Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo (...) E tudo o que fizerdes, seja em palavra, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai. (Cl 3.15-17)

Nestas passagens, que juntas constituem a “linha-mestra” de Colossenses, estão claramente definidas a centralidade e a supremacia de Jesus Cristo no plano da salvação.

O livro de Apocalipse mostra-nos o mesmo (como, de fato, fazem todos os livros do Novo Testamento: contudo, limito-me a este outro exemplo que segue). Começando com a visão de Cristo em glória, ditando as cartas pessoais para cada uma das sete igrejas (Ap 1-3), o texto segue descrevendo Jesus como o Leão de Judá na forma do Cordeiro que foi morto, entronizado como o Redentor e Senhor da História (Ap 5), a quem são oferecidas incessantemente canções de louvor. No decorrer do livro, o Cordeiro aparece como o vitorioso “Rei do Reis e Senhor dos Senhores” da Palavra de Deus (Ap 19.11-16). O livro encerra com Jesus falando de si mesmo, como ele havia feito nos três primeiros capítulos, como o Senhor de todos e de todas as coisas, e declarando: “E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras. Eu, Jesus, envieí o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a Raiz e a Geração de Davi, a brilhante Estrela da manhã” (Ap 22.12,16).

O que preciso aprender, então, é o seguinte: minha salvação se dá, do início ao fim, por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo (“em” significando uma comunhão pessoal que é também uma união viva, desejada e realizada pela ação divina). Deus Pai planejou desta maneira para glória e louvor de Cristo, seu eterno Filho. As misericórdias da eleição, redenção, regeneração e justificação são minhas em Cristo (Ef 1.4,7; 2.4-10; Gl 2.17).

Morri com Cristo. Portanto, Deus está fazendo morrer, dentro de mim, meu antigo modo de viver, o qual já renunciei. Fui criado para compartilhar a vida de ressurreição de Cristo pelo Espírito Santo, de modo que, no entanto, ainda sou quem eu era, não sou mais o que eu era, mas sou agora, interiormente, uma pessoa diferente (Rm 6.2-11; 7.4-6; Gl 2.20; Ef 4.20-24; Cl 2.11-13,20; 3.1-4, 9-11). Meu objetivo de vida, daqui para a frente, é confiar em Cristo, obedecer-lhe,

amá-lo, exaltá-lo, adorá-lo e fortalecer-me nele (2Co 12.9; Fp 4.13; Cl 1.11; 1Tm 1.12; 2Tm 4.17), alegrar-me nele (Fp 3.1; 4.4), render-lhe graças, perseverar nele (Jo 15.4-7) e esperar o dia em que Cristo voltará para levar-me ao lar com ele (Jo 14.1-3; Fp 1.23; 2Co 5.6-8). Sei que Cristo vê seus discípulos como seus amigos (Jo 15.15). Tenho de mostrar minha gratidão por este maravilhoso privilégio de ter amizade com o Rei e Senhor do mundo. Preciso honrá-lo e glorificá-lo de todas as maneiras possíveis.

De fato, meu foco no Filho não deve levar-me a esquecer, ou ignorar, o Pai e o Espírito, pois, em agindo assim, posso vir a ser chamado de “Jesuslatra” (aquele que adora a Jesus de uma maneira falsa à visão bíblica de Deus). Do mesmo modo, no entanto, não posso me concentrar no Pai e/ou no Espírito de modo a deixar de voltar meus olhos para a glória única do Filho, como o Pai e o Espírito querem que eu faça (Jo 5.23; 16.14). Ambos os erros foram cometidos no passado, e ainda estão sendo cometidos em algumas instituições. Tenho de evitá-los; do contrário, estarei entristecendo o meu Deus e matando a minha alma.

Salvação e Santidade

O nosso alvo constante, entretanto, deve ser a exaltação de Cristo por meio da adoração, do testemunho e da obra, como o foco principal de nosso engrandecimento do Deus Trino. Não alcançar este alvo significa desviar-se da estrada da santidade, pois uma vida de compromisso, zelo e renovação diária de glorificação ao Senhor Jesus é a base da santidade. Não há santidade sem um coração centrado em Cristo, que o busca, que o serve e que o adora. E o plano da salvação exige que coloquemos o nosso coração dentro desta moldura e o mantenhamos ali.

Como podemos fazer isto? É muito mais fácil falar do que fazer! Algo que ajuda é pensar sempre na cruz. Charles Wesley fala a respeito com propriedade:

Olhe para ele, vocês que passam por ele,
O ensangüentado Príncipe da vida e da paz!
Venham, pecadores, ver o seu Criador morrer,
E digam: já houve dor igual a esta?
Venham, sintamos juntos o derramar do seu sangue:
Meu Senhor, meu Amor, está crucificado.
Então, deixe que nos sentemos aos pés da cruz.
E, alegremente, partilhemos do fluir curador.
Todas as coisas para ele não passam de perdas,
E entregar todo o nosso coração a Ele.

Nada mais pensar ou falar, senão:
Meu Senhor, meu Amor, está crucificado.

Outra coisa que ajuda é imergir constantemente a alma nos quatro evangelhos, onde a majestade e a beleza de Jesus são projetadas com um poder fulgurante. (Por que não fazer mais uso dos evangelhos do que fazemos?) Uma terceira ajuda é usar um bom hinário nos momentos de oração, além, naturalmente, do próprio hinário de Deus, o livro de Salmos. Nos hinários que conheço, quase a metade dos hinos expressa claramente o louvor e amor por Jesus. Introduzi-los nas minhas orações (um hábito que aprendi com os metodistas wesleyanos) move o meu coração na direção desejada. O amor aos grandes hinos, especialmente àqueles de homens como os irmãos Wesley, Isaac Watts e John Newton (autor de “Maravilhosa Graça”), surte muitos efeitos bons, e o zelo pela glória de Cristo que você percebe neles é uma das maiores ajudas que conheço na busca da santidade.

VIVENDO NATURALMENTE COMO UM FILHO DE DEUS

Quarto, devo aprender, com este plano de salvação, *a ser natural na maneira de viver a minha vida*.

O que significa agir naturalmente? A questão é mais sutil do que parece ser a princípio. Certa ocasião, os membros do meu grupo de comunhão na universidade concordaram em partilhar, um de cada vez, seus principais interesses pessoais com o restante do grupo. Um dos colegas procurou ensinar-nos religiosamente os primeiros passos de dança. Sentamo-nos no chão e ele nos disse que assim que a música começasse a tocar, deveríamos mover braços e pernas de uma maneira que parecesse uma resposta natural à música. Logo, todos estavam se torcendo e retorcendo como serpentes saindo de dentro de um cesto ao som da flauta de um encantador de serpentes – todos, menos eu.

O que estava acontecendo? Bem, a música nunca me estimulou a fazer outra coisa senão parar o que estava fazendo e ouvi-la, como o convidado do casamento de Coleridge, a quem o Antigo Marujo parou para que ouvisse, calmamente, a sua história do albatroz. Quando criança, eu me irritava quando tinha de marchar ao som da música na escola e correr ao redor das cadeiras nas festas enquanto a música tocava, em vez de poder ficar quieto e ouvir sem distração. Quando adulto, sempre tinha a impressão de que dançar uma música era uma forma de desrespeitá-la. Acho que isto ajuda a explicar por que nunca consegui dançar (ainda hoje não consigo). Voltando ao grupo, ali estava eu, sentado carrancudo

como um pateta, vendo meus colegas de sala vibrarem da cintura para cima e baterem as mãos e em determinados momentos, levantarem-se e pularem. Nada ocorria-me para fazer, por isso, eu nada fazia. Será que eu estava mostrando desinteresse pelo instrutor ou pela atividade? Não mesmo. Agindo de um modo que minha esposa (que gosta de dançar) talvez descreveria como o mais antinatural possível, eu estava sendo “natural” do modo natural que me é peculiar. Ser natural não é uma questão de fazer o que se espera, ou o que os outros estão fazendo. É uma questão de fazer, ou não fazer, o que sugere a sua própria natureza interior.

Agora, que tipo de atitude é natural para o filho de Deus?

A Natureza Cristã

Uma linha de ensino largamente difundida, mas enganosa, afirma que os cristãos tem duas naturezas: uma antiga e outra nova. Eles devem obedecer à última, ao mesmo tempo que negam a primeira. Às vezes, esta questão é ilustrada tomando-se como exemplo dois cachorros: um é alimentado e o outro morre de fome. O equívoco aqui não é a lembrança de que somos chamados para a santidade e não para o pecado, mas que a idéia de “natureza” não está sendo usada como ela o é na vida e nas Escrituras (por exemplo, Rm 2.14; Ef 2.3). A questão é que “natureza” significa a totalidade do que somos que, por sua vez, é expressada nas várias ações e reações que formam a nossa vida. Ver as duas “naturezas”, dois conjuntos distintos de desejos, sendo que nenhum deles domina a minha vida a menos que eu permita, é irreal e estranho, porque tal entendimento omite muito do que realmente acontece dentro de mim.

Como já vimos, a coisa mais clara e correta a dizer é: nascemos pecadores por natureza, dominados e controlados desde o princípio – e na maior parte do tempo, inconscientemente – por motivos e desejos egoístas, que servem e idolatram a nós mesmos. Estar unido a Cristo no novo nascimento por meio da obra regeneradora do Espírito mudou tanto a nossa natureza que o desejo mais profundo do nosso coração (a paixão dominante que nos controla e nos direciona neste momento) é uma reprodução fraca, porém real, do desejo que dirigiu o nosso Senhor Jesus, que foi o desejo de conhecer, confiar, amar, obedecer, servir, agradecer, honrar, glorificar e alegrar seu Pai celestial – um desejo por Deus, e mais por ele do que já se experimenta até o momento, caracterizado por várias facetas e níveis.

O foco deste desejo em Jesus era seu Pai, ao passo que nos cristãos, é o Pai e o Filho (e especialmente o último). Mas a natureza do desejo é a mesma. O modo

natural de vida dos cristãos é deixar este desejo determinar e controlar o que eles fazem, de modo que a concretização do anseio de buscar, conhecer e amar o Senhor se torne o principal objetivo de sua vida.

Augustus Toplady, um dos pioneiros do reavivamento evangélico da Inglaterra no século 18, mostrou ter entendido esta verdade ao escrever:

O objeto do meu maior desejo,
Jesus, crucificado por mim;
Tudo que a alegria aspira
É somente encontrado em ti.
Louvá-lo e conhecê-lo
É minha alegria aqui na terra.
Vê-lo e amá-lo
Será minha alegria no céu.

Enquanto sinto o teu amor por mim,
Tudo em mim abunda em alegria;
Que eu possa sempre caminhar contigo,
Do contrário, esta alegria não tem valor.
Permita-me ter somente em ti,
A soma total da felicidade:
Provarei então da paz perfeita,
No céu aqui embaixo e no céu aí em cima.

A primeira grande verdade que emerge desta poesia, como Toplady indica, é que “o caminhar com Cristo”, no caminho do discipulado santo, é o tipo de vida que o coração do cristão deveria buscar. A partir daí segue a segunda grande verdade de que obedecer aos convites do pecado interior (o pecado que ainda se faz presente na vida do cristão, embora não domine mais o seu coração) não é o que os cristãos realmente querem fazer, pois pecar é algo completamente contrário à sua natureza.

Por que então ainda cometemos pecados – sem mencionar o hábito que criamos de cometer pecados, como notoriamente às vezes fazemos? Sem dúvida, em parte porque deixamos de reconhecer o pecado pelo que ele é, por ignorarmos os padrões divinos. Em parte, também, porque cedemos diante do convite importuno da tentação, abrindo-lhe o caminho, embora saibamos que não devemos e não precisamos disso. Contudo, em parte também porque nos deixamos enganar, supondo que sucumbir a este ou àquele desejo incomum –

por comida, bebida, prazer, conforto, ganho, avanço ou seja o que for – é o que realmente desejamos fazer.

Freqüentemente, parece que os cristãos não estão suficientemente em harmonia consigo mesmos. Não se conhecem suficientemente bem para entender que, em razão da maneira pela qual a sua natureza foi transformada, seu coração ajusta-se para agir contra qualquer pecado que se conheça. Por isso, eles se agarram firme aos padrões escusos de moral e falta de espiritualidade, e enganam-se a si mesmos dizendo que isto dá mais alegria à vida. Encorajados por Satanás, o grande mestre do engano, sentem que abandonar tais coisas causaria uma dor e empobrecimento insuportáveis (sentimentos como estes são, naturalmente, negligentes e cegos); embora saibam que deveriam fazê-lo, eles não o fazem. Em vez disso, eles se contentam em ser cristãos de segunda categoria, imaginando que assim serão mais felizes. Então são forçados a se perguntar por que a vida parece ter-se tornado estagnada e vazia.

A verdade é que eles estão agindo de uma forma radicalmente artificial, o que representa uma profunda violência contra a sua natureza transformada. Em fazendo o que pensam gostar, eles estão, na verdade, fazendo o que seu coração renovado – se lhe fosse dada a chance de falar – diria ser uma atitude que causa imensa tristeza, não apenas porque traz culpa e vergonha diante de Deus, mas, fundamentalmente, por ser repulsiva à mentalidade regenerada. O coração regenerado não pode amar o que se sabe que Deus abomina. Portanto, esses cristãos estão agindo contra a sua própria natureza, ocupando-se em atividades contra as quais a sua natureza interior se revolta. Essa atitude sempre é um mau remédio, que produz tristeza, tensão e descontentamento, senão coisas piores.

Falhas Morais

Existe um termo respeitável usado entre os cristãos para descrever esta condição: *falhas morais*. O profeta Jeremias sempre recorre a ele (Jr 2.19; 3.22; 5.6; 14.7; 15.6). A primeira destas passagens é particularmente pertinente à nossa presente discussão. Nela, Deus diz, por intermédio de seu profeta: “A tua malícia te castigará, e as tuas infidelidades te repreenderão; sabe, pois, e vê que mau e quão amargo é deixares o Senhor, teu Deus, e não teres temor de mim, diz o Senhor, o Senhor dos Exércitos”.

Há trezentos anos, Matthew Henry, comentarista puritano, mencionou as implicações destas palavras nos seguintes termos:

“Observe aqui (1) a natureza do pecado: é o esquecimento do Senhor como o nosso Deus; é a alienação da alma de sua presença e uma aversão por Ele. A adesão ao pecado implica em deixar a Deus. (2) a causa do pecado: acontece porque o temor do Senhor não existe em nós... Os homens esquecem os seus deveres para com Deus porque não têm uma postura de temor perante o Senhor, nem medo de desagradá-lo. (3) a malignidade do pecado: é algo ruim e cruel... um mal que é a raiz e causa de todos os outros males... Não é somente a maior contrariedade da natureza divina, mas a maior corrupção da natureza humana... (4) as conseqüências fatais do pecado: uma vez que o pecado é, em sua natureza, algo ruim e cruel, logo ele tem a tendência direta de fazer-nos miseráveis... [Ele] certamente lhe trará problemas; o castigo é a conseqüência inevitável que segue o pecado, já que diz-se que o próprio pecado lhe punirá... e a justiça da punição será tão evidente que não lhe restará uma palavra a seu favor... (5) o uso e aplicação de tudo o que foi dito: “saiba, portanto (considere, então), e veja, e então se arrependa dos seus pecados, para que a iniquidade... não venha a ser a sua ruína”.

Portanto, a falta de naturalidade nas falhas morais deve sempre ser evitada, tanto porque leva nosso Santo Pai celestial a nos disciplinar e corrigir de uma forma punitiva (como explica Hb 12.5-10), como porque, em algum momento e em alguma medida, a amargura e miséria são os seus últimos e inescapáveis frutos. Devemos perceber que todo pecado, tanto na vida cristã quanto em qualquer outra área, tem em si a natureza da loucura suicida e do empobrecimento. Enxergar isto, e conseqüentemente comprometer-se em seguir o próprio coração na vereda do chamado e o comando divino, o mais firme e rápido possível, é a base direcional da santidade. Uma vez que este é o caminho mais natural a ser seguido por um cristão, ele constitui-se em uma esperança de profunda alegria – a alegria do coração, aqui e agora, que, do contrário, jamais pode ser alcançada.

Santidade que Apraz

Um paradoxo da santidade cristã que impressiona os não-cristãos é que, apesar de as privações descritas por Jesus como sendo a auto-negação, o tomar a cruz, o cortar um pé ou uma mão, o perder um olho, o trocar a riqueza e a segurança pela pobreza, e alguma dor resultante de perseguição, a santidade é, na essência, algo prazeroso. Agora veremos por que as coisas são assim. Nem a auto-imolação sombria, nem a postura farisaica, são sinônimos de vida santa. A verdadeira santidade é uma questão prazerosa de seguir o próprio coração no

pensar, planejar e praticar a oração, o que vem com maior naturalidade no nível do coração – a saber, louvar a Deus, bem como amá-lo e servir a ele e aos outros, como já vimos. Enquanto a disposição do mundo toma a forma da auto-indulgência sem Deus, a disposição do cristão toma a forma da santidade cristã. Esta é a quarta verdade que o plano da salvação requer que eu aprenda com a mente e, conseqüentemente, viva com o coração.

Assim chegamos ao fim desta longa análise, na qual temos nos posicionado no plano da salvação de Deus. Podemos ver que os quatro fundamentos da vida santa são: (1) a adoração de Deus por sua grandeza; (2) a gratidão pela graça que salva; (3) o zelo em exaltar Jesus como “meu Senhor e amigo”, como o chamam alguns hinos e (4) a busca sincera de Deus e da pureza de acordo com o desejo natural do coração regenerado. Estas são as primeiras lições que precisamos aprender na escola da santidade cristã. Lições que precisam ser constantemente lembradas, uma que, com muita facilidade, fogem da nossa mente e coração. No entanto, são lições básicas. É a partir delas que temos de prosseguir e, onde ainda não foram aprendidas até certo ponto, a santidade não começou a se formar em nós de acordo com o intento de Deus. Assim, começamos aqui! Você ainda está comigo? Espero que sim. Vamos adiante.

Capítulo 4

UMA VISÃO PANORÂMICA DA SANTIDADE

O Senhor é a minha porção; eu disse que guardaria as tuas palavras. Imploro de todo o coração a tua graça; compadece-te de mim, segundo a tua palavra. Considero os meus caminhos e volto os meus passos para os teus testemunhos. Apresso-me, não me detenho, em guardar os teus mandamentos. Sl 119.57-60

Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve. Mt 11.29,30

O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, o qual também o fará. 1Ts 5.23,24

O QUADRO SE DESCORTINA

Uma das melhores experiências da vida é subir ao pico de uma montanha. Enquanto esforça-se por subir, você tem a impressão de que as encostas da montanha se fecham sobre você, como se o desafiassem a passar por elas. Ao final, no entanto, você chega ao topo e, de repente (normalmente o que acontece quando você dá mais uns dois ou três passos, é repentino), uma paisagem completamente nova se abre diante dos seus olhos. Você pára, contempla, talvez respire com dificuldade e, certamente, fica extasiado.

Lembro-me de dois lugares no País de Gales onde a experiência de subir até o topo da montanha sempre me encantou. Uma vez que existem desfiladeiros por todo o mundo, espero que quase todos os meus leitores já tenham tido esta experiência alguma vez. Ofegante com a subida, você fica sorvendo a maravilhosa vista, girando os olhos de um lado para outro, para ter certeza de que está realmente vendo tudo que está à sua frente. O prazer resultante daquilo que você está vendo revigora suas energias para a próxima etapa da caminhada.

Para os leitores que caminharam comigo até aqui, quero anunciar a grande notícia de que já chegamos à cabeça do desfiladeiro. O cenário da santidade está, neste momento, bem diante de nossos olhos.

O que farei até o final deste livro será simplesmente aperfeiçoar o foco sobre alguns aspectos particulares do panorama que você já pode ver, creio eu, pelo menos em esboço. Alguns desses focos, sem dúvida, ainda estão distantes do ponto onde estamos agora – o que significa que será necessário um binóculo para que possamos examiná-los. Contudo, não há problema. Minha esposa, que é uma atenta observadora de pássaros, constantemente usa um binóculo para aproximar os pássaros de sua linha de visão. Ela gosta de passá-lo para mim para que eu também os veja. De agora em diante, tentarei fazer o mesmo com relação à santidade. Eu lhes convido a olhar pelo meu binóculo, uma série de assuntos particulares que pretendo trazer para perto de sua mente e coração.

Verdades Básicas

Isto nos ajudará, no entanto, se primeiramente observarmos algumas verdades básicas para a definição de etapas que surgiram a partir de dicas e sugestões (e, na maioria, de declarações explícitas) pelo menos durante a nossa caminhada destino ao ponto vantajoso no qual agora chegamos.

Vimos, para começar, que a santidade é o chamado de todo cristão. Não é uma opção, mas uma exigência. Deus quer que seus filhos vivam de acordo com os seus padrões e lhe dêem o devido crédito aos olhos observadores do mundo. Assim, ele explicitamente nos diz: “Sede santos, porque eu sou santo” (1Pe 1.16). A santidade pessoal, conseqüentemente, é um assunto que diz respeito a todo cristão, sem exceção. “Realmente espero ser muito parecido com Jesus Cristo para que os outros saibam de uma vez por todas e sem confusão que eu sou um cristão.”¹ Cada um de nós deve considerar a oportunidade de ir à escola com Jesus, nosso Senhor, para aprender a praticar a santidade.

Observamos que a santidade é, basicamente, um relacionamento com Deus, que ele mesmo graciosamente nos concede. É um relacionamento estabelecido pela nossa justificação (o ato divino definitivo de Deus de nos perdoar e aceitar): com isso, ele nos toma, ou melhor, nos retoma, como sua propriedade, por meio da mediação salvadora de nosso Senhor Jesus Cristo, e assim nos separa para si. Neste sentido, santidade ou santificação é sempre, somente e inteiramente o dom gratuito de Deus. É um dos aspectos da novidade de vida efetuado pela união com Cristo.

Os cristãos são posicionalmente santos (separados por Deus para si) e comissionados do “ide”. Sua obrigação de praticar a santidade moral e espiritual em uma base diária deriva-se desse fato. Separar-nos para Deus, nossa separação intencional do mundo, da carne e do diabo, é a resposta adequada que damos – nossa única resposta certa – ao reconhecimento de que Deus já nos chamou por direito de redenção. Ele nos dá o seu Espírito como uma promessa e antecipação da glória. “Acaso não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1Co 6.19,20). “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção” (Ef 4.30).

Também vimos que a santidade de vida não é precisamente uma realização humana, embora muito dela exija um esforço humano. É uma obra do Espírito Santo, que inspira e dá força ao homem como parte de seu esforço. É uma supernaturalização de nossa vida natural, uma questão de tornar-se e, assim, ser o que somos como novas criaturas em Cristo – viver em termos de comportamento, o que Deus está fazendo para nos transformar. Não nos santificamos a nós mesmos. Pelo contrário, reconhecemos conscientemente que longe de Cristo nada podemos fazer (Jo 15.6) e dependemos piamente dele para fazer tudo que sabemos que devemos fazer. Isso é uma condição *sine qua non* da vida santa. A autoconfiança não é o caminho da santidade, mas sua negação. Ela é, diante das tentações e pressões conflituosas, uma garantia certa de que algum tipo de falha moral virá adiante.

Vimos, em tudo isto, que a santidade envolve os dois aspectos relacionados, porém distintos, da existência cristã rotulados hoje em dia como espiritualidade e ética. Espiritualidade inclui tudo que tem a ver com a implementação da comunhão do cristão com Deus – meditação, oração, adoração, autodisciplina, uso dos meios da graça, exercício da fé, esperança e amor, manter a pureza, paz e paciência, buscar e servir a Deus em todos os relacionamentos e render graças e glória

a Deus. Ética abrange a delineação dos padrões de Deus, a determinação de sua vontade revelada e o desenvolvimento e evidência daquelas qualidades de caráter que constituem a imagem de Deus em nós, que fomos criados para refletir a sua imagem.

A espiritualidade sem ética se corrompe tornando-se moralmente insensível e antinomiana, mais interessada em perceber a presença de Deus do que em guardar a sua lei. A ética sem espiritualidade se corrompe tornando-se mecânica, formalista, orgulhosa e carnal. Ela segue os fariseus em desempenhar o papel do farisaísmo e esquecer que a santidade requer a humildade de coração. A santidade é um arco que se apóia na espiritualidade e na ética como suas duas colunas, e sucumbe no momento em que uma dessas colunas cai.

Além disso, vimos que a santidade é a imitação de Cristo em suas virtudes de amor a Deus e à humanidade, confiança na bondade do Pai, aceitação de sua vontade, submissão à sua providência e zelo por sua honra e glória. Escreve Stephen Neill:

“Somos basicamente confrontados com a mesma situação deparada por Jesus – a tentação de escolher o caminho mais fácil em vez do mais difícil; as exigências da vida diária em um mundo extremamente material; as exigências importunas dos familiares que, às vezes, se posicionam contra as exigências de Deus; a amargura dos mal-entendidos e da hostilidade; a simples alegria da amizade e do companheirismo. Como um homem deve agir em todas estas situações? Não existem regras que abarquem todas elas. Mas há uma vida que, de fato, foi vivida, e (...) um dos componentes essenciais da santidade do cristão é uma contemplação paciente e constante de Jesus uma vez que ele viveu na plenitude e simplicidade de sua vida humana.”²

Santidade, em parte, significa moldar cuidadosa e espiritualmente nossas atitudes e respostas às pressões de acordo com as de Jesus. “Em meu coração, quero ser como Jesus” são as palavras de um clássico sobre espiritualidade, e a verdadeira santidade sempre deseja isto.

Integridade Pessoal

Vimos, finalmente, que a santidade pessoal é também integridade pessoal – a constante reintegração de nossa personalidade desintegrada e desordenada uma vez que buscamos alcançar o nosso alvo de ser sinceramente como Jesus; o crescente domínio de nossa vida que acontece quando aprendemos a devolvê-lo

para Deus e para os outros; a profunda alegria de ver algo de valor até nas atividades mais tediosas e mundanas quando realizadas para a glória de Deus e para o bem de outras pessoas; e a paz que brota da descoberta de que, mesmo irritados com as falhas, podemos lidar com nossos fracassos – podemos falhar, como disseram alguns com ousadia – porque vivemos o tempo todo sendo perdoados, e não nos é cobrado, em qualquer estágio, viver de outra forma.

Também existe a esperança, no sentido de saber que se está destinado, aqui e na vida futura, em ver mais da glória de Deus em Cristo do que se viu até aqui. Esta é parte da santa integridade do cristão. Robert Louis Stevenson disse que viajar com esperança é melhor do que chegar, como se a chegada fosse sempre um anticlímax uma vez que o destino frustra as esperanças. Contudo, o cristão viaja cheio de esperança na confiança de chegar a um destino que será incessantemente maravilhoso e terá um belo clímax em todos os aspectos, de modo que, por mais que seja boa a esperançosa viagem, a chegada será ainda melhor. Cuidar desta esperança quando a jornada se torna difícil tem um efeito integrativo e hilariante que é simplesmente glorioso (não cabe aqui nenhuma outra palavra). Em todas estas perspectivas, a santidade parece ser a verdadeira saúde e realização do ser humano na sua individualidade.

Em um de meus primeiros livros, mencionei sete princípios sobre a santidade:

1. A natureza da santidade é a transformação por meio da consagração.
2. O contexto da santidade é a justificação por intermédio de Jesus Cristo.
3. A base da santidade é a co-crucificação e co-ressurreição com Jesus Cristo.
4. O agente da santidade é o Espírito Santo.
5. A experiência da santidade é a de um conflito.
6. A regra da santidade é a lei revelada de Deus.
7. O coração da santidade é o espírito de amor.³

Pelo que já foi dito até aqui, todas estas verdades estão diante de nós. É dentro deste quadro de referência que prosseguiremos agora.

VIVENDO UMA VIDA SANTA

Uma vez que a paisagem da santidade se abre diante de nós, a questão prática “Então, o que temos de fazer?” se torna mais nítida e mais urgente. Sabemos que somos justificados pela fé em Cristo, adotados para a família real de Deus, unidos com Cristo, regenerados, selados e que nos tornamos habitação do Espírito Santo.

Sabemos que Deus está operando em nós, santificando-nos, transformando-nos à semelhança de Cristo de glória em glória (Deus revelando-se a nós) e fortalecendo-nos para que realizemos obras de amor e obediência. Sabemos que fomos chamados para cooperar com o que Deus está realizando em nossa vida. O que de um ponto-de-vista é a nossa cooperação com o processo é, de outro, uma parte do próprio processo.

Que forma, então, a nossa cooperação deveria assumir? Como devemos “desenvolver” a nossa salvação (expressá-la, exibi-la e desenvolvê-la) com o devido “temor e tremor” (deslumbre e reverência na presença de Deus – *sem pânico* ou inquietação em nosso coração!)? Qual a importância de lembrar que “Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade” (Fp 2.13)? Deus diz: “Sede santos”, e isso, como vimos, é uma convocação à obediência – uma consagração à obra de Deus em conformidade com os seus padrões. Mas, em termos práticos, o que isso significa? O que temos de fazer?

Dois Extremos

A Bíblia e a experiência nos alertam que neste ponto temos de direcionar nosso percurso por entre dois opostos extremamente desastrosos. Por um lado, existe a hipocrisia legalista do farisaísmo (ações exteriores para indicar a realização da obra de Deus que procedem de motivos interiores para servir-se a si mesmo) e, por outro, existe o idiotismo antinomiano que prega o amor e a liberdade, esquecendo que a lei dada por Deus continua sendo o padrão de uma vida que o honra. Tanto o farisaísmo como o antinomianismo são prejudiciais. A Bíblia e a experiência nos alertam que todos os cristãos sempre estão mais fracos, frágeis, tolos, confusos e mais vulneráveis às tentações do que imaginam. Nenhum de nós escapa às atenções do diabo – aquele ladrão malicioso que constantemente manipula as atrações do mundo e da carne para nos rebaixar o máximo que puder. Como, então, em face de tudo isto, devemos conceber, descrever e viver uma vida santa? Nosso grande e privilegiado chamado é fazer a vontade de Deus no poder divino e para a glória de Deus. Como esse chamado pode ser obedecido quando a vida é tão cheia de armadilhas, perigos e caminhos enganosos?

Para entender esta questão, imagine a prescrição de uma dieta – aqueles produtos intimidadores do conhecimento moderno sobre proteínas, gorduras, carboidratos, vitaminas, calorias, colesterol, metabolismo e sei lá mais o quê. O fato notável sobre as prescrições de dietas é que existem muitas delas. O mundo ocidental está cheio de prescrições dietéticas, todas feitas para regular a ingestão

de alimentos de uma pessoa de modo a produzir um efeito físico desejado, como perda ou ganho de peso, ou aumento de energia. Além de prescrições dietéticas diferentes para diversas necessidades do corpo, existem outras para o tratamento das mesmas condições, como tantas rotas alternativas para um único destino. Para a perda de peso, em particular, existem muitas dietas diferentes a serem testadas, e me atrevo a dizer que todas têm algum mérito. Mas de uma coisa tenho certeza: sendo o que é a natureza humana, cada uma dessas dietas tem um grupo de apoio que a vê como o único método sensato para supostos redutores de peso. Esse grupo sustenta a idéia de que a dieta que segue funcionará para todos e que nenhuma outra dieta será melhor, assim, desvaloriza as outras prescrições dietéticas a fim de promover a sua.

É da natureza humana ser exclusiva, desconsiderar alternativas, reivindicar primazia para qualquer coisa que nos beneficia pessoalmente, levantar suspeitas e ser reservada em relação a outras formas recomendadas para produção do mesmo resultado. Não peço que decida se este conceito é virtuoso ou vicioso, sensível ou tolo (ele pode ser um pouco de cada um, mas não se preocupe com isto agora). Peço simplesmente que você observe que isto é um fato. Os suspeitos defensores das várias alternativas dietéticas estão aí para provar esta verdade. O mesmo se aplica aos defensores de várias rotinas para uma vida santa, que é a questão que nos preocupa no momento.

Dois Caminhos

Quase nos dois mil anos de sua história, os cristãos que conhecem seu papel (sempre alguns, às vezes muitos) vêm procurando viver uma vida santa no poder e para a glória do seu trino Deus e Salvador. Eles viram que a vida cristã se caracteriza por dois caminhos, e não apenas um. Perceberam que ao longo do caminho externo, que vai do berço à sepultura, que os filósofos chamam de mundo externo, existe um caminho interno para o conhecimento de Deus e de Cristo que eles necessitam trilhar também. Identificaram este segundo caminho como a primeira etapa de uma eternidade de amor e adoração, serviço e alegria. Também concluíram que a vida exterior de amor ao próximo e a vida interior de amor a Deus caminham juntas, de modo que se houver falha em uma delas, sem dúvida, a outra enfraquecerá.

No decorrer dos séculos, estes cristãos nascidos de novo (pois é o que eles foram, mesmo quando não usavam estas palavras e quando os detalhes de suas crenças apresentavam imperfeições) trilharam o caminho interior de formas que.

embora relacionadas no nível de base, diferiam em outros níveis. Uma vez que cada indivíduo é diferente do outro, não é possível encontrar dois casamentos iguais, e, da mesma forma, não existe uma vida de comunhão com Deus que seja semelhante a uma outra. Todo cristão deve achar seu próprio caminho neste relacionamento, com possível ajuda de amigos, pastores e daqueles que, desde o século 17, foram chamados de “conselheiros espirituais” (hoje muitas vezes conhecidos como “amigos do peito”).⁴ Parte da História, no entanto, é que os diferentes caminhos existem como tradições que se desenvolveram em relativo isolamento entre si – protestantes isolados de católicos, Ocidente do Oriente, luteranos de calvinistas, wesleyanos de reformadores, os orientados em termos místicos dos eticamente centrados, os socialmente alertas dos individualistas, carismáticos de tradicionais, e assim por diante. Isto explica a existência de uma série de caminhos prescritos de santidade que se complementam e se enriquecem mutuamente (se quiser, chame a todos eles de prescrições de dietas e exercícios espirituais), mas que nos são apresentados como sendo completos e auto-suficientes, além de a insinuação de que nenhuma das fórmulas realmente funciona, salvo aquela que se está tentando vender. Em conseqüência, surgem conselheiros na vida espiritual que regularmente omitem fatos que seriam úteis para seus ouvintes apenas porque esses fatos estão ancorados em outra tradição. É uma triste guerra de interesses, que estreita o entendimento daqueles que se dispõem a isso e atormenta os que não partem para esse caminho.

Como um dos que não aceitam essa idéia, apresento agora uma lista com seis caracterizações diferentes em termos de foco de uma vida em santidade – esta vida humilde, amorosa, paciente e de imitação de Cristo, na qual os pensamentos e desejos, o coração e as mãos, os motivos e atitudes, são ligados e integrados como deveriam ser. Elas procedem de fontes e épocas diferentes. Cada uma delas, de tempos em tempos, foi tratada como sendo auto-suficiente. Ficará evidente, pela maneira como as apresento, que acredito que elas caminhem juntas, uma vez que o ímpeto de cada uma é parte da verdade como um todo. Que o leitor julgue por si mesmo.

SANTIDADE COMO O REDIRECIONAMENTO DO DESEJO

Desejo é o estado do “eu quero” da consciência. Nesta linha de ensino (que nos remonta, pelo menos, aos dias de Orígenes, no século 3º, Agostinho, no 5º, e Gregório, o Grande, no 6º), a santidade é vista em primeiro lugar como o afastamento do desejo das coisas criadas para voltar-se ao Criador, por intermédio de

Cristo, para expressão e satisfação na – e por meio da – oração centrada em Deus. Mesmo entendendo a importância da vida exterior de justiça, integridade e amor ao próximo, a vida interior de oração, de um coração puro, é considerada (o que, sem dúvida, é certo) algo muito mais importante. Deus chama seus filhos para que lhe entreguem o coração. Descobrir sua plenitude de vida, aqui e agora, no relacionamento de amor, conhecimento e regozijo com Deus será uma antecipação de sua vida no céu. A oração é, assim, o primeiro item na vida de santidade. Na realidade, apenas à medida que a oração for a respiração, a batida do coração e a fonte de energia no íntimo de uma pessoa é que se pode dizer que ela está vivendo uma vida de santidade.

Alcançar e manter uma vida constante de oração e centrada em Deus é uma luta. Os cristãos se encontram em um conflito constante com o Diabo e suas hostes, que, por permissão de Deus, tentam fazer com que pequemos e nos desviemos da obediência com o intuito de obstruir e destruir a santidade em nossa vida interior. A oração sincera brota apenas de um coração sincero, que luta contra o pecado e se examina regularmente para não se enganar. Assim, a essência da estratégia de Satanás é impedir-nos de ter um coração sincero. (Ele não está preocupado com o fato de o nosso comportamento ser irrepreensível aos olhos dos homens contanto que o nosso coração não seja sincero diante de Deus; a absorção e o comodismo do orgulho de nossas fantasias e motivações é tudo que ele precisa para alcançar os seus objetivos.) Deus permite que sejamos, portanto, infiltrados e parcialmente assaltados, para que, pelo menos, possamos estar fortalecidos, aperfeiçoados e ancorados nele de maneira mais profunda, pela experiência de lutar na sua força. Este é o verdadeiro significado do conceito de batalha espiritual (Ef 6.10-20).

Desejar a Deus

O ensino em análise afirma que desejar e contemplar o nosso Salvador e Deus na reciprocidade do amor é a atividade mais importante e nobre da vida. No desenvolvimento desse pensamento, são feitas duas afirmações: primeira, os cristãos freqüentemente perdem a alegria deste relacionamento por sua própria negligência e preocupação com outras coisas; segunda, Deus às vezes não nos deixa sentir a sua presença e amor, que nos concede em outras ocasiões, para nos ensinar lições sobre paciência e pureza de coração que, do contrário, não aprenderíamos. Uma diversidade de abordagens foram desenvolvidas com o objetivo de articular estas verdades. Vamos observar rapidamente algumas delas.

A importância de se distanciar do que deseja o coração tem sido frequentemente expressada em termos de retirar-se para o “deserto” de solidão, onde os desejos são purificados. O mesmo ponto foi observado no Ocidente por meio do direcionamento dos cristãos à renúncia de todas as distrações que se sobrepõem ao “cone” ou “ápice” de sua alma, e, no Oriente, mediante a exigência da “*apathia*” (que não significa impassibilidade interior, mas o domínio próprio que redireciona a paixão para a busca de Deus). Agostinho, Bernardo e Thomas à Kempis; católicos romanos, como Inácio de Loyola e Francisco de Sales; e puritanos, como Richard Sibbes, Richard Baxter, Thomas Goodwin e John Owen, com muitos outros antes e depois deles, mapearam os caminhos do pensamento e da oração que separam o desejo do apelo magnético deste mundo para atrelá-lo mais firmemente a Deus, em Cristo.

Por um lado, o relacionamento entre a meditação verbal e a petição, e, por outro, a contemplação e o entregar-se pós – e não – verbal ao Senhor, a quem se conhece, confia e ama, foi explorado por mestres do “casamento espiritual”, que desenvolveram a analogia da linguagem e comunhão do amor entre os sexos e a aplicaram ao relacionamento de uma pessoa com Deus. Na mesma relação, os cistercienses, franciscanos e outros enfatizaram as ligações entre a contemplação amorosa de Deus e a ação compassiva entre homens e mulheres, enquanto Jonathan Edwards, em seu livro *Tratado sobre a Compaixão Religiosa*, estabelece testes que mostram se sentimentos fortes em um contexto de devoção são ou não autenticamente espirituais (resultantes da obra do Espírito Santo no coração). Toda esta instrução procura, de qualquer forma, indicar o caminho que conduz àquela satisfação em Deus, que é o supremo valor e glória da vida.

Desejos Frustrados

Outras apresentações clássicas foram feitas sobre o uso de Deus da disciplina de indiferença e do desejo temporariamente frustrado como uma maneira de fortalecer a vida interior de seus servos. Teresa de Ávila e João da Cruz descreveram etapas ou fases diferentes na vida de oração, incluindo as “trevas da alma” que podem preceder a alegria da união observada com Deus. O ensino dos puritanos sobre o “abandono espiritual” foi substancialmente o mesmo que o apresentado pelos dois místicos espanhóis que acabamos de citar. John Wesley formulou um relato de dois níveis da vida interior no qual, pela agonia e busca da bênção do “perfeito amor” que vem após a conversão”, o coração do cristão é totalmente

purificado do pecado e preenchido por uma paixão amorosa e completamente profunda por Deus e pelo próximo.

As variações deste tema da “segunda bênção” (conceitos de plena santificação, coração limpo, batismo no Espírito, plenitude do Espírito e erradicação do pecado) influenciaram bastante o protestantismo popular e, mais recentemente, o movimento carismático no mundo. Ninguém precisa dar um apoio pleno à alguma destas formulações⁵ para reconhecer o modelo recorrente: Deus traz a indiferença, com uma conseqüente inquietação do coração, para induzir a um novo aprofundamento em humildade, uma esperançosa abertura para si, que ele coroa com uma reafirmação que libera e anima o seu amor – que vai além de qualquer coisa que já se sentiu. Como a humilhação e a dor de Cristo na cruz precederam sua exaltação para o gozo de seu trono, assim, repetidamente, experiências humilhantes de impotência e frustração precedem a renovação interior, com uma sensação de triunfo e glória, no coração do cristão. Em conseqüência, o nosso Pai Celestial, com uma sabedoria adaptada a cada temperamento, circunstância e necessidade do cristão, chama e traz seus filhos para mais perto de si. Pense nas palavras de Paulo e do salmista sobre este tema:

Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para conseguir Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; para o conhecer (...). (Fp 3.7-10)

Quem mais tenho eu no céu? Não há outro em quem eu me compraza na terra. Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre. (Sl 73.25,26)

Estas declarações são transcrições clássicas de um coração genuinamente santo. O redirecionamento do desejo, de modo que ele se concentre na comunhão com o Pai e o Filho, e o fortalecimento desse desejo assim redirecionado, é a verdadeira essência da santidade. Todas as formas maduras de santidade cristã, ensinadas no decorrer dos séculos, iniciaram-se aqui, vendo isto como o verdadeiro fundamento de todas as coisas na vida cristã e insistindo que o único povo verdadeiramente santo é aquele que tem paixão por Deus. Nós, hoje, temos de começar aqui também.

SANTIDADE COMO O CULTIVO DE VIRTUDES

Santidade não apenas significa desejar a Deus, mas também amar e praticar a justiça, que brota de um exercício constante de consciência para discernir o certo do errado e de um propósito ardente de fazer todo possível para agradar a Deus. Uma linha de ensino da santidade (que normalmente não recebe este nome) que origina-se na escolástica medieval e no anglicanismo pós-reforma, em particular, vê a santidade, primariamente, em termos éticos. O foco está na prática de modelos louváveis de comportamento, chamados de virtudes, que são compreendidos como bons hábitos que expressam o bom caráter.

São Tomás de Aquino definiu a santidade como a manifestação de três virtudes “teológicas” (virtudes concedidas sobrenaturalmente pelo Espírito Santo apenas aos cristãos) dentro de uma estrutura estabelecida pelas quatro virtudes “cardeais” (cardeal no sentido de fundamental, palavra latina que significa dobra) que Aristóteles já havia descrito, e que o mundo não-cristão conhece, pelo menos, até certo ponto. As virtudes teológicas são fé, esperança e amor, sendo a última a maior delas (1Co 13.13). As virtudes cardeais são prudência (sabedoria e senso comum), temperança (domínio próprio), justiça (equidade, honestidade, autenticidade, fidelidade) e firmeza (coragem e resiliência, como no filme de John Wayne, *Coragem Verdadeira*, ou como C. S. Lewis a chama: “coragem”). Essas quatro virtudes definem a maneira e o espírito do exercício da fé, esperança e amor de uma pessoa santa. Segundo afirmação, o esquema afirma que a natureza e a graça são compatíveis, a última aumentando e aperfeiçoando a primeira. O pecado é entendido como uma falta de força em vez de uma energia perversa. Os que explicam uma doutrina mais radical do pecado sentiriam-se tentados a fazer alguns ajustes neste ponto. Mas não se discute a exatidão de insistir que não existe santidade sem um comportamento moralmente correto e cuidadoso, fundamentado na estabilidade do caráter.

A visão de uma vida interior saudável que acompanha esta perspectiva, normalmente cria uma prontidão mais ordenada na busca em agradar a Deus do que o faz em experiências que envolvem comunhão e união, ou na batalha espiritual contra ataques satânicos. Os mestres nesta tradição normalmente se concentram em sensibilizar e educar consciências para que julguem o que é certo e errado, gerando a compaixão prática que percebe as necessidades dos outros e se move para fazer algo a respeito e julgando com prudência qualquer coisa que sugere que a intensidade emocional é uma medida da santidade.

As tensões facilmente se levantam entre aqueles que maximizam e minimizam o lugar dos sentimentos na questão da santidade, e entre aqueles que enfatizam

muito ou pouco as experiências particulares com Deus que surgem no caminho do cristão. Mas em termos do quadro geral, que é a nossa preocupação no momento, tudo que precisa ser dito é que o desejo por Deus, com o amor a Cristo, e a prática do bem, com amor à retidão, são componentes igualmente essenciais em uma vida santa.

SANTIDADE COMO O CUMPRIMENTO DO CHAMADO DO ESPÍRITO SANTO

Aqui entramos no mundo das impressões, impulsos, pressões internas e sugestões pessoais – um mundo onde não é fácil manter-se estável e onde muitos erros terríveis foram cometidos. Mas aqui também existe verdade, a verdade que é importante ser mostrada: a saber, a verdade da vida sobrenaturalizada em seu nível motivacional.

Durante a Reforma e o século que se seguiu, justiça foi feita à esta verdade de um modo sóbrio e profundo, porque a ligação, importante para a teologia da Reforma, entre o Espírito e a Palavra (ensinamento bíblico) foi conscientemente lembrada. O perigo de seguir supostas inspirações do Espírito que não se encaixavam com a Palavra foi completamente analisado. Calvino não foi o único a salientar a impossibilidade do Espírito no coração ir contra sua própria instrução na Palavra, e a chegar à conclusão de que o impulso que controla alguns indivíduos e grupos, que não fazem parte dos principais grupos do Cristianismo, procedia do espírito do pecado em vez do Espírito de Deus.⁶

Mas os reformadores magisteriais, e ainda mais os puritanos do século seguinte, reconheceram que, quando Deus, por intermédio do Espírito Santo, chama pecadores à fé em Cristo, o coração deles é transformado. A partir daí, o Espírito *habita* nesse coração transformado (mantém um constante relacionamento com eles que produz energia, poder, oração e comunhão com Cristo no centro do ser desses pecadores). Esta morada do Espírito se efetua não apenas para tornar a presença de Cristo uma realidade para eles, mas também para fazer que haja um crescimento da mente e da motivação de Cristo dentro deles. Isto significa, como os reformadores e puritanos viram a questão, que apenas uma resposta devotada à revelação bíblica do amor redentor e da vontade moral de Deus, uma resposta de gratidão, reverência, imaginação e criatividade, é adequada. Essa resposta visa explicitamente glorificar e agradar a Deus nas diferentes situações de vida de uma pessoa, que é algo que todo cristão profundamente deseja fazer. Esta motivação sobrenatural para amar, servir e agradar é um dos aspectos da realidade de uma vida santa.

Ensinos de Lutero

A ênfase mencionadas anteriormente, primeiro trouxe à tona os ensinamentos de Martinho Lutero. As idéias maduras de Lutero irradiavam de um único centro, como faziam os muitos aros do centro de uma roda. Ele normalmente referia-se a este centro como o conhecimento de Cristo ou, em uma etapa, a teologia da cruz. Em pelo menos uma ocasião ele o chamou de maravilhosa troca. Hoje normalmente o chamamos de justificação pela fé; no entanto, é a mesma coisa, seja qual for o rótulo que ele carregue. Portanto, podemos afirmar o seguinte: em virtude de Jesus Cristo ter carregado os nossos pecados na cruz em nosso lugar, e por meio do dom divino da fé nele e em sua obra, Deus concede o dom do presente perdão e da aceitação para que os pecadores que crêem agora estejam em paz com Deus, o santo Juiz, ainda que, de fato, não consigam alcançar a perfeita retidão a todo momento. A famosa frase que Lutero usou para descrever a posição do cristão, a que produziu muitas mudanças, é “*simul justus et peccator*” (justo – aceito e tratado como uma pessoa reta por Deus – embora ainda um pecador). O ensino de Lutero aqui é bíblicamente correto e genial. Já o introduzi nos primeiros capítulos deste livro.

Nesta base, Lutero continuou a afirmar que a habitação do Espírito Santo, que primeiro foi a causa do desabrochar da nossa fé (Lutero concebia a fé como algo a se cristalizar na convicção do pecador de sua presente aceitação por meio da cruz de Cristo), move-se agora espontaneamente para uma vida de serviço caracterizada pela entrega de si mesmo a Deus e ao próximo, por causa do amor em forma de gratidão ao Pai e ao Filho. Para Lutero, a essência de uma vida santa é a prática de “boas obras”, motivadas por um sentimento evangélico, em casa, na igreja e na sociedade. A fé, segundo sua afirmação, engaja-se incansável e permanentemente na prática dessas obras. Este foi seu modo de dizer que o testemunho do Espírito no coração do cristão à realidade da graciosa aceitação por meio de Cristo, e o desejo do Espírito de responder ao amor de Deus, amando aos outros por amor a ele, era para ele (Lutero), a dinâmica motivadora do cristão. Nem sempre foi bem aceita a firmeza com que Lutero afirmou este ministério, e, na verdade, outros ministérios, do Espírito Santo na vida do cristão.⁷

Lutero deixou claro que a lei de Deus declara os padrões divinos e que a vida em desacordo com a lei não pode agradar ao Senhor. No entanto, ele estava tão ansioso para evitar o legalismo e apresentar a motivação cristã como parte do evangelho que deixou seus flancos relativamente desprotegidos contra a idéia de que ser tocado pelo Espírito Santo torna desnecessário observar

a lei para aprender o que Deus quer de nós. Contudo, ele rejeitou esta idéia quando ela lhe foi realmente apresentada. Lutero não era um antinomiano, mas sempre sustentava os padrões bíblicos de moralidade segundo o seu entendimento. Ele foi tão objetivo quanto Calvino, ao insistir que a motivação concedida pelo Espírito, que é fundamental para a santidade, é apenas a motivação para andar de acordo com a Palavra. Para Lutero, seguir supostas indicações do Espírito que não se relacionam – ou até afrontam – aos padrões e exigências bíblicas não é santidade, mas falta de santidade, uma distorção e sátira diabólica do ideal de Deus.

Precisamos deixar claro que, ao enfatizar a gratidão a Deus pela salvação como a motivação controladora de uma pessoa santa, Lutero estava afirmando algo de grande importância. Para expressar sua idéia em termos de uma posterior controvérsia, ele estava afirmando que o sentido no qual os cristãos trabalham *pela* vida (para ir para o céu) é determinado pelo sentido no qual eles trabalham *a partir da* vida (mostrar gratidão pela graça que já é deles). Pessoas santas fazem boas obras, não para ganhar o favor presente ou futuro de Deus, mas como uma maneira de agarrar-se àquilo pelo qual Cristo agarrou-se a elas. O legalismo que se justifica a si mesmo, a falsa análise racional da retidão que se espalhou como fogo pelo Cristianismo popular nos séculos que antecederam a Reforma, foi conseqüentemente eliminado e banido para sempre como um princípio de motivação.

Todas as investidas em santidade são frustradas no âmagô quando o proveito, de qualquer espécie, em vez da gratidão, as motiva. A verdadeira raiz da santidade é sempre o chamado do Espírito, para que se demonstre o amor a Deus e aos outros fazendo o que é justo como uma expressão de gratidão a Deus por Jesus Cristo, como observou Lutero. Como isto foi uma verdade no seu tempo, assim ela o é para nós.

SANTIDADE COMO A VITÓRIA SOBRE OS GRILHÕES DO PECADO

Os puritanos ingleses (alguns dos quais certamente se mudaram para a Nova Inglaterra no decorrer de seu ministério) foram os que melhor exploraram este tema. Os puritanos, como um corpo, constituem uma escola de pensamento reformado, no entanto, marcada por seus distintos interesses (teológicos e pastorais), seu distinto estilo próprio (direto e analítico) e suas distintas características.⁸

Com Calvino, eles analisaram a obra divina de santificação de pecadores como *mortificação*, no sentido negativo, – a destruição progressiva do pecado uma vez

que ele se manifesta em cada gesto de rebelião e comodismo – além de *vivificação*, no sentido positivo, – a indicação e fortalecimento em nós de todos os hábitos (“favores”) vistos em Cristo, em particular o nônio modelo de reação habitual às pressões da vida – amor, alegria, paz, paciência, bondade, benignidade, mansidão, fidelidade e domínio próprio – que Paulo chama de “fruto” do Espírito em Gálatas 5.22 (cf. Mt 12.33).

Ainda com Calvino, os puritanos enfatizaram que Deus justifica para efetivação da santificação. Toda área da vida do cristão – seu relacionamento com Deus e sua criação por ele; todos os seus relacionamentos com outras pessoas na família, na igreja e no mundo; e também seu relacionamento consigo mesmo em auto-disciplina e auto-exame de todos esses aspectos – deve tornar-se “santa para o Senhor”. Com Calvino também, eles classificavam como hipócrita qualquer cristão professo no qual a dupla transformação de mortificação e vivificação não estivesse ocorrendo. Finalmente, com Calvino, eles insistiram que a lei moral de Deus, anunciada por Moisés, os profetas, Cristo e as cartas do Novo Testamento, era sempre o código familiar para todos os filhos de Deus. Havia, no entanto, uma pequena diferença entre os puritanos e Calvino. Enquanto Calvino regularmente referia-se à santidade cristã como um avanço na fé e na constância, os puritanos caracteristicamente a descreveram como uma medida crescente de libertação do pecado.

A Visão Puritana do Pecado

Os puritanos, como um corpo, manifestaram uma percepção aguda da santidade, retidão, aversão ao pecado e severidade no juízo contra ele, que é uma das marcas do grande, gracioso, onisciente e onipresente Deus da Bíblia. Seu perspicaz discernimento da capacidade que o pecado tem para penetrar, causar repulsa e matar, brotou diretamente deste profundo senso de santidade na pessoa de Deus. Sua sensibilidade ao pecado como uma força interior, divergente e astuta, que tiraniza o não-convertido e tormenta os santos foi extraordinária. Eles continuaram sendo os mestres do Cristianismo do passado neste campo particular de entendimento. Viam o pecado como uma energia perversa dentro das pessoas, que as escraviza, levando-as a desafiar a Deus, ter um comportamento de satisfação própria, e algo que, por meio da distração, engano e oposição direta, enfraquece e derruba seus intentos de retidão. Tinham o pecado como o equivalente moral de um lobo em pele de ovelha, apresentando-se a nós constantemente como algo bom, desejável e necessário à vida, nisso corrompendo a nossa consciência para

que perdêssemos o senso de sua culpabilidade e o tratássemos como um amigo em vez de um inimigo.

C. S. Lewis, em seu livro *The Great Divorce* (O Grande Divórcio), descreve um homem com um camaleão no ombro, que representa a lascívia. O camaleão murmura em seu ouvido sobre o quanto a lascívia é essencial para o seu bem-estar contínuo. Quando o anjo pergunta: “Devo matá-lo?”, a primeira reação do homem é dizer: “Não”. (Alguém lembra-se da oração de Agostinho: “Dê-me a castidade, mas não agora”.)

Os puritanos teriam aplaudido o camaleão de Lewis como uma projeção perfeita do modo como o pecado assume suas diversas formas de expressão na vida do cristão. A teologia puritana afirma que o pecado foi destronado, mas não destruído ainda na vida do cristão. Agora o pecado encarrega-se, como o fazia, de buscar restabelecer o domínio que perdeu. Seu poder apresenta-se tanto nos maus hábitos, que muitas vezes estão profundamente enraizados e ligados às fraquezas temperamentais, quanto nos repentinos assaltos e ataques frontais a áreas onde acredita-se estar invulnerável. O pecado em si nunca perde a força. O máximo que acontece é que, com o avanço da idade, os altos e baixos da saúde e a mudança das circunstâncias pessoais, o pecado interior encontra formas diferentes de expressão. Mas independente da ocasião em que ele se manifeste ou da forma que assuma, o cristão não tem apenas a responsabilidade de resisti-lo, mas de atacá-lo e procurar fazê-lo até a morte – em outras palavras, mortificá-lo, no sentido bíblico dessa palavra (Rm 8.13; Cl 3.5).

O ensino puritano sobre a mortificação da carne que nos tenta é completo e exaustivo. Inclui as disciplinas da auto-humilhação, do auto-exame, do preparar-se contra todos os pecados existentes no seu sistema espiritual como uma preliminar para enfrentar qualquer um deles, evitando situações que acendam o fogo do pecado, vigiando para não se tornar uma de suas vítimas antes de perceber sua aproximação e orando especificamente ao Senhor Jesus para aplicar o poder mortal de sua cruz ao vício específico que tenta engendrar um contra-ataque. Como escreveu o maior mestre puritano, John Owen: “Exercite a fé em Cristo para a *mortificação* de seus pecados. O sangue de Cristo é o remédio mais eficaz para a alma que tem a doença do pecado. Viva esta verdade, e morrerá como um conquistador; pela boa providência de Deus, viverá para ver os desejos de sua carne mortos aos seus pés”.⁹

Os puritanos sempre foram mal recebidos pela crítica. Sua ênfase na guerra contínua do cristão até à morte contra o pecado “constante” (habitual) foi rejeitada como sendo um ensino maniqueísta (a negação da bondade da natureza

humana criada), mórbido (a negação da alegria do comportamento natural) e moralmente irreal (obcecado com a autoflagelação, em desrespeito a todas as outras coisas). Mas de acordo com os fatos, tudo isto não é correto, e a idéia de que todos os santos puritanos apenas pensavam em combater o pecado está completamente equivocada. O amor a Deus, a alegria da segurança, a mente espiritual, a sinceridade e o espírito público, a aceitação plácida da vontade de Deus, o caminho da persistência na oração e o poder da esperança da glória estão entre os muitos temas que são bem elaborados no ensino puritano sobre a santidade. Nem todos batem na mesma tecla. No entanto, é verdade que a insistência em detectar, resistir e vencer os grilhões do pecado aparece em toda parte de sua teologia. Esta ênfase importuna impediu muitos no passado de ver que a santidade no ensino puritano é fundamentalmente uma alegre questão de paz, alegria, adoração, comunhão e crescimento. O assunto sério que trata do auto-exame e do sofrimento, do interior e do exterior, na luta contra o pecado é apenas um lado da questão. Mas em uma época em que a ignorância, o espírito secular, a fraqueza moral e o pecado evidente são tão comuns entre os cristãos quanto o são hoje, sem dúvida este lado rígido do puritanismo – o lado que nos força a perceber a nossa pecaminosidade e os nossos pecados – é o que mais tem-nos a ensinar.

SANTIDADE COMO O EXERCÍCIO DA FÉ PARA OBTER UMA “SEGUNDA BENÇÃO”

Santidade sempre envolve o exercício da fé por meio da oração para obter benefícios específicos. Em um sentido amplo, todos os relatos de santidade cristã, exceto o de Pelágio (o pelagianismo, que reduz a santidade a uma auto-disciplina que dispensa qualquer outro tipo de ajuda, é herético e não será considerado aqui) envolvem este exercício da fé. Todos eles entendem a santificação como obra de Deus. Todos sustentam que uma vida santa só pode ser alcançada pela graça, poder e ajuda divina, por meio do Espírito Santo, e há um consenso de que apenas os cristãos que oram desfrutem deste auxílio. Entretanto, os conceitos da fé em ação são freqüentemente inadequados, uma vez que variam de um formalismo católico mal concebido, onde a tônica é “confie implicitamente na igreja”, a um subjetivismo protestante também mal concebido, que diz “encare o futuro sem medo”. A fé cristã só pode ser realmente chamada como tal se o Cristo vivo e as verdades das Escrituras forem o foco da crença, confiança e dependência do cristão. O testemunho dado pela teologia da Reforma por quase meio milênio é de

que a fé só assume sua perfeita forma se levar-nos a confiar especificamente nas promessas de Deus.

Como a Bíblia mostra, buscar e confiar no cumprimento das “preciosas e mui grandes promessas” de Deus (2Pe 1.4) é o exercício básico da fé (Veja o que a Bíblia fala sobre Abraão, o exemplo de fé, em Rm 4.18-21; Gl 3.6-9, 16-18, cf. 22, 29; Hb 6.13-15; 11.1, 11, 13, 17-19, cf. 33). A fé centrada nas promessas tanto glorifica a Deus, ao honrar sua fidelidade, como forma na alma uma atitude dirigida a Deus de visível dependência e viva expectativa, observada em muitos dos salmos. Existe nela uma dimensão de santidade, na qual a confiança e a esperança são depositadas somente em Deus. Na verdade, não há santidade de fato sem este esforço constante do coração, manifestado em uma oração cheia de fé e centrada em Deus.

Segunda Bênção

A correlação entre fé e promessa tem sido uma característica de todas as principais correntes evangélicas do Protestantismo. No entanto, foi dada uma atenção especial ao desenvolvimento do relato wesleyano histórico da “santidade bíblica” e de suas muitas modificações modernas. A tese distintiva de toda esta escola de pensamento é que, por meio de uma segunda “experiência” (um evento empírico, causado por Deus), aqueles que se tornaram cristãos por uma primeira “experiência”, ou seja, o novo nascimento, podem experimentar uma qualidade superior de vida cristã. Por meio desta segunda experiência, o sentimento do amor de Deus é mais intenso, o amor do próprio cristão por Deus e pela humanidade é mais forte e o pecado deixa de controlar qualquer uma de suas atitudes porque, pelo poder do Espírito Santo, a tentação, desânimo, apatia e trevas normalmente são vendidos. A verdadeira e plena santidade de vida (assim que é defendida) só se torna uma realidade após a ocorrência da segunda experiência.

A forma original deste ensino era a doutrina de santificação plena (“perfeição cristã” ou “perfeito amor”) de Wesley, mencionada no início deste capítulo, segundo a qual, a segunda experiência arranca a raiz do pecado do coração de quem nasceu de novo, de modo que os desejos impróprios e motivos dúbios se tornam coisas do passado. Nenhuma paixão, propósito ou poder opera na vida de uma pessoa daí em diante a não ser o que provém apenas do amor. Isto, disse Wesley, é parte das bênçãos do céu, que serão alcançadas aqui na terra por aqueles que as buscam. Durante o assim chamado “reavivamento da santidade” entre a segunda metade do século 19 e primeira metade do século 20, os mestres do

“Keswick” e da “vida mais elevada” transformaram a idéia wesleyana de erradicação do pecado em uma simples oposição dela, assim redefinindo a “segunda bênção” (“plenitude do Espírito”, como normalmente a chamavam) como a descoberta do próprio caminho à perfeição de ação capacitada por Deus a despeito de uma contínua imperfeição do motivo.

Contudo, as duas versões desta visão de dupla etapa da vida cristã insistiam que a maneira de entrar e manter o estado de santificação se dá por um exercício de fé centrado, esperançoso, insistente e de súplica das promessas na oração, por meio do qual espera-se que Deus cumpra o que prometeu em declarações específicas de sua Palavra escrita. Honrar a Deus “crendo na bênção” e agarrando-se a ele nas petições até que ele conceda o que se pede, em vez de pôr fim à oração por descreer em sua disposição para realizar o que prometeu, é a atitude exigida. Os percussores destas duas versões admitem que Deus pode fazer-nos esperar uma vez que ele nos instigou, por causa do ódio que sente pela nossa própria falta de santidade, a começar a orar desta forma, no entanto, eles insistem que ninguém entra no segundo estágio da verdadeira santidade sem fazer esta oração. Segundo eles, só acham aqueles que buscam.

As duas versões deste entendimento de duas etapas da “santidade bíblica” parecem equivocadas. Para início de conversa, nenhuma parte da Bíblia ensina a necessidade universal de uma “segunda bênção” ou implica que não existe santidade de fato sem ela. Assim, a erradicação refere-se muito a Deus (descontinuidade da depravação do coração), enquanto a oposição refere-se muito pouco a ele (nenhuma diminuição da depravação do coração). Em vez disso, o ensino bíblico indica que o ser do cristão com um todo é progressivamente renovado e restaurado por meio do processo de santificação – redirecionado a Deus, reintegrado com Deus, reconstruído em hábitos, caráter e modelos de reação, sensibilizado com os valores divinos, redirecionado aos propósitos de glorificação divina e mais atento às necessidades e misérias dos outros. Em nenhum momento o processo está completo no cristão, mas começa e segue se desenvolvendo em todos eles (2Co 3.18).

Não existe a menor dúvida de que, pela misericórdia de Deus, após a conversão, experiências significativas acontecem na vida de alguns cristãos, trazendo-lhes segurança, liberdade no coração, nova alegria e energia espiritual e novo poder para viver e testemunhar. No entanto, estas experiências parecem ser o procedimento arbitrário particular de um gracioso Pai celestial no trato de cada um de seus filhos. Elas não são exigências universais, nem modelos prescritos de experiências para todos, nem situações difíceis pelas quais todo cristão tem de

passar. Portanto, aqueles que não tiveram essa significativa “segunda experiência” não precisam se achar inferiores àqueles que foram, conseqüentemente, abençoados. A História confirma que alguns dos melhores servos de Deus foram enriquecidos desta forma, ao contrário de outros, igualmente excelentes.

Portanto, me oponho quando os percussores do Keswick e do movimento wesleyano definem a santidade como a segunda bênção, ou como uma qualidade de vida que só será manifestada após a segunda bênção, e quando as pessoas do círculo pentecostal-carismático falam de santidade como uma vida que não pode ser vivida sem o batismo no Espírito que segue a conversão (nem todos dizem isto, mas alguns sim).¹⁰ No entanto, concordo quando estas mesmas pessoas afirmam que, assim como uma pessoa entra para a vida de santidade por meio de uma oração verbal específica, centrada, persistente, justificada e orientada a promessas, cada benefício e aptidão necessários, na vida de santidade, devem ser buscados da mesma maneira. Esse tipo de oração é, de fato, moldado e apresentado nas Escrituras como um elemento integral da vida santa. Penso que a explicação de santidade dada pelo movimento acima é defeituosa e incorreta, no entanto, eu não poderia concordar mais com o que muitos deles dizem sobre a oração. Creio que não exista santidade genuína que não tenha, em seu âmago, uma oração constante e objetiva, na qual a fé está sendo exercitada para a concessão de benefícios particulares e satisfação de necessidades específicas.

SANTIDADE COMO A PRÁTICA DE DISCIPLINAS ESPIRITUAIS

Verbalmente, esta é uma perspectiva bem contemporânea, embora a questão a ser considerada remonte aos primeiros anos do Cristianismo. Contudo, a redescoberta desta ênfase histórica, no momento, se faz bastante necessária. Os últimos anos do século 20 assistiram a uma enorme onda de hedonismo e uma abordagem aleatória da vida mergulhada no Ocidente, tanto dentro como fora da igreja. Os maus efeitos da riqueza, sobre os quais a Bíblia constantemente nos adverte, se caracterizam pelo comodismo impensado de todas as formas na vida privada. Esses efeitos são atualmente visíveis em todos os lugares. A irreflexão tornou-se uma marca de nossa sociedade, e a geração mais nova de cristãos, cujo discurso cultural não conheceu outra coisa senão a riqueza, mostra incessantemente ser a vítima moralmente mutilada do materialismo, consumismo e hedonismo do mundo no qual é educada.

Não é de admirar que o livro *Celebração da Disciplina* (1978), de Richard Foster, o primeiro desafio direto apresentado a esta corrente moderna, tenha

mexido com os nervos de muitos. O ponto básico desenvolvido por Foster – que os cristãos devem aprender deliberada e regularmente a fazer o que for necessário para seu bem-estar espiritual (usar os meios da graça e aprender a ter domínio próprio, como diriam as gerações anteriores) – não foi novidade, mas surtiu efeito como uma palavra em voga. Outros escritores, desde então, fizeram uso do tema.

É interessante ver como o tema é tratado por seus vários expoentes. O próprio Foster explorou doze disciplinas em três grupos: as disciplinas *interiores* da meditação, oração, jejum e estudo; as disciplinas *exteriores* da simplicidade, solidão, submissão e serviço; e as disciplinas *corporativas* da confissão (no sentido de prestação de contas), adoração, orientação e celebração. Seu livro, “*Money, Sex and Power*” (Dinheiro, Sexo e Poder) (1985), modelou as disciplinas para estas três áreas problemáticas em particular.

Os mais recentes expoentes do tema da disciplina parecem estar se apoiando no desafio de Foster. O livro de Donald Whitney, “*Spiritual Disciplines for the Christian Life*” (Disciplinas Espirituais para a Vida Cristã) (1991), discute mais da metade dos tópicos de Foster além de adicionar outros serviços à sua lista. R. Kent Hughes, um dos colegas de Foster, em seu livro *Disciplines of a Godly Man* (Disciplinas de Um Homem de Deus) (1991) (*homem* no sentido de pessoa do *sexo masculino*) discute dezesseis disciplinas para o homem sob o título de: pureza, casamento, paternidade, amizade, intelectualidade, devoção, oração, adoração, integridade, língua, trabalho, igreja, liderança, contribuição, testemunho e ministério. O livro de Elisabeth Elliot, *Discipline: The Glad Surrender* (Disciplina: A Alegre Entrega) (1982), trata da disciplina do corpo, mente, posição (no sentido de status), tempo, bens, trabalho e sentimentos. Dallas Willard, no livro “*The Spirit of the Disciplines*” (O Espírito das Disciplinas) (1988), ensina que nos tornaremos como Cristo se vivermos como ele viveu, mantendo um ritmo de solidão e silêncio, oração, vida simples e sacrificial, meditação nas Escrituras e serviço aos outros.

Kent Hughes, tendo observado que sua pesquisa das disciplinas encaixa-se na consciência masculina “em mais de 100 obrigações!”, fala com inteligência sobre os efeitos que essa análise do chamado cristão deveria ter:

Como então devemos responder? Certamente não com a *passividade* da resposta que diz “não faça nada” que tem-se tornado cada vez mais uma das características do homem americano (...)

Por outro lado, uma resposta igualmente mortal é a do *legalismo* auto-sufi-

ciente. De comum acordo, ela é, estatisticamente, um perigo menor do que a passividade (...) [O sr. pode dizer isso novamente, Dr. Hughes!] Deus nos guarde do *reducionismo* desse legalismo que sacraliza a espiritualidade como uma série de leis rígidas e, então, diz: “Se conseguir fazer estas seis, dezesseis ou sessenta e seis coisas, você será piedoso”. A piedade cristã é muito mais do que uma lista de deveres. Estar “em Cristo” é um relacionamento, e como todos os relacionamentos, ele merece uma manutenção disciplinada, mas nunca o *reducionismo* legalista.

Deus nos guarde do *juízo* hipócrita (...) Há um universo de diferença entre as motivações por trás do legalismo e da disciplina. O legalismo diz: “Farei isto para ganhar mérito diante de Deus”, enquanto a disciplina diz: “Farei isto porque amo a Deus e quero agradar-lhe”. O legalismo é centrado no homem; a disciplina centra-se em Deus.¹¹

Disciplina Piedosa e Verdadeira

Estas discussões da disciplina nos confrontam com a verdade de que o chamado de Deus para o desenvolvimento da comunhão com ele, em face das pressões e restrições impostas sobre nós pela nossa condição, companhia e circunstâncias, juntamente com nossas fraquezas e cegueira, e a série de armadilhas preparadas para nós pelo Diabo, torna necessária uma abordagem ordenada, planejada e pensada no que se refere à vida diária. Somente assim podemos garantir que há espaço na nossa vida para todas as coisas que deveríamos estar fazendo. Somente assim aprenderemos a pensar no futuro e nos preparar para o que pode vir, e desenvolver, diante de Deus, nossas reações a isto e quais elas deveriam ser.

São poucos os cristãos que percebem que pensar no futuro desta forma é ser sábio como Cristo, mas tudo continua do mesmo jeito. A experiência confirma que aqueles que já colocaram sua mente no fato de que os problemas podem vir são capazes de permanecer firme e administrar melhor seus sentimentos quando chegarem os problemas. Como os filhos deste mundo, movidos pela ambição pessoal, estabelecem para si os alvos profissionais e, então, trabalham com muito afinco para alcançá-los, assim os filhos de Deus, movidos pela grandeza do amor divino, devem ter na mente o alvo da disciplina em sua vida diária, e trabalhar com a mesma disposição, planejando, orando e fazendo provas a fim de tornar esse alvo uma realidade. Fora isto, a alternativa é viver como um piloto que voa às

cegas – sempre sendo surpreendido e tiranizado pelo imediato, pelo urgente e pelo inesperado – experimentado a vida como uma sucessão de emergências para as quais nunca se está pronto para enfrentar.

A vida indisciplinada e impensada é marcada ou por um frenesi ou por uma despreocupação, que varia de acordo com o possível sentimento de ameaça causado pelo fluxo de eventos. Mas este tipo de vida não imita a vida de Cristo, nem nos satisfaz, nem glorifica a Deus. O pensamento de santificação é um elemento importante da vida santa, porque é nele que começa a verdadeira disciplina.

FINALIZANDO O ESTUDO PANORÂMICO

Neste ponto, concluímos o estudo da visão do passado sobre este assunto. Não vimos tudo ainda, mas vimos os principais pontos. Focalizamos nossos binóculos espirituais nos principais aspectos do campo da santidade. Assim, começamos a colocar o panorama inteiro dentro de um tipo de foco, de modo que a noção do que estamos vendo está agora mais clara.

O que apareceu é um tipo de perfil que compõe o retrato falado de uma pessoa:

- que nunca pode amar suficientemente a Deus;
- cuja adoração a Deus é incessante;
- que está sempre procurando viver de uma maneira nobre, amorosa e honrosa para Deus;
- que reverencia o Espírito Santo que nela habita;
- que luta constantemente contra o pecado no seu interior;
- que suplica as promessas de Deus e aguarda o seu cumprimento com expectativa; e
- que pratica a auto-disciplina de uma forma madura e pensada.

Paixão e compaixão, oração e prudência, bondade e generosidade, todos fazem parte deste quadro. As reflexões de Jesus Cristo, do apóstolo Paulo, de Davi e de seus companheiros no livro de Salmos (para não citar outros) são, sem dúvida, tão óbvias, que não dá para não serem notadas. Este é o esboço da santidade que se aprende na escola de Cristo.

Vamos dar-lhe um outro aspecto humano. A santidade universal, como eles a chamavam, era a principal preocupação dos puritanos da História. Há cerca de três séculos e meio, quando a descrição da figura no papel era uma das artes

literárias de maior admiração, *The Character of an Old English Puritan or Nonconformist* (O Caráter de um Velho Puritano Inglês ou Não-Conformista) foi descrito da seguinte forma:

O Velho Puritano Inglês era aquele que honrava a Deus, acima de todas as coisas, e, abaixo de Deus, dava a cada um o que lhe era devido. Sua maior preocupação era servir a Deus e, desse modo, ele não fazia o que era bom aos seus olhos, mas o que era bom aos olhos de Deus, fazendo da Palavra de Deus a regra de sua adoração (...) Ele tinha consciência de todas as ordenanças divinas (...) Passava muito tempo em oração; com oração, ele começava e encerrava o dia. Ele exercitava a oração no seu quarto, na reunião em família e na congregação (...) Considerava a leitura da Palavra uma ordenança de Deus na vida privada e na vida pública (...)

Ele via o dia do Senhor como uma ordenança divina, e o descanso daquele dia induzia à santidade. Ele tinha muita consciência da observância daquele dia como o dia do Mercado da Alma (ou seja, o dia em que a pessoa garante o abastecimento espiritual para a semana que se inicia) (...) Considerava a Ceia do Senhor como parte do alimento de sua alma: lutava para manter sua alma faminta por ele. Ele a considerava como uma ordenança da comunhão mais próxima com Cristo, que exigia, portanto, a maior preparação (...)

Ele via a religião como um engajamento ao dever, onde os melhores cristãos deveriam ser os melhores maridos, esposas, pais, filhos, patrões, empregados, juizes e súditos, de modo que a doutrina de Cristo pudesse ser adornada e não blasfemada. Esforçava-se por fazer de sua família uma igreja (...) só admitindo dentro dela (ou seja, servos ou hóspedes) aqueles que temiam a Deus; e trabalhando para que aqueles que nasciam na família, pudessem nascer de novo para Deus (...) Ele era uma pessoa de coração compassivo, não somente em relação ao seu próprio pecado, mas à miséria dos outros, sem pensar na misericórdia como algo arbitrário, mas como um dever necessário; à medida que orava pedindo que a sabedoria o dirigisse, estudava [resolutamente determinado] para alcançar a alegria e a generosidade liberal em suas ações (...)

Em seu modo de vestir, ele evitava opulência e vaidade (...) desejando, em todas as coisas, expressar uma visão séria da vida, em oposição à frivolidade irresponsável. Considerava a vida como uma guerra, onde Cristo era seu Capitão, armamentos, orações e lágrimas. A Cruz era sua Bandeira, e seu lema (moto) era: *Vincit qui patitur* [o que sofre, vence].¹²

Esta era a maneira pela qual os puritanos ingleses mais fortes concebiam a santidade na sua época. Sem dúvida, está claro que é necessário apenas um pequeno ajuste para adaptar este modelo aos nossos dias.

Agora deixamos o nosso ponto de observação para chegarmos mais perto de algumas das realidades que vimos de longe. Este é o resumo dos próximos capítulos.

Capítulo 5

HUMILHANDO-SE PARA CRESCER: A VIDA DE ARREPENDIMENTO

Agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte. Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto. 2Co 7.9-11

Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te. Ap 3.19

CRESCENDO PARA CIMA E PARA BAIXO

De vez em quando, durante os anos de adolescência do meu filho, pedíamos para ele ficar em pé, com as costas apoiadas na parede da sala de jantar, para que marcássemos com um lápis sua altura na parede de madeira branca. Ele estava crescendo fisicamente, ficando mais alto a cada mês que passava, e aquilo o deixava animado. O mesmo acontecia conosco. Afinal de contas, é realmente emocionante observar o crescimento de seu filho. Algo estaria errado conosco se não estivéssemos interessados no modo como ele crescia. Mas este capítulo não fala de crescimento ele fala de crescer *para baixo*, algo que todo cristão precisa aprender.

A expressão “crescer *para baixo*” é, sem dúvida, estranha em uma cultura como a nossa. Comemoramos o *crescimento* físico e exortamos aqueles que escorregaram e caíram na petulância infantil de *crescer* emocionalmente. Além disso, temos o hábito de falar em *crescimento* espiritual, e as nossas versões bíblicas fazem o mesmo. Em geral, elas traduzem um verbo grego, que nada tem a ver com a idéia de “crescer *para cima*” com esta conotação, como podemos ver em Efésios 4.15: “Cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”, e em 1 Pedro 2.2: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação”.

Concordo que falar em crescer para baixo tendo este plano de fundo parece inusitado. No entanto, o objetivo de minha colocação é chamar a atenção e fazer uma consideração. O que temos de perceber é que só *crescemos* em direção a Cristo quando *diminuímos* (humildade, do latim *humilis*, que significa “baixo”). Os cristãos, podemos dizer, crescem mais quando ficam pequenos.

Sobre seu próprio ministério, em relação ao do Senhor Jesus, João Batista declarou: “Convém que ele cresça e que eu diminua” (Jo 3.30). Algo similar a estas palavras tem de ser dito em relação à nossa vida como cristãos. O orgulho nos infla como balões, mas a graça perfura a nossa vaidade e faz com que o ar quente do orgulho saia de nosso sistema. O resultado (muito saudável) é que diminuímos e passamos a nos ver menores – menos agradáveis, menos capazes, menos inteligentes, menos competentes, menos fortes, menos preparados, menos comprometidos e assim por diante – do que imaginávamos ser. Paramos de falar para nós mesmos que somos pessoas de grande importância para o mundo e para Deus. Aceitamos o fato de que somos dispensáveis e insignificantes.

Ao nos esvaziarmos de nossas fantasias de total competência, começamos a tentar ser confiantes, obedientes, dependentes, pacientes e abertos em nosso relacionamento com Deus. Abrimos mão do sonho de sermos admirados por fazer tudo maravilhosamente bem. Começamos a nos ensinar, impassível e praticamente, a reconhecer que, de acordo com os padrões do mundo, não temos probabilidade de parecer, ou, na verdade, ser, bem-sucedidos. Nós nos submetemos a situações que esfregam nossas fraquezas no nosso próprio nariz, e nos voltamos para Deus na tentativa de conseguir forças para vencê-las. Isto é parte, no mínimo, do que significa responder ao chamado do Senhor para sermos como crianças.

James Denney, um estudioso escocês, disse certa vez que é impossível deixar, ao mesmo tempo, a impressão de que sou um grande pregador e Jesus Cristo, um grande Salvador. Da mesma forma, é impossível deixar, ao mesmo tempo, a impressão de que sou um grande cristão e Jesus Cristo, um grande Mestre. Portanto,

o cristão deve fazer de sua atitude de diminuição uma prática, de modo que, nele e por meio dele, o Salvador possa mostrar-se grande. Isto é o que quero dizer com crescer para baixo.

Crescimento para Baixo

A vida de santidade é uma vida de crescimento para baixo o tempo todo. Quando o apóstolo Pedro escreve: “Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2Pe 3.18), e Paulo fala de crescer em Cristo (Ef 4.15) e alegra-se com o crescimento da fé dos tessalonicenses (2Ts 1.3), o alvo de ambos é um progresso na direção da pequenez pessoal, que permite que a grandeza de Cristo apareça. O sinal deste tipo de progresso é que as pessoas se sintam e digam cada vez mais que nada são e que Deus, em Cristo, tornou-se tudo de que precisam para levar a vida adiante. É dentro desta estrutura, desta contínua diminuição do nosso ego carnal, como podemos chamá-la, que enquadra-se a tese deste capítulo.

O que pretendo discutir é que os cristãos são chamados a uma vida de contínuo arrependimento, como uma disciplina integral para uma vida santa saudável. A primeira das noventa e cinco teses de Lutero, fixadas na porta da Igreja de Wittenberg em 1517, declarava: “Quando nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo disse: ‘Arrependei-vos’ (Mt 4.17), ele queria que a vida toda dos cristãos fosse marcada pelo arrependimento”. O puritano Philip Henry, que morreu em 1696, respondeu à insinuação de que enfatizara o arrependimento em demasia, afirmando que esperava carregar o seu próprio arrependimento até às portas do céu. Estas duas citações indicam a compreensão que estamos sintonizando no momento.

Aqui onde moro, na província de British Columbia, onde as chuvas são fortes, as estradas onde o sistema de drenagem de água falha logo ficam inundadas e intransitáveis. O arrependimento, como veremos, é a drenagem rotineira da estrada da santidade na qual Deus nos chama a todos a trilhar. É o caminho que tomamos na nossa vida que é oposto àquele que mostrou-se cheio de água suja, parada, e cheio de detritos. Esta rotina é uma necessidade vital, pois onde não há o verdadeiro arrependimento, não há o verdadeiro progresso espiritual, e o verdadeiro crescimento espiritual fica estagnado.

Em falando de contínuo arrependimento, não quero deixar a impressão de que o arrependimento pode tornar-se algo automático e mecânico, como o são nossas regras de etiqueta à mesa e hábitos para dirigir um carro. Isto não pode acontecer.

Cada gesto de arrependimento é uma ação separada e um esforço moral distinto, talvez algo que exija um alto preço. Arrepende-se nunca é agradável. Sempre, de diversas formas, é um gesto que causa dor, e continuará sendo enquanto vivermos. De modo algum, quando falo de arrependimento contínuo, tenho em mente formar e manter um hábito consciente de arrependimento tão freqüente quanto a nossa necessidade – embora isto, sem dúvida, signifique (vamos encarar os fatos) uma prática diária na nossa vida. É a sabedoria de igrejas que usam liturgias de modo a fornecer orações de penitência para serem usadas em todos os cultos. Essas orações sempre caem como uma luva. Em nossos momentos particulares de devoção, as orações de penitência diárias sempre serão uma necessidade também.

Pouco se fala nesses dias sobre a disciplina do arrependimento contínuo. É visível que os escritores sobre as disciplinas espirituais não têm tratado deste assunto, e o *Dictionary of Christian Spirituality* (Dicionário da Espiritualidade Cristã) padrão, publicado agora nos Estados Unidos como o *Westminster Dictionary* (Dicionário de Westminster), não faz menção do assunto. No entanto, trata-se de uma lição básica que deve ser aprendida na escola da santidade de Cristo. Como já foi dito, o tema é vital para a saúde espiritual. Portanto, vamos tentar entendê-lo melhor.

O QUE É ARREPENDIMENTO?

O que é arrependimento? O que significa arrepende-se?

O termo é pessoal e relacional. Implica em voltar ao que se estava fazendo antes, e renunciar ao mau comportamento pelo qual a vida e os relacionamentos estavam sendo prejudicados. Na Bíblia, arrependimento é um termo teológico que indica um abandono daquelas atitudes que afrontam Deus envolvendo-se no que ele odeia e proíbe. O termo no hebraico para arrependimento significa desviar-se, ou retornar. O termo correspondente no grego tem o sentido de mudança de mente de modo a mudar os caminhos também. Arrependimento significa mudar hábitos de pensamento, atitudes, ponto de vista, política, direção e comportamento na medida certa para deixar de lado o caminho errado e seguir o caminho certo. Arrependimento é, na verdade, uma revolução espiritual. Esta, agora, nada mais é do que a realidade humana que iremos explorar.

O arrependimento, no sentido pleno da palavra – mudar de fato o caminho descrito – só é possível para os cristãos que foram libertos do domínio do pecado e vivificados para Deus. Arrependimento, neste sentido, é um fruto da fé e, como tal,

um dom de Deus (cf. At 11.18). O processo pode ser aliterativamente analisado sob os seguintes tópicos:

1. Reconhecimento real de que se desobedeceu e falhou para com Deus, fazendo o que era errado em vez do que era certo. Isto parece mais fácil do que realmente é. T. S. Eliot disse uma verdade quando fez a seguinte observação: “A humanidade não consegue suportar a realidade”. Não existe nada como uma sensação sombria de culpa no coração para nos levar, de uma maneira apaixonada, a fazer o jogo de fingir que nada aconteceu, ou nos imaginar fazendo algo que seja moralmente reprovável. Assim, após cometer adultério com Bate-Seba e completar a ação com o assassinato do marido dela, Davi disse para si mesmo que era simplesmente uma questão de privilégio real e que, portanto, nada tinha a ver com sua vida espiritual. Assim, Davi tirou aquilo da cabeça, até que a repreensão do profeta Natã “Tu és o homem!” (2Sm 12.7) fê-lo perceber, por fim, que ele havia ofendido a Deus. Esta consciência foi, e é, a semente que germina o arrependimento. Ela não cresce em outro lugar. O verdadeiro arrependimento só começa quando a pessoa transpõe o que a Bíblia vê como *auto-engano* (cf. Tg 1.22, 26; 1Jo 1.8) e o que os especialistas modernos chamam de *negação*, para o que a Bíblia chama de *convicção do pecado* (Jo 16.8).

2. Profundo remorso pela desonra causada ao Deus que se está aprendendo a amar e desejando servir. Esta é a marca do coração contrito (Sl 51.17; Is 57.15). A Idade Média fez uma distinção proveitosa entre *atриção* e *contrição* (a primeira significa arrepender-se do pecado motivado por medo de si mesmo e por amor a Deus respectivamente; a segunda leva ao verdadeiro arrependimento, enquanto a primeira não consegue fazê-lo). O cristão sente não apenas *atриção*, mas *contrição*, como aconteceu com Davi (Sl 51.1-4, 15-17). O remorso contrito, que brota de um sentimento de ter insultado a bondade e o amor de Deus, é descrito e exemplificado na História de Jesus sobre o retorno do filho pródigo à casa do pai (Lc 15.17-20).

3. Pedido reverente pelo perdão divino, purificação da consciência e ajuda para não falhar na mesma área novamente. Um exemplo clássico desse pedido encontra-se na oração de penitência de Davi (Sl 51.7-12). O arrependimento do cristão sempre, e necessariamente, inclui o exercício da fé em Deus para obter estas bênçãos de restauração. O próprio Jesus ensina qual deve ser a oração dos filhos de Deus: “Perdoa-nos os nossos pecados (...) E não nos deixes cair em tentação” (Lc 11.4).

4. Resoluta renúncia dos pecados em questão, com pensamentos deliberados sobre como manter-se limpo deles e viver corretamente no futuro. Quando João Batista disse para a elite religiosa oficial de Israel: “Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento” (Mt 3.8), ele estava chamando seus membros a uma mudança de direção.

5. Restituição necessária à qualquer pessoa que tenha sofrido perdas materiais em virtude dos erros cometidos. A lei do Antigo Testamento, nestas circunstâncias, exigia a restituição. Quando Zaqueu, o judeu renegado por ser cobrador de impostos, tornou-se um dos discípulos de Jesus, ele comprometeu-se em retribuir quatro vezes mais cada ato de extorsão que tivesse praticado, ao que parece no modelo das exigências de Moisés de quatro ovelhas para cada uma roubada ou tirada de seu dono (Êx 22.1; cf. Êx 22.2-14; Lv 6.4; Nm 5.7).

Uma aliteração alternativa (como se uma não fosse suficiente!) seria:

1. *discernir* a perversidade, insensatez e culpa no que se fez;
2. *desejar* o perdão, abandonar o pecado e viver uma vida que agrada a Deus daqui em diante;
3. *decidir* pedir perdão e poder para mudar;
4. *dirigir-se a Deus* da maneira devida;
5. *demonstrar*, ou pelo testemunho e confissão, ou pelo comportamento transformado, que o pecado cometido ficou para trás.

Esse é o arrependimento – não apenas o primeiro arrependimento que ocorre na conversão de um adulto, mas o arrependimento recorrente do discípulo adulto – que é o nosso tema aqui.

O ARREPENDIMENTO E A REFORMA

A época da Reforma foi um período da História cristã em que entendeu-se bem a vida de arrependimento. A redescoberta de Lutero da justificação pela fé, baseada na obra consumada de Cristo, em sua expiação em nosso lugar, levou-o a desafiar a idéia popular de que o arrependimento nada mais era do que a formalidade da confissão e absolvição sacramental, com a execução de qualquer “penitência” que o sacerdote viesse a impor. Embora nunca oficialmente endossadas, estas noções receberam a aprovação para serem praticadas e o consenso;

o desafio de Lutero foi oportuno e extremamente necessário. Como já vimos, ele afirmou que o arrependimento devia ser uma atividade constante e permanente, e argumentou que, como a fé, o arrependimento tem de ser um exercício do coração.

Quem entendeu esta concepção e a adotou foi John Bradford que, em 1555, aos quarenta e cinco anos de idade, foi amarrado a uma estaca e queimado em Londres como parte da campanha lançada pela Rainha Maria para livrar a Inglaterra dos protestantes. Bradford só tinha seis anos de conversão. No entanto, durante esse tempo, ganhou distinção entre os reformadores ingleses como pregador e como um homem notavelmente santo, para quem o arrependimento era um modo de vida. Thomas Sampson, amigo que o levou à fé, escreveu o prefácio da segunda edição do *Sermão de Arrependimento* de Bradford (Em *Dois Sermões...*, 1574). Trazendo o seguinte cabeçalho: “Ao Leitor Cristão, Thomas Sampson deseja a felicidade de uma conversão rápida e completa ao Senhor”, este prefácio compartilha um aspecto da realidade e do segredo da santidade de Bradford. “Mestre Bradford foi um modelo”, escreve Sampson, “deste (...) arrependimento que (...) foi ensinado por ele, que eu, que o conheci particularmente, tenho de louvar a Deus por ele, uma vez que, entre os homens, poucos conheci como ele”.¹

Ele continua a explicar seu parecer com palavras que merecem ser transcritas neste livro:

(...) aprouve a Deus, com grande rapidez, prepará-lo para o martírio no qual, por meio de Cristo, ele veio a receber a coroa da vida. No entanto, (...) a constante meditação, a prática do arrependimento e a fé em Cristo, que o guardou pela graça de Deus e foi notavelmente praticada todos os dias de sua vida, ajudaram-no muito em sua caminhada.

(...) nosso Bradford tinha suas práticas e exercícios diários de arrependimento. Fez para si uma lista de todos os (*sic*) pecados terríveis que, em sua vida de ignorância, havia cometido e a colocava diante de seus olhos quando ia orar em particular para que, ao vê-la e lembrar-se dela, ele pudesse: erguer-se para oferecer a Deus o sacrifício de um coração contrito, buscar a convicção da salvação em Cristo pela fé, agradecer a Deus por tê-lo chamado das veredas da iniquidade e pedir que a graça superabundasse em uma vida santa que fosse aceitável e agradável a Deus.

Tamanho era o exercício contínuo da consciência que fazia em suas orações particulares que ele não se contentava com sua oração a menos que sentisse

no íntimo algum peso no coração pelo pecado cometido, e a cura daquela ferida pela fé, sentindo o restabelecimento salvador de Cristo, que trazia uma mudança de mente que o levava a sentir ódio do pecado e amor em obedecer à boa vontade de Deus (...).

(...) Vamos aprender, com o exemplo de Bradford, a orar melhor, ou seja, orar com o coração, e não apenas com os lábios (...) como disse Cipriano: “*Deus ouve o coração, e não a voz*”. Ou seja, não apenas a voz sem o coração, porque isto não passa de um movimento dos lábios (...).

Este era mais um de seus exercícios: ele costumava fazer uma efemérides (ou seja, um diário) ou um registro, no qual escrevia todas as coisas notáveis que ouvia ou via a cada dia que passava. No entanto, (...) ele escrevia de tal forma que uma pessoa podia observar naquele livro os sinais de um coração impressionado. Pois se via ou ouvia algo bom sobre uma pessoa, por meio daquela percepção, ele queria ver aquilo se concretizar em sua própria vida, e acrescentava uma pequena oração em que pedia misericórdia e graça para ser aperfeiçoado. Se ouvia ou via algum mal ou miséria, ele anotava isso como uma coisa que seus próprios pecados procuravam, e ainda (ou melhor, sempre) adicionava (...) “Senhor, tenha misericórdia de mim”.

[Este exercício parece ser a origem de uma história posterior que não foi confirmada de que Bradford, quando via criminosos sendo levados para a execução, dizia: “Ali segue, senão pela graça de Deus, John Bradford”.]

Ele costumava anotar no mesmo livro pensamentos maus que apareciam em sua mente; desde a inveja que sentia do bem que tinham outros homens, pensamentos de ingratidão, de não dar a Deus toda a glória pelas coisas que ele fazia à dureza e insensibilidade de coração quando via outros em dores e aflições. E assim, ele fez para si, e a seu respeito, um livro de práticas diárias de arrependimento (...).²

De acordo com Sampson, o arrependimento foi o tema central de Bradford durante os seis anos de sua vida cristã. Ele o pregou e viveu (suas últimas palavras, segundo nos conta Sampson, como “chamas de fogo a brotar de seus olhos” foram “Arrepende-te, Inglaterra”³). Por seu envolvimento, como um dos membros da equipe do Sir John Harrington, em um ato de fraude “para o detrimento do rei” nos dias que antecederam a sua conversão, Bradford insistiu na restituição: “Ele jamais poderia se calar até que, pelo conselho de Mestre Latimer [Hugh

Latimer, que foi bispo de Worcester, cujo sermão sobre restituição foi o primeiro a mexer com a sua consciência] fosse feita uma restituição. Isso teria de acontecer” – embora a fraude tivesse sido cometida por Harrington, e não por ele, e foi Harrington, no final, que teve de pagar – “ele, de boa vontade, abriu mão e absteve-se de todo o patrimônio particular que tinha na terra.”⁴ Assim, “sua vida foi uma prática e um exemplo, uma provocação ao arrependimento.”

Então, Bradford, em seu ministério, insistiu na necessidade do arrependimento

não somente na pregação pública, mas também em assuntos particulares e com seus companheiros. Pois com quem quer que estivesse, ele livremente reprovava qualquer pecado e má conduta que viesse de uma pessoa, principalmente dos blasfemadores, obscenos (...). E, em fazendo isto com muita graça e majestade cristã, ele sempre conseguia fechar a boca dos contraditores. Uma vez que falava com poder, mas com tamanha doçura, eles podiam enxergar o mal que praticavam como algo ruim e prejudicial para eles mesmos, e entender que ele fazia o bem ao lutar para conduzi-los a Deus.⁵

A descrição que Sampson faz de Bradford, escrita dezenove anos após o reformador ter sido queimado, é fascinante em muitos aspectos. Em primeiro lugar, ela narra o que parece ter sido a primeira aparição de um diário pessoal espiritual, que revela Bradford como o pioneiro de um tipo de escrita que, mais tarde, se tornou uma especialidade dos puritanos – ou seja, uma escrita que, com efeito, faz do diário um confessional particular, cujo objetivo é fazer com que uma pessoa seja sincera consigo mesma e com Deus. (É difícil ser sincero quando os nossos próprios pecados e tolices estão em foco, como já observamos; fazer um diário, como fez Bradford, pode ser de grande ajuda aqui. Isto era um fato nos dias dele, e ainda o é nos nossos dias.) Em segundo lugar, há um grande fascínio pela luz que as palavras de Sampson lançam sobre o próprio Bradford, e seu senso vívido da santidade e graciosidade de Deus.

A Sensibilidade de Bradford ao Pecado

É evidente que a percepção que Bradford tinha da santidade de Deus e do ódio pelo pecado era, de fato, bem firme. Alguns modernistas tratam esta sensibilidade aguda à santidade e ao pecado (rara por si só, embora comum nos líderes espirituais do século 16) como o resultado de uma cultura neurótica. Certamente, o temor da ira de Deus era uma das realidades mais fortes por toda a Europa daquela época, mas, tratar o senso de Bradford da pureza divina e da impureza

humana como simplesmente algo estranho é um terrível preconceito. Bradford não estava fazendo nada além do que encarar o que Deus nos fala, inúmeras vezes, nas páginas da Bíblia, ou seja, abominar o pecado em todas as suas formas, e a impenitência por parte daqueles que pecaram que acende sua “ira” (hostilidade judicial, rejeição e julgamento na mesma moeda).

Bradford nos diz isto em suas próprias palavras. Aqui estão alguns trechos de sua “Prayer on the Wrath of God against Sin” (Oração sobre a Ira de Deus contra o Pecado):

Ó, eterno e todo-poderoso Deus, amado Pai de nosso Salvador Jesus Cristo, que fez os céus e a terra, o mar e tudo o que nele há; que fez grandes coisas, que governa, que conserva e que mantém todas as coisas (...) Ó, santo, justo e sábio; ó, forte, terrível, poderoso e temível Senhor Deus, Juiz de todos os homens (...) cujos olhos estão voltados para os caminhos de todos os homens, e são tão puros que não podem ocultar a impiedade; tu que sondas o coração (...) de todos os homens. Tu abominas o pecado e aborreces a iniquidade: por causa do pecado, tu tens punido seriamente a humanidade (...) como declaraste pela pena de morte imposta sobre todos os filhos de Adão; pela expulsão de Adão e sua descendência do paraíso; pela maldição da terra; pela inundação do mundo; pela destruição de Sodoma e Gomorra (...)

[Aqui, Bradford acrescenta diversos exemplos da justiça punitiva de Deus na História dos relatos bíblicos.]

Mas, de todas as tuas demonstrações de ódio pelo pecado, a maior e mais notável é a morte e paixão sangrenta de (...) Jesus Cristo. Grande é a tua ira contra o pecado, quando, na terra ou no céu, nada pôde ser achado para aplacá-la, salvo o sangue derramado do teu único e amado Filho, em quem tu te compraz (...). Se em Cristo, em quem não havia pecado, tua ira foi tão terrível pelo nosso pecado que ele foi forçado a clamar, “Deus meu, Deus meu, por que me desamparastes?” , quão grande e insuportável, então, é a tua ira contra nós, que nada somos senão pecadores!⁶

O temor reverente de Bradford em sua oração ao poderoso Criador, que mostra esta força da ira punitiva em relação a todas as manifestações moralmente destruidoras da força do pecado, está, sem sombra de dúvida, em completo descompasso com as idéias mais tenras de Deus e atitudes mais moderadas a seu respeito que são comuns em nossos dias. No entanto, suas idéias eram muito comuns no protestantismo inglês dos seus dias.

A mesma atitude encontra expressão clássica na oração de confissão de pecados que Thomas Cranmer escreveu dois ou três anos antes de sua Ordem de Comunhão (1548) – uma oração que parecia praticamente intacta em todas as versões do Livro Anglicano de Oração Comunitária desde os seus dias até os nossos. Com uma agudeza semelhante à de Bradford, a confissão de Cranmer diz o seguinte:

Deus Todo-Poderoso, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Criador de todas as coisas, Juiz de todos os homens: nós reconhecemos e lamentamos nossas fraquezas e pecados que, de tempos em tempos, mais dolorosamente cometemos, por pensamentos, palavras e ações contra tua divina Majestade, provocando, mais justamente, a tua ira e indignação contra nós. Arrependemo-nos profundamente e estamos sinceramente entristecidos por estas nossas maldades. A lembrança delas nos entristece; o seu peso é insuportável. Tenha misericórdia de nós, tenha misericórdia de nós, misericordioso Pai. Por amor de teu Filho e nosso Senhor Jesus Cristo, perdoa-nos todas as coisas que se passaram; e permita que, doravante, possamos servir-lhe e agradecer-lhe em novidade de vida, para honra e glória do teu nome, por intermédio de Cristo, nosso Senhor.⁷

Percepções de Otto sobre a Santidade

Em seu pioneiro livro, *The Idea of the Holy Life* (A Noção de uma Vida Santa) (1923), Rudolf Otto afirmou que a percepção de uma pessoa religiosa do “divino” (sua palavra para descrever o sentido da santidade divina) envolve um certo grau de temor (o sentimento de reverência e perigo que surge quando se sabe que está nas mãos de Deus, por bem ou por mal, e que Deus não é subservente, nem subjugado), no entanto, um temor associado ao fascínio (o sentimento de estar fascinado, ou até maravilhado, com a beleza, bondade, misericórdia e amor de Deus). Agora, o que precisa ser dito de uma vez por todas é que a maioria das religiões atuais no Ocidente, principalmente as que seguem as vertentes teosóficas, a nova era, o protestantismo liberal e o catolicismo modernista, caracteriza-se por estar demasiadamente ligada à cultura, intelectualizada, sentimental e superficial a ponto de permitir qualquer forma de experiência divina. Essas religiões concebem a Divindade no papel de um homem bom (ou uma boa mulher, na teologia feminista) e não percebem que Deus reúne em si mesmo os dois aspectos de transcendência descritos por Otto. Portanto, o veredicto deve

ser, não que a análise de Otto esteja equivocada, mas que uma boa parte das religiões modernas do Ocidente é, em certos aspectos básicos, irreligiosa.

A análise de Otto está de acordo com as Escrituras. Considere, por exemplo, como Moisés, Elias, Isaías e Ezequiel se encontraram com Deus (Êx 3; 1Rs 19; Is 6 e Ez 1), e como Paulo teve um encontro com Jesus na estrada de Damasco (At 9; 22.6-21; 26.12-23). Observe como a percepção da glória e soberania transcendente de Deus foi evidente no decorrer do ministérios desses homens.

Sua análise é também validada pela percepção de Deus que se torna vívida nos movimentos de renovação e reavivamento, onde percebe-se que Deus está bem próximo e não mais se mantém à distância. Esses movimentos sempre dependem de – e, de fato, são iniciados por – uma rápida compreensão de Deus: aquela em que a temibilidade (Deus como o poderoso aquinhoador do destino) e a atratividade (Deus rico em misericórdia) caminham sempre juntas. A Reforma em si foi um desses movimentos de renovação. A análise que Otto oferece é certamente acurada em relação aos principais reformadores, como Lutero e Calvino, além de Bradford e Cranmer com eles, e os puritanos que vieram depois deles; é acurada também para analisar o grande número de pessoas que foram alcançadas pelos sucessivos reavivamentos evangélicos que enriqueceram o mundo do Protestantismo desde o século 18 até os nossos dias.

Os cristãos piedosos sempre foram marcados por uma percepção bilateral do divino. Por um lado, a glória transcendente da pureza e amor de Deus, enquanto centrada no plano da salvação, os fascina. Por outro, a glória transcendente da soberania de Deus, enquanto centrada na ameaça divina do julgamento pela impiedade, os deixa alarmados. Este sentido caracteristicamente cristão da misericórdia e do temor do Senhor é a fonte na qual cresce a consciência de que o arrependimento constante é um “dever” na vida de santidade. Essa consciência não será desenvolvida sob outra condição. Onde ela não for encontrada, qualquer suposta santidade, se examinada, se provará falha por ser complacente e míope a respeito do pecado. Mostre-me, então, um cristão professo que não vê e insiste na necessidade de um arrependimento contínuo, e irei mostrar-lhe uma alma confusa para quem Deus não é Santo no sentido bíblico pleno. Para essa pessoa, a verdadeira santidade cristã está, no momento, fora de alcance.

O Outro Fundamento de Bradford

Mas tudo isto é apenas metade da história. Como Sampson diz, e como atesta o legado literário de cartas, sermões, meditações e orações de Bradford, havia

outro fundamento sobre o qual se baseava a percepção de Bradford sobre o arrependimento como uma obra da vida. O que o despertou não foi apenas a sua impressão da santidade de Deus de acordo com a fórmula de Otto, mas também os motivos de gratidão pela graça recebida, e o amor pelo Deus da graça que o tinha redimido pela cruz, e o chamado à fé em Cristo para a salvação. Sobre este aspecto da santidade, sobre o qual Otto tinha pouco a dizer, Bradford foi um excelente exemplo.

Como freqüentemente acontece com os santos de Deus, havia uma individualidade marcante, até uma excentricidade pelos padrões sociais comuns, no aspecto devocional de sua vida. Isto deveria ser visto como algo natural em vez de estranho. Pessoas santas que amam a Deus, como casais que se amam e que só têm olhos e pensamentos um para o outro, estão aptas para agir estranhamente na presença de outras. Ao seguirem o único relacionamento que realmente lhes importa, elas irão ignorar tudo e todos por períodos longos, uma vez que só têm espaço para o amor. O coração de Bradford era completamente dedicado a Deus, e suas ações revelavam o amor que havia nele. Sampson descreve como meditava em público:

(...) os que o conheciam bem podiam ver como ele, mesmo estando em sua companhia, costumava entrar em uma repentina e profunda meditação, na qual permanecia com o rosto imóvel e o espírito comovido, sem dizer uma palavra por um bom tempo. E, às vezes, em meio a este silêncio, lágrimas escorriam por sua face. Outras vezes, ele mergulhava e depois saía desse estado contemplativo com um largo sorriso no rosto. Frequentemente, quando eu jantava em sua companhia (...) ele entrava nestes períodos de profundas cogitações: e, ao final deles, mencionava que eu certamente tinha notado que as lágrimas escorriam-lhe pela face, tanto por motivos de alegria quanto de tristeza.⁸

Sobre a vida de oração de Brandford, enquanto era tutor em Cambridge, Sampson escreve o seguinte:

ele costumava ir de manhã à reunião de oração na universidade onde estava [Pembroke Hall], e, depois disso, ele costumava fazer algumas orações com seus alunos em seu quarto; no entanto, não satisfeito com isto, ele então corrigia suas orações pessoais (...) como alguém que ainda não tinha orado com a mente: pois estava acostumado a dizer para seus familiares: “Orei com meus alunos, mas ainda não orei comigo mesmo”.⁹

A oração, para Bradford, era uma prioridade: “A oração fiel é a única maneira pela qual, por meio de Cristo, obtemos todas as coisas necessárias (...) e também retemos e mantemos a graça que Deus nos tem dado”.¹⁰ A oração, como vimos, sempre foi para ele um exercício humilde, perscrutador e exigente de arrependimento. Como ele mesmo escreveu:

(...) na oração estamos longe do propósito de pecar, porque quem ora com o desejo de continuar no pecado não pode ser ouvido (...) Pois assim como é em vão o desejo de ser curado de uma ferida, uma vez que nela ainda está a sua causa, como um corte, uma bolha, uma picada ou um furo, etc.: sua oração que retém ainda o propósito de continuar no pecado também é em vão; pois a ferida da alma não é menor do que a ferida do corpo, provocada por uma espada (...) Diga adeus, quando for orar (...) para tua cobiça, impureza, linguajar obsceno, mentira, malícia, bebedice, glotonaria, preguiça, orgulho, garrulice [tagarelice inútil], indolência, negligência, etc. Se sentes que a tua vontade pecaminosa e pervertida lutar para não se submeter, apresente-a ao Senhor, e por amor a Cristo, peça a ele, em oração, para transformar a tua má vontade (...).¹¹

POR QUE TER UM ARREPENDIMENTO CONTÍNUO?

Agora podemos ver claramente por que, para Bradford, e para todos os outros cristãos como ele, a vida cristã tem de ser (como disse Lutero), antes de tudo, um exercício de contínuo arrependimento. Segue a razão que explica o que foi dito:

Deus é o Criador, que criou todas as coisas para o seu próprio prazer, e em quem todas as coisas dependem para a sua existência a todo momento. Ele tem o direito de determinar o modo como suas criaturas racionais devem agir. Ele deixou isto claro na sua lei moral, que exige que sejamos santos como ele é santo – que sejamos como ele, em nosso próprio nível humano, caráter, conduta, desejos, decisões e prazeres. Devemos investir em toda a nossa capacidade para viver uma vida de adoração que expresse gratidão e que seja fiel em obras – uma vida de fidelidade, retidão, integridade e amor para com Deus e o nosso próximo – uma vida marcada pelo propósito de glorificá-lo por meio de uma obediência sábia e habilidosa à sua vontade revelada. Colocando o que dissemos em termos de uma nova aliança, devemos reconhecer que exige-se que sejamos pessoas honestas, piedosas, sinceras, firmes e apaixonadas em todas as circunstâncias, que se comportem o tempo todo de forma a imitar Jesus, com toda a

inteligência, tendo a cabeça fria e o coração inflamado. Somos chamados à total retidão, expressando total devoção e compromisso. Temos a garantia de que nada nos faltará.

A pureza e a retidão do próprio caráter de Deus, e seus juízos de valor (o que é bom e digno, e o que não é nenhum deles) são permanentes e imutáveis. Ele não pode agir de outra maneira senão com hostilidade com indivíduos e comunidades que desobedecem à sua lei. Ele não pode fazer outra coisa senão visitá-los, mais cedo ou mais tarde, para mostrar-lhes seu julgamento retributivo, para que todas as suas criaturas racionais possam ver a glória de sua inflexibilidade moral.

Por causa da majestade de Deus como governador soberano do universo, o pecado (desobedecer à lei, não cumprir a marca moral, deixar de praticar a justiça de todo o coração e alma) é um assunto importante. A cultura secular do Ocidente, que tem deliberadamente atrofiado o sentido da majestade divina, acha difícil acreditar nisto, mas essa descrença não muda os fatos. Alguns pecados são intrinsecamente maiores e da mesma forma piores do que outros – mas pode não haver pecados pequenos diante de um grande Deus.

O propósito divino na nossa criação, como na nossa nova criação, é que devemos ser santos. Portanto, o descaso moral e a despreocupação com o que agrada ou não a Deus são em si um grande mal. Nenhuma expressão de criatividade, heroísmo ou bom comportamento pode anular a frustração de Deus ao ser desrespeitado desta forma.

Deus perscruta o nosso coração, bem como pesa as nossas ações. Por esta razão, a culpa em decorrência do pecado se estende às deficiências em nossos motivos e propósitos, bem como em nossas ações. T. S. Eliot chamou de “a maior traição: fazer a coisa certa pelo motivo errado”, e Deus observa e avalia as razões que estão por trás de nossas ações de um modo tão completo quanto as próprias ações. De certo modo, é correto dizer que Deus concentra mais sua atenção no coração – o centro do nosso pensar, reagir, desejar e tomar decisões – do que nas obras realizadas, pois é pelo que se passa no nosso coração que nos fazemos, de fato, mais conhecidos dele.

Deus é bom e gracioso para com todas as suas criaturas, e amou o mundo de tal maneira que deu seu único Filho para sofrer na cruz para que tivéssemos salvação. Uma ação de graças constante que expresse a gratidão do coração é a única resposta apropriada, e é, de fato, uma das exigências permanentes de Deus. Ingratidão e falta de amor para com ele são tão culpáveis diante de seus olhos como qualquer forma de inverdade e injustiça no trato com o nosso próximo.

A transgressão do primeiro e maior mandamento tem de ser o primeiro e maior pecado (Mt 22.34-40).

Deus promete perdoar e restaurar todo aquele que se arrepende do seu pecado. Uma vez que o pecado, tanto de omissão como de perpetração, no motivo, alvo, pensamento, desejo, vontade e fantasia, mesmo que não seja em ações exteriores, é um evento diário na vida dos cristãos (você sabe que isto lhe diz respeito, não sabe?), o arrependimento contínuo é uma necessidade imperativa. O arrependimento deve ser completo, vindo do coração assim como procedeu o pecado. O arrependimento, pelo qual o pecado é confessado e perdoado na convicção de que – como o Livro Anglicano de Oração vem dizendo desde que Cranmer o esboçou – Deus “perdoa e absolve todos aqueles que verdadeiramente se arrependem e sinceramente crêem no seu santo Evangelho”, expressa de forma direta o desejo do coração regenerado de voltar-se para Deus, e amá-lo e agradar-lhe constantemente. É este desejo que gera o propósito de abandonar o pecado e voltar para o Senhor com contrição.

A Afeição ao Pecado é um Obstáculo

As pessoas regeneradas sabem que a afeição ao pecado se torna um obstáculo para que experimentem a alegria da comunhão com Deus. Ela faz com que Deus retire a convicção que elas têm e sintam seu descontentamento por meio de uma disciplina interior e exterior. Portanto, seu instinto é orar constantemente como o salmista: “Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração, prova-me e conhece os meus pensamentos; vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno” (Sl 139.23,24). Estes versículos foram escritos em forma de versos em um hino que começa assim:

Sonda-me, ó Deus, e prova minhas ações,
 E permita que a minha vida apareça
 Enquanto é observada por teus olhos que tudo sondam;
 Para que meus caminhos eu possa ver.
 Sonda todos os meus sentidos e conhece o meu coração,
 Tu és o único que pode conhecê-los;
 E deixa que as partes profundas e secretas
 Sejam completamente reveladas a mim.

Lança luz nas celas escuras,
 Onde possa reinar a paixão;

Pressiona a minha consciência até que ela sinta
O peso do pecado.

Sonda todos os meus pensamentos, as fontes secretas,
Os motivos que controlam,
As câmaras onde coisas impuras,
Dominam a minha alma.

Nenhuma pessoa regenerada, em sã consciência, quer ser achada praticando o pecado! Assim como o grande peixe expeliu Jonas de seu corpo físico, vomitando-o na terra seca, o que nasceu de novo se esforçará por expelir o pecado de seu sistema espiritual, reconhecendo-o e renunciando-o por meio do arrependimento. Às vezes, isto envolve drásticas ações públicas, como:

- Zaqueu, anunciando que metade de seus bens seria dado aos pobres, e que restituiria quatro vezes mais todos que havia defraudado (Lc 19.8);
- os mágicos convertidos em Éfeso, queimando seus livros de ocultismo (At 19.19);
- os coríntios, agindo rapidamente para impor, por decreto, a disciplina eclesiástica que antes negligenciaram (2Co 7.9-11);
- as confissões públicas de pecados, que ocorrem frequentemente em tempos de reavivamento (Mt 3.6; At 19.18).

Entretanto, sempre haverá a busca de si mesmo na presença de Deus, como uma disciplina de discipulado de Jesus Cristo, onde se depende da ajuda do Espírito Santo para detectar o que precisa ser acertado. No fundo, todos os cristãos querem se arrepender de todas as coisas que amarram a sua vida e deixá-las para trás.

Aqui, mais uma vez, Bradford ensina uma lição de profunda importância. Quando ele assinava suas cartas com as palavras “John Bradford, um verdadeiro hipócrita”, “um hipócrita”, “o pecador mais miserável, indiligente e mal-agradecido”, “o pecador John Bradford”¹², isso não era apenas uma ação de aparente piedade. Ele estava, na verdade, testificando a intensidade do seu sentido de presente imperfeição. Queria avançar no caminho do sincero arrependimento. É, de fato, uma lei da vida espiritual que quanto mais é aprofundada, mais consciente você fica da distância que ainda tem de trilhar. Seu desejo crescente por Deus torna-o cada vez mais consciente, não tanto de onde você se encontra em seu relacionamento com Deus, mas de onde você ainda não está. O que pode parecer exagero

na linguagem de Bradford não passa de uma indicação do fervor com que ele desejava ser um homem melhor em Cristo do que sentia ser. Se tivéssemos apenas metade daquele fervor, como seríamos diferentes!

Arrancando o Pecado

Os jardineiros estão em constante guerra com as ervas daninhas. O pior tipo dessas ervas é aquele que se espalha por baixo da terra, criando uma série de raízes embaraçadas, de onde brotam as plantas por toda parte. O sistema de raízes do pecado produz pecados específicos como seus brotos de uma maneira semelhante. Um pecado reforçará o outro, estando ligado a outro sob a superfície. Assim, o ciúme e a ambição se reforçarão mutuamente; o mesmo acontecerá com a luxúria, o orgulho e a ira; a avareza e a indolência fortalecerão as tendências de acabar com os padrões morais que, por sua vez, reforçarão a avareza e a indolência; e assim por diante.

O auto-conhecimento – que se expande e estende à medida que caminhamos com Deus, manifesta-se debaixo da pregação e ensino de sua Palavra e vive em sincera comunhão com seus santos – irá frequentemente nos confrontar com ligações deste tipo dentro de nós. Isto força cada um de nós a entender que, como certa vez me disse um cristão veterano, “vejo que tenho algo do que me arrepende”. (Ele, então, saiu por uma hora, e fez o que havia dito). Descobrir as raízes embaraçadas e identificar os elementos perniciosos de nossas motivações prova ser, na prática, uma tarefa que não tem fim.

Como aqueles que estudam piano precisam estar constantemente exercitando sua habilidade com uma série ampla de exercícios destinados a resolver problemas específicos e aumentar a capacidade dos dedos, nós, alunos da escola da santidade de Cristo, temos de continuar nos arrependendo, uma vez que uma fraqueza após outra e falta após outra em nosso sistema moral e espiritual se tornam evidentes para nós. O que o Livro Anglicano de Oração chama de “arrependimento do coração [no sentido de sincero]” é, como vimos, a dimensão de crescimento para baixo no processo da santificação. O crescimento em santidade não pode continuar onde não acontece o arrependimento do coração.

Esta é uma maneira de dizer que a conversão deve ser contínua. Por mais de três séculos, os protestantes compararam a conversão ao que o *Catecismo Menor de Westminster* chama de “arrependimento para a vida” – “uma graça salvadora, pela qual o pecador, tendo uma verdadeira consciência de seu pecado e percepção da misericórdia de Deus em Cristo, se enche de tristeza e de aversão

por seus pecados, abandona-os e volta-se para Deus, totalmente determinado a prestar-lhe nova obediência”.¹³ Para muitos cristãos, existe este momento de conversão consciente, e esta experiência da conversão “súbita” é uma grande bênção. Todos nós precisamos ter uma forma de entrar para um estado de conversão, na qual nenhum de nós pode encontrar por natureza. É uma alegria poder lembrar como aconteceu a nossa entrada para este estado.

Mas existe outra coisa: após “o primeiro instante em que cri”, a conversão deve tornar-se um processo de vida. Neste ponto de vista, a conversão foi definida como uma questão de dar o máximo que se conhece de si mesmo, ao máximo que se conhece de Deus. Isto significa que o nosso conhecimento de Deus e de nós mesmos cresce (e ambos crescem juntos), assim a nossa conversão precisa ser constantemente repetida e ampliada.

Pensar nestes termos é entender a ideologia de João Calvino, que se referiu explicitamente à “conversão súbita” (*subita conversio*) como um meio pelo qual Deus “subjogou e fez com que fosse ensinado” seu coração endurecido e deu-lhe “certa prova e conhecimento da verdadeira divindade”¹⁴, e que também em seu livro *Institutes of the Christian Religion* estabelece um conceito de conversão como a prática do arrependimento ativo por toda a vida, o fruto da fé, que brota de um coração renovado.

A conversão a Deus como um todo é entendida sob o termo “arrependimento” (...) O termo no hebraico para “arrependimento” deriva-se de conversão ou retorno; no grego, de mente e propósito: e a questão em si se enquadra em cada derivação, pois sua essência é que, em desviando-nos de nós mesmos, nós nos voltamos para Deus, e em desfazendo-nos da nossa velha mente, nós recebemos uma nova. Assim, penso que o arrependimento pode ser bem definido como uma verdadeira conversão da nossa vida para Deus, resultando em um temor puro e sincero dele, e consistindo na mortificação de nossa carne e do velho homem, e na vivificação do Espírito.¹⁵

É isso mesmo!

MODELO DE ARREPENDIMENTO

Até aqui, discutimos o arrependimento em termos bem gerais. Agora, entretanto, veremos que o arrependimento, por sua própria natureza, é específico. Saber exatamente o que precisa ser deixado de lado é parte de sua realidade.

O arrependimento vago nada representa, ou pelo menos, quase nada. “É dever de todo homem tentar se arrepender de seus próprios pecados, principalmente”.¹⁶

Assim descobrimos que, juntamente com os chamados gerais ao arrependimento que estão registrados na Bíblia (Mt 3.2; 4.17; Mc 6.12; Lc 5.32; 13.3,5; At 2.38; 3.19; 17.30), existem passagens que mencionam situações específicas pelas quais os ofensores devem se arrepender. Observaremos rapidamente agora uma das mais surpreendentes delas, ou seja, as cartas do Senhor Jesus Cristo, vindas de seu trono, para cinco das sete igrejas descritas em Apocalipse. Devemos observar estes pontos:

1. Após a visão de Cristo em sua glória de quem o ouvia (1.12), as cartas são o ponto central do livro. As visões do conflito que haveria de vir e do triunfo do Senhor e de seu povo (4-22) são um tipo de adendo, ou programa, anexo às cartas para dar substância à repetida promessa de que Cristo compartilhará de uma alegria inimaginável com todo cristão que vencer (2.7,11,17,26; 3.5,12,21).
2. As cartas são endereçadas às igrejas, mas são, na verdade, escritas para cada um de seus membros. “Quem tem ouvidos (no singular), ouça”; “ao vencedor” (no singular) será dada uma recompensa. Como sempre, a Palavra de Deus individualiza seus destinatários. Cada ouvinte ou leitor deve entender que a Palavra está endereçada ao seu coração, na expectativa de uma resposta pessoal.
3. Os pecados das igrejas em conjunto, e de cada um de seus membros, são especificados. Éfeso tem abandonado o seu primeiro amor (2.4); Pérgamo tem tolerado ensinos que são contra a santidade (2.14); Tiatira tem encorajado uma mulher imoral a ser sua instrutora (2.20); Sardes têm chegado a uma situação de morte espiritual e negligência de comportamento de seus sub-cristãos (3.1-3); Laodicéia é moma, presumida, complacente e indiligente nas coisas espirituais (3.15,17). Colocando em outras palavras, estas igrejas não conseguiram manter um espírito de amor por seu Senhor, retidão sem compromisso, intolerância do intolerável, zelo pela glória de Deus e boa vontade de lutar por Cristo. Destes fracassos específicos – todos tendo a ver com a qualidade do seu discipulado e lealdade ao seu Rei – o próprio Jesus agora exige que se arrependam.
4. Assim como expressam o amor de Jesus, e seu propósito de abençoar, quando, de sua glória, ele diz para seu povo enfrentar e arrepender-se de seus pecados, as cartas expressam seu amor quando ele se coloca diante

dessas igrejas para propor uma renovação de sua comunhão com ele (3.20). É para ele, como Senhor, que o arrependimento do cristão deve estar direcionado, assim como é para ele, como Salvador, que os penitentes devem olhar em busca de seu primeiro perdão e restauração.

Aqui, então, está um modelo para o arrependimento do cristão de hoje.

“Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados”, escreve Tiago (Tg 5.16). Ele não está falando das formalidades da absolvição institucionalizada, mas das intimidades da amizade cristã que são conhecida hoje como “relacionamentos de responsabilidade”. Nesses relacionamentos, um zela pelo outro em um contexto de compartilhar abertamente situações da vida: eventos tristes, como fracassos e quedas, e alegres, como livramentos e sucessos. A confissão de pecados dentro de amizades pastorais deste tipo é uma expressão importante de arrependimento. O embaraço não deveria nos impedir de praticá-la.

Confessar pecados a alguém que o conhece como um companheiro e amigo é comprometer-se ao esforço redobrado para não cair novamente no mesmo erro. Pedir a um amigo para que ore por uma cura (Tiago está falando da cura moral e espiritual – em outras palavras, a mais significativa cura pessoal) é tornar-se responsável por manter esse compromisso em uma base permanente. Poucos de nós, creio eu, realmente sabem o valor dos relacionamentos de responsabilidade na luta por um arrependimento honesto e por uma sinceridade na batalha contra tentações ao pecado.

Admitir com franqueza, para amigos em Cristo, os pecados cometidos, é parte do modelo bíblico de arrependimento do cristão.

ORIENTAÇÃO PRÁTICA SOBRE O ARREPENDIMENTO

Sem dúvida, você já ouviu sobre o irlandês que, quando perguntado sobre o caminho para Dublin, coçou a cabeça e disse: “Óbvio que se eu estivesse indo para Dublin, não partiria daqui”. Da mesma maneira, devo confessar que, quando o assunto é tentar ajudar os cristãos a desenvolver o hábito do arrependimento contínuo, eu não preferiria começar daqui – ou seja, não do cenário cultural do Ocidente moderno neste início do século 21. Tudo, humanamente falando, se opõe a esta questão de uma forma verdadeira jamais vista.

Sabemos que a cultura oscila entre o orgulho do otimismo, que encoraja as pessoas a se levarem excessivamente a sério e a confiarem demasiadamente em

si mesmas, e a frivolidade do pessimismo, que não faz com que elas levem a si mesmas e a vida tão a sério como deveriam. Impulsionado pelos triunfos tecnológicos, o Ocidente encontrava-se na fase do otimismo no início do século 20. Marcado pelas guerras, crises e toda sorte de reversão pública ao barbarismo, acabamos nos encontrando em um clima de pessimismo uma vez que o século findava. Nosso sentido de dignidade e glória de ser humano diminuiu, e percebe-se que a vida de hoje é meramente trivial – o que é uma das razões pelas quais nossa cultura tão prontamente mostra os dentes para o aborto e a eutanásia.

O Cristianismo perdeu por completo sua liderança cultural:

- o relativismo secular controla o mundo da educação;
- o materialismo consumista controla o mercado;
- a idéia de que podemos saber o que é finalmente verdade sobre a vida é ridicularizada;
- a tolerância para com todo abandono da sabedoria do passado é incentivada;
- qualquer apelo a padrões absolutos de certo e errado é visto como fanatismo.

Na prática, o Cristianismo deixou de ser uma base aceitável de vida pessoal e comunitária no Ocidente. Ele tem sido reduzido a um mero lazer para a minoria a quem ele ainda interessa.

As igrejas do Ocidente, enquanto isso, apresentam um espetáculo de confusão em termos de fé e princípios morais. Em vista do modo como o pluralismo de crenças e comportamentos é atualmente gerado e aplaudido em centros de estudo teológico, parece certo que a confusão ainda vai continuar. É um fato triste, porém inegável, ver que o arrependimento hoje raramente é mencionado em evangelismo, discipulados e atendimentos pastorais, até entre evangélicos e cristãos tradicionais. A preocupação em provocar um entusiasmo da congregação, apoiar os cristãos que atravessam crises, descobrir e afiar dons e talentos, prover programas baseados no interesse geral e aconselhar pessoas com problemas de relacionamento tem colocado este assunto em outro plano. Conseqüentemente, as próprias igrejas, ortodoxas e heterodoxas, perdem a realidade espiritual, e todos os seus membros são muitas vezes pessoas superficiais sem fome pelos profundos alimentos de Deus.

Definitivamente não, a nossa época não é uma boa para tentar promover a disciplina do arrependimento contínuo. No entanto, esta ênfase sempre se faz necessária, muito mais agora em que o arrependimento é um assunto que não está em voga. Portanto, prossigamos.

Minha tarefa agora é unir os fios da meada e resumir o que vimos sobre arrependimento de forma a permitir uma orientação prática. Como já deve ter ficado claro, creio que assim como nós, cristãos, devemos louvar a Deus, render-lhe graças e fazer-lhe petições, devemos nos arrepender diariamente. Esta disciplina é tão essencial à santidade como qualquer outra. Por mais que estivesse errada a antiga prática da penitência, sua exigência para que o cristão se apresentasse regularmente no confessionário pelo menos o mantinha consciente do fato de que encarar, resistir e lutar contra o pecado é uma tarefa constante. Quanto mais uma pessoa se aprofundar na vida santa, mais pecados achará nas atitudes do seu próprio coração, necessitando, então, ser tratada neste sentido. Assim como a verdadeira sinceridade da nossa devoção é o verdadeiro termômetro da qualidade do nosso discipulado, a eficácia do nosso arrependimento diário é o verdadeiro termômetro da qualidade da nossa devoção. Não existe outra maneira de expressar esta verdade. O que precisamos aprender, ou reaprender, neste ponto pode ser resumido da seguinte forma:

Pureza de Deus

Primeiro, somente por meio do arrependimento constante e profundo nós, pecadores, podemos *honrar a pureza de Deus*.

O Deus, a quem declaramos amar e servir, tem prazer na justiça e odeia o pecado. A Bíblia é muito clara a esse respeito.

Pois tu não és Deus que se agrada com a iniquidade, e contigo não subsiste o mal. (Sl 5.4)

Tu és tão puro de olhos, que não podes ver o mal e a opressão não podes contemplar. (Hc 1.13)

Abomináveis para o Senhor são os perversos de coração, mas os que andam em integridade são o seu prazer. Os lábios mentirosos são abomináveis ao Senhor, mas os que obram fielmente são o seu prazer. (Pv 11.20; 12.22)

Seis coisas o Senhor aborrece (...) olhos altivos, língua mentirosa, mãos que derramam sangue inocente, coração que trama projetos iníquos, pés que se apressam a correr para o mal, testemunha falsa que profere mentiras e o que semeia contendas entre irmãos. (Pv 6.16-19)

A pureza de Deus é apenas outra maneira de expressar o que foi dito acima. Devemos entender que, ao nos chamar à pureza (Sl 24.4; Mt 5.8; 1Tm 1.5; 5.22; 1Jo 3.3), Deus está nos exigindo que cultivemos a mesma repulsa no nosso coração.

Portanto a Palavra de Deus para todo o seu povo é: “Aborrecei o mal, e amai o bem” (Am 5.15). “Detestai o mal, apegando-vos ao bem” (Rm 12.9). E a nossa resposta correta é: “Tomara sejam firmes os meus passos, para que eu observe os teus preceitos. (...) detesto todo caminho da falsidade. Jurei e confirmei o juramento de guardar os teus retos juízos. Apartai-vos de mim, malfeitores; quero guardar os mandamentos do meu Deus” (Sl 119.5,104, cf. 128,106, 115).

Mas como devemos lidar com o fato de que nossa obediência sempre prova ser imperfeita?

Aqueles que negligenciam a disciplina do total arrependimento por seus erros, além do auto-exame regular com o propósito de discernir esses erros, estão agindo como se Deus simplesmente fechasse os olhos para as nossas falhas morais para amigos em Cristo o que é, na verdade, um insulto a ele, uma vez que essa indiferença seria, por si só, uma falha moral. Mas Deus não é moralmente indiferente, e não devemos tratá-lo como se fosse. A verdade é que a única maneira de mostrar verdadeiro respeito pela real pureza de Deus é firmando-nos de fato contra o pecado. Isto não significa apenas um propósito sincero de agradar a Deus pelo zelo de guardar a sua lei, mas também significa arrependimento. E o arrependimento não significa mera rotina de palavras de arrependimento, como as daquele que pede perdão sem envolver o coração, mas uma confissão deliberada, uma auto-humilhação explícita e uma sensação de vergonha na presença de Deus uma vez que se contempla as próprias falhas. Pois a pureza de Deus, como vimos, leva-o a odiar o mal. Sua exigência para que sejamos como ele, requer que também aborreçamos o mal, começando com o mal que achamos dentro de nós mesmos.

Observar um texto bíblico clássico que traça o perfil do arrependimento que vem de dentro nos será útil aqui. No Salmo 51, de acordo com a tradição, Davi publicamente poetiza a penitência que expressou a Deus depois de ter-se convencido do seu pecado na questão de Bate-Seba e Urias. Ele quebrou o décimo mandamento ao desejar a mulher do seu próximo; o oitavo, ao roubá-la; o sétimo, ao adulterar com ela; o nono, indiretamente, ao tentar enganar Urias para que cuidasse da criança que estava por nascer como se fosse sua; e o sexto, diretamente, matando Urias à longa distância. Então, como observamos anteriormente, Davi passou um ano indiferente ao que havia feito até que o profeta Natã, falando em nome de Deus, mostrou-lhe o descontentamento divino pela situação (2Sm

11–12). Mas, no Salmo 51, encontramos um Davi consciente, e que agora expressa total arrependimento em seis etapas distintas:

1. Os versículos 1 e 2 são *uma súplica por misericórdia e perdão*. Revelam uma verdadeira compreensão da aliança divina. Davi apela ao “inesgotável amor” (“benignidade” e “bondade” em outras traduções) de Deus, ou seja, à fidelidade da aliança divina com quem ele mesmo se comprometeu. A aliança pela qual Deus e os seres humanos se comprometem em pertencer um ao outro para sempre é a base de toda a religião baseada na Bíblia. Quando os servos de Deus tropeçam e caem, a fidelidade de Deus à aliança para com a qual seus servos foram infiéis é sua única esperança. O relacionamento nesta aliança é, enfaticamente, um dom da graça de Deus. É ele quem inicia e sustenta essa aliança, suportando todas as loucuras e vícios de seus parceiros que a constituem. Pois os santos de Deus foram, são e continuarão sendo criaturas loucas e pecadoras, que só podem chegar à sua presença por meio do constante perdão de seus constantes pecados. No entanto, o arrependimento é o único caminho que leva ao perdão.
2. Os versículos 3 a 6 são *um reconhecimento da culpa e a punição que merecemos por nossos pecados*. Mostram a compreensão do pecado como a perversidade inata do nosso coração que encontra sua expressão nos pecados, atos específicos de maldade e erro aos olhos de Deus. As profundas verdades encontradas aqui são: primeiro, não somos pecadores porque pecamos, mas, pelo contrário, pecamos porque somos pecadores (v. 5,6); segundo, todos os nossos pecados, nossas crueldades e nossas idolatrias são pecados contra Deus (v. 4).
3. Os versículos 7 a 9 são *um pranto vindo do coração para a purificação do pecado e anulação da culpa*. Mostram a compreensão da salvação como uma obra de Deus que restaura a alegria da comunhão com ele mesmo por meio da convicção de perdão dos pecados. Os “ossos” de Davi (sua própria consciência, quem ele sabe que é) são “esmagados” (incapazes de funcionar propriamente) como consequência de sua consciência acusadora. Ele pede que seus “ossos” literalmente “dancem” (“exultem”, como encontramos em diversas traduções) por causa desta garantia (v. 8) – uma metáfora vívida para a revitalização da vida interior de uma pessoa que a compreensão de seu pecado produz.
4. Os versículos 10 a 12 são *uma petição para a vivificação e renovação em Deus*. Mostram uma compreensão da vida espiritual como, em essên-

cia, a resposta firme e positiva do espírito do homem para Deus – uma resposta que é produzida e mantida pelo ministério regenerativo do próprio Espírito de Deus que habita em nós. É a maneira que Deus usa para remover nosso demérito, nossa corrupção e nossos desvios. Ele não nos salva em nossos pecados, mas dos nossos pecados. Aquele a quem ele justifica, também santifica. Onde não existe vestígio algum de um coração puro (um coração que abomina o pecado e que reflete a pureza de Deus) ou de um espírito “voluntário” (uma disposição para honrar e obedecer a Deus, e resistir as tentações do pecado), podemos duvidar se a pessoa está realmente em um estado de graça de qualquer modo. Certamente, buscar uma renovação em justiça e afastar-se do pecado é, daqui em diante, a essência do arrependimento. Sem isto, a pessoa não manifestará contrição, e não é, de modo nenhum, penitente.

5. Os versículos 13 a 17 são *uma promessa de proclamar a misericórdia perdoadora de Deus por meio do testemunho e da adoração*. Mostram uma compreensão de ministério para Deus e para o nosso próximo: para o santo Deus, por meio do louvor que expressa gratidão; e para os pecadores, pela declaração da graça que salva. Observemos que os santos são salvos para servir – celebrar e compartilhar o que Deus lhes tem dado. Uma dedicação renovada para fazê-lo, além de todas as outras boas obras, é uma prova da realidade do arrependimento.
6. Os versículos 18 e 19 são *uma oração que pede a bênção da igreja, a Jerusalém de Deus, o povo na terra que leva o seu nome*. Os versículos mostram uma compreensão do que mais agrada a Deus – pecadores salvos, penitentes que agora estão perdoados e prosperam espiritualmente, que são movidos pela gratidão e alegria a oferecer “sacrifícios de justiça” (v. 19). (A idéia aqui é de oferecer presentes a Deus com amor, embora talvez os sacrifícios de novilhos, sobre os quais Davi fala, não sugiram isto para o leitor moderno). A intercessão de Davi por todo o povo de Deus não indica, na verdade, uma mudança do tema da penitência que ele estava expressando anteriormente. A intercessão brota naturalmente das experiências do amor perdoador de Deus que o arrependimento desencadeia. Uma pessoa que sabe que é amada mostrará amor pelos outros, e esse amor irá levá-la a orar por eles.

Davi honrou a pureza de Deus pelo modo como se arrependeu de seus vergonhosos atos. Ao se humilhar, ele reconheceu o desafio que havia lançado, procu-

rou libertação do poder e da culpa de seus pecados e ofereceu-se novamente para realizar a obra de Deus e progredir em seu louvor. Este foi um ato de verdadeiro arrependimento, e, como tal, serve como modelo para nós.

Os cristãos, em seus sonhos e desejos, ainda que não mostrem isto em suas atitudes exteriores, também têm suas falhas no que se refere à cobiça, lascívia, avareza, malícia e engano. Os cristãos, como outros, são tentados a ser indulgentes consigo mesmos, abusar e explorar o seu próximo, usar sua autoridade como um direito no campo dos relacionamentos e, de vez em quando, desejar a morte de outros. Se Deus, em sua providência, nos impede ou não de realizar esses “sonhos” não é a questão. O ponto é que existem os desejos desordenados e quando o nosso coração se envolve com eles, ele está no caminho errado. Este é o motivo pelo qual precisamos nos arrepender.

Algumas formas do assim chamado ensino da santidade nos encorajam a ser insensíveis ou despreocupados com os pensamentos e motivos impuros que estão ocultos dentro de nós, mas um indício da santidade verdadeira é uma consciência crescente desses pensamentos e motivos, um aborrecimento crescente em relação a eles e um profundo arrependimento por eles quando nos vemos fomentando-os no nosso coração. Vimos este santo aborrecimento na vida de John Bradford, e Deus quer vê-lo em nós todos, pois sua pureza não pode ser honrada de outra forma.

Alma Saudável

Segundo, somente por meio do arrependimento constante e profundo nós, pecadores, podemos *manter nossa alma com saúde*.

A saúde espiritual, como a saúde do corpo, é um dom de Deus. Mas, como a saúde do corpo, é um dom que deve ser cuidadosamente tratado, uma vez que hábitos descuidados podem danificá-la. No instante em que acordarmos para o fato de que a perdemos, talvez seja muito tarde para fazer algo a respeito. O foco da saúde da alma é a humildade, enquanto a raiz da corrupção interior é o orgulho. Na vida espiritual, nada permanece imóvel. Se não estivermos constantemente crescendo em humildade, estaremos prontamente aumentando e produzindo o fruto do orgulho. A humildade está no auto-conhecimento; o orgulho reflete a própria ignorância. A humildade expressa-se na desconfiança de si mesmo e na dependência consciente de Deus; o orgulho é autoconfiante e, embora possa passar pelos movimentos da humildade com alguma habilidade (pois o orgulho é um grande ator), ele é presunçoso, opinioso, tirânico, agressivo e obstinado. “A soberba precede a ruína e a altivez do espírito, a queda” (Pv 16.18).

Assim como o quinino é o antídoto para a malária, a humildade é o antídoto para o orgulho. No sentido em que Orsino, de Shakespeare, em *Twelfth Night* (Décima Segunda Noite) vê a música como o alimento do amor, o arrependimento deve ser visto como o alimento da humildade. Ou, mudando o quadro, o arrependimento deve ser pensado como o exercício rotineiro que mantém a humildade, e pela humildade, a saúde da alma. “Sem cruz não haverá coroa”, disse William Penn. “Sem humildade não haverá saúde e, sem arrependimento não haverá humildade” é o que estou dizendo agora.

O auto-conhecimento, no qual se enraíza o arrependimento de um cristão, vem da lei. Ele é o resultado de ter sido criado para encarar os padrões morais prescritos por Deus para nós, suas criaturas. Em Romanos 7.7-25, Paulo nos fala, primeiro, como, em sua mocidade, a lei o ensinou a reconhecer o seu próprio pecado, pondo em ação os mesmos motivos e desejos que ela proibia. “Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás” (Rm 7.7). Então, ele nos fala como se deu esse processo em sua vida cristã, apesar de “no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros” (Rm 7.22,23).

A “lei do pecado” significa que o pecado opera como uma força motora que, irracionalmente, é anti-Deus em seu impulso. A palavra “vejo” mostra-nos como Paulo percebe a si mesmo quando, pela luz da lei que deseja guardar, ele olha para si mesmo e avalia sua real condição – em outras palavras, o momento em que ele pratica a disciplina do auto-exame. Toda vez que faz isto, ele vê que seu alcance excedeu sua compreensão, que nada que disse ou fez foi tão bom e justo como deveria ter sido e que todos os seus atos mais generosos, nobres, sábios, altruístas, puros e honrosos a Deus tinham defeitos de certa forma discerníveis. Em retrospectiva, ele sempre descobre que sua conduta poderia e deveria ter sido mais semelhante à de Cristo, e suas motivações, menos confusas. Ele sempre descobre que poderia ter sido melhor do que foi.

Esta constatação, que chama ao arrependimento constantemente renovado que advogo, é inquestionavelmente depressiva. Daí, o lamento agonizado de Paulo em Romanos 7.24: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” No entanto, precisamos observar que esta confissão é seguida pelo grito triunfante de Romanos 7.25, uma vez que Paulo olha para a “redenção do nosso corpo”, na vida futura (Rm 8.23): “Graças a Deus (que um dia, enfim, me resgatará) por Jesus Cristo, nosso Senhor”. A presente li-

bertação parcial do poder do pecado, que é o outro lado de sua experiência (Rm 7.5-7), o faz desejar a libertação futura e total que Deus prometera. Enquanto isso, no entanto, ele cresce para baixo em profunda humildade, enquanto se conscientiza cada vez mais do modo como o pecado que há nele ainda ameaça seu objetivo de agradar plenamente a Deus. Nisto, ele é um modelo para todos nós.¹⁷

Uma Batalha na Igreja de Hoje

Uma batalha está sendo travada no mundo cristão moderno. Ela é, por um lado, uma batalha pela lei e, por outro, uma batalha pela consciência. Uma consciência educada e sensível é um monitor de Deus. Ela atenta para as qualidades morais do que fazemos ou planejamos fazer, condena a ilegalidade e irresponsabilidade e faz com que nos sintamos culpados, envergonhados e temerosos da futura retribuição que, segundo ela, merecemos quando nos permitimos desafiar seus limites. A estratégia de Satanás é corromper, tornar insensível e, se possível, matar a nossa consciência. O relativismo, materialismo, narcisismo, secularismo e hedonismo do mundo ocidental contemporâneo lhe presta grande ajuda neste sentido. Sua tarefa é ainda mais facilitada pelo modo como as fraquezas morais do mundo foram aceitas na igreja contemporânea.

As pessoas da igreja, que se intitulam de liberais, radicais, modernas ou modernistas, e progressistas, persistem no princípio de batizar em Cristo os pensamentos e atitudes de cada sociedade incrédula na qual a igreja se encontra ancorada. No Ocidente, isto implica em éticas situacionais (nada é prescrito, salvo o motivo e disposição para o amor), e a partir daí, no sexo casual seguro, no casamento em série por meio de repetitivos divórcios, na prática livre do aborto e na legalização do estilo de vida homossexual (porque a realização pessoal no sexo por meio de qualquer atividade genital defendida por quem a pratica está, nos nossos dias, entre os principais valores da vida). Evangélicos, carismáticos e ortodoxos geralmente não aprovam esta liberalidade sexual na teoria, contudo, tendem a fazer o contrário na prática, e nas questões morais coletivas, eles raramente vão além de seus grupos heréticos de oposição.

Quando tememos a heresia, descrença, legalismo, frieza e morte espiritual, passamos todo o nosso tempo ensinando a doutrina verdadeira, louvando ao Senhor, defendendo a fé e evangelizando os perdidos, e raramente reservamos um tempo para educar a nossa própria consciência sobre as questões da moralidade básica. Há cem anos, a cultura ocidental ensinava os princípios cristãos de

moralidade nas escolas, na imprensa e nos sistemas de opinião pública, mas isto já não mais acontece. Hoje, se a comunidade cristã não ensinar a justiça, ninguém mais irá fazê-lo. No entanto, os cristãos do Ocidente hoje mal são capazes de ensinar os princípios da justiça, porque eles mesmos mal os aprenderam. Com a nossa negligência geral de educação ética para os cristãos, além da nossa constante exposição à lavagem cerebral feita pelos expositores do pensamento positivo e da forte auto-estima que classificam todos os sentimentos de culpa como não espirituais e contra a mente de Jesus, talvez não seja de admirar que, quando o assunto é retidão, integridade e compaixão, os cristãos conservadores não consigam se sobressair.

De fato, é pior do que isto. Nos últimos anos, um grupo significativo de líderes conservadores foi envergonhado publicamente por não lidar bem com questões nas áreas de sexo, dinheiro e poder. Não há dúvida de que parte da culpa é dos próprios conservadores por terem tratado seus líderes como estrelas, alimentando seu ego com dinheiro e aplauso, e, assim, destruindo seu próprio senso de vulnerabilidade. Não há dúvida de que os líderes caídos devem ser diretamente responsabilizados pelo próprio engano de si mesmos. Certa vez, alguém disse: “Tolo é o homem (ou a mulher) que crê em todas as coisas maravilhosas que as pessoas dizem a seu respeito!” O elogio alimenta o orgulho. Um líder elogiado pode facilmente vir a acreditar que não apenas sua experiência, conhecimento e habilidades o fazem muito importante, que não apenas sendo o homem que é, ele não pode estar seriamente errado a respeito de alguma coisa, mas também que ele está, de fato, acima da lei e que pode quebrar as regras por livre vontade.

Mais fundamentalmente, no entanto, deve ser responsabilizada a decadência corporativa que agora marca a igreja conservadora – a decadência que se concentra exclusivamente na sustentação da fé e ignora a insistência bíblica de que aqueles que mantêm as doutrinas da graça devem manifestar em sua vida a graça dessas doutrinas. Em outras palavras, a ortodoxia (a crença correta) deve levar à ortopraxia (o comportamento correto). Nesta Era de decadência do Cristianismo, na qual a escrupulosidade assumiu o lugar da justiça como o objetivo moral, e o sucesso está acima da santidade, o chamado à ortopraxia raramente é ouvido e raramente respondido. Portanto, todos nós sofremos perdas neste ponto.

O fato é que os cristãos de hoje são todos vítimas de nossa decadência do final do século 20, que separa a ortodoxia pública da moralidade pessoal, implicando que a última não tem importância uma vez que a pessoa confesse crer na verdade. Portanto, quando os líderes caem, devemos lembrar (como Bradford) que o que nos sustenta é a graça de Deus. Será que a nossa consciência está

melhor preparada do que a consciência daqueles santos que pecaram? As nossas obras são melhores do que as deles? É provável que não. Se com o nosso equipamento moral inadequado, em um mundo que, de certa forma, escarnece da moralidade, tivéssemos sido expostos a essas tentações (primeiro o orgulho e, então, a loucura), poderíamos ter caído como eles. Temos sinceramente de reconhecer que Satanás tem feito um grande progresso na batalha em ganhar a nossa consciência. Satanás continuará a marcar seus pontos a menos – e até – que seja restabelecido o princípio de que a vida cristã, para todos, é uma vida de auto-exame, auto-humilhação e arrependimento diário pelos pecados cometidos a cada dia.

É verdade, como já dissemos, que a santidade é um ato de honra a Deus que concede saúde à alma, e que a humildade está no coração da santidade (humildade, não como um jogo de arrastar-se perante Deus, mas como uma percepção sincera de nossas limitações, fragilidades e fracassos, com uma dependência de Deus para obter tudo que é bom) – se é também verdade que a humildade tem raízes e é reforçada pelo realismo no arrependimento de nossas falhas, e se, finalmente, é verdade que o realismo no arrependimento flui do conhecimento de Deus e de nós mesmos – então nossa primeira necessidade, como discípulos na escola de santidade de Cristo, deve ser expulsar a complacência da nossa alma.

Não devemos tomar como certo que, por estarmos firmes na fé abandonada por outros, Deus tem de estar satisfeito conosco, e, portanto, devemos estar contentes conosco mesmos. Pelo contrário, devemos suspeitar de nós mesmos como sendo os de Laodicéia, com a consciência atrofiada pelo mundanismo e pela prosperidade, e sem ouvidos para ouvir a Palavra daquele a quem chamamos de Salvador e nosso Senhor.

O que, então, devemos fazer? A ação deve acontecer em duas linhas. Dentro da igreja, a pregação, o estudo e a comunhão precisam ser direcionados para o despertamento da consciência de cada um sobre o ódio que Deus tem do pecado, sua exigência de justiça e o modo como o ofendemos, quando não levamos a sério suas exigências. E, na nossa peregrinação diária, devemos aprender a ouvir Deus por nossa conta. Se ousarmos pedir a Deus que nos deixe, pessoalmente, ouvir sua Palavra a respeito da nossa vida, ele deixará.

A Palavra de Deus para nós é normalmente lida, pregada e aplicada na prática. Mergulhar a nossa alma nas Escrituras é uma atitude sábia se estivermos buscando a santidade com seriedade. Um esquema útil de aplicação da meditação em cada passagem é perguntar a nós mesmos:

O que Esta Passagem me Diz a Respeito de Deus?

Como ela descreve a natureza e o poder de Deus; seu plano e propósito; as coisas que ele gosta e desgosta; suas obras, caminhos e vontade para suas criaturas humanas?¹⁸

O que Esta Passagem me Diz a Respeito da Vida?

O que ela diz sobre uma conduta correta, uma má conduta, uma conduta sábia e uma conduta insensata; situações e relacionamentos diversos nos quais as pessoas se envolvem; o caminho da fé com todas as suas dificuldades e alegrias; vários estados emocionais e traumas temperamentais; virtudes a serem cultivadas, vícios a serem evitados e valores a serem mantidos; pressões do mundo, da carne e do diabo; e o que fazer com tudo isso? Em resumo, o que ela me fala sobre todas as realidades de pertencer a uma raça humana perdida em um mundo arruinado, agora atingido pelos poderes da redenção e envolvido no contínuo conflito entre Cristo, o Conquistador, e os poderes derrotados das trevas, que estão em desesperada luta?

O que Tudo Isto me Diz a Respeito da Minha Presente Situação de Vida?

O que ela me diz sobre as tarefas, problemas, oportunidades, fracassos e tentações para pecar com os quais me deparo todos os dias? Como ela me adverte e encoraja, e que sabedoria e recursos ela me mostra?

Meditar nestas coisas significa pensar em todas elas na presença de Deus. A meditação deve levar à oração, na qual conversamos diretamente com ele sobre estas coisas. Esta é sempre a conclusão apropriada da leitura pessoal da Bíblia.

Se você medita nas Escrituras da maneira que descrevemos, com uma oração inicial para que o Espírito Santo o ilumine, e uma oração subsequente pedindo a Deus que escreva em seu coração o que foi visto e aprendido, você certamente ouvirá a voz divina e encontrará o Senhor entronizado. Em meio às certezas da graça e ajuda com as quais ele alegrará o seu coração, ele lhe confirmará repetidas vezes a verdade de sua Palavra: “Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te” (Ap 3.19). Depois não diga que não foi alertado sobre isso! Não fique imaginando que você está trilhando o caminho da santidade,

crescendo para baixo como os cristãos são chamados a fazer, se repreensão e arrependimento não têm espaço na sua vida.

O já falecido bispo anglicano Stephen Neill disse muitas coisas importantes de uma maneira inigualável. Concluo este capítulo fazendo algumas citações do perfil da santidade desenvolvido por ele. Nelas, Neill focaliza com primor o que este capítulo se propôs a dizer:

Com uma regularidade que beira a monotonia, todos os santos nos dizem que são os maiores dos pecadores. Para os não-cristãos, isto é, às vezes, extremamente irritante; parece ser uma simulação, um mero modo de falar usado por aqueles que, por serem visivelmente tão bons, precisam se condenar de uma maneira tão extravagante. Mas não há dúvida de que, quando os santos, começando com o apóstolo Paulo, usavam tais expressões, eles o faziam porque não podiam falar de outra maneira (...) É um paradoxo, mas não deixa de ser uma verdade, que o progresso na santificação sempre significa, ao mesmo tempo, um progresso na penitência.

Não é difícil entender a razão disto. Falamos da iluminação da consciência pelo Espírito Santo. É apenas a consciência iluminada que pode levar o pecado a sério como ele deve ser levado (...) com um conhecimento crescente, há uma sensibilidade ainda mais profunda ao nosso fracasso na tentativa de aproveitar ao máximo as oportunidades que Deus tem dado. Talvez sejam poucos os pecados reais e identificáveis; mas em vista dessas oportunidades que nos foram dadas, o que Jesus teria feito com elas? Eis aqui o centro de tudo. Seguir adiante na estrada da santidade significa conhecer melhor Jesus. Nós nos voltamos sempre para ele. Quanto melhor o conhecemos, mais nitidamente vemos o quanto parecemos pouco com ele (...).¹⁹

Sim. É exatamente assim que acontece.

Capítulo 6

CRESCENDO NA SEMELHANÇA DE CRISTO: A EXPERIÊNCIA CRISTÃ SAUDÁVEL

Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens, educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente, aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda a iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras. Tt 2.11-14

... antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. 2Pe 3.18

E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito. 2Co 3.18

SAÚDE E CRESCIMENTO ESPIRITUAL

“Espero que você esteja bem”. “Tudo de bom para você”. “Cuide-se”. Constantemente lemos e escrevemos versões deste sentimento em cartas. Assim, também, freqüentemente desejamos “boa saúde” para as pessoas e para nós mesmos, enquanto brindamos com uma coca (ou com outra bebida) nas festas. O que estamos querendo dizer? Naturalmente, estamos nos referindo, em primeiro lugar,

ao bem-estar físico – aquela condição física livre de dores, boa e eficiente, que é a razão para todos os exercícios, academias, corridas e ginásticas que fazemos. Pois temos muita consciência no que se refere à questão da saúde. Estamos desejando generosamente aos outros o bem-estar físico que desejamos para nós mesmos.

Isto não é normal? Não no essencial, embora uma preocupação obsessiva com o próprio corpo seja, intrinsecamente, doentia, assim como qualquer outra preocupação nestes termos. No entanto, desejar ser saudável é apenas uma das marcas da natureza humana. Uma preocupação equilibrada com a saúde de algum parente ou amigo é natural e justificada, e sempre foi tida como uma das melhores maneiras de se expressar essa idéia. Por isso, os antigos gregos e romanos iniciavam suas cartas desejando aos destinatários uma boa saúde. O Novo Testamento contém um exemplo disso: “Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde”, é o modo de João iniciar sua carta para Gaio, seguindo então a frase para encerrar esta introdução: “assim como é próspera a tua alma” (3Jo 2).

As palavras de João nos alertam para uma dupla verdade de que a saúde pessoal vai além do bem-estar físico, e de que a saúde da alma (mente e coração) é, sobretudo, mais importante do que o bem-estar do corpo. Isto é algo que nunca devemos esquecer. Às vezes Deus nos põe em contato com pessoas cuja condição física efetivamente nos faz lembrar do que foi dito acima. Joni Eareckson, uma quadriplégica que tem um ministério maravilhoso, apesar de passar os dias em uma cadeira de rodas, é um exemplo disso. Por duas vezes, tive o privilégio de apresentá-la do púlpito. Em cada uma dessas oportunidades, arrisquei uma previsão de que sua mensagem iria revelá-la como a pessoa mais saudável daquele estabelecimento – uma previsão que, até onde pude julgar, foi confirmada nas duas vezes.

Assim como alguém pode ser uma pessoa doente com um corpo em perfeito estado, alguém pode ser saudável com o corpo arrebatado, e até formando uma massa de dor. O segredo é aceitar a ausência de bem-estar físico como algo vindo de Deus, oferecê-la a ele para que seja usada para seu próprio louvor e pedir-lhe ajuda para fazer com que você continue sendo uma pessoa meiga, firme e paciente enquanto convive com esta condição.

Como acabamos de ver, não é errado desejar um corpo bom e em forma. O erro está em tornar-se amargo e ressentido diante das limitações corporais – como me disse uma bela jovem cristã da Califórnia que sofria de colostomia: “Ódeio meu corpo”, e cuja expressão enquanto falava revelou-me que ela realmente dizia a verdade. Naquele momento, pareceu-me que ela estava mais doente mentalmente

do que fisicamente. É interessante observar que “sã” na expressão “sã doutrina” no Novo Testamento (1Tm 1.10; 6.3; 2Tm 1.13; 4.3; Tt 1.9; 2.1) literalmente significa “saudável”, no sentido claro de ter e manter uma boa saúde. A idéia é a de que aqueles que interiorizam e digerem a sã doutrina serão pessoas saudáveis perante o Senhor, de modo que as outras não serão.

Assim, embora a saúde do corpo seja importante, o bem-estar da alma é mais importante. A saúde do indivíduo tem mais a ver com o estado da mente do que com a maneira pela qual os membros e órgãos do corpo estão funcionando em um determinado momento.

A saúde das crianças e adolescentes está ligada a um padrão de crescimento. Isto parcialmente indica que as crianças são saudáveis na medida que crescem praticamente como deveriam. É importante que compreendamos que isto também se aplica aos cristãos. Como já vimos, o cristão destina-se a ser segundo à imagem de Cristo em todos os pontos – ser como ele no cuidado, nos objetivos, nas atitudes e também no estilo de vida corporal. A transformação será perfeita no outro mundo, quando o pecado for finalmente desarraigado do sistema do cristão, e ele, “revestido” com o corpo ressurreto da mesma natureza do de Cristo (2 Co 5.1-4). Enquanto isso, aqui na terra, o crescimento constante nas dimensões moral e espiritual de semelhança com Cristo é um dos aspectos da saúde espiritual. Pedro escreve: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação (...) Antes, cresci na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (1Pe 2.2; 2Pe 3.18). Por meio da obra recíproca no corpo de Cristo, Paulo explica que não mais seremos “como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, crescemos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.14,15).

Deus deseja que todos os cristãos cresçam. Os pais de um recém-nascido se alegram muito com ele. Contudo, imagine a angústia que eles sentiriam se meses e anos se passassem e a criança ainda continuasse do mesmo jeito, sorrindo e batendo os pezinhos no berço, mas não mostrando crescimento! Não devemos esquecer que Deus deve sentir o mesmo quando nós, seus filhos nascidos de novo, não crescemos em graça.

A idéia geral de crescimento envolve mudança, desenvolvimento, aumento, ganho de força e energia, avanço, aprofundamento, preparo e maturidade. Qual é exatamente a natureza do crescimento na graça? Como devemos descrever o crescimento em questão aqui?

Observamos no capítulo 5º um de seus aspectos, o crescimento para baixo por meio do arrependimento e humildade, mas há muito mais a ser considerado nesta questão do crescimento espiritual do que apenas este aspecto, assim como, na área do crescimento físico, há mais a ser visto do que os movimentos normais do intestino. Dois parágrafos do clássico vitoriano de J. C. Ryle, *Holiness* (Santidade), que já citamos anteriormente, reúnem o lado negativo e positivo que envolve o crescimento na graça:

Quando falo de crescimento na graça, não quero dizer, nem por um instante, que o interesse do cristão por Cristo pode crescer. Não quero dizer que ele pode crescer em segurança, aceitação da parte de Deus ou convicção. Não quero dizer que ele pode ser mais justificado, mais absolvido, mais perdoado e ter mais paz com Deus do que já é e tem desde o primeiro momento em que crê. Sustento com firmeza que a justificação de um cristão é uma obra consumada, completa e perfeita; e que o santo mais fraco, embora talvez não saiba ou sinta, é tão justificado quanto o mais forte. Sustento com firmeza que a nossa eleição, chamado e permanência em Cristo não admitem grau algum, aumento ou diminuição (...) Eu iria até a morte, com a ajuda de Deus, pela verdade gloriosa de que, em matéria de justificação diante de Deus, todo cristão é completo em Cristo (Cl 2.10) (...)

Quando falo de crescimento na graça, apenas refiro-me ao crescimento em nível, tamanho, força, vigor e poder das graças que o Espírito Santo planta no coração de um cristão. Creio que cada uma dessas graças admite crescimento, avanço e aumento. Sustento que o arrependimento, fé, esperança, amor, humildade, zelo, coragem e virtudes semelhantes a estas podem ser pequenas ou grandes, fortes ou fracas, vigorosas ou frágeis, e podem variar muito na mesma pessoa em diferentes fases de sua vida. Quando falo de uma pessoa crescendo em graça, apenas quero dizer o seguinte: que o seu senso de pecado está se tornando mais profundo; sua fé, mais forte; sua esperança, mais iluminada; seu amor, mais abrangente e sua espiritualidade, mais definida. Ela sente mais o poder de Deus em seu coração e o manifesta mais em sua vida. Ela está indo de força em força, fé em fé e graça em graça (...)

Ao que parece, Ryle era contra alguma forma da idéia, falsamente atribuída a Lutero e aos luteranos, entre outros, de que não há neste mundo este negócio de santificação que muda o caráter. Portanto, ele agora reserva um tempo para vindicar contra o cepticismo da realidade do crescimento na graça descrita por ele. Dois argumentos são apresentados. O primeiro é extraído do Novo Testamento, onde esse crescimento aparece:

- como uma possibilidade prescrita (1Ts 4.1,10; 1Pe 2.2) e pedida em oração (Fp 1.9; Cl 1.10; 1Ts 3.12);
- como uma realidade reconhecida e celebrada (2Ts 1.3; Cl 2.9) e
- como uma necessidade, a estrada divinamente determinada (2Pe 3.18) e estabelecida (Hb 12.5-14) que conduz à glória final.

O segundo argumento é do:

(...) fato e experiência. Pergunto a qualquer leitor honesto do Novo Testamento, se ele não pode ver, tão claro como o sol do meio-dia, graus de graça nos santos do Novo Testamento cujas histórias estão registradas? Pergunto-lhe se não pode ver, nas mesmas pessoas, uma diferença tão grande entre sua fé e conhecimento em diferentes momentos como a diferença existente na força de um homem quando era criança e quando torna-se um adulto. Pergunto-lhe se a Bíblia não reconhece distintamente este fato, na linguagem que usa, quando fala de fé “fraca” e “forte” e de cristãos como “recém-nascidos”, “crianças”, “jovens” e “pais” (1Pe 2.2; 1Jo 2.12-14). Pergunto-lhe, acima de tudo, se sua própria observação dos cristãos de hoje não o leva à mesma conclusão. Qual é o verdadeiro cristão que não confessaria que existe diferença tão grande entre o grau de sua própria fé e o conhecimento no instante de sua conversão, e suas realizações, quanto a que há entre uma árvore nova e uma crescida? Suas graças são as mesmas em princípio, mas cresceram (...)¹

Sem dúvida, Ryle está certo em tudo isto, e trataremos sua compreensão do crescimento na graça como crescimento em graças, ou seja, transformação de caráter como a plataforma de lançamento para todas as outras coisas que este capítulo contém.

CONTEMPLANDO A GLÓRIA DA SANTIDADE

Há dois anos, minha esposa e eu passamos alguns dias no sopé do Monte Egmont, uma das montanhas mais altas da Nova Zelândia. O que mais nos chamou a atenção ali foram os efeitos das nuvens. Certo dia pudemos ver apenas a metade inferior do Monte Egmont, a outra estava totalmente coberta por nuvens brancas, de modo que o que era visível parecia uma enorme réplica do chapéu do falecido Buster Keaton. No dia seguinte, o que vimos foi a parte superior da montanha, que parecia estar flutuando no espaço, uma vez que as nuvens, espa-

lhadas desta vez, estavam encobrendo a parte inferior. Somente no terceiro dia, quando todas as nuvens se espalharam, pudemos ver o Monte Egmont por inteiro, em seu verdadeiro esplendor. Da mesma maneira, não somos capazes de apreciar a glória da santidade como o caminho do crescimento saudável para o filho de Deus até que superemos a fase das meia-verdades e informações incompletas, e possamos vê-la como o quadro completo da semelhança de Cristo que ela realmente representa. Este é o ponto que quero desenvolver agora.

As visões parciais da santidade – pelas quais as meia-verdades sobre ela são tratadas como a verdade absoluta – foram abundantes. Foi isto que vimos no capítulo 4º. Inevitavelmente, qualquer estilo de vida baseado nessas meia-verdades termina parecendo grotesco em vez de glorioso; como qualquer desenvolvimento humano parcial, não importando a forma que assuma. No entanto, aqueles que desejam, com todo o seu coração, ser santos, são, certamente, o sal de Deus no mundo. Espero que você, leitor, e eu, autor deste livro, possamos estar entre eles. Mas essas pessoas freqüentemente manifestam a estreiteza da visão do túnel quando o assunto são os aspectos específicos da santidade, e podemos entender o motivo.

A paixão esvazia a concentração. Ela confina e restringe a atenção de uma pessoa para qualquer coisa que tenha dominado o seu coração. Isto, notoriamente, acontece nos relacionamentos amorosos dos adolescentes. Uma vez que ser cristão é um tipo particular de relacionamento amoroso, não deveríamos nos surpreender em descobrir que isto também acontece aqui. O cristão, que tem uma paixão por agradar a Deus, tentará, com firmeza, seguir qualquer prescrição para o alcance de uma vida santa que lhe tenha sido dada, abraçando-a como algo subjetivamente precioso e considerando como falta de espiritualidade qualquer questionamento de sua adequabilidade objetiva. Qualquer conjunto de orientações para a santidade pode, neste sentido, tornar-se um bezerro de ouro. No entanto, se a prescrição é apenas uma meia-verdade, obedecer à ela resultará em uma vida que, de qualquer forma, será sem equilíbrio e incompleta e, como tal, estranha e inexpressiva (assim como cada metade do Monte Egmont parecia estranha e inexpressiva sem a outra metade).

Correndo o risco de fazer uma caricatura, devo ilustrar este ponto uma vez que ele é tão importante.

Rapsódia sem Realismo

Neste extremo estão aqueles para quem a vida santa significa o que chamo de *rapsódia sem realismo*. Seu coração concentra-se totalmente nos exercícios

devocionais, nas experiências do amor divino, nos êxtases da convicção, nas expressões do seu próprio amor por Deus e na manutenção do fervor e entusiasmo emocional em todas as suas perspectivas dele e comunhão com ele. Eles sentem que a verdadeira santidade consiste, essencialmente, neste ardor.

Mas eles não parecem pensar ou conhecer muito sobre os relacionamentos humanos. Não se observa neles muita paciência, sabedoria ou caridade, pelo menos quando a caridade exige que se movam de palavras para ações (Tg 2.14-16; 1Jo 3.16-18). Eles são como a metade superior do Monte Egmont que aparece sem a parte de baixo. Seus pés estão, se é que posso colocar desta forma, firmemente fora do chão. Embora o ardor rapsódico de seu amor e adoração por Deus seja grande, eles não conseguem cumprir o quesito do amor ao próximo e, às vezes, até do amor pelos seus próprios familiares. O problema com essas pessoas não é que elas sejam insinceras, mas que sua visão de túnel, nascida de sua completa paixão por conhecer, amar e louvar a Deus, as impede de ver que a santidade envolve ser um realista responsável nas situações de vida nas quais Deus nos têm colocado.

A santidade requer que mostremos nosso amor por Deus por meio da qualidade do nosso amor pelos outros, a quem devemos entender que ele ama como nos ama. A rapsódia sem realismo não é ser conformado com Cristo, e é muito mais um fracasso do que uma forma de santidade.

Cumprir a Lei sem se Relacionar

Neste extremo oposto estão aqueles para quem a vida santa significa *cumprir a lei sem se relacionar*. Seu coração brilha com o amor à lei de Deus. Eles vêem a santidade, essencialmente, como uma questão de cumprir a lei. Eles são meticulosamente honestos nos negócios; meticulosamente cuidadosos na observação de um modelo masculino de liderança em casa e retidão constitucional na igreja; meticulosamente conscientes em fugir do mal e evitar atividades classificadas como mundanas (fumar, dançar, beber, jogar, maquiagem, etc.); meticulosamente insistentes por manter a verdade de Deus e apontar erros e pecados em outras pessoas; e sua paixão por andar de acordo com as regras merece verdadeira admiração e aplauso. Mas em termos relacionais, eles são pessoas frias e distantes, que vêem a retidão do livro de regras como a essência da santidade e que se concentram muito mais na retidão formal de conduta do que na proximidade pessoal com Deus ou com o próximo. Paulo distingue o justo (íntegro, imparcial, consciente, correto), por quem ninguém morreria em circunstâncias normais,

do bom (amoroso, caridoso, sociável, generoso), por quem, como resultado de sua influência, alguém poderia até morrer para lhe salvar a vida (Rm 5.7) – e o meu foco aqui está posto na pessoa justa, e não na que é boa.

Estas pessoas são como a parte de baixo do Monte Egmont que aparece sem a parte de cima. A retidão do que fazem é inquestionável, mas elas não se esforçam por estar ao lado de outras pessoas, compassivamente, ou para se relacionar com o Pai e o Filho em uma relação de amizade. Em outras palavras, elas não conseguem ter sucesso na área de relacionamentos. A ortodoxia verbal (crença correta) e a ortopraxia formal (procedimento correto) são as únicas coisas que se sobressaem.

O problema que encontramos nessas pessoas é que sua visão de túnel faz de seu compromisso ardente e dado pela graça em manter a lei parecer-lhes como a regra geral da vida espiritual. No entanto, guardar a lei sem a proximidade relacional com Deus e com o próximo não é algo que tenha semelhança com Cristo, e é uma forma de escapar à santidade em vez de um método de alcançá-la.

Entre esses extremos, você encontra vários tipos de categorias morais e espirituais Indefiníveis – discípulos de toda sorte, mas não muito zelosos na devoção nem muito conscientes na obediência; mediocridades, que não podem, de forma alguma, ser descritas como modelos de santidade, apenas como formas confusas de seguir o Senhor. É minha expectativa que esta descrição represente a maioria de nós. Não posso parar para diagnosticar a falta de seriedade que se observa aqui, senão para dizer que suspeito que isto brota da tolice de não encarar esta vida como uma preparação para o céu. O foco nos extremos nos ensinará mais do que podemos esperar aprender com a observação da indiferença convencional de qualquer forma. Portanto, isto é o que devemos continuar a fazer.

O ponto que estou tentando enfatizar é que a santidade é o crescimento saudável dos homens moralmente deformados com relação à imagem moral de Jesus Cristo, o homem perfeito. Este crescimento é sobrenatural. É efetuado pelo Espírito Santo, em sua obra de santificação. Seu resultado, ao progredir, é uma santidade de plenitude pessoal positiva em todos os sentidos, de um tipo que nunca vimos antes, que honra e concentra-se em Deus, que é humilde, amorosa, orientada para a obra e de auto-negação. As parcialidades são corrigidas, os aspectos não desenvolvidos ou subdesenvolvidos de nossa personalidade são aprimorados e a semelhança da beleza moral do caráter de Jesus, em nós, começa a aparecer.

A beleza moral, como qualquer outro tipo de beleza, é principalmente uma questão das partes sendo equilibradas dentro do todo; neste caso, as virtudes e

pontos fortes do caráter. Como o ideal marxista é o de uma nova pessoa em quem as habilidades mentais e físicas são desenvolvidas em equilíbrio umas com as outras, assim o ideal cristão é o de uma pessoa renovada em quem o amor a Deus e ao próximo; o amor à sua lei e à sua comunhão; o amor ao Pai, Filho e Espírito; o amor em adorá-lo e em trabalhar para ele; e o amor à justiça e aos pecadores misturam-se de uma maneira equilibrada. A desproporção e o desequilíbrio na formação de nossa identidade espiritual não são um modelo de santidade, mas uma negação dela.

“Tu, porém, fala o que convém à sã doutrina” (Tt 2.1), escreveu o apóstolo Paulo a Tito. “Sã”, quando aplicada à doutrina, significa, como vimos, saudável no sentido de produzir saúde. Estas palavras de Paulo abrem um capítulo completamente voltado para a formação do caráter cristão em homens mais velhos (v. 2), mulheres mais idosas e jovens (v. 3-5), homens jovens (v. 6-8), servos (v. 9) e em todos os cristãos em geral (v. 11-14). O capítulo termina com uma ordem apostólica muito clara: “Dize estas coisas” (v. 15). A palavra “sadio” aparece uma vez mais no versículo dois. Paulo diz: “Quanto aos homens idosos, que sejam temperantes, respeitáveis, sensatos, sadios na fé, no amor e na constância”. “Sadio”, neste versículo, significa saudável no sentido de funcionar de acordo com a maneira para o qual foi criado, ou seja, a maneira que é natural, em termos da natureza humana ideal, para que os poderes da redenção sejam restaurados.

Essa saúde, é, de fato, santidade, e essa santidade é a saúde da alma. Com efeito, Paulo está dizendo que a fé, amor e constância, dentro de um quadro de sobriedade, dignidade e domínio próprio, constituem a saúde espiritual. Qualquer distorção deste padrão moral seria um foco de enfermidade espiritual, como uma úlcera ou um câncer na alma.

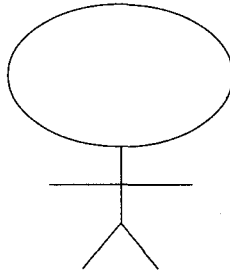
Anteriormente, neste livro, apresentei a vida de santidade do cristão como um banquinho de três pernas, no qual as pernas seriam a D (Doutrina: a verdade colocada na mente e no coração para ser vivida), E (Experiência: a busca e a alegria consciente da comunhão com o Pai e o Filho) e P (Prática: no sentido da resposta específica e normal de obediência à verdade doutrinária que se recebeu). O ponto da ilustração foi o de que o banco não pode permanecer em pé a menos que tenha as três pernas. Na falta de qualquer uma delas, o banco, certamente, tombará. Se uma perna for maior ou menor do que as outras, a estabilidade fica comprometida, e o banquinho corre o risco de virar assim que qualquer peso for posto sobre ele. Assim, somente quando D, E e P estão equilibrados nas devidas proporções é que a vida espiritual será sólida e constante.

Crescimento Espiritual Doentio

Agora devo usar o mesmo diagrama para exemplificar três tipos de desenvolvimento cristão doentio que, infelizmente, são muito comuns nos dias de hoje. Todos eles podem passar-se por formas de santidade, mas nenhum deles têm o direito de receber essa descrição, porque, na realidade, estão todos distorcidos.

Você sabe quais são as proporções de um diagrama de um corpo humano saudável (digamos, o belo corpo de um homem ou mulher da Califórnia)? A santidade seria representada desta forma. Você iria representá-la usando uma cabeça, tronco e membros, todos no tamanho certo em relação às outras partes, preparados para exercer seu papel em uma vida verdadeiramente piedosa.

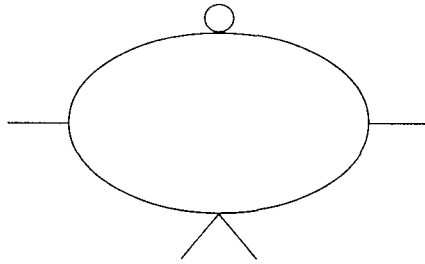
Agora, considere o seguinte:



O que você tem aqui é uma figura com uma cabeça enorme sobre um corpo fino com membros finos. Ela descreve o desenvolvimento inatural do cristão, cuja paixão é pela doutrina como um todo, e cujo discipulado gira em torno do estudo da teologia. Você conhece o tipo de pessoa de quem estou falando – ela está sempre lendo e explorando questões da verdade, passando metade do tempo com aspectos esotéricos da tipologia, profecias não cumpridas, o milênio, os capítulos simbólicos do Apocalipse e os problemas da harmonia bíblica. Ela não está muito preocupada com a experiência, nem muito ativa na obediência e no servir aos outros, e nem se distingue por ter uma vida radicalmente transformada. Mas a cabeça está sempre ocupada com as questões teológicas, e inundada com a doutrina.

Em uma época antiintelectual como a nossa, esse amor à verdade, e essa devoção à tarefa de determiná-la, são raros e preciosos; e, como vimos anteriormente, o interesse na verdade sobre Deus é algo natural para todas as pessoas nascidas de novo. Mas será que esse interesse, dentro e fora de si, é uma prova de uma boa saúde espiritual? Com tão pouca presença do E e P, certamente não é.

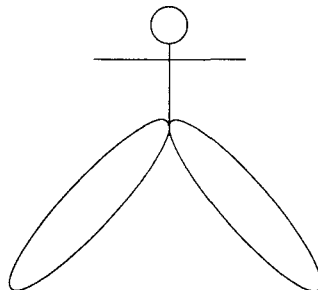
Agora, considere isto:



O que você vê aqui é uma figura com uma cabeça de alfinete, braços e pernas finas e um abdômen enorme. Ela descreve o desenvolvimento inatural do cristão que conhece pouco a doutrina e se preocupa muito pouco com ela (daí, a cabeça de alfinete), mas que entende o Cristianismo como uma questão de sentimentos constantemente mistos e experiências entusiásticas (daí, o enorme abdômen). Zelosos pela experiência, estes cristãos estão sempre pulando de reunião em reunião, nas quais esperam ser aquecidos ao ponto em que o sentimento glorioso de estar na presença de Deus e maravilhado por seu amor é renovado. Para eles, o Cristianismo é quase que só uma experiência, sentimento e entusiasmo. O cristão desta descrição não é muito ativo em tentar transformar o mundo para o Senhor (daí, as pernas e braços finos). Ele está ocupado demais na busca de experiências que não tem muito tempo para isso.

Agora, é perfeitamente correto e natural que os cristãos desejem ter experiências com Deus. Joseph Hart acertou em cheio quando escreveu: “A verdadeira religião é mais do que uma noção / Algo deve ser conhecido e sentido”. Mas será que o domínio deste desejo é, nele e fora dele, um indício de uma boa saúde espiritual? Com tão pouca presença do D e P, certamente não é.

Agora, observe esta terceira figura:



Aqui você tem a cabeça de alfinete e o corpo fino, mas pernas enormes. Isto descreve o desenvolvimento desproporcional do cristão ativista: aquele bom e incansável trabalhador, cujo interesse não está na verdade doutrinária nem nas disciplinas devocionais da vida espiritual, mas em programas, organizações e diferentes tipos de tarefas para mudar o mundo. Como acontece com o cristão da cabeça grande e do abdômen grande mencionados anteriormente, assim acontece com este ativista de pernas grandes: sua preocupação é em si completamente cristã. Mas, será que é, nela e fora dela, um sinal de uma boa saúde espiritual? Com tão pouco D e E, certamente não é.

Meu ponto é simplesmente o de que a vida de consagração a Deus como a de Cristo, que é a santidade, a saúde da alma humana, requer de cada um de nós um interesse equilibrado e tríplice pela verdade, pela experiência e pela ação. Onde esse zelo proporcional não se tornou algo habitual, o desenvolvimento espiritual pessoal está desequilibrado, assim como está a vida cristã quando torna-se uma questão de rapsódia sem realismo ou uma observância da lei sem relacionar-se com ela. Quando este é o caso, não importando a dedicação do coração, nem a santidade cristã autêntica, nem a saúde espiritual pessoal está sendo alcançada em algum grau significativo. Este não é um assunto de aptidão natural ou temperamental, mas de vontade. Não se interessar pelas coisas que são do interesse de Jesus é uma verdadeira falha moral. A única forma de transpô-la é olhar fixamente para Jesus, a Testemunha Fiel, o Homem de Oração, o Doador do Bem, e como tal, na conjunção dos interesses de D, E e P, o modelo da natureza humana santa.

Nosso chamado é o de imitar a Cristo tanto no amor humilde com o qual ele se relacionou com o Pai e com o próximo, como na lista de suas aspirações e interesses. Como diz-se no jogo de golfe: “mantenha os olhos fixos na bola”, assim também, no Cristianismo, devemos dizer: “mantenha os olhos fixos no Salvador”. Qualquer falta de semelhança com ele, se em sendo o que ele não foi ou não sendo o que ele foi, ou por uma falta de interesse em algo que o interessava, não é santidade, mas falta dela. Acredito que este ponto esteja mais do que claro agora. Portanto, vamos em frente.

SANTIDADE E SANTIFICAÇÃO

Acabamos de encerrar uma exposição na qual procuramos desenhar verbalmente uma figura ampla da santidade que nos impediria de ter uma relação mais estreita com uma noção do que ela é. Nossa próxima tarefa é emoldurar

nosso quadro, por assim dizer, na teologia, mediante a redefinição e delimitação da graça que induz ao crescimento em santidade por meio da obra de santificação do Espírito Santo. A doutrina desta graça é expressa em sete proposições que já citei² e discuti detalhadamente em meu livro *Keep in Step with the Spirit* (capítulo 3º em particular). Reproduzirei aqui essas proposições com os mais breves comentários possíveis à luz da linha de pensamento que estamos desenvolvendo.

A Natureza da Santidade é a Transformação por meio da Consagração

Esta é a fórmula, por assim dizer, do interior.

O que é consagração? É o oposto do arrependimento. No arrependimento, a pessoa volta-se para Deus a partir do que é errado. Os dois termos expressam a mesma idéia de “negação” aos apelos do pecado e a mesma idéia de “afirmação” ao chamado de salvação de Cristo.

O que é transformação? É mudar-se para ser como Cristo, o que Paulo fala em 2Coríntios 3.18. A versão Revista e Atualizada traduz muito bem esta idéia: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito”. Por meio da ação do Espírito Santo, tornamo-nos como Aquele a quem contemplamos à medida que assimilamos o que diz o Evangelho. Cada passo nesta transformação de caráter (uma vez que é sobre esta conformidade de caráter que o apóstolo Paulo está falando) é um grau novo de glória, ou seja, da auto-revelação de Deus em nossa vida humana.

Qual é a relação entre consagração e transformação? Paulo explica isto em Romanos 12.1,2:

Rogo-vos, pois [como sua maneira de glorificar a Deus por sua graça: veja Romanos 11.36], irmãos, pelas misericórdias de Deus [que firmaram o fundamento para a gratidão que devemos mostrar agora], que apresenteis o vosso corpo [não o corpo em oposição à alma, mas o ser como um todo, corpo e alma, como em Fp 1.20] por sacrifício vivo, santo (consagrado) e agradável (um prazer) a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente (seu coração, seus desejos, seus pensamentos e propósitos, toda a sua vida interior), para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

O pensamento de Paulo é o de que, pelo ato de nos oferecermos, nós nos abrimos para Deus e, portanto, paramos de oferecer qualquer resistência, que porventura esteja à nossa frente, ao Espírito Santo que habita em nós. Conseqüentemente, a sobrenaturalização planejada e prometida de nossa vida interior por meio do nosso compartilhar da vida do Cristo ressurreto seguirá adiante. “Para que experimenteis (em cada situação) qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (v. 2). “Experimentar” traduz um único verbo no grego que significa discernir por meio do exame de alternativas. A mente renovada, iluminada pelo Espírito e sintonizada pela regeneração para a busca da glória de Deus, comparará as opções e, portanto, perceberá que curso de ação melhor agradará a Deus.

O Contexto da Santidade é Justificação por meio da Fé em Cristo

A santificação não é, em sentido algum, a base para a justificação; pelo contrário, a vida de santidade pressupõe a justificação, sendo a resposta de gratidão a ela.

Tudo que precisamos fazer para estabelecer este ponto é nos lembrar da ordem das coisas em Romanos, onde a justificação dos pecadores por meio da fé em Cristo, à parte das obras, é o tema dos capítulos 3º, 4º e 5º, e o dom da nova vida em Cristo para os justificados precede os ensinamentos a respeito da vida consagrada (veja Romanos 6, principalmente os versículos 12-14, 19-22, e 12.1, apenas citado).

A Raiz da Santidade é a Co-Crucificação e Co-Ressurreição com Cristo

A hostilidade do coração para com Deus, que é algo natural para todos os não-regenerados, torna-lhes a santidade algo impossível (Rm 8.7,8). A raiz da santidade é o amor a Deus e à sua lei, dada a nós pelo Espírito Santo por meio de nossa união com Cristo em sua morte e ressurreição.

Esta é uma transição passageira que muda para sempre o nosso coração e acaba com o domínio do pecado sobre nós, de tal maneira que não vivemos – e, de fato, não podemos viver – mais debaixo do domínio do pecado como vivíamos antes (Rm 6.1-10,17; Ef 2.1-10). Depois desse evento – após nossa regeneração e manifestação de nossa fé pessoal – o Espírito passa a habitar permanentemente em nós (1Co 6.19; 2Co 1.22; 5.5; Ef 1.13) para nos ajudar a realizar o que agora estará nos nossos planos, ou seja, agradar a Deus (Fp 2.13).

O Agente da Santidade é o Espírito Santo

Como vimos, os puritanos, seguindo a tradição calvinista, analisavam a santidade como a mortificação do pecado (matá-lo em todas as suas muitas formas) e a vivificação das graças (fortalecendo hábitos santos). Paulo diz que mortificamos o pecado “pelo Espírito” (Rm 8.13) e que nossos hábitos sadios são o “fruto” do Espírito (Gl 5.22).

Imagine uma criança que deseja ajudar o pai a pintar o muro. O pai segura e direciona a mão na qual a criança segura o pincel, e ambos estão ativamente envolvidos em cada pincelada. Quando nos esforçamos, com cuidado e oração, para mortificar o pecado e praticar as virtudes, o Espírito age conosco, guiando nossa mão como no exemplo dado. Toda a realização deve ser atribuída a ele, por mais auto-renúncia e suor que isso possa ter-nos custado. Sem esta atividade de controle e força, nunca conseguiríamos vencer o pecado ou remodelar a nossa vida em retidão.

Uma declaração clássica sobre a participação do Espírito em nossa santificação, escrita há três séculos e meio, é o capítulo 13, “Santificação”, da *Confissão de Fé de Westminster*:

- I. aqueles, que são chamados com efeito e regenerados, tendo um novo coração e um novo espírito, são ainda santificados, de forma real e pessoal, pela virtude da morte e ressurreição de Cristo, por sua palavra e pelo seu Espírito que neles habita: o domínio do corpo do pecado como um todo é destruído, e as várias concupiscências são mais e mais enfraquecidas e mortificadas; e eles, mais e mais vivificados e fortalecidos em todas as graças salvadoras para a prática da verdadeira santidade, sem a qual ninguém verá a Deus.
- II. Esta santificação é completa e se dá no homem como um todo; contudo, imperfeita nesta vida, uma vez que ainda persistem restos da corrupção em todas as partes dele; daí, nasce uma guerra contínua e irreconciliável – a carne lutando contra o Espírito e vice-versa.
- III. Nesta guerra, embora os vestígios da corrupção possam prevalecer por algum tempo, no entanto, pelo contínuo fortalecimento do Espírito santificador de Cristo, a parte regenerada vence, e assim os santos crescem em graça, aperfeiçoando a santidade no temor de Deus.

A Experiência da Santificação Requer Esforço e Conflito

Santificação significa, entre outras coisas, formar bons hábitos, quebrar maus hábitos, resistir as tentações ao pecado e controlar-se diante das provocações. Ninguém jamais conseguiu fazer qualquer uma dessas coisas sem esforço ou conflito.

Como, então, desenvolvemos os hábitos de Cristo que Paulo chama de fruto do Espírito? Mediante o nosso compromisso deliberado de fazer o que Cristo faria em cada situação. “Semeie um ato, colha um hábito; semeie um hábito, colha um caráter.” Isto pode parecer muito simples e direto, mas, na prática, não é bem assim. O teste, naturalmente, vem quando a situação faz com que deixemos de praticar algum tipo de atitude carnal.

Devemos ter a nossa estratégia de ação nessas situações em mente. Assim, devemos pensar:

- no *amor*, como a reação que Cristo teria à malícia dos outros;
- na *alegria*, como a reação que Cristo teria às circunstâncias de depressão;
- na *paz*, como a reação que Cristo teria aos problemas, ameaças e convites à ansiedade;
- na *paciência*, como a reação que Cristo teria a tudo que é insensatez;
- na *benignidade*, como a reação que Cristo teria diante de todos que são insensíveis;
- na *bondade*, como a reação que Cristo teria para com as pessoas e atitudes más;
- na *fidelidade e mansidão*, como a reação que Cristo teria às mentiras e atitudes furiosas; e
- no *domínio próprio*, como a reação que Cristo teria diante de toda situação que o leva a perder a compostura.

O princípio é claro: o Espírito está conosco para nos fortalecer, e sabemos que a manifestação de atitudes semelhantes às de Cristo é, agora, no sentido mais profundo, algo natural para nós. Por outro lado, manter atitudes semelhantes às de Cristo, sob os tipos de pressão que descrevemos, é difícil. Como podemos, pelo Espírito, mortificar os feitos do corpo (Rm 8.13)? Isto é muito difícil. É uma questão de renunciar, desejar que morram e trabalhar para derrotar as inclinações, desejos e hábitos que estavam em você (se é que posso colocar nesses termos) por um longo tempo. Isto certamente envolverá uma boa dosagem de dor e sofrimento.

mento, porque o pecado não quer morrer, nem irá se agradar do processo de mortificação. Jesus nos disse, de uma maneira muito clara, que a mortificação do pecado poderia envolver a perda de um olho ou a amputação de uma mão ou pé. Em outras palavras, uma auto-mutilação. Sua sensação será a de estar se despedindo de algo que é parte de você e que, sem ela, você não pode viver.

Paulo e Jesus nos asseguram que este exercício, embora doloroso, é necessário para a vida. Portanto, temos de praticá-lo (Mt 5.29; 18.8; Rm 8.13). Como? Atos exteriores de pecado refletem demandas pecaminosas do nosso interior, assim, temos de aprender a matar aquilo que estimula estas pressões (por exemplo, revistas pornográficas, se a pressão é a da lascívia; visitas a churrascarias e restaurantes, se a pressão é a da glotonaria; jogos e loterias, se a pressão é a da avareza, e assim por diante). E, quando as pressões estão sobre nós, temos de aprender a correr para o nosso Senhor e clamar por ajuda, pedindo a ele que aprofunde em nós a convicção de sua santa presença e amor redentor e nos dê força para dizer “não” àquelas coisas que possam desagradá-lo. É o Espírito que nos move a agir desta maneira, faz-nos sentir o santo amor de Cristo de forma vívida, concede a força pela qual oramos e, na verdade, torna sem vida o pecado que nos assola.

Conseqüentemente, os hábitos do comodismo, idolatria espiritual e abuso contra os outros podem ser quebrados. Contudo, ainda que não seja muito difícil sujeitar os pecados que praticamos de vez em quando, a mortificação dos pecados que os puritanos chamavam de “insistentes” – inclinações pecaminosas para as quais você é levado pelo seu temperamento, como covardia ou negligência, e os pecados habituais que se tornaram viciosos e desafiadores – é, regularmente, uma luta longa e difícil. Ninguém, que seja espiritual, pensará de uma maneira diferente.

A Regra da Santificação é a Lei de Deus

A santificação se alicerça nos padrões morais absolutos e nos ideais morais imutáveis, estabelecidos pelo próprio Deus. A lei de Deus define a justiça que ele requer dos cristãos.

O que é a lei de Deus? A palavra hebraica *torah*, que é o termo básico usado para defini-la, não significa leis elaboradas como tal (que é o que a palavra “lei” significa no estado moderno), mas uma instrução familiar que um pai – neste caso, o Pai celestial – dá aos seus filhos. Todas as diretivas para a retidão de vida que Deus deixou por intermédio de seus homens nos tempos do Antigo Testamento, os axiomas dos livros de sabedoria, as legalidades sociopolíticas e litúrgicas estabelecidas por Moisés e as exortações à retidão proferidas pelos profetas fo-

ram, em essência, admoestações do Pai à sua família (como era considerado Israel: veja Êx 4.22) e centradas nos Dez Mandamentos.

As leis sociopolíticas e litúrgicas, que foram designadas exclusivamente a Israel no Antigo Testamento, não estão mais em efeito. Mas o Decálogo, como interpretado no sumário dos dois mandamentos por Jesus (“amar a Deus” e “amar ao próximo”; veja Mt 22.37-40), permanece como a expressão permanente da vontade moral de Deus para o seu povo.

O que é, então, a edição da lei do reino? O reino de Deus (a nova vida do céu na terra por intermédio do Espírito Santo) veio ao mundo com Jesus, e agora outorga um novo poder moral e força na vida dos cristãos, a quem Jesus chamou de “filhos do reino” (Mt 13.38). O que quero dizer com a edição da lei do Reino é a exposição que Jesus e os apóstolos fizeram da amplitude e profundidade das exigências divinas.

Essa exposição enfatiza os motivos, atitudes e virtudes próprios daqueles que estão conscientemente desfrutando da salvação de Deus. Além disso, ela reflete sua expectativa de que o Espírito Santo transformará as pessoas em observadores da lei com o coração, de modo que suas “boas obras” não serão mais apenas uma obrigação, mas uma tremenda expressão daquilo que agora realmente desejam fazer. Portanto, ela concentra-se no caráter moral de uma forma que excede o proposto pelo Antigo Testamento.

Conseqüentemente, a lei de Deus – a “lei régia”, como a chamou Tiago (Tg 2.8), no sentido da lei do Rei para a sua corte e reino – é, antes de tudo, um código familiar. Exige-se que os filhos nascidos de novo de Deus, que compõem a família real, vivam de acordo com os padrões de Deus.

As famílias reais do nosso mundo vivem em berços de ouro, com a imprensa constantemente lhes seguindo os passos, tentando descobrir alguns de seus lapsos. Da mesma maneira, os filhos de Deus vivem debaixo dos olhos observadores das pessoas do mundo, que conversam maliciosamente sobre as falhas cometidas por cristãos supostamente piedosos. Assim como a rainha da Inglaterra não tem crédito se seus súditos agirem loucamente, os cristãos que desconsideram o código familiar de Deus o desonram. Eles o desapontam e entristecem. Nunca devemos ter a ousadia de esquecer que, enquanto a santidade honra e glorifica a Deus, a falta de santidade faz exatamente o oposto.

O Coração da Santidade é o Espírito de Amor

A Bíblia vê o amor, quer movido pela afinidade, gratidão, ou ambos, como algo cujo propósito é o de engrandecer a pessoa amada de alguma forma. Pretensos

sentimentos de afeição que favorecem apenas seus objetos humanos, como mimos dados pelos pais aos filhos, não são, necessariamente, formas de amor no seu sentido bíblico, embora o mundo insista em dar-lhes este nome. O amor, quer em relação a Deus ou aos outros, é um compromisso responsável no sentido de agir de forma perseverante, inteligente e altruísta, de acordo com os termos da própria Palavra de Deus. O amor em si é cego e necessita da lei como seu guia. Jesus incorpora o amor a Deus e aos outros. Ele foi, como podemos dizer, a encarnação do amor. A natureza do amor pode ser aprendida quando ele é observado.

O amor que cumpre a lei é o epítome da santidade, embora o amor, em qualquer outro sentido, o negue. O amor que cumpre a lei é a prescrição divina para a plenitude de nossa natureza humana. Qualquer alternativa para ele nos empurra, em maior ou menor grau, para fora da forma que a nossa natureza humana deve ter. A graça restaura e aperfeiçoa a nossa natureza, ensinando-nos a amar de fato. Não vamos nos permitir qualquer divagação ou confusão nesse sentido.

O Novo Testamento normalmente descreve a vida santa como a prática de “boas obras”. O que faz com que as boas obras sejam boas? Duas coisas: elas são obras de obediência à lei de Deus e obras de amor, cujo objetivo é exaltar a Deus, a quem amamos como resultado de nossa afinidade e gratidão, e enriquecer os seres humanos, a quem amamos como resultado de nossa compaixão e sentimentos comuns. O amor ao próximo e o amor ao Pai e ao Filho, de fato, se misturam, porque o primeiro é uma expressão necessária do segundo (Jo 13.34; 14.15,23; 15.10-14,17; 1Jo 3.11,16-18,23; 4.7-11; cf. Mt 5.43-48; Lc 10.25-37).

No exterior, a santidade é obediência; no interior, ela é o amor em ação. O amor por Deus que impulsiona a obediência que, por sua vez, expressa o amor pelo próximo é o verdadeiro coração e pulsação da santidade: o coração no sentido de essência, centro e fonte; e pulsação no sentido de ser o centro de energia e força motora. Assim como é o amor de Deus que faz o mundo girar (sim, é isto mesmo!), é o amor por Deus que faz uma pessoa santa agir, cuidar e servir. O amor ensinado pelo evangelho, realizado por Deus e concedido pela graça é, em última análise, o tema da santidade.

CRESCIMENTO CONTÍNUO NA GRAÇA

Este capítulo está explorando a santificação como um processo contínuo de crescimento na graça que constitui uma condição de saúde espiritual pessoal. Emolduramos nosso quadro de crescimento saudável com algumas das maiores

verdades sobre a graça de Deus em ação para nos mostrar como acontece o processo de crescimento na graça. O próximo passo será, por assim dizer, dar o brilho correto: proteger nosso quadro de luzes falsas, cujo brilho impõe modelos distrativos sobre ele e obscurece traços que realmente estão presentes, e dispor uma iluminação que nos ajudará a ver o que estamos observando à medida que fixamos os nossos olhos nele. Assim, esta seção será dedicada a detectar alguns erros comuns sobre o crescimento espiritual.

O Crescimento na Graça é Visível

O primeiro erro é imaginar que o crescimento na graça é sempre fácil de ser visto.

O crescimento físico, como observamos anteriormente, pode ser facilmente mensurado. Não há dificuldade alguma na verificação do peso e altura de uma pessoa. No entanto, o crescimento espiritual é um mistério no sentido teológico da palavra – uma realidade que tem, em si, mais do que podemos entender ou monitorar. Neste sentido, realidades como a Trindade, a criação, a providência, a encarnação do Filho e a nossa regeneração são mistérios. De fato, tudo que envolve a interação de Deus com o seu mundo é mistério como o definimos, e o crescimento na graça é um caso em questão.

Por meio do próprio ensino de Deus nas Escrituras, conhecemos uma boa parte de todos esses mistérios, mas é apenas o tipo de conhecimento que nos permite identificá-los, concebê-los e limitá-los. Não se trata de um conhecimento exaustivo, nem é o tipo de conhecimento que nos permite controlá-los. Por mais que conheçamos a revelação bíblica da verdade divina como um todo, os mistérios de Deus, testemunhados por essa verdade, ainda continuam sendo mistérios.

O crescimento na graça é um processo realizado pelo Espírito Santo que centra-se no coração humano, não no sentido fisiológico da palavra. O coração, como vimos, é o centro dinâmico e controlador do nosso eu. É a fonte de onde brotam nossos pensamentos e palavras, nossos desejos, decisões e ações. Podemos imaginar o estado do coração, quer do nosso ou do coração do outro, observando o que sai dele, mas não podemos inspecioná-lo diretamente para ver o que está acontecendo nele.

A Bíblia enfatiza que o coração é acessível somente para Deus. “Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e desesperadamente corrupto; quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração” (Jr 17.9,10). “Só tu, és conhe-

cedor do coração de todos os filhos dos homens” (1Rs 8.39). O que se processa no coração está além da capacidade humana de acompanhar.

Isto não significa, no entanto, que é impossível observar o momento em que se dá o crescimento espiritual. A qualidade das respostas de uma pessoa a uma crise, choque ou exigências de uma nova situação pode revelar toda sorte de coisas a seu respeito que não sabíamos antes – e uma dessas coisas pode muito bem ser a sua estatura espiritual.

Portanto, foi isso (para citar apenas um exemplo) que aconteceu com uma mulher de nome desconhecido, a quem chamamos de Sra. Manoá, cuja história lemos no capítulo 13 de Juízes. O Anjo do Senhor (Deus agindo como seu próprio mensageiro; uma pré-encarnação, ao que parece, de Deus Filho) disse-lhe que ela teria uma criança especial (Sansão), que se tornaria o libertador de Israel. O anjo deu-lhe instruções especiais sobre como se preparar para o nascimento. Quando ela contou o acontecido a Manoá, ele (ao que parece, um machista chauvinista pretensiosamente piedoso) orou para que o anjo voltasse e lhes desse outras instruções. Ele estava claramente consciente de sua posição de liderança espiritual. Do mesmo modo está claro que não confiou que a esposa tivesse entendido bem a mensagem. O mensageiro graciosamente reapareceu e repetiu as instruções. Então veio o momento traumático em que Manoá percebeu que quem os visitara fora o próprio Senhor. A ostentação deu lugar ao pânico. O homem que, até aquele momento, havia assumido sua própria superioridade espiritual perdeu completamente a pose. Ele diz para a esposa: “Certamente, morreremos, porque vimos a Deus” (Jz 13.22). Ele sabia, de modo geral, que ninguém tinha condições de ter comunhão com Deus e, portanto, entrou em desespero.

Felizmente, sua esposa, que, até aquele ponto da História, parecia ser uma pessoa muito discreta, agora surge como uma mulher sábia, que fielmente ministra ao marido algumas boas idéias sobre a fidelidade de Deus às suas próprias promessas. “Se o Senhor nos quisera matar, não aceitaria de nossas mãos o holocausto e a oferta de manjares, nem nos teria mostrado tudo isto, nem nos teria revelado tais coisas” (Jz 13.23). Como escreveu Kipling: “Se você pode manter a calma quando todos ao seu redor o estão perdendo e lhe culpando por isso (...) você será um Homem, meu filho!” Humana e espiritualmente falando, a esposa de Manoá aparece aqui como um “Homem”, no sentido dado por Kipling, enquanto seu marido agia de acordo com a sua própria idéia do que seria uma mulher irracional – de fato, como uma criança com medo. Assim, a reação da Sra. Manoá ao choque revelou-a como uma mulher que vinha crescendo espiritualmente, ao contrário de seu marido, que trazia toda a sua árdua e diligente religiosidade. Os

filhos de Deus não nascem com estatura, mas ganham estatura por meio do crescimento. A esposa de Manoá tem uma grande estatura nesta História.

Novamente, um momento crítico de teste pode provocar uma resposta que mostra que uma pessoa cresceu espiritualmente de um determinado modo desde a última vez que foi testada. Assim aconteceu com Abraão, a quem Deus tinha a intenção de exibir como um modelo permanente de fé (Rm 4, principalmente os versículos 11 e 16-25; Gl 3.6-9,14; Hb 6.13-15). A fé, que produz justificação, comunhão com Deus e herança dos benefícios prometidos, é uma questão de obediência na confiança e confiança na obediência. Deus mantém tanto a nossa confiança como a nossa obediência sob um exame constante, e, neste caso, ambas foram desafiadas ao mesmo tempo.

Deus coloca à prova a fé de Abraão ao máximo dizendo-lhe que deveria oferecer seu filho Isaque, filho da promessa de Deus e herdeiro das promessas de Deus, como sacrifício humano. Mal podemos imaginar a confusão, agonia e desespero na mente de Abraão enquanto subia o Monte Moriá com Isaque ao seu lado e a faca à mão. Contudo, Abraão passou no teste de uma maneira magnífica, de modo que, no último minuto, quando o anjo do Senhor (novamente Deus agindo como seu próprio mensageiro) interveio na metade do sacrifício, ele pôde dizer: “Pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho” (Gn 22.12).

Três décadas antes, no entanto, a História tinha sido bem diferente. Tendo recebido a promessa de um filho aos setenta e cinco anos, Abraão, agora com oitenta e seis anos torna-se pai de Ismael, filho que teve com Hagar, obviamente crendo, juntamente com Sara, que não havia esperança desta última ficar grávida – o que Deus havia dito há onze anos (Gn 16). Esta foi uma atitude clara de falta de fé.

O que, então, acontecera durante os anos entre o nascimento de Ismael e o sacrifício de Isaque? Em resumo, Abraão tinha crescido. Quando, treze anos após o nascimento de Ismael, Deus renovou a promessa de um filho a Abraão e Sara (Gn 17.15-19), Abraão tornou-se um homem diferente. Desta vez ele confiou totalmente na palavra de Deus. Paulo fala com eloquência sobre o modo como “sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera” (Rm 4.19-21). Durante aquele período de treze anos, Abraão cresceu na fé.

Sem dúvida, foi a lembrança do nascimento miraculoso de Isaque que sustentou Abraão no Monte Moriá, de modo que foi possível dizer: “Pela fé, Abraão,

quando posto à prova, ofereceu Isaque; estava mesmo para sacrificar o seu unigênito aquele que acolheu alegremente as promessas, a quem se tinha dito: Em Isaque será chamada a tua descendência; porque considerou que Deus era poderoso até para ressuscitá-lo dentre os mortos, de onde também, figuradamente, o recobrou” (Hb 11.17-19).

As ações de Abraão sob sucessivos testes revelam seu crescimento na graça específica da fé. De igual modo, o contraste entre a vergonhosa covardia de Pedro ao negar Jesus e sua ousadia desafiante, mais tarde, ao recusar deixar de falar do mestre (Mt 26.69-75; também At 4.13-20,29; 5.17-32) mostra seu crescimento após o Pentecostes, na graça específica da intrepidez (o que, segundo J. C. Ryle, é “a fé honestamente cumprindo o seu papel”³).

A obra de Deus no íntimo do cristão, que induz ao crescimento, permanece oculta de nós, mas os momentos de teste provocam respostas que mostram que o crescimento é um fato. Isto, no entanto, é tudo o que pode ser dito sobre o acompanhamento do processo de crescimento. Ele realmente não nos leva muito longe. Os momentos de pressão e decisão tirarão das pessoas o que está dentro delas em termos espirituais, bem como em outros aspectos. Mas, em outras ocasiões, seu crescimento na graça, a intensidade de seu zelo e seus dons e potenciais para o ministério, que normalmente se desenvolvem a partir de seu crescimento na graça e de sua intensidade no zelo, são difíceis de serem vistos. É um erro esperar o contrário. Nossos julgamentos quanto a quem cresceu e não cresceu na graça e a medida desse crescimento naqueles que, portanto, cresceram só podem ser provisórios. Todos esses julgamentos são perigosos e podem facilmente ser falsificados pela próxima seqüência de eventos, de modo que seria realmente melhor e mais inteligente não fazê-los.

O Crescimento na Graça é Uniforme

Um segundo erro é *pensar que o crescimento na graça é sempre um processo uniforme*, seja ele mesmo durante os estágios da vida de um cristão, ou seja em comparação ao que Deus está fazendo na vida de outros. O crescimento na graça não é, em nenhum sentido, uniforme.

Este erro está ligado ao primeiro que acabamos de ver, mas eu o trato separadamente porque é muito comum e fácil de ocorrer. A superficialidade nos trai. Entendemos o crescimento físico como um processo contínuo, e o mesmo com relação a todos os seres humanos. Então, em termos simplistas, projetamos estas idéias no campo da graça. Entretanto, a verdade é que, como o crescimento físico

é, de alguma maneira, irregular, e as pessoas, muito diferentes umas das outras, assim também as mudanças e desenvolvimentos em indivíduos que fazem parte do crescimento em santidade, variam de uma pessoa para outra em velocidade, grau e no que poderíamos chamar de proporção interna.

Simão, um homem brusco, impetuoso, bom, irracional e instável, passou pela experiência do Pentecostes e, repentinamente, tornou-se uma pessoa lúcida, firme, resoluto, perspicaz e o primeiro braço direito da igreja – Cefas, a rocha que Jesus disse que seria (Jo 1.42). João, veemente, rude e cabeça quente, a quem Jesus apelidou de Filho do Trovão (Mc 3.17; por sua rudeza, veja Lc 9.49,54), também passou pelo Pentecostes. No entanto, não existe indicação da mesma rapidez no processo que o mudou de uma pessoa com qualidades antagônicas que queria o “preto no branco”, que era “a favor ou contra”, no apóstolo amoroso, de simplicidade profunda e paciente moderação, conforme vemos em suas cartas. Mas, se Simão foi rapidamente transformado, e João, lentamente, o que isto quer dizer? Eles eram homens diferentes. A graça santificadora operou diferentemente neles, maximizando sua individualidade (Deus gosta da diversidade; a clonagem não é o método que usa) e dando proeminência, no produto desenvolvido às diferentes facetas da gloriosa semelhança de Cristo, a qual nenhuma pessoa, nem um apóstolo, pode encarnar em sua totalidade.

A qualidade precisa da mudança envolvida no crescimento de uma pessoa na graça é sempre condicionada pela sua constituição natural. É fácil subestimar as realizações do Espírito Santo na vida daqueles que, além da oposição a Deus e a divinização de si mesmos, que são as marcas do pecado original, sofrem com temperamentos e caráter problemáticos. O grupo de personagens temerosos, intimidados, e memoráveis depressores, listados no livro *O Peregrino*, de Bunyan, que continuavam lutando como cristãos, embora se achassem atormentados pelo sentimento terrível de que jamais alcançariam o céu, reflete uma obra da graça mais profunda do que a uma fé e uma estabilidade mais firme de uma pessoa igualmente natural.

A moderação parcial do temperamento furioso de algum colérico, ou o degelo parcial da frieza emocional de algum fleumático, ou a cura parcial da precipitação irresponsável de algum sanguíneo, ou a libertação parcial de algum melancólico de sua obsessão paralisante do desespero, pode muito bem indicar uma medida maior do crescimento na graça – crescimento na graça por meio da graça de Deus em Cristo, como a estamos analisando agora – do que a que se acha nos santos mais realistas, energéticos, corajosos e amigáveis que nunca têm de conviver com estes defeitos particulares em si mesmos. Ter de lutar contra o seu tem-

peramento na busca das virtudes cristãs pode levá-lo a sentir que seu progresso é muito mais lento do que o dos outros, mas talvez não seja assim.

Cristo nos encontra em lugares diferentes em termos de nosso caráter e história pessoal, e ele atua em nós pelo seu Espírito no lugar onde nos encontra. Embora um de nós possa ter certas qualidades naturais que o outro não tem, todos nós somos, no sentido mais profundo, como navios espirituais arrebentados, necessitando de uma operação salvadora divina direcionada para os aspectos específicos de nossa condição. Portanto, não é de admirar se a obra de santificação de Deus, que produz saúde e crescimento, for detalhadamente diferente em termos de forma, e parecer avançar em diferentes velocidades, na vida de pessoas diferentes.

Uma vez que grande parte desta obra, nos outros e em nós mesmos, acontece no coração, abaixo do nível da consciência, nunca podemos medir a sua extensão atual ou até onde ela pode chegar, em qualquer caso. Qualquer comparação que façamos entre o seu progresso em uma ou outra pessoa é marcada pela ignorância e falácia, assim é melhor que aprendamos a não fazer essa comparação. As únicas generalizações seguras que podemos fazer são:

- a semelhança moral e espiritual com Cristo é o alvo em todos os casos;
- todos os cristãos podem testificar que o conhecimento de Deus por meio de Cristo os capacita agora a viver e agir de maneiras que estavam simplesmente além de sua capacidade natural;
- um cristão professo, que não pode dar esse testemunho, dificilmente pode ser genuíno e, certamente, não está crescendo na graça.

O Crescimento na Graça é Automático

Um terceiro erro que cometemos é *pensar que o crescimento na graça é automático, no caso de a pessoa ser um profissional religioso*, quer seja um ministro, missionário, obreiro em período integral, evangelista na televisão, frade ou freira. Na verdade, o crescimento na graça nunca é automático. Ser um profissional cristão torna as coisas ainda mais difíceis nesta área do crescimento espiritual.

Por quê? A razão é que, uma vez que espera-se, como podemos dizer, que o profissional seja atuante – no cumprimento de funções, e nada mais – a tentação de assumir uma forma adequada para desempenhar uma função com o uso de uma máscara, na qual sua personalidade fica oculta, é muito grande. A identidade profissional, então, consome a identidade pessoal, de modo que esse profissional não se relaciona intimamente com ninguém, nem com o povo nem com Deus. Ele

se torna uma pessoa solitária. E para piorar ainda mais, uma vez que a vida é formada de relacionamentos, e atrás de sua máscara ele se distanciou dos outros, a tendência é que venha a diminuir e não crescer como pessoa. E ninguém pode crescer na graça se estiver afundando no geral.

Quando minha esposa costumava me dizer: “Não quero seu ministério, quero você”, ela estava me dizendo que temia que esta tentação estivesse me dominando. Quando Peter Sellers, aquele extraordinário ator de cinema já falecido, recusou um convite para ser filmado lendo a Bíblia, a razão que deu foi a de que você só pode ler a Bíblia convincentemente se souber quem você é – e ele não sabia quem ele era. Todos os cristãos precisam da ajuda de Deus para descobrir quem são e viver com ele e com suas próprias particularidades humanas de forma honesta, íntegra e sensível. Contudo, os profissionais cristãos precisam muito desta ajuda.

O Crescimento na Graça é Proteção

Um quarto erro é *pensar que o crescimento na graça protege uma pessoa das marcas, dores e pressões de sua vida cristã*. A idéia que persiste é a de que o crescimento na graça traz um tipo de paz interior que protege emocionalmente uma pessoa de ser afetada da maneira que os outros são. Mas, de fato, ele faz exatamente o contrário.

Existem, na verdade, estados mentais nos quais as pessoas se tornam insensíveis, de qualquer forma, aos sentimentos de dor e tristeza pessoal. Existem os estados mentais de absorção de si mesmo nos quais as pessoas se tornam insensíveis ao que acontece ao seu redor, de modo que não se comovem com a miséria dos outros. Mas não existe nada da graça de Deus que sustente esses estados mentais, mesmo quando o escapismo e a dureza de coração que eles expressam têm roupagem religiosa.

A verdade pode ser dita de duas maneiras. Primeiro, os cristãos não estão mais isentos de passar pelas marcas, dores e pressões do que estiveram Paulo e Jesus. (Imagine Jesus, no Getsêmani e na cruz, e Paulo, com seu espinho na carne – alguma deficiência dolorosa, não sabemos qual – e sua vida em meio a perseguições, prisões e naufrágios.) Segundo, os cristãos podem e enfrentam a dor pessoal na força divina, alegrando-se como Paulo com o modo como esse poder se aperfeiçoa em sua fraqueza (2Co 12.10). Mas, à medida que crescem na graça, eles ficam cada vez mais angustiados com as tristezas e dores dos outros (lembre-se de Jesus chorando por Jerusalém em Lc 9.41-44, e Paulo ago-

nizando diante da descrença dos judeus em Rm 9.1-4; 10.1). A compaixão gera mais tensão para os cristãos em crescimento do que para os outros homens.

É uma verdade cada vez maior que esses cristãos em crescimento desfrutam do dom da paz dado por Deus, mas a paz em questão é relacional:

- a paz com o próprio Deus por meio do sangue pacificador de Cristo;
- a paz com as circunstâncias, que, não importando quais sejam, Deus prometeu que contribuiriam para o nosso bem (ou seja, nosso crescimento na graça);
- a paz consigo mesmo, porque o perdão e a aceitação desses cristãos por Cristo exige que eles se perdoem e se aceitem, por mais difícil que isso possa parecer; e
- a paz com aqueles que estão ao seu redor, a quem Jesus os envia como pacificadores (Mt 5.9).

Não é a paz da tranquilidade olímpica inexorável, obtida e mantida pela ignorância da agonia dos outros.

Os cristãos em crescimento crescem em paz, mas seu crescimento na graça quase sempre os mantém gemendo em graça uma vez que a compaixão semelhante à de Cristo domina cada vez mais o coração desses cristãos. Deus não ensina que a vida de seus filhos neste mundo tragicamente decaído será livre de tristezas, e nós podemos dizer com convicção que os que estão livres de tristezas e dores, ainda que isso seja verdade, não estão crescendo na graça.

O Crescimento na Graça é um Refúgio

Um quinto e último erro é pensar que o crescimento na graça pode ser aprofundado mediante a fuga dos lugares duros da vida, das pesadas responsabilidades e dos relacionamentos prejudiciais. Há séculos, as pessoas trocaram a dura correria e desordem do mundo pela proteção do mosteiro na tentativa de salvar sua alma. Ainda defende-se a idéia de que este é o caminho a seguir para obter o verdadeiro desenvolvimento espiritual. Mas este não é o caso. É possível que haja boas razões pelas quais alguns cristãos deveriam escolher viver a vida em uma reclusão relativa, mas a crença de que este é o único caminho para que cresçam não é uma delas.

Uma mulher cristã de meia-idade, notável em sua profissão, vivia com os seus pais. Eles ainda a tratavam como uma garotinha, cuja primeira tarefa era cuidar

deles. Sentindo que não poderia sobreviver, para não mencionar a impossibilidade de crescer espiritualmente, naquela situação, ela planejou deixá-los. Uma ministração centrada no quinto mandamento e em Romanos 8.28 mudou seu ponto-de-vista. Ela retornou em paz para um relacionamento irritante, sabendo que aquele era o lugar onde deveria estar. Assim, ela cresceu na graça.

Os cristãos crescem na proporção em que aceitam o seu destino de tomar a cruz e negar-se a si mesmo (Lc 9.23). Diferente das orquídeas, eles não crescem como plantas de estufa. Jesus não viveu a vida de uma planta de estufa, fugindo da abrasividade da vida, e ele não planeja nenhuma fuga para os seus discípulos.

A sabedoria, então, nos direciona a tirar os olhos destas cinco luzes falsas, e procurar por uma melhor iluminação que possa revelar tudo que contém o nosso quadro de crescimento na graça. Portanto, agora veremos as cinco luzes verdadeiras que devem substituir as falsas.

Quando o crescimento espiritual – crescimento na graça do caráter cristão e na intimidade com Deus – está acontecendo, pode-se esperar ver, pelo menos, os seguintes sinais dele:

1. O *primeiro sinal* é um contentamento crescente em louvar a Deus, com um descontentamento crescente diante do louvor dado a si mesmo. O propósito do louvor está presente em toda a Bíblia. Ele enraíza-se no coração de todo cristão e torna-se, não necessariamente mais exuberante, mas certamente mais enfático, à medida que o cristão amadurece. E quanto mais se cresce no louvor a Deus, mais se sentirá diminuído aos próprios olhos, e mais apaixonadamente o coração clamará, como o do salmista: “Não a nós, Senhor, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade” (Sl 115.1). Quando os cristãos se sentem cada vez mais fortes, a conclusão que parece razoável é que estão crescendo na graça.
2. O *segundo sinal* é um instinto crescente pela caridade e doação, com um desprazer mais evidente pelo interesse de si próprio que constantemente nubla o instinto mencionado acima. Como vimos, o amor é a essência da semelhança com Cristo; e o amor é uma questão inteiramente relacionada com a caridade e doação. Jesus foi caridoso e se entregou sem limites durante todo o seu ministério. Mesmo na agonia de sua crucificação, nós o encontramos preocupado e orando por seus executores, para que eles possam ser perdoados (Lc 23.34); preocupado com sua mãe, e deixando João incumbido de cuidar dela (Jo 19.26,27); e preocupado com o ladrão arrependido, a quem prometeu a salvação (Lc 23.43). Quando os cristãos se

- tornam mais comprometidos a amar, e mais resistentes ao desamor em suas diversas formas, isto parece indicar que estão crescendo na graça.
3. O *terceiro sinal* é uma paixão crescente pela justiça pessoal, com um grande desprazer diante da impureza e imoralidade do mundo ao redor, e um discernimento mais claro da estratégia satânica de oposição, distração e engano que visa levar as pessoas a não viver nem crer retamente. “Pois não lhe ignoramos os desígnios” (2Co 2.11), disse o apóstolo Paulo com certa austeridade. Todo cristão precisa estar apto a dizer o mesmo. Quando os cristãos mostram mais dor pelo fato de Deus estar sendo desonrado e provocado pelo comportamento que ele abomina, um realismo maior sobre a luta espiritual travada para derrotar a onda maligna e mais cuidado para evitar que sejam, eles mesmos, seduzidos pelo pecado, isto parece indicar que estão crescendo na graça.
 4. O *quarto sinal* é um zelo crescente pela causa divina, com uma maior disposição de tomar uma posição malquista para vê-la avançando. Não estamos defendendo gestos tolos, que certa e merecidamente serão malquistos. A sabedoria estratégica e tática, e o entendimento maduro dos assuntos envolvidos, precisam estar presentes em qualquer ação pública. “Bendito seja o Senhor, rocha minha, que me adestra as mãos para a batalha” (Sl 144. 1), escreveu Davi. De igual modo, os cristãos, que se preparam para lutar as batalhas do Senhor a favor da verdade e da vida, necessitam, neste caso, ter a mente treinada por Deus. Quando eles permitem, humildemente, que a sabedoria modere o seu zelo e ainda permanecem prontos (mais do que nunca) para serem postos na linha de frente daquilo que é, inegavelmente, a causa divina, isto parece indicar que estão crescendo na graça.
 5. O *quinto sinal* é uma paciência e boa vontade maior em esperar em Deus e se submeter à sua vontade, com uma indignação mais profunda pelo que se apresenta como a fé ousada, mas que é, na verdade, uma imaturidade infantil, que tenta forçar a mão de Deus. É a maneira que as crianças usam para querer as coisas de imediato, e dizer e sentir de forma mais apaixonada que não podem esperar ou ficar sem elas. Mas a maneira adulta de petição é a da submissão, modelada por Jesus, no Getsêmani – “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres” (Mt 26.39). É correto dizer para Deus o que ansiamos ter e gostaríamos que ele fizesse, mas é também correto nos lembrar e reconhecer que ele sabe o que é melhor. Quando os cristãos estão

aprendendo a se submeter à ordem dos eventos que Deus estabelece com um realismo valente e humildade, isto parece indicar que estão crescendo na graça.

APLICANDO ESTES PRINCÍPIOS DE REFORMA PESSOAL

Só nos resta agora arrematar os fios e indicar como tudo isto se aplica à vida de cada cristão. Uma vez que os ensinamentos divinos nas Escrituras sobre o santo crescimento foram dados para me medir, guiar e direcionar, bem como a todas as outras pessoas, será melhor (e objetivo) formular a aplicação em termos pessoais.

Em primeiro lugar, então: será que minha preocupação em crescer na graça é suficiente?

Estou Interessado em Crescer?

Em 2 Pedro 3.18, o crescimento na graça é apresentado não como uma opção, mas como uma necessidade; não como uma sugestão, mas como uma ordem. Pedro usa o verbo no imperativo: “Crescei na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Esta é a última ordem do apóstolo, escrita no último versículo de sua última carta, em um momento em que ele sabia que sua morte era iminente (2Pe 1.14). Assim, as suas últimas palavras carregam um peso e significado especiais. É como se Pedro estivesse nos dizendo: “Se vocês esquecerem tudo o que eu lhes disse, lembrem-se disto, pois é a coisa mais importante de tudo que lhes tenho dito”. E assim, de fato, foi o que aconteceu, porque o pensamento que Pedro estava expressando ali era, na verdade, maior e mais rico do que já vimos.

De Ryle, que neste ponto estava seguindo os puritanos, temos até aqui emprestado a frase “crescimento na graça” para indicar “crescimento nas graças” (virtudes, facetas do caráter cristão). Embora isto seja certamente parte do entendimento de Pedro, há muito mais a ser dito a esse respeito.

Crescer na graça e no conhecimento de Cristo significa:

- firmar o entendimento que uma pessoa possui de toda a doutrina da graça que vimos nos capítulos 2º e 3º;
- aprofundar o relacionamento de fé de uma pessoa com Cristo, e por meio dele, com o Pai e o Espírito, pelo envolvimento da santa Trindade, consciente e diretamente, em sua vida; e

- tornar-se mais parecido com Cristo à medida que o Espírito nos assemelha Àquele a quem contemplamos, levando-nos a orar para que sejamos como ele, ajamos de forma a imitá-lo e manifestemos nossa transformação progressiva em direção à sua imagem moral.

Obedecer esta ordem em uma base constante (que é o que Pedro tem em mente; “crescei” no imperativo para indicar um crescimento contínuo) é uma questão de ser um cristão consciente, e de tentar ser, em todo o tempo, mais cristão, em cada área da vida. Portanto, o crescimento na graça é a verdadeira obra da nossa vida, uma imensa e infundável tarefa. Uma vez que é uma questão de ordem, o que temos a fazer é nos submeter à ela, e trabalhar para cumpri-la da melhor forma possível. Isto é o verdadeiro discipulado. É assim que mostramos ser cristãos. O crescimento na graça é, assim, uma prova de fogo para todos nós.

Muitos cristãos, no entanto, parecem não crescer na graça, nem se preocupar em crescer. Ao que parece, eles se contentam com a sua estagnação ou até recuo espiritual. Isto é trágico. Por quê? Existem várias razões possíveis. Talvez eles nunca tenham lido as palavras de Pedro, nem tenham ouvido que Deus requer que cresçam na graça. As pessoas não têm consciência de coisas das quais são ignorantes. Ou talvez eles estejam com um pé atrás por medo de que um compromisso sério para crescer na graça traga uma perturbação e mudança maior em sua vida – e isto provavelmente aconteceria. W. H. Auden testemunhou sobre o efeito paralisante desse temor em sua indiferente frase: “Preferimos a ruína à transformação”.

Ou talvez eles estejam seguindo a sugestão dos cristãos à sua volta, que também não se preocupam em crescer na graça. Talvez tenham concluído que não precisam se preocupar com isso, sem levar em conta o que a Bíblia diz. Ou talvez tenham perdido o seu primeiro amor por Cristo e pelas coisas divinas e têm, como disse Paulo a Demas, “amado o presente século” (2Tm 4. 10). Mas, qualquer que seja a razão, seu descaso é desobediente, errado, irresponsável e indefensável. Todos os cristãos têm a obrigação de crescer na graça e no conhecimento de Cristo.

Ao iniciar sua carta, Pedro especificou, de um modo muito claro, os pontos do compromisso de crescer na graça. “Por isso mesmo, vós, reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade; com a piedade, a fraternidade; com a fraternidade, o

amor. Porque estas coisas, existindo em vós e em vós aumentando, fazem com que não sejais nem inativos, nem infrutuosos no pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo” (2Pe 1.5-8). Observe como D, E e P (doutrina, experiência e prática) se encaixam aqui! Esta é uma fórmula que se aplica a tudo. Devo, portanto, encarar o fato de que este é o modo de vida para o qual sou chamado, e que entro em um estado impuro e doentio do coração no momento em que paro de esforçar-me, portanto, por crescer. E o que é verdade a meu respeito, é verdade a respeito de cada um que lê este livro.

Pratico Estes Princípios?

Segundo, então: *a minha prática dos princípios de crescimento na graça é suficiente?*

Quais são estes princípios? Se alguém simplesmente dissesse: faça uso dos meios da graça (leitura da Bíblia, oração, culto e comunhão cristã, as quatro citações clássicas), essa pessoa não estaria errada. Mas é útil dizer mais do que isto. Portanto, agora discutiremos três axiomas (princípios para o cumprimento do princípio do crescimento necessário; axiomas de nível médio, segundo os eticistas), além de quatro disciplinas; tudo isto para minha e sua orientação.

1. *Desenvolva a Sua Salvação.* Esta frase, extraída de Filipenses 2.12, é a explanação de Paulo da obediência de seus leitores ao chamado para que demonstrem a mente (atitude) de Cristo (Fp 2.5-11). Será uma expressão em forma de ação, e assim um aperfeiçoamento e complemento (todas estas idéias parecem estar presentes) da salvação que agora é deles. E eles devem desenvolver sua salvação “com tremor e temor” – em outras palavras, com admiração e reverência pela obra de Deus neles. Pelo fato de a capacitação que sua obediência provoca não ser natural, ela é o fruto da habilitação divina. É surpreendente perceber que é Deus “quem efetua em vós tanto o querer como o realizar” (Fp 2.13), e isto é uma verdade magnânima. Quando expressamos a nossa salvação em forma de uma obediência fortalecida pelo poder divino, o Espírito Santo transforma nossa natureza moral para tornar-nos mais parecidos com Cristo, em quem nos espelhamos como nosso modelo.

Isto sugere um procedimento adequado toda vez que somos chamados a praticar um novo ato de obediência. Primeiro, levamos o assunto a Deus em oração, reconhecendo nossa própria incapacidade para lidar com ele e pedindo que sejamos capacitados do alto. Então, vamos à ação, esperando receber ajuda, e desco-

briremos que ela virá. Por fim, agradecemos a Deus pela ajuda recebida. É por este modelo de atividade humilde e dependente que a nossa salvação se desenvolve. É assim que devemos crescer na graça.

2. *Permaneça (Persista, Firme-se) em Cristo.* Este axioma reforça o primeiro. Ele vem dos próprios lábios de Cristo. “Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer (...) Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor” (Jo 15.4,5,9,10). O que Jesus está ensinando é que ele mesmo deve ser o foco da vida de seus seguidores. Pela fé em Cristo, eles já estão unidos a ele de tal maneira que a sua vida, de um modo verdadeiro, embora misterioso, flui por intermédio deles (eles são os ramos da videira que é Cristo). É seu dever, agora, olhar para Cristo como sua fonte de poder que habilita para a obra, ouvir o que ele diz para descobrir a forma que deve ter a obra que realizarão, cultivar sua companhia uma vez que desenvolvem a sua obra e desfrutar da certeza do seu infindável amor.

Eles devem “permanecer” (ficar firme) neste relacionamento inclusivo. Este é o segredo da frutificação. O fruto que darão – “fruto que permanece” (Jo 15.16) – consistirá da retidão em sua própria vida transformada, e uma influência espiritual no processo de transformação da vida de outros. Para cada fruto que, como definimos, engloba a santificação, saúde e crescimento, uma vida centrada em Cristo do tipo descrito é completamente essencial. Foi assim para os apóstolos, a quem Jesus ensinou diretamente, e permanece sendo assim para nós, que recebemos o ensino de João em seu Evangelho.

Bem, então, o autor do hino pode dizer para o Senhor:

Ó Jesus, cresça em mim,
E todas as outras coisas diminuirão;
que o meu coração esteja, a cada dia, mais perto de ti,
E diariamente serei libertado do pecado.

Que o teu majestoso poder a cada dia
Minhas fraquezas ainda envolva;
Minhas trevas se dispersem em tua luz,
Tua vida obscureça as minhas trevas.

Que em tua luz brilhe o meu fracasso,
E desapareça cada mau pensamento;
Que nada eu seja, e tu sejas tudo,
Seja este o meu ensino diário.

Mais da tua glória quero ver,
Tu, santo, sábio e verdadeiro;
Quero ser tua imagem viva
Tanto em alegria como em tristeza.

Encha-me da alegria do alto,
Segure-me com a força divina:
Senhor, que o brilho do teu grande amor
Brilhe em todo o meu ser.

Faça com que o meu pobre ego cresça cada vez menos,
Seja tu, minha vida e alvo;
Ó, faça-me diariamente, pela tua graça,
Mais digno de levar o teu nome.

É assim, por meio da nossa diminuição e do crescimento de Cristo, que deveremos crescer na graça.

3. *Vigie e Ore*. Estas são as palavras que Jesus falou como um alerta para três de seus discípulos, a quem tinha pedido que vigiassem (estivessem alertas e acordados, apoiando-o com sua presença e preocupação), enquanto ele orava no Getsêmani. O alerta total foi: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41).

O ponto enfatizado no alerta foi que Satanás, o inimigo da nossa alma, é incansavelmente malicioso e enganador. Todos os que servem a Deus passam pela dura experiência de ser alvo das atenções indesejáveis de Satanás durante toda a sua vida. Se ele não pode nos impedir de ser cristãos, certamente usará todos os seus recursos para nos impedir de crescer na graça e, com isso, garantir que Deus seja desonrado, de qualquer maneira, pelo nosso modo de vida. “Cair” (literalmente “entrar”) “em tentação” significa tornar-se uma vítima de um dos esquemas satânicos que visam desonrar a Deus, prejudicando alguém que pertence a Ele. As tentações para “cair” desta forma são constantes na vida cristã.

Pedro, a pessoa a quem Jesus primeiro alertou (e quem, algumas horas mais tarde, negou Jesus por três vezes), escreveu, mais tarde, uma exposição emocio-

nada do que significa vigiar: “Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar; resisti-lhe firmes na fé, certos de que sofrimentos iguais aos vossos estão se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo” (1Pe 5.8,9).

Na questão da oração, a própria luta de Jesus, no Getsêmani, para orar as palavras “seja feita a tua vontade”, com seu coração, nos mostra o que precisamos saber sobre a oração que repelirá as insinuações satânicas. Enquanto nosso coração ecoar a oração de Jesus: “Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres”, e estiver aberto para a verdade preciosa de que “naquilo que ele mesmo (Jesus) sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados” (Hb 2.18, cf. 4.15), nós seremos vitoriosos. A essência da batalha espiritual, na qual os cristãos estão envolvidos, é o dizer “não” quando o mundo, a carne e o diabo nos pressionam para dizer “sim”, e o dizer “sim” quando a fadiga, o coração endurecido e a descrença nos impulsionam a dizer “não”. Nestas batalhas, aqueles que aprenderam a vigiar, orar, lutar e conquistar crescem na graça. É através dessas experiências que, também, cresceremos na graça.

Eric Liddell, o legendário escocês do filme *Carruagens de Fogo*, escreveu: “A vida cristã deveria ser uma vida de crescimento. Creio que o segredo do crescimento está no desenvolvimento de uma vida devocional”.⁴ Sem dúvida, ele estava certo. Mas a vida devocional pode ser prejudicada pela negligência e falta de bom senso e, assim, impedir que nos desenvolvamos em uma maneira verdadeiramente saudável. Portanto, encerro este capítulo chamando a atenção para os quatro discípulos que tudo têm a ver com a preparação do caminho para o crescimento saudável. Tudo isto é sugerido no texto da Segunda Carta de Pedro e, particularmente, no capítulo três, onde o chamado de Deus para crescer na graça é a conclusão climática.

Primeira Disciplina: Aceitação dos Fatos

O realismo é uma virtude cristã que reconhece a soberania de Deus sobre o mundo. Ele interpreta os desapontamentos inesperados e a esperança não concretizada como atos da sabedoria e bondade divina, de acordo com as suas promessas. Nenhum desânimo, amargura ou cinismo (as doenças decadentes da alma) encontra espaço para firmar-se no coração realista. Pedro diz aos seus leitores, que pareciam abatidos e perplexos diante do fato de que o Senhor não havia ainda retornado, que a suposta demora de Cristo em concluir a História era, na verdade, uma expressão de sua longanimidade misericordiosa, esperando a

salvação de alguns que, de outro modo, estariam perdidos (2Pe 3.3-9,15). A aceitação disto, na confiança de que tudo o que Deus faz é bom, tornou-se essencial para que continuassem a crescer na forma devocional. Ressentir-se contra Deus, por esta ou outra razão, bloquearia completamente o crescimento.

Segunda Disciplina: Evitar as Loucuras

A justiça é uma obrigação cristã, e o que Pedro chama de “erros dos homens insubordinados” (2Pe 3.17) – ou seja, a imoralidade e o orgulhoso desinteresse pela santidade, descritos em 2Pedro 2 – é um comportamento tolo diante das exigências divinas e que provoca o julgamento. A rejeição de tal comportamento enlouquecido é algo necessário para o crescimento devocional contínuo. Entregar-se a ele, permitindo alguma forma de negligência moral, e, conseqüentemente, o desagrado divino, bloquearia completamente o crescimento.

Terceira Disciplina: Assimilação do Alimento

A verdade bíblica, a Palavra de Deus, é o verdadeiro alimento da alma. Em sua primeira carta, Pedro diz aos seus leitores que devem desejá-la (1Pe 2.2). Na sua segunda carta, ele diz que eles devem atentar para as Escrituras escritas pelos profetas (2Pe 1.19-21; 3.2) e certificar-se de que não interpretam erroneamente as cartas de Paulo (2Pe 3.15). Confiança na verdade divina do ensino bíblico, e a sua constante assimilação, são ingredientes necessários para um crescimento contínuo na graça. Dúvidas a respeito das Escrituras, no entanto, bloqueariam completamente o crescimento.

Quarta Disciplina: Afirmação da Comunhão

Deus não criou, nem redimiu, ninguém para que fosse um lobo solitário neste mundo. Fomos criados, e salvos, para uma vida de ajuntamentos afetivos e ajuda mútua. Pedro desenvolve este modelo: primeiro, ele chama seus eleitos de “irmãos” (2Pe 1.10; cf. 2Pe 1.7) e, depois, por quatro vezes em 2Pedro 3, ele os chama de seus “amados” (literalmente, “queridos”), assim como refere-se a Paulo como seu “amado [querido] irmão” (v. 1,8,14,15,17). A imparidade da posição e autoridade apostólica nunca inibe ou restringe sua comunhão com seus convertidos na qualidade de irmãos que amam e que são amados na família de Deus. Ocupar o nosso lugar na irmandade interdependente da comunhão cristã é algo

necessário para o crescimento contínuo na graça. O isolamento voluntário, qualquer que seja sua motivação, bloquearia completamente o crescimento.

EVITANDO A SÍNDROME DE PETER PAN

Uma criação literária fantasmagórica do século 20 (fantasmagórica porque ela espelha várias verdades desconfortáveis a nosso respeito) é o personagem *Peter Pan* de J. M. Barrie, “o garoto que não crescia” como subtítulo de Barrie para o filme. Por duas gerações, *Peter Pan* foi celebrado e apreciado como um entretenimento infantil de qualidade. Várias gerações o perceberam simplesmente como a história de Peter e os piratas, com Wendy a reboque, e a amaram como tal. Quando era criança, li a história várias vezes. Ela se tornou minha leitura favorita. Sem dúvida, o filme de Steven Spielberg, *Capitão Gancho*, trouxe uma nova vida para a parte pirata da história. Contudo, *Peter Pan* continuará sendo um clássico infantil no século 21.

Contudo, Peter Pan não é uma pessoa com a qual qualquer adulto ou criança inteligente se identificará. Sua declaração, repetida duas vezes, de que “apenas quero ser um garotinho e me divertir”⁵ é realmente uma má notícia. Peter Pan representa a fixação de uma fase na vida pela qual passa um garoto que, se tudo correr bem, crescerá. Sua escolha (pois foi isto que ele fez) de interromper seu próprio desenvolvimento o deixa tão defeituoso que temos de descrevê-lo como um anti-herói, um personagem significativamente antipático e até repelente. Apesar de corajoso, inteligente e líder, ele também é hábil em chamar a atenção, absorver a si mesmo, cruel e incapaz ou de amar ou de aceitar o amor dos outros. Pelas pesadas narrativas de ambivalência sentimental (alternância entre alegria e tristeza, que era a especialidade de Barrie), a história deixa claro que, depois de suas aventuras na Never Land (Terra do Nunca), Wendy e seus irmãos estão melhor preparados para retornar à vida de uma família comprometida com o crescimento normal de uma criança em direção à fase adulta. Para Peter Pan, voltar as costas para o mundo dos relacionamentos e trabalho, a fim de tocar sem parar sua flauta de Pã no meio das fadas é uma tragédia de pequena escala. Espera-se que o público sinta o mesmo em relação ao crescimento.

A mudança corrente no mundo ocidental de sua posição cristã para um materialismo secular gerou o que só pode ser chamado de cultura de Peter Pan. Aqui, todas as facetas de seu egoísmo infantil são encorajados a emergir e se firmar, e são tratadas como virtudes quando assim o fazem. Nessa cultura, é difícil tornar-se um adulto responsável, principalmente na área das emoções. Já foi dito que o

maior problema social do mundo moderno é a extrema imaturidade emocional que se dissimila como um estilo de vida adulto. Na ordem de Deus das coisas, a família deve funcionar como uma rede de relacionamentos na qual as lições do amor responsável e da estratégia para a vida serão ensinadas na íntegra. Mas com o enfraquecimento da vida familiar, quase no mundo inteiro, isto não está acontecendo. O mundo de hoje está repleto de pessoas com corpo de adulto que abrigam uma estrutura emocional juvenil e até infantil – pessoas, em outras palavras, que apenas querem ser crianças e se divertir. A afluência permite que o comodismo infantil se torne um estilo de vida da adolescência para frente, e os resultados, mais tarde, são dolorosos.

Os cristãos, como todos os outros, são condicionados e influenciados pela cultura da qual fazem parte. Também tornam-se infectados por esta síndrome de Peter Pan. Os axiomas e disciplinas da devoção não podem nos ajudar se não estivermos preparados para mudanças neste ponto. Será que estou disposto a saber se preciso crescer emocionalmente? E você?

Mais uma vez, é Jesus, “o Autor e Consumador da fé” (Hb 12.2), que se apresenta a nós como o modelo dessa maturidade emocional e comportamental à qual o nosso crescimento na graça deve nos levar. É, por fim, por meio de nossa própria avaliação por ele, uma vez que o encontramos nas páginas dos Evangelhos, que chegaremos a ver quais são as nossas necessidades nesta área e que tipo de crescimento, na busca de sua estatura, nos será exigido.

Que possamos ser capacitados a crescer na graça neste momento, “aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus” (2Co 7.1).

Capítulo 7

CRESCENDO EM FORÇA: A VIDA CRISTÃ COM PODER

Por esta causa, me ponho de joelhos diante do Pai, de quem toma o nome toda família, tanto no céu como sobre a terra, para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus. Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na Igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém. Ef 3.14-21

Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas. 2Co 6.4-7

PODER: UMA PALAVRA USADA EM DEMASIA?

A revista *Time*, na virada de cada ano, faz uma retrospectiva, analisando o que aconteceu durante aquele ano, e uma previsão do que irá acontecer no ano

que se inicia, e tece qualquer comentário que julga se encaixar na reportagem. A primeira edição de 1990 continha uma lista de “Jargões Mais Usados para uma Aposentadoria Precoce”, na qual, depois de “potencial máximo, mercado preferencial, aumento de produção, pontos essenciais, sinergia, conexões, modernização, interface, priorizando o tempo qualitativo, aterrissagem suave, gerenciamento prático” vinha “jogos de poder, ligações com o poder, café do poder, qualquer coisa do poder”.

Quando olho as estantes da minha biblioteca, vejo livros com títulos como *Poder para Curar, Evangelismo de Poder, Poder da Cura, Encontros de Poder, Quando o Espírito Vem com Poder, Cristianismo com Poder*. Todos eles publicados desde 1985. A minha cabeça começa a girar. Jargões? Jargões inconseqüentes, certo? Usados em demasia entre cristãos, assim como acontece no mundo comercial? Prontos para a aposentadoria? Os primeiros pensamentos poderiam nos levar a responder de acordo com o que se propõe, mas, quando pensamos pela segunda vez, isto nos faz parar.

A palavra “poder” é muito significativa no Novo Testamento. Onde eu estaria se me impusesse uma auto-negação e a deixasse de usar? Onde estaria a igreja se agisse do mesmo modo? Se parássemos de falar de poder, logo deixaríamos de pensar nele. Se isto acontecesse, de fato ficaríamos empobrecidos. Hei, pare um pouco; deixe de ser irônico. Para o Cristianismo, pelo menos, a palavra “poder” é preciosa. Talvez seja um jargão, mas precisamos dela para que possamos nos concentrar no seu significado. Este capítulo deixará claro a importância de fazê-lo.

O Poder de Deus

O poder que nos preocupa é o poder de Deus – a energia exercida por ele na criação, providência e graça. A palavra comum no grego usada para referir-se a ele no Novo Testamento é *dunamis*, de onde vem a palavra “dinamite”. Analisaremos aqui apenas um segmento deste maravilhoso tópico, ou seja, o poder de Deus que regenera, santifica e opera por intermédio de nós, pecadores.

No entanto, tratar deste assunto significa encarar o problema da nossa visão curta, apaixonada e comprometida. Podemos analisar este problema da seguinte maneira: uma palavra desperta grande interesse, entusiasmo e desejo de estar na crista da onda e não de ser deixada para trás. Por isto, as pessoas pegam aquela palavra e a usam como um tipo de emblema verbal, para deixar claro que estão por dentro do que está acontecendo e sabem discorrer a res-

peito daquela novidade significativa. Mas tal uso normalmente reflete pouca ou nenhuma reflexão sobre esta novidade. Assim, quanto mais a palavra é usada desta maneira, mais crescem a superficialidade e a visão encurtada dos seus zelosos usuários.

No momento, um número cada vez maior de pessoas ansiosas anda se perguntando para si mesmas ou entre si se elas têm o poder de Deus em sua vida, com uma certeza cada vez menor em sua mente do que esse poder significa. Tudo o que sabem é que querem se identificar com aquelas pessoas que dizem conhecer esse poder, uma vez que não querem ficar de fora das boas coisas que estão acontecendo. Como acontece em outras circunstâncias, o problema do jargão, conseqüentemente, desenvolve uma “neurose de rebanho”, uma inclinação para seguir cegamente os modismos, contanto que se faça parte de um grupo confiável. Onde o jargão se estabelece, a noção indistinta é o que aparece! Se devemos falar de forma significativa sobre o poder de Deus, teremos de deixar de lado parte disto.

Como um primeiro passo para definir o nosso tema, precisamos deixar claro que Deus não nos dá o seu poder como um de nossos bens, um recurso que usamos de acordo com o nosso próprio entendimento. Não deveria ser necessário dizer isto, mas as inúmeras conversas sobre o uso do poder de Deus revelam que este mal-entendido é comum. Deus nos usa, chamando-nos para usar o poder que ele nos tem dado, como canais por meio dos quais seu próprio poder flui. Mas não somos unidades de armazenamento, como baterias, ou recipientes, como baldes, nos quais o potencial para o poder em ação pode ser guardado até que seja necessário. E não usamos Deus, ou o seu poder, como se estivéssemos usando a energia como bem entendêssemos.

O desejo de ter o poder divino para usá-lo como bem entendesse foi o pecado de Simão, o mágico (At 8.18-24). Seu pecado é registrado como um alerta, e não como um exemplo a ser seguido. O desejo correto sempre é o de ser “utensílio para honra, santificado e útil ao seu possuidor, estando preparado para toda boa obra” (2Tm 2.21). A Nova Versão Internacional (NVI) traz a seguinte versão: “vaso para honra, santificado, útil para o Senhor”, que é mais forte e mais clara (Novo Testamento, Nova Versão Internacional. Sociedade Bíblica Internacional, São Paulo, 1993).

Luzes de alerta deveriam piscar diante de nossa mente quando os cristãos nos falam sobre o uso do poder de Deus. Se, no entanto, a conversa implicar em como ser usado e útil para Deus, devemos baixar a cabeça e ouvir. Vamos ver por que não estamos errados neste sentido.

O PODER SOBRENATURAL DE DEUS

Durante os últimos cem anos, os cristãos evangélicos (e alguns outros com eles) tiveram um grande interesse no poder da vida cristã. É um erro? Não mesmo. Um periódico fundado nos anos de 1870 recebeu o nome de *The Christian's Pathway of Power* (O Caminho do Cristão de Poder). Seu tema foi a nossa capacitação por parte de Deus para que façamos o nosso trabalho, realizemos as tarefas que a vida nos apresenta e vencemos as tentações que nos impediriam de agradar a Deus. Durante os anos de minha educação, pelo movimento estudantil evangélico, um grande número de palestrantes devocionais franziu a testa e fez a mesma pergunta: “Você tem poder em sua vida”? – no mesmo sentido. O que há de errado em querer ter um domínio próprio maior e uma prática de justiça mais frutífera e completa por meio do poder de Deus? Nada.

Ao mesmo tempo, e entre as mesmas pessoas, a preocupação centrava-se também em ser capacitado, pelo poder divino, para influenciar outras pessoas para Deus por meio do testemunho (no caso de um pregador, por meio de sua pregação). Muita coisa foi dita sobre a diferença entre cristãos, cujo testemunho tinha “poder”, e aqueles cujo testemunho não tinha “poder”. É correto se preocupar com a questão do poder no testemunho de alguém? É correto temer que ele *não tenha* poder? Claro que é correto. Estas devem também ser as nossas preocupações.

Mais recentemente, os cristãos que foram alcançados pelos movimentos conhecidos como pentecostalismo, renovação carismática e Terceira Onda começaram a buscar (e alguns afirmam ter encontrado) a capacitação, por meio da oração, de canalizar demonstrações sobrenaturais do poder de Deus em toda sorte de curas: curas do corpo, cura interior do coração e exorcismos, onde parece haver algo demoníaco agindo na vida da pessoa.

Novamente me pergunto se é errado os cristãos se preocuparem com estas coisas? Apesar de ver algumas armadilhas,¹ não posso dizer, de coração, que isto é errado. No Novo Testamento, leio vários relatos sobre tais manifestações do poder de Deus, entendidas como “poderes do mundo vindouro” (Hb 6.5) – em outras palavras, o Espírito Santo em ação.

É verdade que o Novo Testamento normalmente vê os “sinais e prodígios” como a autenticação do Pai, do ministério de Jesus e seus apóstolos (At 2.43; 5.12; 14.3; cf. 10.38; 19.11; Rm 15.19; 2Co 12.12; Hb 2.3). Não existe nenhuma promessa clara de que estas manifestações continuarão após o término do ministério dos apóstolos.² No entanto, nada há que ensine o contrário. O Novo Testamento deixa esta possibilidade em aberto.

Em todos os casos, diz-se com maior ênfase que todos os cristãos, como novas criaturas em Cristo, já foram tocados pelo sobrenatural (2Co 5.17; Ef 2.4-10; 1Jo 3.9). A expectativa consistente é que eles agora vivam uma vida diferente, e sejam vistos com este diferencial, do restante do mundo. O maior sinal e prodígio, que dá uma enorme credibilidade ao cristianismo, sempre será, portanto, a vida transformada do cristão. Duas conclusões precisam ser formuladas. Primeiro, um Cristianismo cuja preparação é seguir em frente com alegria sem apresentar nenhum sinal do poder sobrenatural e transformador de Deus na vida das pessoas revela um espírito antibíblico. Segundo, esta expectativa de uma total mudança moral é o quadro dentro do qual todas as esperanças e buscas de cura sobrenatural se encaixam adequadamente.

Milagres da Nova Criação

A vinda de Cristo, o Salvador, levou ao derramamento do Espírito sobre a Igreja e o mundo. E o Espírito vem com poder. No Novo Testamento, vemos este poder manifestado em todas as formas que descrevi até aqui: a capacidade de realizar tarefas de devoção e culto, e vencer a tentação; a capacidade de influenciar outros por meio da pregação e do testemunho, a capacidade de agir como um canal do poder de Deus em milagres, curas e outras manifestações do tipo. Consideremos cada um destes modelos em ordem reversa.

Sinais e Prodígios. Primeiro, nos Evangelhos e em Atos encontramos as obras de poder no reino físico, incluindo milagres da natureza e todos os tipos de curas. O próprio Jesus usa a expressão “sinais e prodígios” para se referir a eles, em João 4.48. Estes são, usando a frase adequada de C. S. Lewis, “milagres da nova criação”,³ nos quais o poder de Deus, que fez o mundo funcionar uma vez mais para trazer algo à existência do nada – para produzir um estado de situações pelo qual nenhuma explicação pode ser dada em termos do que existia anteriormente. Todos sabem que não é possível alimentar cinco mil pessoas com apenas dois peixes e cinco pães, mas o fato é que houve alimento suficiente para todos. Todos sabem que não é possível trazer os mortos de volta à vida, mas Jesus, em três ocasiões, ressuscitou mortos: a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim e Lázaro (Lc 7.11-17; 8.49-55; Jo 11).

Sem dúvida, estes três incidentes não foram semelhantes ao milagre maior da nova criação que aconteceu quando o próprio Cristo ressuscitou dentre os mortos. No caso deles, foram apenas ressurreições. Em cada caso, a pessoa morreu

novamente um pouco mais adiante. A mesma verdade se aplica a Dorcas, a quem Pedro ressuscitou (At 9.36-41), e a Êutico, ressuscitado por Paulo (At 20.9-12), bem como às crianças a quem Deus ressuscitou por intermédio de Elias e Eliseu (1Rs 17.17-23; 2Rs 4.18-27). Jesus, no entanto, ressuscitou dentre os mortos para nunca mais morrer. Sua ressurreição é um milagre ainda mais notável da nova criação – de fato, é o milagre normativo. Cristo é o primogênito, o início da nova criação de Deus, como diz o próprio Novo Testamento (1Co 15.20,23; Cl 1.18; Ap 1.5).

Contudo, todos estes exemplos apontam para o fato de que o poder que criou o mundo do nada produz efeitos para os quais nenhuma causa pode ser citada, a não ser que Deus, o Criador, tenha novamente demonstrado seu poder.

Palavras de Poder. Segundo, ao ler o Novo Testamento, uma pessoa descobre que as palavras de poder na comunicação cristã são parte da História do Evangelho e da nova Igreja. Lucas mostra um interesse particular no poder de Deus, e existem vários textos em seu evangelho que são significativos aqui. Vejamos alguns deles.

Em Lucas 4.14 lemos que, logo após a tentação no deserto, “Jesus, no *poder* do Espírito, regressou para a Galiléia”. Este texto introduz não apenas suas obras de poder, mas também as palavras de poder que saíram de seus lábios. Então, após sua ressurreição, Jesus disse aos discípulos que esperassem em Jerusalém até que do alto fossem revestidos de *poder* para o ministério de evangelismo em âmbito mundial para o qual ele os estava comissionando (Lc 24.49).

No começo do livro de Atos, Lucas retorna ao mesmo tema. Jesus diz aos seus seguidores: “Mas recebereis *poder*, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas (...) até aos confins da terra” (At 1.8). Mais adiante, lemos que, “com grande *poder*, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça” (At 4.33).

Da mesma forma, Paulo tem coisas tremendas para dizer a respeito do poder de Deus que opera por meio do Evangelho e seus mensageiros. “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o *poder* de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16). Ao final de sua argumentação que constitui a carta aos Romanos, e falando de seu próprio ministério, Paulo diz: “Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por *força* de sinais e prodígios, pelo *poder* do Espírito Santo” (Rm 15.18,19). Novamente, em sua primeira carta aos Coríntios, ele diz: “Porque não me enviou Cristo para

batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo. Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, *poder* de Deus” (1Co 1.17,18).

“Sabedoria de palavra” é a expressão que ele usa para indicar o desafio de discutir filosofia com os filósofos. O povo das cidades gregas, alvo do evangelismo de Paulo, esperava que ele se gabasse de sua própria inteligência quando falou em público. Palestrantes descomprometidos que se exibiam disso eram figuras conhecidas nas cidades gregas e eram apreciados como se fossem um bom entretenimento. Mas Paulo não agiu como o esperado. Ele adotou um estilo direto, claro e visível de apresentação que o fazia parecer um tolo para aqueles que esperavam o tipo de exibicionismo tão comum em outros professores viajantes.

“Eu sabia o que vocês queriam” – diz-lhes Paulo “e resolvi não lhes dar isso. Vocês queriam que eu me exibisse como um filósofo, cheio de argumentos interessantes, e fizesse uma apresentação que estivesse à sua altura, mas eu não faria isto. Estou com vocês como um mensageiro; não como um filósofo, um orador ou um animador. Vim para testificar de Deus e de Jesus Cristo e sua cruz, e dizer-lhes como ser salvo do pecado e do inferno (cf. 1Co 2.1), e é tudo que estou disposto a fazer. Por isso, vocês me consideraram um louco.”

Mas, diz Paulo, eles agora estão apreciando a minha estratégia. “A minha palavra e a minha pregação não consistiram em linguagem persuasiva de sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de *poder*, para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria humana e sim no *poder* de Deus” (1Co 2.4,5). Foi para abrir caminho para o poder de Deus que ele falou daquela maneira.

O próprio Jesus previu que, por meio do testemunho dos apóstolos, o Espírito convenceria as pessoas da verdade a seu respeito e da necessidade que tinham dele. Paulo confiou que o Espírito Santo faria exatamente isso, e não ficou desapontado.

Vidas Transformadas. Terceiro, o Novo Testamento fala não apenas do poder de Deus nos milagres e na comunicação do evangelho, mas também do poder divino que opera *em nós*, capacitando-nos a entender e fazer o que, do contrário, não poderíamos.

Em Efésios 1.17-19, Paulo fala aos cristãos sobre o que pede a Deus para lhes dar: “Que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saberdes qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do

seu poder *para com os que cremos* [em outras traduções, “*para conosco, os que cremos*”], segundo a eficácia da força do seu *poder*”.

O poder sobre o qual Paulo fala não é apenas o poder da *mensagem*. Não é apenas o poder por meio do *mensageiro*. É o poder *em – e sobre – os que crêem*, abrindo cada vez mais o seu coração, antes fechado, para que entendam melhor a verdade do evangelho e, assim, levem uma vida completamente diferente da que tinham antes. É o poder da ressurreição – a questão de Deus ressuscitar com Cristo aqueles que estavam dispostos a morrer com ele. É óbvio que Paulo espera por grandes mudanças na vida dos que agora pertencem a Cristo.

Ele volta a este tema no fim de Efésios 3: “Por esta causa me ponho de joelhos (...) para que, segundo a riqueza da sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o seu Espírito no homem interior; e, assim, habite Cristo no vosso coração, pela fé, estando vós arraigados e alicerçados em amor, a fim de poderdes compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo, que excede todo entendimento, para que sejais tomados de toda a plenitude de Deus” (v. 14-19).

Novamente vemos que Paulo está falando a respeito de algo radical, no sentido pleno da palavra: algo que produz uma mudança completa. Ele está orando para que, por meio desta maravilhosa transformação e enriquecimento interior, os cristãos de Éfeso se tornem completamente diferentes das pessoas à sua volta – totalmente diferentes, de fato, do que eles mesmos tinham sido até ali. Isto se torna óbvio quando ele segue para a doxologia final de sua oração e louva “àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu *poder* que opera em nós” (Ef 3.20). Paulo fala como se, para ele, o céu fosse o limite para a atuação transformadora do Espírito, e suas expectativas de mudança são igualmente altas.

Estes são exemplos dos muitos textos preciosos do Novo Testamento sobre o poder de Deus. Cada um dos textos citados é um exemplo do poder de Deus que opera por meio de Cristo e dos apóstolos, manifestado em obras de poder no reino físico, na doação de poder para as comunicações cristãs de modo que tenham um impacto significativo e também na capacitação dos cristãos para que entendam e façam o que, do contrário, não poderiam entender nem realizar.

Portanto, refletindo sobre o assunto à luz do Novo Testamento, sou levado a corrigir minha primeira impressão sobre o desejo da revista *Time* de aposentar a palavra “poder”. Ela continua sendo uma palavra atual e importante para o povo cristão. O poder é um tema que sempre deve ser discutido pelos cristãos. É claro

que, à luz do Novo Testamento, o poder de Deus deve acompanhar o evangelho e encontrar expressão em seus mensageiros e na vida daqueles que são alcançados pela mensagem.

MANIFESTANDO O PODER DE DEUS

Este livro fala de santidade. Nossa análise do poder de Deus, como visto no Novo Testamento, tem-nos levado a observar vários tipos de ministérios. Isto é relevante? Será que não estamos ampliando a questão e indo muito além do nosso assunto? Penso que não. É artificial e antibíblico traçar uma linha divisória entre a obra divina de transformação do caráter de uma pessoa, que é o que discutimos até aqui, e a obra divina de confiar um ministério àquela pessoa – para serviço ativo de outros, aceito como uma tarefa dada por Deus. Não estou falando aqui apenas, ou até principalmente, de ministros ordenados e assalariados. Ministério significa qualquer forma de serviço e existem muitas formas. Assim,

- ser um cônjuge fiel e um pai (mãe) consciente é uma forma de ministério no lar;
- ocupar uma função, desempenhar um papel e executar uma responsabilidade definida é uma forma de ministério (tanto ordenado como leigo) na igreja organizada;
- sustentar amizades pastorais que envolvam aconselhamento, intercessão e apoio é uma forma de ministério em Cristo; e
- o cuidado amoroso pelo povo em qualquer nível de necessidade – física, mental, material ou espiritual – é a verdadeira forma de ministério no mundo.

A santidade, como vimos, não é estática, nem passiva. É um estado de amor crescente por Deus e pelo próximo, e amar é, precisamente, uma questão de fazer o que honra e beneficia a pessoa amada como uma manifestação do desejo de elevá-la. As pessoas santas, portanto, mostram sua santidade por meio do louvor a Deus e da ajuda aos outros. Elas sabem o que devem e, de fato, querem fazer. O próprio Deus fez com que desejassem isso, sem levar em conta o quanto elas estavam preocupadas consigo mesmas antes.

Assim como sua semelhança com Cristo é acrescentada ao seu impacto, credibilidade e eficácia para com Deus, quando elas servem o seu próximo, Deus usa suas experiências nesse ministério (sucesso, fracasso, alegria, frus-

tração, aprender o caminho da paciência e persistência, perseverar, permanecer humilde quando afrontado, permanecer firme sob a pressão, e assim por diante) para avançar na transformação que se dá “de glória em glória” em sua própria vida (2Co 3.18). Ele continua a torná-las mais parecidas com Jesus do que eram antes.

É surpreendente o fato de que a maioria dos palestrantes e livros sobre santidade fale pouco sobre ministério, embora a mesma observação se aplica aos palestrantes e livros sobre ministério. Isto tem acontecido há mais de um século. No entanto, é um erro tratar a santidade e o ministério como assuntos distintos. Deus uniu os dois temas, e o que ele une, o homem não deve tentar separar.

Um resultado regular da santificação contínua é o aumento do interesse pelos outros, com o reconhecimento do que falta neles, e a sabedoria que discerne a maneira de ajudá-los. O ministério naturalmente floresce em vidas santas. Em um ministério efetivo, o poder de Deus é canalizado, através de seus servos, para áreas de necessidade humana. Uma pessoa santa com dons limitados provavelmente canalizará mais esse poder do que uma pessoa que tem mais dons, porém menos piedade. Assim, Deus deseja que todos nós procuremos a santidade e a utilidade, e a primeira em partes, pelo menos, para o benefício da segunda.

Com esta consciência, agora me arrisco a formular cinco teses que tratam do poder de Deus entre o seu povo nos dias de hoje. Meu objetivo em apresentá-las é fazer com que estejamos mais preparados para receber e demonstrar este poder em suas diversas formas. Francamente, devo dizer que penso que elas se cruzam com as discussões que estão acontecendo sobre o poder de Deus nos cristãos e na igreja. Portanto, apresento alguns aspectos destas cinco teses para fins corretivos. Quero que o poder divino se manifeste para a glória de Deus na nossa vida e nas nossas igrejas. Esta é a razão pela qual as escrevo.

1. Expectativas Elevadas. *É correto colocar o sobrenatural em uma posição de proeminência e aumentar as expectativas dos cristãos com relação a ele.*

Falando em termos gerais, a nossa expectativa com relação a ver o poder de Deus transformando a vida das pessoas não é tão alta quanto deveria ser.

É um fato histórico que, nos anos que antecederam a Reforma, que explodiu na Igreja no século 16, havia muitas superstições sobre a operação de milagres. Não nego a possibilidade de Deus ter operado muitos milagres por intermédio de muitos santos antes da Reforma (uma vez que parece que ele operou alguns milagres por intermédio de alguns santos após a Reforma). Mas os reformadores

viram que muito do que parecia ser sobrenatural nada mais era do que superstições, e reagiram violentamente contra isso.

No entanto, o provérbio de Packer, se é que posso chamá-lo assim, é que a reação do homem não produz a justiça de Deus. Isto é mais do que óbvio. Se você está retrocedendo de algo que pensa ser um erro, pode ser que esteja certo em seu entendimento, mas retroceder nunca é certo. Mais cedo ou mais tarde, as pessoas que retrocedem, no sentido físico, tropeçam em algum obstáculo que está atrás delas que nunca viram, por terem a mente e os olhos fixos naquilo do qual estavam tentando fugir, e então caem. Devemos andar para a frente, e não para trás. A reação é sempre uma questão de retrocesso e, portanto, provoca sua própria nêmesis.

Os reformadores, baseados na Bíblia, criam em um Deus Criador que controla completamente o seu mundo, que operou muitos milagres nos tempos bíblicos e que ainda age de uma forma especial em resposta à oração. Assim, quando Lutero pensou que Melancton, seu braço direito, estava morrendo, ele ficou em pé na janela daquele quarto de hospital, olhando para o céu e orando em voz alta por várias horas, pedindo a recuperação daquele jovem. Ao final do período de oração, a temperatura do corpo de Melancton baixou, e ele começou a ficar visivelmente melhor.⁴

Orar pelos enfermos, e buscar providências especiais de recuperação, foi, de fato, uma prática evangélica comum do século 16 ao 19, embora com um entendimento claro de que a enfermidade contínua e a morte prematura poderiam muito bem ser manifestações da graciosa vontade de Deus em qualquer caso em particular – um entendimento, por assim dizer, que não está tão claro na mente daqueles que oram pelos enfermos hoje. Mas uma vez que a crença nos milagres dos santos estava ligada ao culto, às relíquias supostamente meritórias na Idade Média, os reformadores passaram tempo ridicularizando-a, assim como fizeram com as reivindicações de revelações sobrenaturais e providências milagrosas em seus próprios movimentos. Portanto, eles deixaram a impressão de que, de acordo com o seu entendimento, não se deve esperar por providências sobrenaturais agora que a era apostólica acabou.

Este negativismo, o legado de uma reação defensiva, como podemos ver agora, foi mais tarde reforçado pela noção newtoniana do universo material como uma caixa fechada de forças e processos. Essa noção parece indicar que, no mínimo, é quase impossível que Deus intervenha no mundo que ele criou – uma noção que invadiu a cultura protestante e que parece ter levado diretamente à suposição ainda largamente aceita de que Deus, em sua graça, toca apenas a

alma, e não o corpo. É evidente que tal suposição diminui radicalmente a dimensão da fé bíblica de uma pessoa.

No início do século 20, as novas denominações pentecostais desafiaram esta suposição, e os cristãos tocados pelo movimento carismático mantiveram o desafio. Durante os últimos trinta anos, a abertura para o sobrenatural no campo físico foi redescoberta por muitos que a haviam perdido. Expectativas de curas divinas diretas e outras providências surpreendentes em resposta à oração ergueram-se por todo o mundo cristão. Esta é uma razão por que devemos dar graças. A hostilidade do século 20 para com a idéia de que Deus pode curar ou intervir nos eventos dos nossos dias de uma maneira que pode chamar a atenção para sua poderosa presença foi sempre infundada e desequilibrada. Seus motivos não apresentam evidência. Devemos nos alegrar pelo fato de que esses motivos estão desaparecendo.

Mas precisamos dar um alerta, porque um erro, igualmente injustificado e desequilibrado, no sentido oposto, tornou-se uma ameaça. A oscilação corretiva do pêndulo em oposição a um extremo de reação foi, em si, uma reação. Isto levou a um outro extremo, tão falso quanto o primeiro. A imaturidade e o egoísmo pueril, que infectam nossa cultura, fazem suas vítimas também entre os cristãos. Os sintomas destes defeitos aparecem na tendência muito comum entre os cristãos modernos de desvalorizar o que é natural e trivial. Existe uma quantidade enorme de pessoas que querem que todos os problemas sejam resolvidos por um milagre imediato, uma manifestação do sobrenatural, uma maravilhosa providência que mudará tudo. Penso que isto seja um sinal, não de uma grande fé, mas de uma grande imaturidade. Deixe-me explicar.

Repetidas vezes nosso Senhor leva-nos a situações que são dolorosas e difíceis, e nós oramos – como Paulo orou em relação ao espinho na sua carne – pedindo uma mudança na situação. Queremos um milagre! Mas, em vez disso, o Senhor prefere deixar as coisas como estão e nos fortalecer para suportá-las, como ele fez com Paulo, fazendo com que o seu poder se aperfeiçoasse na contínua fraqueza humana (2Co 12.7-10).

Pense nisto em termos do treinamento de crianças, e você entenderá aonde quero chegar. Se nunca houver uma situação que exija renúncia e disciplina; se nunca houver uma pressão contínua que precisa ser enfrentada; se nunca houver uma estratégia de longo prazo onde a criança deve se enquadrar em um processo educacional, ou em um aprendizado, ou na prática de uma habilidade, por muitos anos, para que consiga avançar, nunca haverá maturidade de caráter. As crianças (que, sem dúvida, querem que a vida seja fácil e repleta de diversão,

como sempre fazem as crianças) permanecerão prejudicadas por toda a vida, porque tudo foi muito fácil para elas. O Senhor não permite que isto aconteça na vida dos seus filhos.

É impressionante como o Novo Testamento fala pouco sobre o interesse de Deus em nosso sucesso, quando comparado com a enorme ênfase dada ao interesse de Deus em nossa santidade, nossa maturidade em Cristo e nosso crescimento na direção da plenitude de sua imagem. Típico de seu interesse revelado é a sua mensagem, por intermédio do autor de Hebreus, para um grupo de judeus convertidos que estava sendo ameaçado, ao que parece, por judeus não-convertidos, por causa de sua fé em Cristo. Ele não promete livrá-los dos problemas, quer seja por meios naturais ou sobrenaturais. Em vez disso, ele lhes diz (e, portanto, nos diz) que, como Jesus, os cristãos devem concentrar seus pensamentos na alegria que está diante deles. Eles devem estar prontos a derramar o seu sangue em vez de se proteger das pressões e renunciar a fé. Além disso, eles devem entender que a provação é a disciplina por meio da qual o Pai celestial os molda para uma colheita de santidade, que é o que ele deseja ver na vida deles. E, se não estão sendo, portanto, moldados, de uma maneira ou de outra, eles teriam uma séria razão para questionar se, de fato, são filhos de Deus (Hb 12.2-14). Palavras duras! – mas elas tornam claro como o cristal, o que precisamos saber: a prioridade divina no seu trato conosco é fazer-nos santos. Seria uma tragédia se distorcêssemos a abertura saudável de hoje para o sobrenatural em um ato egoísta de servir-se a si próprio.

2. Ministério de Poder. *É correto ter o desejo de usar os dons dados por Deus em um ministério útil e poderoso.*

É certo querer descobrir os dons ministeriais que Deus nos tem dado. É correto querer aproveitá-los e usá-los para a bênção de outros da forma mais abrangente possível. As pessoas santificadas (como vimos) desejam servir. Portanto, elas querem e precisam saber quais os recursos que Deus lhes tem dado para este fim.

Mas sempre existe o risco de uma pessoa, que vê que Deus lhe deu uma boa quantidade de dons, ser traída por aquele antigo inimigo, a presunção – que é outro nome usado para o orgulho. Deus não nos valoriza pelo número de dons que temos, ou por suas qualidades espetaculares. Deus não nos valoriza, primeiramente, pelo que podemos fazer – mesmo o que podemos fazer em sua força. Ele nos valoriza, primariamente, pelo que ele faz em nosso caráter enquanto nos conforma com Cristo por sua graça. Não podemos ousar a se esquecer disto.

Jesus já estava fazendo sua admoestação quando seus discípulos voltaram todo felizes e entusiasmados de uma viagem missionária. “Senhor”, gritaram eles, “até os demônios se sujeitam a nós em seu nome!”

“Excelente”, diz Jesus. “Mas não vos alegreis porque os demônios se sujeitam a vós. Isto não é o que realmente importa. Não obstante, alegrai-vos porque o vosso nome está escrito no céu. Alegrai-vos pela vossa salvação. Alegrai-vos pelo que vós *sois* pela graça de Deus, e não pelo modo como Deus vos usa. Alegrai-vos por serem seus filhos e por terem à vossa frente a oportunidade de serem transformados à minha imagem” (cf. Lc 10.17-20).

Os dons são secundários. A santidade vem em primeiro lugar. Nunca deixe que algo o impeça de guardar esta verdade em sua mente e coração.

3. Satisfazendo as Necessidades. *É correto desejar ser um canal do poder divino na vida de outras pessoas em seus momentos de necessidade.*

Como vimos, o amor ao próximo, busca o bem da pessoa amada. O amor ao próximo, quando ativo em nosso coração, é um sinal de saúde espiritual. Mas cuidado para não se transformar em uma daquelas pessoas que sofrem da neurose da necessidade de serem necessárias – o sentimento de que você não é nada, nem ninguém, a menos que consiga sentir que os outros não podem caminhar sem você! Este não é o verdadeiro amor ao próximo, nem é saúde espiritual. É *falta* de saúde espiritual; é, na verdade, outra forma de orgulho. Nosso sentido de valor pessoal deve fluir não de nossas atividades cristãs, nem da dependência de outros de nós, mas do nosso conhecimento de que Deus nos amou o suficiente para nos redimir pagando o preço do Calvário.

O amor redentor outorga valor às criaturas sem valor, a quem ele alcançou, tornando desnecessário a busca de senso de valor em uma outra fonte. E, se estou usando o meu próximo para incentivar o meu valor próprio, estou *usando-o*, o que é algo diferente de demonstrar-lhe amor. É provável que minha atitude seja a de fazer com que continue dependendo de mim, quando o que eu deveria fazer era deixá-lo livre, e isso será prejudicial tanto para mim como para ele.

Uma das disciplinas para a qual o Senhor nos chama é a da boa vontade, de vez em quando, de *não* ser usado em nenhum ministério significativo. Jesus exemplificou esta verdade quando, havendo dito a Pedro que trouxesse alguns dos peixes miraculosamente pescados (assim como devemos consagrar-lhe os dons que ele nos tem dado), ele, então, ao que parece, continuou a ignorar a oferta de Pedro e a alimentar os discípulos com o peixe que preparara independentemente (Jo 21.9,13).

Imagine, agora, uma mulher cristã religiosa e cheia de dons, cujo ministério lhe era precioso, descobrindo que o Senhor a pôs de lado, de modo que seu potencial não está sendo usado! O que está acontecendo? Será que é um fracasso espiritual? É provável que não seja, de forma alguma, um fracasso espiritual, mas uma das lições da escola de santidade de Cristo. O Senhor está fazendo esta mulher se lembrar de que sua vida não depende de descobrir que as pessoas precisam dela. A principal fonte de sua alegria deve ser sempre o conhecimento do amor de Deus por ela – saber que, embora ele não precise dela, ele preferiu amá-la livre e gloriosamente para que ela pudesse ter a alegria eterna da comunhão com ele. Em relação ao seu ministério, a coisa que realmente importa é que ela esteja à disposição de Deus. Então, ele decidirá quando e como irá usá-la em sua obra novamente, o que ela deveria deixar em suas mãos.

Na vida espiritual, o que somos sempre tem prioridade sobre o que fazemos. Se perdemos a noção do que somos e da realidade da livre misericórdia de Deus como o fundamento essencial da nossa vida espiritual, o Senhor pode nos colocar à margem até que reaprendamos esta lição.

4. Evangelismo Poderoso. *É correto desejar ver o poder de Deus manifestado em uma maneira que tenha um efeito evangelístico significativo.*

Pessoas santas, que buscam a honra e a glória de Deus, e o bem-estar do seu próximo, muito se preocupam com o evangelismo – a atividade que busca exaltar a Deus, em Cristo, por meio da persuasão dos pecadores para que se voltem para ele e encontrem nele, uma nova vida. Elas querem que o evangelismo seja feito de uma maneira que mostre, muito claramente, que o evangelho é a verdade e que o que é declarado a respeito da nova vida em Cristo, por meio do poder de Deus, é para ser encarado com seriedade. Desejam ver a realidade da transformação moral e espiritual pelo Espírito Santo proclamada por indivíduos cuja vida e estilo indicam que estão vivendo, pessoalmente, no poder da grande mudança que estão anunciando. Elas se sentirão muito confortáveis com o corrente entendimento da atividade evangelística como sendo a tarefa designada por Deus para produzir um “encontro de poder” entre o pecador e o Salvador. Elas querem participar desta atividade.

Uma linha de pensamento sobre o evangelismo, discutida recentemente, parece indicar que a pregação pública do evangelho não é tudo o que deveria ser, a menos que se faça acompanhar de alguns tipos particulares de manifestações físicas (sinais, prodígios e milagres). Tais manifestações, isto é o que se implica, dão uma credibilidade à mensagem que, de outro modo, não teria, e provocam um “encontro de poder” que a mensagem verbal, por si só, dificilmente conseguiria.

Pelos padrões bíblicos, no entanto, tal interpretação parece ser um exagero e, de fato, um erro.⁵ Também, ela coloca os que pregam o evangelho em público em um caminho muito escorregadio. A tentação de manipular as pessoas e situações para dar a entender que o poder de Deus está produzindo as manifestações desejadas será irresistível. A reação adversa que acontece, quando as investigações revelam que Deus não está atuando de acordo com as ordens do evangelista, será provavelmente inevitável. Não podemos institucionalizar e controlar o poder de Deus, nem na conversão das almas, nem na provisão de milagres. Não usamos a Deus. Ele é quem nos usa. Apesar das nossas boas intenções, é uma falha espiritual tentar fazê-lo dançar de acordo com a nossa música. Com isto, não estamos querendo dizer que o Deus de toda a graça não usará os esforços evangelísticos humanos. Meu ponto é que o evangelismo é apenas uma das atividades que se enquadram no velho ditado popular: se vale a pena que se faça, então que se faça direito. Talvez seja relevante mencionar que a maioria, se não todos, dos maiores evangelistas do passado – homens como Richard Baxter, John Wesley, George Whitefield, Dwight L. Moody e Charles Spurgeon – impressionou seus contemporâneos por serem não pessoas que não cometiam pecados, mas, sem dúvida, pessoas santas. Esse fato foi reconhecido como sendo uma das facetas mais poderosas de seus ministérios.

5. Justiça Verdadeira. *É correto desejar ser cheio do poder divino para praticar a justiça, as vitórias morais, a libertação dos maus hábitos, e para amar e agradecer a Deus.*

A boa notícia, neste ponto, é que, pelos meios de graça – Palavra, comunhão, oração e adoração no culto – todos os cristãos podem ser cheios do poder. Pelo Espírito, cujo poder chegamos a conhecer uma vez que nos disciplinamos a usar esses meios, podemos mortificar os feitos do corpo (Rm 8.13), crescer no fruto do Espírito (Gl 5.22-26) e achar forças para as coisas específicas do viver para Deus (1Co 16.13; Ef 6.10; Fp 4.13; Cl 1.11; 1Tm 1.12; 2Tm 2.1; 4.17). A diligência em usar os meios de graça é o segredo principal do aprofundamento na santidade e de uma contínua utilidade. Por meio disto, entramos no processo temporário descrito na oração de Paulo: “Para que (...) sejais fortalecidos de poder (...) a fim de poderdes compreender (...) qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade e conhecer o amor de Cristo (...) para que sejais tomado de toda a plenitude de Deus” (Ef 3.16-19).

O processo de santificação opera de dentro para fora. Conhecer e ser conhecido pelo amor de Cristo (cf. 2Co 5.14) é o centro deste processo. Os cristãos

provam, por suas próprias experiências, parcial, irregular e incompletamente, mas, sem dúvida, real, efetiva e, às vezes, drasticamente que o poder de Deus transforma vidas. Isto é o que os cristãos verdadeiros querem e buscam. E isto é o que encontram.

A Intensidade da Santidade de Deus

Entretanto, mais um ponto precisa ser deixado claro aqui, ou o meu último parágrafo terá de ser censurado como superficial ou tendencioso por ter contado somente metade da história. O processo de crescimento espiritual abre os olhos do coração do cristão para que ele veja mais claramente, não somente a grandeza do amor de Deus, mas também a intensidade de sua santidade. Já observamos que a “santidade” é a identificação bíblica para tudo que separa Deus da humanidade, com um foco direto no seu poder majestoso e na sua pureza moral. Neste ponto, o nosso foco está direcionado para a questão da pureza moral.

Uma percepção mais clara da pureza de Deus tem um efeito reflexivo, como se aquela pureza fosse uma luz brilhando dentro dos recônditos do ego e revelando tudo o que está escondido nos meios das trevas que ali existem. Conseqüentemente, os cristãos conseguem ver, neles mesmos, motivações e atitudes pecaminosas, fracassos, faltas e deficiências, dos quais não se apercebiam antes, simplesmente porque, até agora, sua consciência não tinha acessado suas condutas por meio do brilho da luz de Deus. Dentre as coisas que vêm estão:

- firmes hábitos do pecado;
- padrões crônicos de evasão moral;
- fraquezas do caráter moral;
- desejos que são realmente viciosos;
- atitudes que são realmente arrogantes;
- falhas comportamentais em virtude do temperamento;
- inclinações para agradar-se a si mesmo, acomodar-se e ter autocomiseração;
- auto-proteção desenvolvida no interior em razão de feridas passadas;
- falhas morais em razão de cicatrizes decorrentes de abusos e da existência do medo.

Todas estas faltas e muitas outras do tipo são agora intencionalmente liberadas. Temos de confrontá-las. O significado da perfeição moral – perfeito amor, humildade, alegria, paz, bondade, paciência, benignidade, sabedoria, fidelidade,

confiabilidade, coragem, e assim por diante – está, agora, mais claro em nossa mente. A distância entre a perfeição e o nosso desempenho, do ponto-de-vista da motivação e da execução, é percebida de forma compulsória. As limitações pessoais, que eram usadas como justificativas, agora parecem indefensáveis. Recuamos e, talvez, até choremos diante da nossa antiga insensibilidade nas questões morais.

Como aconteceu com Isaías no templo, assim acontece com os cristãos em todos os lugares. Quanto mais claramente eles vêem o quanto Deus é santo, mais dolorosamente eles se convencem do quanto são pecaminosos e corruptos. Uma vez que este tipo de avanço espiritual amplia a percepção da indignidade das nossas próprias falhas, aqueles que se aprofundam na santidade freqüentemente pensam que estão retrocedendo. Sua profunda percepção do quanto ainda são pecaminosos, apesar de seu desejo de servir a Deus com perfeição, pesa sobre eles. Como já vimos, isto lhes revela seu próprio lamento na posição do “homem desventurado”, ecoando as palavras de Paulo em Romanos 7.24. Muitas vezes, eles ousam imaginar que venceram a inclinação do pecado em algumas das áreas da vida. Repetidas vezes, Deus os humilha, permitindo que descubram que as coisas ainda não são como eles pensam. Sentir que a sua percepção está sempre aquém do seu alcance é angustiante. Embora o conhecimento do evangelho traga alegria em abundância, eles estão, desta perspectiva, angustiados.

Entretanto, isto não significa que estão em um estado espiritual doentio. O próprio “homem desventurado” de Paulo é o próprio homem dinâmico e espiritualmente saudável que está ditando a carta aos Romanos. Sua argumentação levou-o a rever o que a lei diz sobre ele mesmo à medida que trilha o caminho da nova vida em Cristo (Rm 6.1-14; 7.4-6; 8.1-39). Partindo do fato de que ele não conseguia se sentir saudável, ou declarar-se como tal, uma vez que geme diante da realidade de não ser moralmente perfeito como gostaria de ser (Rm 7.22, 8.23), alguns inferiram que ou ele realmente não era saudável ou que, em Romanos 7.14-25, ele não estava escrevendo sobre si mesmo, apesar de usar o pronome “eu” e o tempo presente. Segundo eles, nenhuma pessoa espiritualmente saudável poderia ter uma impressão de si mesma como teve Paulo. No entanto, eles estão equivocados.

A angústia intensa diante das próprias imperfeições, no contexto de um amor intenso pela bondade segundo definição de Deus e um intenso zelo por praticá-la, é o sinal mais evidente possível da santidade de coração, que é o ponto central para a saúde espiritual. O paradoxo – um osso, ao que parece, muito duro de roer – é que o aumento da verdadeira santidade sempre vem acompanhado de um aumento no descontentamento pelo que ainda não foi alcançado. A verdade é que

o sentimento de uma expectativa frustrada, expressado pelo coração quebrantado do “homem desventurado”, pertence à experiência daqueles que procuram viver no poder do Espírito e, assim, agradar ao seu Deus Salvador.

Mas esta não é a coisa mais importante a respeito deles, nem também o seu continuado senso de pecado é o melhor indicador do poder do Espírito na vida deles. O sinal mais claro é, simplesmente, o amor por Deus e pelas outras pessoas: amor que, com ou sem muita força de sentimento (porque nem sempre podemos comandar sentimentos fortes), honra a Deus de uma forma ativa por meio de um louvor agradecido e de um serviço constante aos outros, manifestado em forma de uma ajuda útil. O amor que constantemente diz “não” ao que o puritano Richard Baxter chamou de “ego carnal” a fim de constantemente dizer “sim” ao seu próprio chamado generoso é a maior prova do poder do Espírito que alguém pode imaginar.

Este livro mencionou coisas sobre o amor que tornam qualquer discussão sobre o assunto agora desnecessária. Tudo o que se faz necessário é recordar que o amor, baseado na verdade, é a mais segura manifestação do poder de Deus na vida de uma pessoa. Convém também lembrar que o poder do amor é enraizado na capacidade de receber amor dos outros – em primeiro lugar, do Pai e do Filho.

Para que (...) sejais fortalecidos com poder (...) a fim de poderdes compreender (...) o amor de Cristo (...). (Ef 3.16-18)

Pois o amor de Cristo nos constrange. (2Co 5.14)

(Deus) nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados (...) Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. (1Jo 4.10,11)

Nós amamos porque ele nos amou primeiro. (1Jo 4.19)

UM PANORAMA GERAL DO PODER DE DEUS

O presente capítulo nos tem feito atravessar um campo que é perigoso em nossos dias. No entanto, agora, mais uma vez, estamos nos aproximando do desfiladeiro, o lugar onde a visão panorâmica se descortina. À luz do que foi dito até aqui, o relato panorâmico do poder de Deus na vidas humanas descreve-se da seguinte forma:

O Poder de Deus é o Próprio Deus em Ação

A maior parte das discussões modernas sobre poder tem a ver com forças impessoais na natureza ou na sociedade ou com prerrogativas humanas de controle. No entanto, o nosso tema presente não tem relação com nenhuma delas. Estamos falando sobre a energia divina que trouxe o universo à existência quando nada, senão Deus, existia; a energia que sustenta o universo o tempo todo (porque nenhuma obra da criação se sustenta) e que ordena, controla e dirige tudo o que acontece no universo a qualquer momento. Nosso interesse imediato é com a operação desta energia na vasta complexidade da nossa vida humana – nas complexidades de nossas funções corporais e nas maiores complexidades do nosso ser consciente enquanto pessoa. Essas complexidades incluem nosso pensamento, planejamento, decisões e manutenção dos compromissos; nossos hábitos e modelos comportamentais; nossas ações e reações; nosso uso de nossas habilidades, naturais e adquiridas, e de nossa criatividade; nossas esperanças, temores, alegrias, dores, e o que elas nos fazem; nossas experiências morais, relacionais e estéticas; nossos altos e baixos emocionais, desde a exuberância à exaustão, desde o êxtase à apatia, desde o gozo à depressão; e assim por diante. Todas estas facetas de nossa vida são tocadas pela energia de Deus.

Mais particularmente, estamos nos concentrando no exercício divino da energia de Deus na graça redentora. Por meio dela, ele regenera, assegura, santifica, altera nossa disposição, transforma nosso caráter ao mover-nos para a prática de virtudes cristãs, equipa-nos para que sirvamos aos outros e capacita-nos a fazer e ser para Deus, o que, por nós mesmos, nunca seríamos ou faríamos. O poder aqui não é do tipo que nós, humanos, podemos segurar e manipular. É o poder que pertence a Deus, e que somente ele pode administrar. Assim como a minha vontade sou eu em ação, o poder de Deus é Deus em ação. Quando Deus age nos seres humanos, eles estão debaixo do seu controle, ao contrário dele. O poder de Deus é o poder soberano, usado de forma soberana.

Assim como Deus exerceu grande poder na criação, e continua a exercê-lo em sua sustentação e modelagem providencial das coisas, ele se comprometeu em exercer grande poder na tarefa de salvar e edificar o seu povo. Em Efésios 3.10, Paulo, tendo declarado que as riquezas de Cristo são insondáveis, passa a explicar os objetivos divinos na economia da graça: “Para que, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida, agora, dos principados e potestades nos lugares celestiais”.

O quadro vívido que estas palavras nos apresentam é o da igreja como a área de manifestação divina, onde Deus apresenta a uma multidão de anjos uma diversidade surpreendente de coisas maravilhosas que ele pode realizar nos – e por meio dos – seres humanos prejudicados pelo pecado. Meus três dicionários gregos traduzem a palavra “multiforme” do grego (polupoikilos) como muito variado, tendo vários aspectos, várias formas ou tendo cores muito diferentes – o que nos dá alguma idéia do alcance e desenvoltura da contínua obra poderosa de Deus na igreja. Esta palavra, conforme escreve John Stott, “foi usada para descrever flores, coroas, roupas ornamentadas e carpetes entrelaçados. A palavra mais simples, *poikilos*, foi usada na Septuaginta [Antigo Testamento Grego] como uma ‘túnica de muitas cores’ ou ‘vestimenta ricamente ornamentada’, que Jacó deu a José, seu filho caçula (Gn 37.3,23,32). A Igreja, como uma comunidade de diversas raças e culturas, é como uma bela tapeçaria”.⁶ Sim – e também como uma loja para vários reparos, onde vidas desordenadas e destruídas, desfiguradas pelo pecado, estão sendo reconstruídas para que assumam a forma de Cristo. A sabedoria divina que Paulo tem em mente não é apenas algo que consegue reunir judeus e gentios no corpo de Cristo, mas é também a sabedoria que direciona o poder que desperta os mortos espirituais e faze-os novas criaturas em uma nova e amorosa comunhão de santidade e amor (Ef 2.1-10; cf. 4.20-24).

Grande é o poder de Deus na vida do seu povo! A estupenda oração que Paulo faz a seguir, pedindo a Deus que os seus leitores sejam cheios de poder a fim de que conheçam as dimensões plenas do amor de Cristo para que possam ser cheios de toda a plenitude de Deus, e sua grande doxologia que segue a oração, que celebra o fato de que Deus pode fazer “infinitamente mais do que pedimos ou imaginamos” (Ef 3.20), vêm confirmar este ponto. O potencial do poder de Deus na nossa vida é incalculável. Será que reconhecemos este fato?

O Poder de Deus é o Poder do Espírito Santo

A distinção pessoal do Espírito Santo faz parte da revelação do Novo Testamento da natureza trina de Deus. Seu ministério pessoal desde o Pentecostes como o segundo *Parakletos* (Consolador em Jo 14.16) é parte da revelação do Novo Testamento do Deus Trino em sua ação amorosa e salvadora. “Parakletos” é um termo grego ao qual nenhuma palavra, em nossa língua, faz justiça. Significa conselheiro, ajudador, advogado, sustentador e confortador, no sentido de incentivador (em suma, qualquer um que, de alguma maneira, apóia os outros). O próprio Jesus foi o primeiro “parakletos”, e o Espírito Santo veio para ocupar o

seu lugar de conselheiro. A habitação pessoal do Espírito Santo como a fonte, guia e capacitador de nossa vida em Cristo, o intercessor interior que compensa as deficiências de nossas orações (Rm 8.26) e o residente que fica entristecido quando maculamos o nosso templo (Ef 4.30), é enfatizado no Novo Testamento (Jo 14.17; Rm 8.9-11). O poder de Deus que opera na vida humana em conexão com o evangelho é mais de uma vez identificado como sendo o poder do Espírito Santo (Rm 15.13,19; cf. 1Co 2.4; 1Ts 1.5).

“Poder”, como vimos anteriormente, é uma palavra associada no português do dia-a-dia a forças impessoais, mas o poder do Espírito Santo é a instrumentalidade efetiva de uma pessoa que, pessoalmente, se conecta à vida daqueles em que opera. Tom Smail diz que “mesmo quando o Novo Testamento fala do Espírito usando imagens impessoais, entre as quais as principais são o vento, fogo e água, ele as usa de uma forma dinâmica para mostrar que elas estão apontando para alguém que tem a vontade e o poder de controlá-las, e não para algo que nós mesmos podemos controlar”.⁷ O Espírito Santo não é uma força impessoal colocada à nossa disposição ou submissa às nossas vontades; ao contrário, é uma pessoa soberana, que, por sua própria vontade, que também é a vontade do Pai e do Filho, nos usa.

O Espírito opera em – e por meio de:

- nosso pensamento (ele nos convence da verdade divina);
- nossa tomada de decisão (ele nos leva a desejar a vontade de Deus); e
- nossos sentimentos (ele provoca em nós amor e ódio, esperança e temor, alegria e tristeza, e outras disposições de sentimentos, todas elas respondendo às realidades do evangelho).

Suas bênçãos sobre a Bíblia que lemos, e as instruções cristãs que recebemos, nos persuadem da verdade do Cristianismo. Ele nos mostra como as promessas e exigências divinas influenciam a nossa vida. Sua obra de regeneração no centro do nosso ser transforma e fortalece tanto a nossa vida que, de fato, passamos a obedecer a verdade. A persuasão, no nível da consciência, é poderosa. A obra de mudança do coração, que produz um comprometimento cristão, é majestosa. No entanto, do princípio ao fim, o poder exercido é pessoal. O Espírito Santo é uma pessoa viva, não uma simples força.

Sem dúvida, ele é, por assim dizer, discreto e cauteloso. Seu ministério é direcionar a nossa atenção para o Pai e o Filho, ensinar-nos a chamar Jesus de “Senhor” (Mestre divino) e Aquele que o enviou de “Abba” (Pai amado) e reconhecer que quando dizemos isso, estamos realmente querendo dizer isso (Rm

8.15; 10.8-13; 1Co 12.3; Gl 4.6). Ele não chama a atenção para si mesmo. Na maioria das vezes, não experimentamos nada fora do normal que nos force a entender que o Espírito está agindo em nós – pelo menos até olharmos para trás e vermos o que dissemos ou fizemos, e concluirmos que a nossa simples natureza humana não pode ser responsável por aquilo. Pois a verdade é isto, como diz o hino:

Cada virtude que possuímos,
E cada vitória conquistada,
E cada desejo de santidade
São somente teus.

Portanto, quer estejamos conscientes disto ou não, somos ativados pelo Espírito, em todo serviço que prestamos aos outros, desde as formas mais simples de ajuda prática ao aconselhamento espiritual mais delicado e às exortações mais diretas para abandono do pecado. É o poder do Espírito que gera toda a generosidade das boas obras do cristão.

Algo relacionado à extensão do ministério do Espírito aos santos aparece em Romanos 8.4-16, onde Paulo, em treze versículos, fala:

1. dos cristãos que vivem de acordo com o Espírito, que os conduz a Deus (Rm 8.4-6);
2. dos cristãos que têm a habitação do Espírito aqui e agora (Rm 8.9);
3. dos cristãos que têm um corpo mortal vivificado pelo Espírito para o dia da ressurreição (Rm 8.11);
4. dos cristãos que colocam à morte (mortificam) seus vícios “pelo Espírito” (Rm 8.13);
5. dos cristãos que são constantemente movidos a dizer “Abba” (Pai) para Deus, sob a indução do Espírito uma vez que ele dá testemunho de sua adoção (Rm 8.15).

Tudo isto indica a inteligência do título de Tom Smail para seu livro sobre o Espírito Santo, *The Giving Gift* (O Dom de Dar). O Espírito (o presente do Pai e do Filho para nós que agora cremos) nos dá o que é necessário para que nos entreguemos a Deus com uma gratidão graciosamente ensinada, que é gerada e alimentada pela convicção dada pela graça. Assim, o Espírito, pelo seu poder, orquestra a nossa volta para Deus, de quem, inicialmente, nos afastamos.

Podemos dizer que o Pai e o Filho nos deram o Espírito para que ele, por meio de sua indução soberana, pudesse nos levar de volta a eles, com uma determinação de coração livre e resoluta, agora que estamos livres do domínio do pecado. O teste, portanto, para saber se uma condição física paranormal, ou um estado de consciência, é uma ação do Espírito, é feito ao discernir se tal experiência aponta e empurra o cristão para a estrada bíblica da auto-entrega para Deus, em humildade, amor, zelo, louvor e ação de graças. Assim como um guia turístico, ao mostrar uma atração, sempre segue uma rota previamente estabelecida, qualquer manifestação de poder que não siga o caminho descrito acima não deve ser atribuída ao Espírito, pois sua agenda é a de sempre nos levar ao trono divino.

O Poder de Deus é Exercido de Acordo com os Seus Propósitos

A Bíblia está cheia de referências ao poder de Deus. Ela nos fala dele agindo:

- na criação;
- na providência (regularidades naturais, coincidências significativas, livramentos milagrosos);
- na graça (a vivificação e habilitação de indivíduos para a fé, arrependimento, justificação, serviço e testemunho; também o reavivamento da igreja); e
- na glória futura que será introduzida pelo retorno de Cristo (a reorganização do cosmos, a ressurreição corporal de todos os mortos e a transformação corporal de todos os vivos).

Em todos estes atos de poder, Deus age soberanamente. Ele está executando seu próprio propósito para cada indivíduo, humano ou angelical, e para a História do universo, sobre o qual ele domina e direciona para a consumação do seu plano eterno.

No que diz respeito à História deste mundo, a Igreja se encontra no centro. A Bíblia nos diz que a essência do plano é: Jesus Cristo, que já reina sobre este mundo como Senhor, continuará a reinar até que, de um modo ou de outro (as opiniões, entre os cristãos, diferem no “como”), todos os seres racionais reconheçam o seu senhorio. Em um sentido mais amplo, Deus está exercendo o seu poder, aqui e agora, passo a passo, até a consumação final do seu plano.

Deus fez do seu propósito uma promessa para nós. A Bíblia está cheia de promessas particulares nas quais alguns aspectos do propósito divino são menciona-

dos, formando, assim, uma base para a nossa confiança responsiva. Se não fosse desta maneira, dificilmente poderíamos chamar de contato pessoal o nosso relacionamento com Deus. Os relacionamentos pessoais verdadeiros sempre envolvem compromissos pessoais, e as promessas são as garantias que regulam tais compromissos. Uma promessa é uma palavra que alcança o futuro, criando uma ligação de obrigação por parte daquele que a faz e de expectativa da parte de quem a recebe. Neste sentido, é o que os lógicos chamam de uma palavra “realizadora”, ou seja, uma palavra que provoca uma nova situação entre aquele que a fala e o que a recebe. Uma das maravilhas da religião bíblica é que o nosso poderoso Criador resolveu comprometer-se com o uso de seu poder para cumprir cada uma de suas promessas para nós – como Pedro disse: “suas preciosas e mui grandes promessas” (2Pe 1.4).

Todas as promessas de Deus se relacionam, de um modo ou de outro, com o seu propósito de glorificar a si mesmo, abençoando as criaturas humanas. A Bíblia anuncia os seus propósitos de:

- preservar a ordem natural da terra para a humanidade até o fim da História (Gn 9.8-17);
- manter um relacionamento permanente de aliança com Abraão e seus descendentes, incluindo todos que estão em Cristo (Gn 17.1-8; Gl 3.7-9,14, 22-29);
- conceder benefícios particulares ao seu povo, aqui e agora, de acordo com as suas necessidades – perdendo seus pecados, livrando-os do mal, fortalecendo-os em suas fraquezas, confortando-os em suas tristezas, guiando-os em suas perplexidades, e assim por diante;
- enviar Cristo de volta ao mundo, em glória, para criar o novo céu e a nova terra e conduzir o seu povo a um estágio final de incomparável alegria com o seu Salvador.

Todas as promessas universais de Deus para o seu povo, relacionam-se com o cumprimento de seu propósito de salvação para ele. Ele quer que vejamos isto e nos alegremos.

As Escrituras também nos falam de Deus dando, e miraculosamente cumprindo, muitas promessas específicas para determinadas pessoas – por exemplo, promessas de fertilidade para algumas mulheres estéreis (Gn 17.15-19; 18.10-15; 30.22; Jz 13; 1Sm 1.9-20; Lc 1.7-20) e para a virgem Maria (Lc 1.26-38). Precisamos ser cuidadosos nas lições que tiramos destes exemplos. Não devemos lê-los

como uma promessa universal de gravidez para todas as mulheres que oram para ter um filho. Os exemplos citados apresentam casos nos quais todas as crianças que nasceram tinham papéis especiais no cumprimento dos propósitos divinos para o mundo.

Nem, só para citar outro exemplo, devemos tratar as narrativas das curas milagrosas de Jesus na Palestina, onde ele evidenciou sua natureza messiânica (Mt 11.2-6), como uma promessa de cura semelhante para todo aquele que ora, pedindo por ela, nos dias de hoje.

Apesar de estas ressalvas, todas as Histórias bíblicas do cumprimento de promessas específicas pelo poder de Deus, e das manifestações graciosas desse poder em bênçãos, nos recordam o que Deus pode fazer. Elas nos encorajam a descansar em sua onipotência e crer que ele cumprirá suas promessas na nossa vida da forma que entender ser a melhor para nós.

As questões sobre o poder da oração – o relacionamento entre nossa oração e o poder de Deus que está sendo usado nas situações pelas quais oramos – constantemente nos deixam perplexos. O que dissemos até aqui sugere o caminho para resolvê-las.

A oração e a vontade de Deus. Primeiro, será que podemos, por meio da oração de petição, controlar e direcionar o poder de Deus? Será que era isto que Jesus queria ensinar quando falou em mover montanhas pela oração (Mt 17.20; 21.21; Mc 11.22-24; cf. 1Co 13.2)? É esta a lição que podemos tirar da experiência de Elias, quando orou para parar e para começar a chover (Jz 5.16b-18)? A resposta mais direta é: não. Não podemos manipular Deus para que faça a nossa vontade quando ela não corresponde à sua vontade para nós. Contudo, ele regularmente deseja nos abençoar, respondendo as orações que nos motiva a fazer, por meio do incentivo encontrado nas Escrituras e do Espírito Santo que aquece o nosso coração.

Desta maneira, ele realiza dois objetivos ao mesmo tempo. Primeiro, concede boas coisas aos seus filhos, o que ele ama fazer; e, segundo, o relacionamento deles com ele se enriquece por meio da alegria e entusiasmo especial, resultante do fato de ver que as boas coisas foram concedidas em resposta às suas orações. Além disso, existem ocasiões – não muitas, mas elas ocorrem – nas quais Deus concede uma grande clareza a respeito do que o povo deveria orar, e uma grande confiança de que ele responderá a oração (como fez no caso de Elias). A memória de tais ocasiões (ninguém consegue esquecê-las!) permanece como um forte incentivo à oração confiante e cheia de expectativa diante das necessidades.

Não posso dizer que sei muito a respeito disto. Mas me lembro de um dia de oração por uma instituição cristã, pela qual eu tinha alguma responsabilidade, e que, em virtude de dificuldades financeiras, decidiu-se parar com as suas atividades. Duas horas depois que começamos a orar, eu sabia exatamente o que deveria pedir – um modelo de sobrevivência que envolvia sete itens. Todos eles, naquele momento específico, pareciam ser impossíveis de alcançar, mas, após oito meses, sem nenhuma exceção, todos tinham se tornado realidade. Também me lembro de uma manhã quando, ao caminhar de volta para casa, aproveitei para orar por uma pessoa que faria uma cirurgia de câncer no dia seguinte. Ao aproximar-me de casa, o peso da preocupação desapareceu. Tive uma estranha impressão de que minha oração tinha sido ouvida, e que não precisaria orar mais. Muitos outros estavam orando por esta pessoa, e não sei dizer se também tiveram esta mesma experiência. Tudo o que sei é que, no dia seguinte, o cirurgião não achou nenhum sinal da doença. Esse tipo de anúncio divino no qual Deus diz, antecipadamente, como planeja usar o seu poder é (eu creio) algo muito raro. No entanto, outros me contaram de experiências nas quais Deus os introduziu à sua intimidade, por assim dizer, enquanto estavam orando para que ele usasse o seu poder e lhes mostrasse sua glória em situações particulares. Como eu disse acima, estas coisas acontecem, e nós devemos reconhecê-las e nos alegrarmos com elas.

A verdade aqui não é que a oração muda a mente de Deus ou o pressione a fazer o que pedimos, mas, em vez disso, que a nossa oração, gerada e mantida como ela é pelo próprio Deus, torna-se o meio de nossa entrada na mente divina. Acabamos pedindo-lhe o que ele já havia planejado fazer. Se queremos ver o poder de Deus em ação, respondendo as nossas orações (e, se não quisermos, algo de errado estará acontecendo conosco), não devemos arrumar um jeito de induzirmos a nós mesmos a pensar que o que escolhemos pedir certamente acontecerá simplesmente por termos garantido a nós mesmos que assim será. Pelo contrário, nossa tarefa é buscar conhecer a mente de Deus sobre as necessidades que nos pressionam e permitir que ele nos mostre (com os detalhes sugeridos pelas Escrituras e pelo Espírito em cada caso) como devemos orar “seja feita a tua vontade” – assim, imitando o caminho da oração de Jesus, no Getsêmani.

Milagres. Segundo, é correto pedir a Deus que mostre o seu poder por meio de um milagre? Se ficar claro que o fundamento da nossa oração é que “a tua vontade seja feita”, nada há de impróprio em dizer para Deus quando pensamos

que um milagre – uma coincidência espetacular, ou uma amostra do poder da nova criação em uma cura orgânica, por exemplo – manifestaria a sua glória e a santificação do seu nome. Paulo orou por uma cura milagrosa do seu espinho na carne. Ele não estava errado em fazê-lo, embora o que se revelou como um milagre, não foi a resposta de Deus à sua oração (2Co 12.9). Passaremos por decepções se, quando pedirmos um milagre, não estivermos preparados para descobrir que os planos de Deus são outros. Mas seu poder permanece imenso; e, embora tenhamos de reconhecer que os milagres nem sempre são prováveis, precisamos lembrar que eles nunca são uma impossibilidade.

Nossa esperança de ver milagres deve, no entanto, ser sempre temperada pelo que veremos no próximo ponto.

O Poder de Deus se Revela de Forma Muito Mais Plena nas Fraquezas Humanas

Existem muitos tipos de fraquezas. Há a fraqueza física do deficiente físico; há a fraqueza de caráter da pessoa que age enganosamente ou em vícios; há a fraqueza intelectual da pessoa com capacidades limitadas; há a fraqueza resultante da exaustão, depressão, pressão, marcas e sobrecargas emocionais. Deus santifica todas estas formas de fraquezas ao capacitar o fraco para que seja mais forte (mais paciente, relacional, afetuoso, tranquilo, alegre e equilibrado) do que parecia ser possível diante das circunstâncias. Este é uma demonstração do seu poder que ele tem prazer em dar.

Paulo declara este princípio nas palavras a seguir: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” (2Co 4.7-12). Em um mundo como o nosso, dominado pelo egocentrismo, comodismo e orientado à busca do prazer, as palavras do apóstolo soam dissonantes e brutais. Mas elas conduzem, no entanto, o verdadeiro sentido de um ditado popular muito conhecido e respeitado que diz: “O extremo humano é a oportunidade de Deus”. Oportunidade para quê? – para mostrar o seu poder, o poder de sua graça, agora manifestado para o louvor de sua glória.

Ser fraco, ou sentir-se fraco, não é em si algo engraçado, nem pode ser uma condição do que o mundo veria como a máxima eficiência. É possível que se espere que Deus use o seu poder para eliminar essa fraqueza da vida dos seus servos. Entretanto, o que ele, de fato, repetidamente faz é conduzir os seus servos às maravilhas não fixas – às vezes, sem dúvida, no sentido físico, maravilhas imobilizadas – de sabedoria, amor e ajuda aos outros, apesar de suas limitações. É desta maneira que o amor mostra o seu poder. Esta é uma verdade vital que deve ser aprendida.

O próprio Paulo aprendeu toda esta lição pelo seu relacionamento com os cristãos de Corinto. Paulo não era um homem de meia medida ou de relacionamentos mornos. Ele era, naturalmente, uma “bola de fogo”, como dissemos, dominador, combativo, brilhante e apaixonado. Consciente de sua autoridade apostólica e bem certo de que seu ensino era definitivo e saudável, ele se envolveu completamente na tarefa de discipular os seus convertidos. Ele sentia e expressava grande afeição por eles, porque eram de Cristo, e, naturalmente, esperava, não somente obediência, mas também afeição da parte deles.

No entanto, no caso dos coríntios, a obediência não era praticada, nem a afeição era muito sentida. Isto aconteceu, em parte, pelo fato de Paulo não ter alcançado as expectativas intelectuais deles (como Paulo ilustra em suas duas cartas), levando-o, então, a ser desrespeitado. Paulo, na verdade, não os tinha impressionado como mestre. Aconteceu também, pelo fato de outros mestres, cuja argumentação filosófica os tinha impressionado, terem conquistado o respeito e a lealdade deles. Por fim, isto também aconteceu pelo fato de os coríntios terem adotado uma visão triunfalista da vida espiritual, que valorizava o falar em línguas e o exibicionismo, em detrimento do amor, humildade e justiça. Eles entendiam que o cristão era uma pessoa liberta por Cristo para fazer qualquer coisa que desejasse, sem consideração alguma pelas conseqüências. Eles viam o apóstolo Paulo como uma pessoa “fraca” – cuja presença e discurso não impressionavam (2Co 10.10) e, possivelmente, equivocado em questões doutrinárias e morais. Eles eram muito críticos do estilo pessoal e atitudes de Paulo.

Qualquer pessoa que estivesse na posição de Paulo sentiria a mesma dor que ele sentiu. Ao lermos suas cartas aos Coríntios, podemos perceber suas expressões de amor angustiado e suas manifestações de dor, ira, desapontamento, frustração e sarcasmo. Tudo isto foi muito difícil para ele. Entretanto, sua resposta foi magnífica. Ele assumiu a sua fraqueza – não a fraqueza de ministério que os coríntios alegavam, mas a de um corpo enfermo, da função de servo e de um coração ferido – como seu chamado na terra. Ele diz: “Se tenho de gloriar-me,

gloriar-me-ei no que diz respeito à minha fraqueza” (2Co 11.30). “De tal coisa me gloriarei; não, porém, de mim mesmo, salvo nas minhas fraquezas” (2Co 12.5). E, então, anunciou para o mundo:

E, para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações, foi-me posto um espinho na carne, mensageiro de Satanás, para me esbofetear, a fim de que não me exalte. Por causa disto, três vezes pedi ao Senhor que o afastasse de mim. Então, ele me disse: A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte. (2Co 12.7-10)

Que espinho ele tinha? Não sabemos. Mas deve ter sido um defeito pessoal, algum mal funcionamento de sua estrutura, ou ele não teria dito que o mesmo se encontrava na sua “carne” (no sentido de sua natureza humana criada). E tal experiência deve ter sido muito dolorosa, ou ele não a teria chamado de “espinho”.

Qual o propósito deste “espinho” (dado por Deus, na providência)? Ele foi dado para disciplina, como o próprio apóstolo reconheceu, para mantê-lo humilde – o que não é uma tarefa fácil quando o homem tem um ego imenso como o de Paulo.

Em que sentido esse espinho era um mensageiro de Satanás? Ele despertou pensamentos de ressentimento para com Deus, autocomiseração e desespero em relação ao futuro de seu próprio ministério – o tipo de pensamento que Satanás é especialista em instigar dentro de todos nós. Qualquer coisa que induza a este pensamento torna-se um mensageiro de Satanás para a nossa alma.

Por que Paulo ora especificamente ao Senhor Jesus sobre seu espinho? Porque Jesus era o curador, que havia realizado muitas curas milagrosas enquanto homem e algumas por intermédio de Paulo durante os anos do seu ministério missionário (At 14.3,8-10; 19.11). Agora, ele necessitava do poder curador de Jesus para si mesmo, o que buscou em três ocasiões diferentes.

Por que ele não recebeu a cura? Certamente que não foi por falta de um coração puro e de uma oração sincera por parte de Paulo, nem por faltar poder em Jesus para executar o milagre, mas porque o Salvador tinha algo melhor para o seu servo (Deus sempre se reserva no direito de nos responder nossos pedidos de uma maneira melhor do que pedimos). Podemos, em outras palavras, expressar a resposta de Jesus à oração de Paulo da maneira seguinte: “Paulo, eu vou lhe dizer o que pretendo fazer. Mostrarei o meu poder nas suas fraquezas, de tal

maneira que as coisas que lhe perturbam – o fim ou ineficiência do seu ministério e a perda de sua credibilidade e utilidade – não ocorrerão. Seu ministério continuará no mesmo poder e força de antes, embora a fraqueza seja maior. Este espinho permanecerá na sua carne por toda a sua vida. Mas, apesar de esta condição de fraqueza, meu poder será aperfeiçoado. Ficaré mais claro do que nunca que sou eu quem o sustenta”. A implicação era que, por meio de sua experiência, Paulo seria mais abençoado pessoalmente. Seria um ministério ainda mais enriquecido e glorificaria ainda mais a Cristo do que se a cura imediata tivesse acontecido.

O que devemos aprender com as reações de Paulo? Ele claramente entendeu e aceitou o que Cristo lhe tinha comunicado ao responder à sua oração. Ele viu a resposta divina como a definição de sua própria vocação. É natural que imaginemos que uma das razões para ele ter narrado sua experiência com tantos detalhes foi a de que seria usado como modelo para muitos outros cristãos. Sua experiência é, certamente, um modelo que, freqüentemente, na nossa vida diária, somos chamados a imitar.

O padrão aqui é que o Senhor primeiramente nos conscientiza das nossas fraquezas para que clamemos, do fundo do nosso coração: “eu não agüento isto”. Nós nos voltamos para o Senhor e lhe pedimos para retirar da nossa vida o jugo que sentimos estar nos pressionando. Mas Cristo diz: “Com o meu poder, você pode suportar isto, e, em resposta à sua oração, irei *fortalecê-lo*”. Assim, ao final, o nosso testemunho será como o de Paulo, quando disse: “Tudo posso naquele que *me fortalece*” (Fp 4.13); “Mas o Senhor me assistiu e *me revestiu de forças*” (2Tm 4.17). E nos surpreendemos dizendo: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos contemplados por Deus. Porque assim como os sofrimentos de Cristo se manifestam em grade medida a nosso favor, assim também a nossa consolação transborda por meio de Cristo” (2Co 1.3-5).

Por “conforto”, Paulo quer dizer o encorajamento que revigora, e não o relaxamento que enerva. É neste sentido que nos alegamos em testemunhar o conforto divino. Nós nos achamos vivendo (se é que posso colocar desta forma) em termos batismais, com a ressurreição dos mortos tornando-se a forma comum de nossa experiência. E, com uma iluminação sempre crescente, entendemos que esta é a expressão mais completa e profunda de uma vida cristã cheia de poder.

Parece, então, que o ser cheio do poder de Deus, de tal maneira que possamos nos fortalecer ainda mais em Cristo, nada tem a ver, necessariamente, com

obras majestosas e bem-sucedidas, de acordo com os padrões humanos, pois somente Deus pode decidir a respeito da validade eterna do que fazemos. Tem tudo a ver, no entanto, com o reconhecimento e sentimento de nossa fraqueza. Neste sentido, somente crescemos em força, se crescermos em fraqueza. O significado que o mundo dá ao conceito de força (de caráter, mente e vontade) indica uma habilidade natural para pressionar sempre para a frente, sempre focalizado e nunca desencorajado, na busca do seu alvo. A força ou poder dado por Deus, por outro lado, é uma questão de estar capacitado pelo próprio Cristo, por intermédio do Espírito, para manter-se em:

- santidade pessoal diante de Deus;
- comunhão pessoal com Deus;
- serviço pessoal a Deus; e
- ação pessoal para Deus.

Neste entendimento, o cristão se mantém firme, não importando o quanto se sinta fraco. Ele se mantém firme mesmo em situações nas quais se exige dele mais do que pode dar, só porque confia que tal situação acontece de acordo com o que Deus deseja. Ele descobre que o fortalecimento divino só começa quando a pessoa encara, sente e admite a insuficiência de suas próprias forças.

Portanto, o caminho do poder é a dependência humilde de Deus para que ele canalize seu poder até às profundezas do nosso ser e, assim, nos faça e mantenha fiéis ao nosso chamado de santidade e serviço. Dependemos dele para canalizar o seu poder por nosso intermédio, visando alcançar as outras pessoas em seus pontos de necessidade. A maior armadilha do poder é a autoconfiança e falta de percepção para ver que, sem Cristo, nada podemos fazer que seja espiritualmente significativo em termos de atividade energética, embora possamos fazer muitas coisas em termos quantitativos. O princípio do poder – o cenário do poder de Deus – é que a força divina é aperfeiçoada na fraqueza humana consciente. As perversões do poder levam-nos a imaginar que o poder de Deus é algo que possuímos e controlamos, ou que podemos pedir-lhe que nos encha de poder para a obra, mesmo quando não lhe pedimos para nos dar poder a fim de que vivamos uma vida de santidade. Tais perversões de entendimento são, no entanto, completamente erradas.

Se eu pudesse lembrar, a cada dia da minha vida, que só cresço em força, quando cresço em fraqueza; se eu pudesse aceitar que as frustrações, obstáculos e acidentes do meu dia-a-dia são maneiras que Deus usa para levar-me a reconhecer minhas fraquezas; então, o crescimento em poder se tornaria uma

possibilidade para mim, desde que eu não traísse a mim mesmo ao passar a confiar em mim mesmo – no meu conhecimento, habilidade, posição, retórica, e assim por diante – na maior parte do tempo, que diferença isto faria para mim!

Fico a me perguntar quantas outras pessoas, além de mim mesmo, precisam se concentrar em aprender estas lições? Se você leu o livro até este ponto, peço que faça uma pausa e perguntar a si mesmo o quanto estas verdades estão firmemente estabelecidas em seu coração. Elas precisam estar ancoradas ali com muita firmeza de fato, e temo que, no coração de muitos cristãos de hoje, elas não estejam. Que Deus, em sua grande misericórdia, enfraqueça todos nós!

Capítulo 8

A DURA CONQUISTA: A DISCIPLINA DA PERSISTÊNCIA

Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações, sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança. Ora, a perseverança deve ter ação completa, para que sejais perfeitos e íntegros, em nada deficientes. Tg 1.2-4

É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Hb 12.7

CORRENDO A CORRIDA COM OS OLHOS FIXOS EM JESUS

Você conhece a expressão “dura conquista”? Eu não conhecia até o dia em que meu filho trouxe para casa uma das revistas dirigidas ao público interessado em musculação. Então, descobri que “dura conquista” é uma frase técnica no mundo da ginástica e musculação que cobre todas as rotinas necessárias para o desenvolvimento dos músculos e expansão da região do tórax. Todos aqueles que desejam alcançar uma estatura de “Hércules” têm de praticar como uma forma de conseguir o resultado proposto – que é o de ter um físico impressionante.

Seguir as rotinas não é nada divertido, e não pode passar sem suor, no entanto, pude observar que vale a pena. Meu filho, que trabalha com o sistema penitenciário, pesa mais do que eu, apesar de ter uma estatura menor. Mesmo o mais casual observador pode notar que seu peso extra se deve aos músculos. Através de uma disciplina inflexível (“sem dor, sem ganho”, é o que eles dizem), ele se deu muito bem. Você não tem opção nesta área.

A maturidade cristã, que é o desenvolvimento pleno da santidade, é o produto final prometido por uma outra disciplina de “dura conquista”, ou seja, a *persistência* – tanto passiva (*paciência*) como ativa (*perseverança*). O Novo Testamento usa dois pares de palavras no grego, cada um deles consistindo em um substantivo e um verbo, para expressar esta idéia. Esses pares são quase sinônimos, apesar de a forma verbal de um deles (*hupomone, hupomeno*) dar a idéia de ficar firme sob a pressão, enquanto a forma verbal do outro (*makrothumia, makrothumeo*) leva à idéia de agüentar firme e não perder o controle diante de uma provocação. De fato, as duas idéias se sobrepõem, e o hábito da persistência inclui as duas. A noção de persistência se resume no moto da primeira instituição cristã na qual ensinei: “Seja firme e persistente”.

Uma vez que a persistência é um assunto de grande importância nas páginas da Bíblia, as quatro palavras gregas aparecem mais de setenta vezes no Novo Testamento. E a paciência (o modo passivo da persistência pelo qual a dor, emoções, sofrimentos e desapontamentos são tratados sem produzir colapso interior) é mencionada como uma das facetas, se é que posso colocar nesses termos, do fruto do Espírito (Gl 5.22,23). Isto significa que ela não é uma habilidade natural, mas um dom sobrenatural, uma graça de caráter que Deus concede aos que ele está transformando na semelhança de Cristo.

Dizer isto, no entanto, não é contradizer nossa afirmação anterior – que a persistência se desenvolve em nós por meio de uma disciplina de dura conquista. Cada aspecto do fruto do Espírito, mencionado por Paulo, é, de fato, uma questão de ordem divina, bem como de dom divino. Cada um deles é um hábito de reação que é mais drasticamente visto em situações onde, humanamente falando, se esperaria uma reação diferente. Assim, o amor brilha mais forte quando, para a glória de Jesus, amamos a pessoa que parece não merecer o nosso amor; a alegria é mais contagiante quando nos alegramos em nossa salvação e em nosso Senhor, mesmo quando estamos cercados por situações tristes; a paz, fruto da nossa convicção quanto à providência soberana de Deus, se manifesta quando, em vez de entrarmos em pânico e histerismo, reagimos com calma diante dos problemas.

Do mesmo modo, a persistência paciente é mais evidente quando, em vez de nos ferirmos e fugirmos, ou nos desorientarmos e cairmos, permanecemos firmes diante da dor e pressão. Mas esta dura resistência é um hábito que requer algum aprendizado. A dureza do processo que produz o caráter cristão não deve ser subestimado: persistir de forma cristã (que significa, na terminologia dos frutos do Espírito, amor, alegria, paz, bondade, mansidão, fidelidade, benignidade e domínio próprio) não é uma tarefa fácil. Muitos de nós mal começamos

a tratar do assunto. Entretanto, este hábito da persistência é parte integral da nossa santificação, maturidade e formação cristã. Para aqueles que são de Cristo, a tarefa de desenvolver o hábito e garantir que nunca irão perdê-lo é uma disciplina necessária.

É óbvio que a carta aos Hebreus está endereçada a uma igreja de cristãos judeus que sofria maus tratos de outros judeus, os quais se ressentiam do fato de eles serem cristãos. Os cristãos pensavam que um retorno ao judaísmo oficial poderia ser uma decisão inteligente, na qual nada perderiam e conseguiriam pôr um fim à perseguição. A carta foi escrita como incentivo para que permanecessem firmes na fé cristã. O autor, para deixar claro sua posição, expõe sistematicamente e detalhadamente a maneira pela qual a ordem da graça no Antigo Testamento – tal como era, sob a versão mosaica da aliança divina – foi substituída e anulada por meio da mediação e sacrifício de Jesus Cristo, o Filho encarnado de Deus. Portanto, seu argumento mostra que se eles retornassem ao judaísmo inicial, nada estariam ganhando de significativo e perderiam tudo que era importante, uma vez que desprezassem sua salvação e se expusessem a um terrível julgamento por sua infidelidade. Por isto, eles tinham de permanecer firmes a qualquer custo.

O livro de Hebreus é o tratamento clássico do Novo Testamento para esta questão da persistência e o mais forte em termos de palavras pesadas sobre o assunto, como podemos observar no início do capítulo 12:

Portanto, também nós, visto que temos a rodear-nos tão grande nuvem de testemunhas (ou seja, os heróis do Antigo Testamento, descritos no capítulo 11, que, sem exceção, entenderam a justiça e importância de permanecer firme), desembaraçando-nos de todo peso e do pecado que tenazmente nos assedia (claramente, o desejo por se ver livre daquilo que os tentava à apostasia), corramos, com perseverança (*hupomone*), a carreira que nos está proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou (*hupomeno*) a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus. Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou (*hupomeno*) tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo, para que não vos fatigúeis, desmaiando em vossas almas. (Hb 12.1-3)

Desta passagem, sobressaem-se duas verdades sobre persistência.

1. A Vida de Persistência Cristã é Como uma Corrida de Longa Distância. O quadro da corrida, aqui e em outras passagens do Novo Testamento (1Co

9.24-27; Gl 5.7; Fp 2.16; 2Tm 4.7), nos contam duas coisas: primeiro, que a perseverança é o único caminho para o prêmio da glória final e, segundo, que o que a perseverança requer é uma ação contínua e diária de um esforço concentrado – um compromisso sincero, sério, de auto-negação e total em louvar e agradar o Pai por meio do Filho enquanto houver vida. Os cristãos precisam aprender com os corredores vitoriosos das maratonas e competições de triátlon a alcançarem o ritmo da vitória. Como existem alguns atletas que parecem ter nascido para correr, todos os cristãos, que são nascidos de novo, são convocados à participação desta corrida da fé, no sentido de colocar toda a sua energia em uma firme devoção e fazer disto sua estratégia de vida. A tarefa de manter um ritmo vencedor na vida cristã exige um esforço constante e, às vezes, agonizante. Mas, a razão básica da paciência perseverante e persistente é que esse esforço é realizado de qualquer forma, porque você é filho de Deus que corre no que, no sentido mais profundo, é uma extensão dos limites de sua casa.

Este esforço interior contínuo, que exige o máximo do que você pode fazer com o cérebro, dons e energia que Deus lhe deu, é um aspecto central da santidade cristã, sem o qual a pessoa, supostamente santa, se degeneraria em uma frouxidão comodista. Mas a verdadeira santidade não é comodista nem frouxa. Ela é dura, viril e corajosa; algo que caracteriza uma pessoa de cabeça erguida. É impulsionada por um coração alegre uma vez que contempla a linha da vitória logo adiante. Ser verdadeiramente como Jesus, como o autor descreve, significa isto – nada menos – e a verdadeira santidade significa a real semelhança com Cristo, como já dissemos anteriormente.

2. A Vida de Persistência Cristã é Vivida Quando Fixamos os Olhos em Cristo. “Fixar os olhos” é uma boa tradução. O significado da palavra no grego indica que a pessoa tira os olhos de tudo que está à sua volta para se concentrar no objeto de sua atenção. A necessidade imperiosa de fazer isto em relação a Jesus é essencial naquilo que o texto nos fala. Os cristãos são cercados, às vezes quase ensurdecidos, pelo barulho daqueles que querem que eles parem de ser fregueses estranhos, que ajam de forma cristã, e tornem-se covardes mundanos, que apenas fazem o que os outros ao seu redor já estão fazendo. Os cristãos precisam aprender a desconsiderar estes sons distrativos. Não podemos seguir a Cristo em santidade a menos que estejamos dispostos a se erguer diante da multidão e nadar contra a correnteza.

O segredo da persistência, diz o autor de Hebreus, é concentrar-se no próprio Jesus: “olhando firmemente” para Jesus é o pensamento expressado aqui. O que

a carta já disse dá sentido a esta frase. Para começar, devemos olhar firmemente para Jesus como o nosso modelo e padrão de devoção. “Considerai, pois, atentamente, aquele que suportou tamanha oposição” (Hb 12.3), que “aprendeu a obediência pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8) – que foi, e é, “fiel àquele que o constituiu (...) como Filho, em sua casa” (Hb 3.2,6); que “foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15); que “sofreu, tendo sido tentado” (Hb 2.18). Ele é o grande exemplo do dizer “não” ao pecado, não importando o custo, mesmo que isto implique em perder a própria vida. Seu exemplo é digno de ser seguido por cada um de nós (cf. Hb 12.4).

No entanto, a verdade mais vital para a vida de santa persistência não é que Jesus é o nosso modelo, temporário como o é essa verdade. Pelo contrário, é que ele é o nosso mantenedor, aquele que nos sustém. nossa fonte de força para ação, nosso doador soberano da graça (Hb 2.18; 4.16), o “Autor e Consumador da fé” (Hb 12.2). Como nos indica o autor de Hebreus, no capítulo 11, ao mencionar vários exemplos de heróis da fé do Antigo Testamento, a fé (“a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não vêem”, como ele a define em Hb 11.1) é um composto que envolve conhecimento, confiança, esperança e uma firme persistência, baseada em uma esperança confiante, mesmo diante de grandes obstáculos. A fé pode ser isto, de acordo com o autor, porque Aquele que, graciosamente, nos trouxe à fé, e em quem nós confiamos, ajuda-nos nesta empreitada. “Porque o Senhor, vosso Deus, é quem vai convosco; não vos deixará, nem vos desampará” (Dt 31.6). Portanto, podemos dizer com confiança: “O Senhor está comigo” (Sl 118.6). “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16).

Esta perspectiva confiante e cheia de expectativa é a fé em ação. É precisamente o Senhor Jesus glorificado, que pela sua Palavra e Espírito, nos deu a graça da fé e continua a mantê-la viva em nós (este é o sentido de “autor e consumador”), que agora nos ajuda a permanecer firmes enquanto olhamos para ele através de nossas orações intencionais, centradas e sinceras. Frequentemente ouvimos que a expressão “Socorro!” é a melhor oração que uma pessoa pode fazer. Quando ela é direcionada para Jesus, sem dúvida, é a mais eficaz. E a última afirmação do autor de Hebreus permanece tão verdadeira hoje como antes: “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre” (Hb 13.8).

Agora, duas outras verdades sobre a persistência cristã se tornam evidentes. Primeiro, o fato de ser Jesus o nosso modelo, nos mostra que a perseverança resoluta para a qual somos chamados não é uma chamada à prática do *estoicismo*.

A palavra estoicismo refere-se ao ideal moral dos estóicos – uma escola filosófica grega muito influente no tempo do Novo Testamento. O ideal estóico era a auto-suficiência e a insensibilidade. O estoicismo entendia que os sentimentos de tristeza, dor, emoção, arrependimento ou qualquer tipo de ferida emocional denegriam a natureza humana. Eles diziam que, em qualquer situação, o orgulho próprio deveria conduzir a pessoa a permanecer firme e suportá-la, e não a ser humilhada. Frases estóicas ainda são ditas nos dias de hoje. “Ache na sua condição humana os recursos de que você precisa para encarar a vida, como ela venha, e assim manter-se sem lágrimas, reclamações, murmurações ou qualquer outra expressão de fraqueza”. “Homens fortes não choram”. “Se, no entanto, você agir, regularmente, como se não sentisse a pressão, isto, progressivamente, irá torná-lo um tipo de pessoa insensível às pressões. Isto mostrará tanto virtude quanto realização”.

Existe, certamente, uma espécie de heroísmo neste ideal. Mas é o heroísmo perverso da auto-suficiência, do orgulho que glorifica a si próprio, o heroísmo doentio do Satanás de Milton em *Paraíso Perdido*. E tal filosofia encontra-se no extremo oposto do heroísmo obediente e dependente de Jesus, o homem perfeito que, “nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte e tendo sido ouvido por causa da sua piedade” (Hb 5.7), concluiu sua oração encarando o fato de que não seria salvo da morte, e aceitando tal fato como uma manifestação da boa vontade do Pai. (Veja a oração no Getsêmani.) Assim, fortalecido na oração, Jesus foi direto para as presas da morte, e “aprendeu a obediência” – ou seja, aprendeu tanto a prática, quanto o custo dela – “pelas coisas que sofreu” (Hb 5.8). Ele foi envergonhado e escarnecido, e morreu em uma cruz, em uma dolorosa agonia (não uma sublimação, como defendia o estoicismo) até o último suspiro de vida.

A santa persistência, do tipo demonstrado por Jesus, não é uma expressão de orgulho, mas de humildade; não é uma autoconfiança desafiadora, mas uma pronta obediência; não é um tipo de fatalismo em um universo frio e cruel, mas uma submissão resoluto, embora muitas vezes dolorida, a um amoroso Senhor, de quem realmente foi dito: “Cristo não me conduz a quartos escuros os quais não atravessou antes de mim”. A promessa que o nosso Salvador crucificado fez de “acharmos graça em ocasião oportuna” (Hb 4.16) permanece válida para sempre. Como deveríamos ser gratos por isto!

Segundo, o fato de Jesus ser o nosso modelo de santa persistência, nos mostra que o canal por meio do qual flui o poder para perseverar, falando subjetivamente, é a *esperança*, que, como vimos, é o olhar para o futuro da fé (Hb 11.1). O autor

de Hebreus, revendo as vinte e quatro horas gloriosas e tremendas desde o Cenáculo até o Getsêmani e vindo até o julgamento degradante e os tormentos do Gólgota, proclama que Jesus, “em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia”. Após esta cena cruel, ele ressuscitou dentre os mortos, e triunfantemente subiu aos céus, onde está assentado (como Senhor de tudo e de todos) “à destra do trono de Deus” (Hb 12.2). O que está se dizendo aqui é que Jesus foi sustentado pela esperança. Sua esperança de glória, garantida e certa, o levou até a cruz, e pela cruz, ao triunfo.

Nós também, como disse o autor de Hebreus, somos sustentados pela nossa esperança – a esperança garantida e segura da glória que nos está prometida no Evangelho – a glória para a qual a vida de fiel persistência nos conduzirá. “A esperança proposta, a qual temos por âncora da alma, segura e firme” (Hb 6.18,19). Os navios ancorados permanecem firmes. O mesmo acontece com os cristãos. E a âncora que nos mantêm firmes é a esperança que temos em Cristo.

PERSISTÊNCIA INPIRADA PELA ESPERANÇA

Aqui tocamos em uma verdade sobre a qual reside a teologia moderna. Deus nos fez criaturas esperançosas, que vivem muito em seu próprio futuro, cuja natureza nos leva a olhar adiante, a nos entusiasmar com as coisas que vemos à frente, e a sentir alegria e força para lidar com o presente a partir de nossas expectativas de um futuro melhor e feliz. A vida é sempre mais rica quando temos algo para olhar adiante. Dizemos: “Enquanto há vida, há esperança”. Mas a verdade mais profunda é a de que enquanto há esperança, há vida, porque na ausência de algo emocionante para o qual nos voltamos, a própria existência se torna um peso, e a vida perde a razão de ser.

Uma das coisas mais tristes, nos dias atuais, é o número de pessoas idosas que, por não serem cristãs, não tem nada a esperar no futuro. A vida delas está se perdendo. Seu corpo está ficando frágil e debilitado. Elas não conseguem mais fazer o que sempre faziam, e nunca mais conseguirão. Sentem que estão cada vez mais se afundando em um profundo abismo, com a escuridão avançando ao seu redor, e não conseguem enxergar luz, ou saída, no final deste tenebroso túnel. Elas estão descobrindo que viver sem esperança é um peso insuportável. A amargura se lhes aprofunda no coração, e elas se mergulham na autocomiseração e nostalgia. Se elas se tornam um estorvo para outros (como algumas vezes acontece) é porque já se tornaram um estorvo para si mesmas. A desesperança seca o espírito.

Lembro-me de ter perguntado a alguém que recentemente visitara um antigo diretor de uma escola que freqüentei, um brilhante intelectual que estava agora com 91 anos de idade, como ele se encontrava. “Muito triste” foi a resposta. Ela disse que havia lhe perguntado sobre o que andava fazendo naqueles dias, e ele respondeu “aguardando o meu fim”. Eu sabia que ele rejeitara o Cristianismo em sua juventude, e havia abraçado o budismo. Ali estava o resultado. Viver sem esperança é algo muito triste, e se torna ainda mais triste, quando descobrimos que não precisávamos chegar a este ponto. Deus nunca desejou que a humanidade vivesse sem esperança, e ele tem, de fato, dado aos cristãos a esperança mais maravilhosa que já existiu.

O Novo Testamento apresenta esta esperança em várias maneiras, mas a declaração positiva é anunciada por Paulo, quando se apresenta como “apóstolo, pelo mandato de Cristo Jesus, nossa esperança” (1Tm 1.1), e quando identifica “a riqueza da glória deste mistério entre os gentios” como “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1.27). O próprio Jesus, a quem nós, os que cremos, estamos presentemente unidos, é a esperança do cristão. Diferente da idéia hindu sobre a união com a divindade (onde se escapa da dor, mas perde-se a alegria da individualidade), nossa união com Cristo não absorve e anula a nossa personalidade. Ela é, em certo sentido, um relacionamento amoroso semelhante ao dos cônjuges, cujo amor um pelo outro e a união resultante desse amor os faz mais vivos e alegres do que nunca. Sim, o próprio Cristo é a nossa esperança. Cada um de nós está trilhando o caminho que ele tem nos apontado, na direção de uma eternidade de alegria na qual ele será o centro, o foco e a fonte de nosso eterno prazer.

Esta é a “viva esperança”, da qual Pedro dá testemunho em 1 Pedro 1.3, bem como a “graça que vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo” (1Pe 1.13). Ela gera uma alegria imediata de antemão e uma grande paciência quando se está sob pressão. Paulo usa belas palavras quando, escrevendo aos Tessalonicenses, ele celebra a eficácia “da operosidade de vossa fé, da abnegação do vosso amor e da *firmeza da vossa esperança* em nosso Senhor Jesus Cristo” (1Ts 1.3). Este trio de energias responsivas deveria ser visível na vida de todo cristão: fé, amor e esperança; obra, abnegação e persistência – todas juntas. (O que Deus uniu, o homem não separa!) Esta é a vida de semelhança com Cristo. Isto é santidade.

No final de 1 Tessalonicenses, Paulo, tendo antes declarado: “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (4.3), ora: “O mesmo Deus da paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e

irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo” (5.23). Segundo ele, devemos ter fé, amor, esperança, obra, abnegação, perseverança – até o fim.

Seu modo de usar as palavras confirma três verdades que já deveriam estar claras para nós. Primeiro, é sempre correto que os cristãos se concentrem na sua esperança futura, sem se importar com qualquer possível ridicularização que venham a sofrer por olharem para além deste mundo por uma morada no céu após a morte. Segundo, é sempre correto que os cristãos centralizem sua esperança no retorno prometido de Jesus (que certamente ocorrerá, apesar de não podermos, nem imaginar, nem precisar a data), sem se preocupar com as sátiras com que o mundo trata sua esperançosa expectativa. Terceiro, sempre devemos estar prontos para a segunda vinda de Cristo, o que implica que devemos sempre estar ativamente cooperando com a obra de santificação divina em nós e ativamente resistindo toda persuasão e pressão para usar nossa energia para outras coisas.

Tudo isso, também, pertence ao campo da santificação – esperança e santidade andam juntas. “Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem essa esperança, assim como ele é santo” (1Jo 3.2,3). Os cristãos, que não estão buscando a santificação, são suspeitos em relação à sua esperança. Em termos pastorais, a questão do que eles estão esperando pode muito bem ser a melhor maneira de conseguir ajudá-los a ter uma melhor perspectiva em relação a seu estilo de vida. Esperança e santidade formam, verdadeiramente, uma dupla.

O DESCONHECIMENTO MODERNO DO CONCEITO DE SOFRIMENTO

A persistência cristã, como vimos, significa viver amorosa, alegre, pacífica e pacientemente em meio a situações que gostaríamos que fossem diferentes. Existe uma palavra que usamos para cobrir a grande variedade de situações que têm este caráter. Esta palavra é *sofrimento*. O sofrimento está na mente do sofredor e pode, convenientemente, ser definido como recebendo o que não se deseja, enquanto se aguarda pelo que não se consegue. Esta definição cobre toda sorte de perdas, feridas, dores, emoções e fraquezas. Cobre também todas as experiências de rejeição, injustiça, desapontamento, desânimo, frustração, bem como é o alvo da animosidade, ridicularização, crueldade, calúnia e maus-tratos dos outros. E ainda cobre toda sorte de exposição às coisas loucas, enfermas e atormentado-

ras que levam uma pessoa a desejar gritar, correr ou até morrer. O sofrimento, em algum tipo de forma ou manifestação, está presente em praticamente todos, desde os seus primeiros dias de vida, apesar de alguns o experimentarem em uma dosagem maior do que outros. Tentarei ser explícito, agora, sobre como o sofrimento e a santidade se relacionam.

Desconheço o nível de credibilidade que terei, neste ponto, ao expressar minhas idéias sobre este assunto, principalmente por ter vivido uma vida tão confortável e tranqüila, com boa saúde e muitos amigos. Este assunto do sofrimento é um dos muitos tópicos que sinto saber pouco a respeito. Mas, de qualquer maneira, expressarei as verdades que espero manter, com a ajuda de Deus, no meio de qualquer sofrimento que os meus “anos dourados” da velhice possam me trazer – quer sejam desconfortos triviais ou angústias maiores.¹ Elas são verdades a respeito do sofrimento que cada cristão precisa saber, e nenhum de nós deveria ousar esquecer.

Primeiro, relembro a mim mesmo que o nosso tempo não é uma ocasião propícia para qualquer sorte de realismo a respeito do sofrimento – de fato, qualquer sorte de realismo a respeito de Deus,² cristianismo, virtudes, relacionamento, vida e morte, ou qualquer outra coisa, exceto assuntos de tecnologia. As fantásticas habilidades tecnológicas do nosso mundo ocidental estão casadas com uma extrema imaturidade e infantilidade emocional que nos colocam mais profundamente para baixo, no pecaminoso legado do egocentrismo, auto-absorção e autocomiseração do que qualquer outra geração, desde que o cristianismo entrou neste mundo.

Além disso, esta é uma era intelectualmente pós-cristã, na qual se nota pouco conhecimento da grandeza e santidade divina, enquanto que muitas fantasias indignas a respeito dele estão em moda. Nós o vemos como o avô celestial de todos os seres humanos que está presente para derramar, livremente, dons sobre nossa vida e ter prazer em nosso viver da maneira como somos. Na ausência de qualquer sentido de pecaminosidade dos nossos erros, esperamos que ele nos trate, magnificamente, o tempo todo. Temos um hábito, praticado diariamente de manipular a idéia de valores e justiça para garantir que conseguiremos o máximo do que queremos. Alimentamos um sentido de injustiça cósmica sempre que uma pessoa sofre e a outra não – especialmente se a pessoa que sofre sou eu mesmo. O sacrifício para o bem dos outros, quer sejam dos pais para com os seus filhos, dos cônjuges, um para com o outro, dos gerentes para com os seus empregados e dos líderes políticos para com a comunidade que afirmam servir, é praticamente desconhecido e raramente ouvido em nossos dias. A sociedade se transformou em uma selva, onde estamos todos caçando o prazer, lucro e poder, e não

nos importamos de atirar nos outros, se isto for necessário para alcançarmos o nosso objetivo.

Ao mesmo tempo, quando nos comparamos com os cristãos que viveram até uma geração atrás, ficamos chocados com o pouco que sentimos da realidade, penetração, vergonha e culpa do pecado. Alimentamos fortes ilusões acerca de nossos supostos direitos de esperar que Deus nos dê saúde, riqueza, facilidades, entusiasmo e realização sexual. No entanto, estamos surpreendentemente desapercibidos do fato de que o sofrer como cristão é parte integrante da santidade bíblica e uma parte regular da vida do cristão.

Ao procurar idéias sadias sobre este assunto do sofrimento, noto que estou prejudicado em virtude destes assuntos correntes da cultura ocidental moderna. Eles infectam o ar que respiro e agem em meu sistema espiritual como um veneno de potência reduzida. Eles são, certamente, parte da razão pela qual é tão duro controlar os meus pensamentos e sentimentos, e experimentar tanta fúria infantil, quando pequenos desconfortos e contratempos acontecem comigo.

O SOFRIMENTO É ALGO QUE DEVE SER ESPERADO

Segundo, preciso lembrar a mim mesmo que o sofrimento, como definido anteriormente (recebendo o que não se deseja, enquanto se aguarda pelo que não se consegue), é especificado nas Escrituras como parte do chamado de cada cristão e, portanto, também do meu. (Os autores que escrevem sobre a vida não estão isentos da tarefa de tentarem vivê-la.) O sofrimento deve ser esperado, e mesmo valorizado, por todos os cristãos, sem exceção.

Deus não isenta os cristãos dos problemas do mundo. Eles, ao viverem como vivem, descobrindo seu prazer e dignidade no agradar a Deus, e dissociando-se a si mesmos da corrida insana na busca de prazer, lucro e poder, que é o fato normal da vida mundana, estão condenando o mundo (Ef 5.8-14; Hb 11.7). O mundo, então, retalia com uma ira anti-cristã. Jesus disse aos seus ouvintes descrentes: “Não pode o mundo odiar-vos, mas a mim me odeia, porque eu dou testemunho a seu respeito de que as suas obras são más” (Jo 7.7). Para os seus discípulos, suas palavras foram: “Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fosseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15.18,19; 1Pe 4.4; 1Jo 3.13). Se a hostilidade do mundo é casual ou focalizada, se é discreta e fria ou fervorosa e feroz, se expressa-se em perseguições oficiais ou em ostracismo social e desprezo, o fato é que ela está

sempre presente como uma reação, mais ou menos ressentida, contra as pessoas que – em razão de sua maior lealdade – escolhem não se encaixar no sistema de valores, no estilo de vida e nas convenções que, aparentemente, mantêm a comunidade reunida.

“Por exemplo”, escreve Thomas Schmidt, “um homem de negócios está tentando seguir a Jesus, na maneira que ele conduz os seus negócios. Os seus superiores lhe pedem para falsificar informações, visando beneficiar um cliente. Ele, por recusar fazer isto, é, inicialmente, assediado com promessas corruptoras, seguidas de pressões, e, finalmente, insultado. Ele aceita o abuso com uma quieta confiança de que presta contas para Alguém que está em uma posição muito mais elevada na hierarquia da organização. O resultado? Admiração? Remorso por parte de seus superiores? Um novo clima moral no trabalho? Raramente. Pelo contrário, ele é preterido nas promoções por não se enquadrar no “espírito do time”.³ Pode ser que, nos dias de hoje, não sejamos mais afligidos por perseguições baseadas em ideologia, como aconteceu com os cristãos dos primeiros séculos, ou como ainda recentemente vimos acontecer com tantos cristãos em alguns países do chamado Terceiro Mundo e da, agora decaída, Cortina de Ferro, mas o tipo de coisas que Schmidt descreve, acontece diariamente em nosso mundo ocidental. “Todos que querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos” (2Tm 3.12), diz Paulo. Esta é uma das formas da perseguição dos nossos dias.

Não é somente o mundo secularizado que enfia uma faca nas costelas do cristão. É triste e surpreendente ver como a malícia e a arrogância conspiram contra ele, dentro da igreja, para fazê-lo sofrer. As pessoas que sabem que são chamadas para viver em amor com o seu próximo, e muito mais quando ele ou ela é também uma pessoa da mesma fé, abrem exceções em relação as pessoas com as quais discordam. Vendo a si mesmas como combatentes que estão lutando a batalha do Senhor em favor da verdade e da sabedoria, elas deixam evidente seu desgosto pela inverdade e falta de sabedoria por meio de ataques contra aqueles que vêem as coisas de uma perspectiva diferente da delas. “Até o meu amigo íntimo, em quem eu confiava, que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”, lamenta o salmista (Sl 41.9), e sua experiência foi a de muitos outros. No mês de maio de 1991, li a seguinte notícia:

LONDON: O novo arcebispo de Canterbury, George Carey, sofreu neste domingo um ataque extraordinário por parte de um sacerdote que pediu, em um artigo de um jornal direcionado ao clero, para que ele fosse deposto de sua posição. Sob o título: “Livra-nos, Senhor, deste homem”, o artigo foi impresso

na página oposta à página editorial do *The Sunday Telegraph*. O jornal, de tendência direitista, disse que o artigo era “necessariamente anônimo”. A igreja nacional da Inglaterra (...) estava em perigo, o artigo dizia, e a igreja deveria ser instruída a “marginalizar o arcebispo, antes que ele nos marginalize”. Carey, com 55 anos de idade, representa a corrente evangélica da Igreja da Inglaterra, igreja-mãe dos 70 milhões de anglicanos do mundo. Ele se comprometeu em tentar reavivar a igreja, que está perdendo os seus membros continuamente ao longo de uma década de evangelismo.

Chicago Tribune Wire Service

Desta maneira, o arcebispo Carey, um homem que crê na Bíblia, ama a Cristo e é um líder carismático, foi esfaqueado pelas costas quatro semanas após a sua instalação na posição de arcebispo. O mundo secular, mesmo se tentasse, dificilmente poderia ser mais brutal do que o religioso.

Mas este é um padrão que se repete, seguidamente, na vida da igreja. Por ter, eu mesmo, sentido na pele o que é ser alvo de uma vingança montada por companheiros anglicanos, posso entender a dor do Dr. Carey, embora o assalto, em si, não me surpreenda. Reivindicar o apoio do Senhor para um ataque sobre o servo do Senhor é uma forma freqüente de perversidade que acontece, pelo menos, desde o tempo de Caifás. E (meu ponto presente) causa uma dor que aqueles, que estão sofrendo o ataque, têm de aprender a suportar.

Nem Deus isenta seus filhos de passarem por traumas pessoais e problemas – perdas e cruces, como os puritanos diziam. Muito pelo contrário! Neste mundo decaído, onde a presença do pecado tem desajustado todas as coisas, Jesus, o Redentor, passou por problemas – uma família que não o compreendia, autoridades civis hostis, amigos que o negaram – e os redimidos, que o seguem, se acham no mesmo barco. Os cristãos, à semelhança do que aconteceu com Jesus, são traídos e vitimados, como já tivemos oportunidade de mencionar. Eles são defraudados e forçados à falência, como os demais. Como muitas outras pessoas, eles também têm problemas de família. Tudo parece estar indo bem, até que, repentinamente, alguém contrai um câncer, ou é preso, ou se torna permanente e agonizantemente dependente, ou tem uma gravidez indesejada, ou contrai AIDS, ou um filho morre, ou se divorcia. Esta é, simplesmente, uma pequena amostragem de coisas que acontecem. Como Jó, ao se cobrir de cinzas, alguém pode imaginar que o teto caiu sobre sua cabeça, estando completamente arruinado. (E os cristãos também se acham como Jó, tendo de persistir, mesmo em ocasiões quando são censurados pelos que se consideram justos e que acham que sabem tudo, o que faz com que a dor seja mais intensa).

Outras pessoas sentem a dor do sofrimento, feridos e oprimidos, não por causa dos envolvimento relacionais, mas por não terem uma mente ou corpo saudáveis. Existem, por exemplo, cristãos que batalham contra os cravos da homossexualidade, que sabem ser errado, mas que constantemente lhes irritam. As três grandes mentiras de nossa cultura são: 1) que a auto-satisfação é o grande alvo da vida; 2) que é ruim para você bloquear os seus fortes desejos; 3) que é aceitável qualquer comportamento com o qual você se sente confortável. Os cristãos homossexuais, que rejeitam estas mentiras, se afastam tanto dos outros gays, e até dos celibatários heterossexuais, que o sentimento de solidão se torna permanentemente doloroso. Do mesmo modo, uma luta constante contra outra demanda obsessiva que outros não compartilham (sadismo, ou a inclinação para o roubo de pequenos valores) é extremamente dolorido. Mas nunca recebemos qualquer promessa de que a vida justa seria algo simples. Fácil é no céu, não na terra. A vida na terra é, fundamentalmente, fora de forma e ordem, em razão do pecado. O Deus que ama e salva o pecador escolheu deixar a vida correr desta maneira, na maioria das vezes. Portanto, tensões, desapontamentos, traumas e frustrações de toda sorte nos aguardam no futuro, da mesma forma que já nos encontraram no passado. Devemos, tanto esperar pelo sofrimento quanto nos preparar para enfrentá-lo. É um fato, já largamente previsto nas Escrituras, que as alegrias da nossa vida serão pontuadas com experiências duras até o fim dos nossos dias nesta terra.

O SOFRIMENTO DEVE SER VALORIZADO

Este pensamento lhe perturba? Não deveria. O mundo não vê nenhum valor no sofrimento. Também não tem nenhuma razão para ver. Mas os cristãos estão em uma posição diferente, pois a Bíblia lhes garante que Deus santifica o seu sofrimento e produz, ao final, um resultado bom. Não devemos nem mesmo fingir mostrar, em uma exibição de orgulho estóico, que não sentimos nenhuma dor ou angústia. Por outro lado, não devemos passar o nosso precioso tempo discorrendo sobre como sofremos, porque isto seria uma autocomiseração pecaminosa. Em qualquer dos casos, existem coisas mais importantes a serem feitas. Nossa tarefa é suportar o sofrimento, não como se fosse algo prazeroso, pois não o é, mas com o entendimento de que Deus não deixará que ele nos massacre e que o usará, sobrenaturalmente, para produzir, pelo menos, três bons resultados.

1. Nosso Sofrimento Produz Caráter. Deus faz com que as nossas feridas sejam um instrumento para nossa transformação moral, nos assemelhando à ima-

gem do nosso Salvador. “E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança” (Rm 5.3,4; Tg 1.2-4). A maneira como isto acontece é explicada em Hebreus 12.5-11, conforme já vimos anteriormente. O escritor, tendo conclamado os seus leitores para que corram a corrida da vida com os olhos fixos em Jesus, sem dar nenhum espaço para o pecado, segue dizendo-lhes que suas dores e aflições são o treinamento moral aplicado pelo Pai celestial, infligidos, não como resultado de uma indiferença brutal, mas para conduzi-los a um estágio de vida santa. “É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como a filhos); pois que filho há que o pai não corrige? (...) Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça” (Hb 12.7,10,11). As cicatrizes ligam-se à santidade. A dor tem um efeito educacional.

Dor educacional? Isto soa muito brutal! Mas ela é algo muito real! “Que filho há que o pai não corrige?” Pais que realmente amam seus filhos gastam tempo em sua disciplina, quando jovens, para que possam, um dia, ser adultos que irão deixá-los orgulhosos. Esta é a pura verdade. Qual é a alternativa? “Se estais sem correção (...) sois bastardos e não filhos” (Hb 12.8). O cenário triste, no qual o pai biológico não assume a responsabilidade pelo bem-estar de seus filhos ilegítimos (e dos legítimos também, em alguns casos), era tão familiar no mundo antigo quanto o é no mundo atual. O fato é que, sem a santidade que vem por meio da disciplina de Deus, “ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14). Mas se Deus está usando o problema para nos treinar na área da retidão, aqui e agora, isto mostra que ele está nos preparando para uma eternidade de alegria com o nosso Senhor Jesus Cristo sentado à sua destra. É assim que o nosso Santo Pai, no céu, trabalha para o nosso bem.

A educação divina, que estamos discutindo agora, tem dois lados. O primeiro foi expressado por George Whitefield, o famoso evangelista do século 18 que falou do nosso bondoso Senhor colocando espinhos em nossas camas para evitar que, como aconteceu com os discípulos no Getsêmani, não sejamos achados dormindo, quando deveríamos estar vigiando e orando. Assim como o desconforto corporal nos mantém acordados fisicamente, a ausência de situações confortáveis e contentes nos manterão espiritualmente alertas.

O segundo lado é revelado pela palavra dada por Jesus a cada um que queira ser seu discípulo, quando disse: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se

negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me” (Lc 9.23; cf. 14.27). As únicas pessoas, nos dias de Jesus, que carregavam suas próprias cruzes eram os marginais, escravos ou não-judeus, condenados a levá-las até o lugar de sua crucificação. Eles eram pessoas que tinham perdido os seus direitos civis e a quem a sociedade havia declarado que os preferia ver mortos, cujo sofrimento iminente – e devemos nos lembrar que a crucificação era a forma mais cruel de execução – não motivaria ninguém a fazer nada por eles. Jesus, ao final de sua vida, literalmente, juntou-se a esta categoria. Mas o que ele estava dizendo, nas palavras mencionadas anteriormente, era que, moralmente, já se encontrava crucificado, pela atitude negativa do povo em relação a ele. Os seus seguidores, então, precisavam também, claramente, aceitar tal atitude negativa da comunidade ao seu redor, pois isto é o que acontecerá se eles forem leais ao Senhor.

Este é o significado real do “negar-se a si mesmo” – não um simples retorno à alguma forma de comodismo privado, mas uma submissão total do desejo natural de ter um bom status, aceitação e respeito. Implica em estar preparado para ser rejeitado como alguém sem valor e dispensável e destituído dos seus próprios direitos.

Schmidt, corretamente, enfatiza este ponto:

Em sua primeira epístola, Pedro escreve: “Se quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus” (1Pe 2.20). Ele começa o versículo seguinte, dizendo: “Porquanto, para isto mesmo fostes chamados” (1Pe 2.21), e segue descrevendo o exemplo de Cristo. O sofrimento construtivo, ou a dor educacional, é essencial em uma vida de fé. O apóstolo Paulo também expressa esta mesma idéia. Em Romanos 8.17, ele faz do sofrimento uma condição da herança eterna, chamando os cristãos de “co-herdeiros com Cristo”. Se, de fato, “com ele sofreremos, também com ele seremos glorificados”. Em Filipenses 1.29, Paulo escreve que “vos foi concedida a graça de padecerdes por Cristo, e não somente de credes nele”.⁴

O sofrimento é, então, visto como uma vocação que nos prepara para a glória com Cristo ao nos aproximar da santidade de ser como Cristo, em nossa reação à nossa experiência de querer o que não temos, enquanto tendo o que não queremos.

A palavra grega traduzida por “experiência”, em nossa tradução Revista e Atualizada, é *dokime*, que, muitas outras versões, traduzem por “caráter”. Estritamente falando, este termo expressa o pensamento complexo de uma qualidade provada, reconhecida e aprovada como tal, por uma pessoa ou grupo interessado – neste caso, o próprio Deus. A razão pela qual *dokime* traz esperança (confiança de que a alegria e a glória com Cristo serão a nossa herança final) não é a de

que as pessoas que permaneceram firmes, ao longo dos momentos de abundância e de penúria, podem, agora, expressar votos de confiança nelas mesmas, mas que o Deus, a quem elas servem, gera dentro delas uma convicção de que, pela força dele, elas foram aprovadas nos testes que ele mesmo impôs. Sua paciência, ao mostrarem lealdade a ele, mesmo diante da pressão que passaram, foi, na verdade um dom de Deus para elas, e isto as deixou mais fortes do que nunca. Os cristãos que têm passado por tempos difíceis por causa do Senhor são produtos testados, de qualidade comprovada. *Dokime* indica este estado de experiência triunfante, com o selo da aprovação divina estampado sobre eles.

Paulo diz que *dokime* produz esperança. Nosso entendimento da glória da vida por vir é aprimorado e nosso desejo por ela é intensificado, em ambos os casos, como uma derivação espontânea do conhecimento da aprovação divina e como um fruto direto do entendimento de que a agonia tem, de fato, aumentado a nossa capacidade de nos alegrar na glória final, quando ela acontecer. Paulo é bastante claro a respeito disto, em 2 Coríntios 4.17,18, quando, falando a partir de suas experiências de ter a vida posta em risco (1.8-10), ele diz, não com ironia, mas expressando sua honesta avaliação retrospectiva: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas cousas que se vêem, mas nas que se não vêem; porque as que se vêem são temporais, e as que se não vêem são eternas”. Naturalmente, não é o pensamento de Paulo, que o sofrimento conduz à glória, no sentido de que o trabalho gera o salário; nem que cria a glória, no sentido de que o escultor cria a estátua. A sua intenção é deixar claro que, da mesma maneira que uma pessoa, após ter passado por enfermidades e dor, aprecia muito mais a saúde do corpo, o sofrimento nos deixa mais preparados do que estávamos antes para apreciar a glória que há de vir. O texto de Romanos 8 contém uma avaliação e testemunho semelhantes: “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós (...) E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo (...) Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos”. Como parte integral na formação do caráter cristão, que o fogo do sofrimento aprimora, está a profunda paixão pela alegre esperança e esperançosa alegria.

Esta paixão, que podemos ver fortemente presente, tanto em Cristo quanto em Paulo, também achava-se presente em Moisés. “Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto

considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, *porque contemplava o galardão* (Hb 11.24-26, grifo meu). Deixemos Moisés ser um exemplo de vida para nós em termos da nossa esperança de descobrir, como Paulo disse, que, como a ausência faz aumentar a paixão do coração, assim também a pressão faz a esperança mais luminosa. Quando os cristãos perseveraram, mesmo diante dos sofrimentos, no poder do Espírito Santo, o resultado normal é a esperança ainda mais radiante.

2. Nosso Sofrimento Glorifica a Deus. Ele alcança este fim em duas maneiras, correspondendo ao sentido bíblico duplo de “glória” e “glorificar a Deus”. Primeiro, “glória” significa a revelação divina dos seus atributos para as suas criaturas – sua sabedoria, poder, justiça e amor que, separadas ou em conjunto, fazem-no digno de louvor. Além disso, ele é “glorificado” quando, por palavras e ações, mostra estas qualidades às suas criaturas racionais. Segundo, “glória” também significa o louvor agradecido, adorador, submisso e devoto que suas criaturas lhe prestam quando vêem os seus atributos, que são todos dignos de louvor. Desta maneira, ele é “glorificado” quando, responsivamente, o exaltamos. Em Efésios 1.3, Paulo fala dos dois sentidos similares de “bênção”. “Bendito seja o Deus (...) que nos tem abençoado (...)”. Deus é abençoado pelas nossas palavras de louvor. Deus nos abençoa com as suas palavras de poder. O pensamento teria sido essencialmente o mesmo se Paulo tivesse dito: “Dê glórias a Deus ao mostrar sua glória nas bênçãos que ele lhe tem dado em Cristo”.

Em tempos de fraqueza e aflição, falando como cristão, Deus é glorificado em ambos os sentidos. Por um lado, ele revela as riquezas gloriosas dos seus recursos em Cristo quando nos mantém no caminho, de tal maneira que as pressões tremendas não nos esmagam, mesmo quando parecem estar nos esmagando. Paulo celebra o fato de que ele, e os seus colegas de apostolado, são “em tudo atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos (...) castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres” (2Co 4.8,9; 6.9,10). Ele explica que o propósito de Deus nestas pressões é deixar claro que todo o poder sobrenatural do Cristo ressurreto e sua graça capacitadora acompanharão os santos, habilitando-os a continuar na caminhada em situações onde pareceria impossível à qualquer pessoa seguir adiante. Uma fábrica de lâmpadas britânica tem como lema a frase que diz: “continua trabalhando, mesmo quando todas as outras já pararam”. O que Paulo está nos dizendo é exatamente isso. Deus nos mantém no caminho, mesmo quando todos os outros já tiveram de parar.

A respeito da ação auto-glorificadora de Deus nos santos que sofrem, Paulo tem este entendimento: “Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós... levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal. De modo que, em nós, opera a morte (...)” (2Co 4.7,10-12). De um modo semelhante, com relação ao misterioso “espinho na carne”, ele escreve: “Então, ele me disse: *A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza* (grifo meu). De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias, por amor de Cristo. Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte” (2Co 12.9,10). Quando os recursos naturais falham na vida dos servos de Deus, o apoio sobrenatural se manifesta.

Esta experiência não é algo especial, reservado somente para pessoas especiais, na família de Deus. Muito pelo contrário, é uma promessa de Deus para todo o seu povo. Isto está implícito nas palavras de Paulo, ditas anteriormente aos coríntios: “Não vos sobreveio tentação que não fosse humana; mas Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar” (1Co 10.13). As tentações são locais e ocasiões de decisão nas quais Satanás age para nos diminuir, por meio de derrotas, enquanto Deus age para nos edificar por meio da experiência da vitória. A dor, aflição, desapontamento, temor e exaustão interior que são, frequentemente, parte da experiência da tentação, nos isolam dos que, ao que parece, estão sem problemas. Elas nos fazem sentir que o que enfrentamos e experimentamos é pior do que o que qualquer pessoa jamais tenha experimentado. Mas as coisas não são assim. Haverá sempre “graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.16) em todas as ocasiões que a buscarmos. Qualquer que seja a experiência dura, o poder está ali, para impedir o colapso do cristão. Por causa da fidelidade de Deus, ao prover do seu poder sobrenatural para todos aqueles que estão em Cristo, eles podem suportar a provação, vencer a tentação e se manter no caminho. E, neles, Deus glorifica, de forma majestosa, a si mesmo.

O outro lado da questão é modelado nos Salmos (Sl 4-7; 22; 34; 38; 40-43, para iniciantes) e por Paulo e Barnabé, cantando hinos em sua cela, com os pés acorrentados, após terem sido chicoteados em Filipos (At 16.23-25). A resposta correta para a pressão é o louvor e a oração. Quanto maior for a oposição, mais

forte deve ser o louvor. É por meio do louvor e da petição que vem a ajuda. É por meio do louvor, sobre e acima da petição, que nós, quer estejamos nas profundezas e no fogo, ou nos momentos de quietude, honramos e glorificamos a Deus de uma forma mais direta. O louvor produz a força para perseverar quando glorifica a Deus, nossa fortaleza. O poema exortativo de Richard Baxter (agora um hino famoso) diz:

Vocês, santos, que labutam aqui embaixo,
Adorem o seu Rei celestial,
E caminhando sempre para a frente
Cantem alguns hinos alegres.
Aceitem o que ele lhes dá,
E continuem a louvar
Nos momentos bons e maus,
Aquele que vive para sempre!

Minha alma, faze tu, a tua parte,
O triunfo está acima, em Deus,
E com um coração bem sintonizado
Cante, tu, as canções de amor!
Deixe que todos os teus dias
Até a vinda se findar,
Não importando o que ele envie,
Sejam preenchidos com louvor.

Baxter foi um puritano inglês e, como a maioria dos puritanos, ele sofreu durante a maior parte de sua vida, morando em casas muito inadequadas, com uma saúde fragilizada, enfrentando a hostilidade da comunidade, o ostracismo social, político e eclesiástico, dificuldades financeiras e várias perseguições. Os puritanos entenderam (o que muitos de nós, hoje, não conseguimos entender) que os cristãos não são chamados para ser pessoas agradáveis no mundo, de acordo com a idéia que o mundo tem de pessoas agradáveis. Em vez disso, eles devem ser a contracultura do Senhor, vivendo com motivações, propósitos e valores diferentes daqueles do mundo, porque a sua lealdade é para com Deus. Quando os cristãos agem em uma maneira que a sociedade acha estranha e julgadora, ela arranjará um jeito de vir contra eles. Os puritanos experimentaram isto – consequentemente, ainda hoje circulam idéias maliciosas a respeito deles na mente de pessoas que deveriam conhecê-los melhor – e cristãos consistentes também experimentam. Vimos como John Geere, descrevendo o caráter de um antigo puri-

tano inglês, em 1646, disse que ele tinha por moto de sua vida a frase “*Vincit qui patitur*”, ou “o que sofre, conquista”.⁵ Realmente, parece que entre todos os protestantes, desde os dias da Reforma, nenhum se igualou aos puritanos na dura jornada que tiveram de trilhar. Mas Baxter não foi o único puritano que, seguindo a liderança de Davi, no Salmo 34.1, louvou ao Senhor em todo o tempo, bem como, pela disciplina (que era para os puritanos, um prazer, e pode ser para nós também), persistentemente glorificou a Deus. Ao fazer isto, ele encontrou a força que necessitava para continuar firme na obra de Deus.

3. O Sofrimento Satisfaz a Lei da Colheita. Esta é a lei que diz assim: antes que haja bênçãos em todos os lugares, haverá, primeiro, sofrimentos em alguns lugares. As Escrituras não explicam isto, mas nos apresentam esta verdade como um fato. Jesus anunciou esta lei pela primeira vez, quando ele declarou, falando de seu próprio ministério: “Se o grão de trigo, caindo na terra, não morrer, fica ele só; mas, se morrer, produz muito fruto” (Jo 12.24). Os muitos frutos, neste caso, seriam os muitos milhões para os quais sua cruz significaria uma nova vida. Então, tendo dito (v. 25) que o ato de segui-lo exigiria uma boa vontade em perder a própria vida, ele declara: “Se alguém me serve, siga-me” (v. 26). A implicação natural é que ele requer de todos os que são seus, que vivam pela mesma lei da colheita, pela qual ele mesmo viveu, tornando-se a semente que morre para que possa dar fruto. Cada experiência de dor, aflição, frustração, desapontamento e ferimentos produzidos por outros é, em certo sentido, uma pequena morte. Quando servimos ao Salvador em nosso mundo, morremos muitas vezes desta maneira. Mas a chamada que recebemos é para que persistamos, pois Deus santifica a nossa perseverança para produzir frutos na vida dos outros.

A percepção de Paulo sobre este princípio é refletida em várias das suas informações a respeito do seu próprio ministério. Ele diz: “Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja” (Cl 1.24). Penso que ninguém duvida de que estas aflições são para a edificação e não para a propiciação dos cristãos. Paulo está afirmando a ligação que existe entre os seus problemas (ele estava escrevendo da prisão) e o progresso da obra de Cristo, de edificação da sua igreja. Em uma carta paralela, também escrita da prisão, ele chama a si mesmo de “o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios” (Ef 3.1). Aos coríntios, ele escreve: “De modo que, em nós, opera a morte, mas, em vós, a vida” (2Co 4.12). Para Timóteo, ele escreve: “Por esta razão, tudo suporte por causa dos eleitos, para que também eles obtenham a salvação que está em Cristo Jesus,

com eterna glória” (2Tm 2.10). Em cada um destes textos é deixado bastante clara a realidade de uma conexão entre seu próprio sofrimento e a bênção sendo derramada sobre outros, embora a natureza de tal conexão não seja definida com precisão.

Parte do significado do princípio, mesmo que não seja todo, é que, por meio da dureza da experiência, somos, por assim dizer, quebrados em pedacinhos para que cada pedaço do que somos possa se tornar alimento para a alma faminta – alimento, no sentido de um entendimento empático e de uma sabedoria sustentadora. É decisivamente útil, no ministério para outros, quando podemos dizer: “Sei o que você está sentindo. Também passei por isso. Mas Deus achou-me em meio a isso e me ensinou lições maravilhosas. Permita-me contar-lhe sobre elas”. Assim como Jesus, certa vez, explicou que a razão para um homem ter nascido cego não era a de alguma punição por algum pecado passado, mas o propósito presente de Deus de revelar o seu divino poder ao curá-lo (Jo 9.1-3), também a verdadeira resposta para a questão: “Por que isto está acontecendo comigo”?, freqüentemente será a de que não tem nada a ver com a purificação ou correção dos lapsos morais do passado. Na verdade, não tem nada a ver com o passado. Tem somente a ver com o uso que Deus planeja fazer do seu amanhã, e como você precisa estar preparado para isto. As experiências duras e amargas que agora lhe assolam, tais como a morte de uma pessoa querida, estão lhe preparando para ser um canal da vida de Deus para alguém. Portanto, você deve esperar que as dificuldades, de alguma maneira, continuem por toda a sua vida, como Jesus mesmo disse: “Todo ramo que, estando em mim (a videira), não der fruto, ele (o Pai) o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda” (Jo 15.2). Este é o modo de operação da lei da colheita.

Vemos esta lei ensinada mais detalhadamente em Isaías 50.4-9, em uma das canções do Servo Sofredor, que aponta, profeticamente, para o sofrimento e glória de Jesus. Esta canção é, em primeira instância, o próprio testemunho do profeta. Ela começa dizendo: “O Senhor Deus me deu língua de eruditos, para que eu saiba dizer boa palavra ao cansado”. Ela continua: “Ofereci as costas aos que me feriam e as faces, aos que me arrancavam os cabelos; não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam (...) Eis que o Senhor Deus me ajuda”. A implicação do texto é que a palavra que sustenta o cansado apenas é conhecida por meio da experiência de crueldade e brutalidade dos outros. Isaías reúne estas duas coisas, porque as mesmas fazem parte de um único pacote.

Ainda mais clara é a frutificação do sofrimento para o ministério, ilustrada pela experiência do próprio Senhor Jesus. Ele, que foi “tentado em todas as coi-

sas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15), é agora, como resultado disto, “poderoso para socorrer os que são tentados” (Hb 2.18). Acima e além do significado salvador de sua obediência perfeita ao Pai, como o segundo cabeça da nossa raça, a pressão que veio sobre ele, ao resistir a tentação (penso dos seus dias no deserto, no início do seu ministério e suas horas no Getsêmani, perto do final), preparou-o para ministrar ajuda para nossa alma sofrida de uma maneira que nunca seria uma realidade se as coisas com ele tivessem acontecido de um modo diferente. Se este foi o caminho que o Mestre seguiu, não devemos nos maravilhar diante do fato de que os seus servos o devem igualmente trilhar.

William Booth, o fundador e general do Exército da Salvação, em um dos anos que serviu à frente daquela denominação, deu ao seu “exército” a frase-lema para aquele período, que resumia-se a uma só palavra: “Outros”. Ninguém poderia imaginar um lema mais cristão do que aquele. Mas, o serviço ao Senhor por meio da busca do bem dos outros, ajudando-os em suas necessidades, implicará em uma anulação da nossa parte, no processo da providência divina, para o benefício de outros. Agostinho expressou isto ao dizer que os servos de Deus têm de ser “quebrados e distribuídos” para alimentar os famintos. Oswald Chambers também elaborou este pensamento ao declarar que Deus transforma seus agentes em pequenos pedaços de pão e encharca-os de vinho. Assim é que acontece, e devemos estar prontos para suportar isto. A verdadeira santidade, que é centrada em Cristo e orientada para o serviço aos outros, aceita isto sem contestação.

Paulo foi um homem santo e, portanto, longe de se ressentir diante de suas muitas provações (2Co 11.23-33), alegrou-se, publicamente, por poder ver este princípio acontecendo em sua própria vida: “Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação, para podermos consolar os que estiverem em qualquer angústia, com a consolação com que nós mesmos somos consolados por Deus (...) Mas, se somos atribulados, é para o vosso conforto e salvação; se somos confortados, é também para o vosso conforto” (2Co 1.3-6). Paulo estava contente em diminuir para que os outros pudessem crescer.

A maneira de tratar com o sofrimento, em qualquer de suas formas – da irritação mais leve à agonia mental e física que nos absorve e amassa ao ponto de gemermos e gritarmos – é oferecê-lo ao Deus que o permitiu, dizendo-lhe para fazer o que desejar dele e de nós, por meio dele. A oração contemplativa é, frequentemente, descrita como uma amorosa guardiã sem, naquele momento, nenhuma palavra falada ou pensamento ativo. Também é uma oração contemplativa quando o guardião aparenta estar submisso em um momento quando todo o poder

do pensamento e discurso foi consumido pela dor. Jesus, na cruz, é o modelo disto. O Pai, como aprendemos, santificou o sofrimento de Jesus, aceitando-o como o preço do resgate por nós (Mt 20.28; 1Co 6.20), como o nosso exemplo de vitimada inocência (1Pe 2.20-23) e como a experiência do que vai adiante de nós, ensinando, na prática, o custo da obediência (Hb 5.8). Da mesma forma, o Pai também santifica o nosso sofrimento, como vimos, para o aperfeiçoamento e refino do nosso caráter cristão, para uma demonstração, em nós, do poder sobrenatural, e para nossa própria frutificação no serviço aos outros. Uma faceta da santidade de Jesus foi o seu desejo de sofrer todo tipo de dor para a glória do seu Pai e o benefício dos outros. Uma faceta da santidade, nos discípulos de Jesus, é o desejo de ser conduzido por um caminho paralelo ao dele.

FIRMEZA: CORAGEM COM PERSISTÊNCIA

Pobre Rocky. Ele perdeu o controle.

Você poderia pensar, ao ouvir o nome Rocky, que ele se referia a um homem forte – um boxeador, um segurança ou alguma outra pessoa de alguma dessas profissões que exigem homens fortes. Mas não. Rocky é um pequeno cachorro preto que tem a forma de um barril e que é levemente peludo. Ele se move lentamente, tem um nariz amassado e uma grande cauda, quase maior que o seu corpo. Meu filho, que o trouxe para casa ao voltar da escola quando era bem pequeno, o identificou como um cachorro Barge Norueguês. Todos nós pensamos que ele era uma mistura de – bem, isto e aquilo! Em uma maneira que lembra o urso impaciente de Christopher Robin, ele é um cachorro de cérebro muito pequeno. Não que isto o denigra, mas ele necessita ter uma mente mais astuta. Ele era uma pequena criatura muito viva até o momento em que tentou caminhar sobre a água, ou mais precisamente, não conseguiu andar sobre ela. Aí, então, a sua moral entrou em colapso e ele virou um medroso desde então, com os olhos amedrontados revelando um coração cheio de temor. Pobre Rocky.

A primeira vez, ele estava com a cabeça erguida. Ele estava caçando um passarinho. A estrada, ao lado do lago, estava alguns centímetros acima do nível da água. Ele, claramente, não tinha observado o formato da área e correu até o limite da terra. Por um momento, assim me disseram os que viram o acontecido, as suas pernas dianteiras ficaram no vazio e ele tinha uma expressão surpresa, daquele tipo que você raramente vê. Então, como Piglet, na história do urso impaciente, ele ficou completamente cercado pela água, e mexeu-se todo, encharcando-se até os ossos. A segunda vez ele estava muito ocupado, se movendo no meio

das rochas da beira do mar e, ao ver um mato verdinho e tenro entre duas rochas, pensou que a terra era firme, mas para sua decepção, não era. Assim, lá se foi ele, mais uma vez. Agora, ele suspeita do universo e acha que a água é algo muito perigoso na qual não se deve confiar em hipótese alguma. Isto vai muito além de odiar tomar um banho, embora ele realmente não tolere um bom banho. Mas hoje, quando o barulho da tempestade é ouvido fora de casa, particularmente quando acompanhado de trovões, ele corre para junto das pessoas e fica tremendo aos pés de alguém. Quando ele está no carro e está chovendo, ou quando o carro passa por cima de poças d'água, ele late, geme e se agita, como uma alma em tormento. É claro que lhe falta firmeza. Uma vez mais, tenho que dizer: pobre Rocky.

Firmeza, a quarta das quatro virtudes cardeais, na teologia moral medieval, significa muito mais do que uma valentia. A valentia pode ser desregulada e fracassar, mas a firmeza é uma mistura de coragem e perseverança. Ela permanece. A fé promove a firmeza ao manter, diante de nós, nossa esperança prometida, da qual falamos algumas páginas atrás (1Co 15.58; Hb 3.6; 6.19,20; 10.23-25; 12.1-13). A idéia de firmeza vem de Aristóteles, mas o poder para praticá-la vem somente do Evangelho por meio do exercício da fé e esperança em Jesus.

A fé também promove a firmeza ao receber, realisticamente, a garantia divina de que a dor e o confronto devem ser esperados no decorrer da nossa peregrinação e, por isso, deve ser promovida a indução à pureza de coração naqueles que estão debaixo da pressão e angústia do sofrimento. Como Kierkegaard declarou em um título de um de seus livros, “a pureza de coração é ter um único desejo” – e aquela coisa é o domínio e a glória de Deus. Esta pureza, que também é mencionada nas Escrituras como a simplicidade de coração, unida a uma visão firme, avança por meio da experiência da aflição. Dr. Samuel Johnson, o sábio inglês do século 18, certa vez observou que quando um homem sabe que vai ser executado, ele se concentra, extraordinariamente, nas noites que antecedem a execução. Para os cristãos, uma percepção de que a vida para a qual Deus os está conduzindo é a contrapartida espiritual da famosa frase de Winston Churchill: “sangue, fadiga, lágrimas e suor” produz um efeito semelhante. Os atrativos mundanos tornam-se muito menos atraentes, e eles sabem, com grande clareza de mente, que uma caminhada mais próxima e dependente do Pai e do Filho, recebendo deles o poder e a força, por intermédio do Espírito Santo, é o que precisam e o que desejam. Assim, em situações de sofrimento, a fé purifica o coração.

Três versículos do Salmo 119 testificam a favor desta verdade. 1) “Antes de ser afligido, andava errado, mas agora guardo a tua palavra” (v. 67). As experiências duras, que por si só poderiam indicar o desprazer divino, nos desafiam ao

arrependimento em relação ao nosso passado descuidado e impensado para que nos tornemos mais conscientes da vontade do Pai. 2) “Foi bom eu ter passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos” (v. 71). É como se dissesse, em outras palavras: eu não via claramente o que o Senhor queria para a minha vida, nem o que o modelo de comportamento, do qual a Bíblia fala, realmente envolvia, até os problemas baterem à minha porta. Mas, agora, entendo melhor. E, finalmente, 3) “Bem sei, ó Senhor, que os teus juízos são justos e que com fidelidade me afligiste” (v. 75). A fidelidade de Deus consiste em sua disposição de não aceitar que seus filhos deixem de receber qualquer uma das maravilhas da comunhão com ele mesmo, que tem reservado para eles. Por isso ele os aflige, para fazê-los depender ainda mais dele, objetivando o cumprimento do seu propósito de trazê-los mais para junto de si em uma profunda comunhão.

John Newton, de uma maneira inesquecível, expressou este lado da santificação:

Pedi ao Senhor para crescer
Em fé, amor e graça,
E conhecer muito mais de sua salvação
E procurar, mais dedicadamente, a sua face.

Foi ele quem me ensinou, assim, a orar,
E ele, creio eu, respondeu a minha oração;
Mas, foi de uma tal maneira,
Que quase me levou ao desespero.

Eu esperava que em apenas algumas horas
Ele responderia todos os meus pedidos,
E pelo poder constrangedor do seu amor
Subjugaria todos os meus pecados e me daria descanso.

Em vez disso, ele me fez sentir
O mal escondido em meu coração,
E deixou os poderes irados do inferno
Assaltar cada parte da minha alma.

De fato, ele pareceu, com sua própria mão,
Planejar agravar o meu sofrimento,
Destruindo todos os desejos honestos que planejei,
Explodindo os meus frutos e pondo-me para baixo.

“Senhor, o que é isto?”, tremendo, clamei,
“Vais tu, matar este verme?”
“Esta é a maneira”, respondeu o Senhor,
“Pela qual respondo a oração por graça e fé”.

“Uso estas provações interiores
Para livrá-lo do ego e orgulho,
E quebrar os seus esquemas de alegria terrena,
Para que possa buscar a verdadeira alegria em mim”.

Dois exemplos da firmeza, que é parte integral da santidade, podem ser dados como conclusão. O primeiro, é Mabel, uma senhora idosa, de 89 anos, cega, surda, assolada por doenças, entre as quais o câncer, a quem Thomas Schmidt encontrou em uma casa de convalescência, onde ela já vivia, deitada em uma cama, por 25 anos. Ele lhe perguntou qual eram os seus pensamentos durante aqueles longos dias e noites. “Ela disse: Penso em Jesus (...) Perguntei: O que a senhora pensa a respeito de Jesus? Ela respondeu lenta e deliberadamente para que eu pudesse escrever. E isto foi o que ela disse: Penso no modo como ele foi bom para mim. Ele foi tremendamente bom para mim ao longo de toda a minha vida (...) Sou uma daquelas pessoas que está sempre satisfeita (...) Muitas pessoas não se importariam com o que penso. Muitos pensam que sou um tipo de velha-guarda. Mas não me importo com isto. Prefiro ter a Jesus. Ele é tudo no mundo para mim”.⁶ Schmidt afirma que, verdadeiramente, Mabel tinha poder – o tipo de poder que Paulo pediu, em oração, para ser concedido aos cristãos de Éfeso para que pudessem “compreender, com todos os santos, qual é a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo” (Ef 3.18,19). Cito Mabel porque penso que ela é um bom exemplo de firmeza: coragem com perseverança. O poder e a firmeza são dois ingredientes importantes em uma santidade cristã autêntica. “Sem dor, sem ganho”, mas, por meio da dor, grande conquista.

Meu segundo exemplo é Terry Waite, um refém britânico, libertado depois de mais de cinco anos de cativo no Líbano, onde permanecia acorrentado na parede de seu quarto quase o dia inteiro. Em uma entrevista, ele disse: “Resolvi, estando no cativo, e ainda continuo determinado a converter esta experiência em algo que será útil e bom para outras pessoas. Entendo que esta é a maneira correta de tratar com o sofrimento. O que ela faz é capacitá-lo para suportá-lo, encará-lo e, finalmente, convertê-lo”.⁷ Aqui, também, está um testemunho claro do ganho por meio da dor, que pertence ao reino da santidade autêntica.

Estamos vivendo uma época de facilidades no Ocidente; uma época na qual a tranqüilidade e o conforto são vistos, pelo mundo, como os supremos valores da vida. O progresso e os recursos médicos trouxeram o povo secularizado para um ponto onde eles sentem que têm direito a uma vida longa e direito de ser livre da pobreza e dor por toda a vida. Muitos desenvolvem uma grande amargura contra Deus e a sociedade, se estas esperanças não se materializam. Nada, no entanto, como vimos, poderia estar mais longe da santidade dura, verdadeira e difícil de alcançar, que é expressada no Cristianismo bíblico.

Paulo, como dissemos anteriormente, era um homem verdadeiramente santo. Ele deve ter a última palavra, ao pôr-se a si mesmo na linha, com relação à maneira cristã de viver:

“Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as cousas e as considero como refugo, para conseguir Cristo (...) para o conhecer, e o poder de sua ressurreição, e a comunhão dos seus sofrimentos, conformando-me com ele na sua morte; para, de algum modo, alcançar a ressurreição dentre os mortos. Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus. Irmãos, quanto a mim, não julgo havê-lo alcançado; mas uma cousa faço: esquecendo-me das cousas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus. Todos, pois, que somos perfeitos, tenhamos este sentimento; e, se, porventura, pensais doutro modo, também isto Deus vos esclarecerá. (Ef 3.8,10-15)

Maduro? Ah, sim, eu sei! Sou uma criança boba, que tropeça e se atrapalha, e tropeça de novo, dia após dia. Pai Santo, Santo Filho, Santo Espírito, preciso de sua ajuda. Senhor, tenha misericórdia de mim. Mantenha-me firme e pronto. Por favor, comece agora. Amém.

Notas

Capítulo 1

QUAL A DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DA SANTIDADE?

1. Veja também J. I. Packer, *God's Words: Studies of Key Bible Themes* (Grand Rapids: Baker Book House, 1988), capítulo 14: "Holiness and Sanctification", 169-179; *Keep in Step with the Spirit* (Old Tappan: Fleming H. Revell, 1984), capítulos 3,4; 94-169.
2. J. C. Ryle, *Holiness* (Welwyn: Evangelical Press, 1979 [Edição Centenária], 34-37.
3. Richard Baxter, *Poetical Fragments* (1681).
4. G. W. Allport, *Pattern and Growth in Personality* (Nova York: Holt, Rinehart and Winston, 1961), 34.
5. Chris Brain e Robert Warren, "Why Revival Really Tarries – Holiness", *Renewal*, 181 (junho de 1991), 35; citando James Philip, *Christian Maturity* (Londres: InterVarsity Press, 1964), 70. Tentei enfatizar brevemente o mesmo ponto em *Knowing Man* (Westchester: Cornerstone, 1979) e mais profundamente com Thomas Howard, em *Christianity: The True Humanism* (Dallas: Word Books, 1985).
6. Philip, *Christian Maturity*, 65.
7. Philip, *Christian Maturity*, 67-69.
8. Veja John MacArthur, Jr., *The Gospel According to Jesus* (Grand Rapids: Zondervan, 1988); Richard P. Belcher, *A Layman's Guide to the Lordship Controversy* (Southbridge: Crowne Publications, 1990); J. I. Packer, "Understanding the Lordship Controversy", em *Table Talk* (Ligonier Ministries), (maio de 1991), 7.

Capítulo 2

EXPLORANDO A SALVAÇÃO: É NECESSÁRIO SER SANTO?

1. Lane Adams, *How Come It's Taking Me So Long to Get Better?* (Wheaton: Tyndale House, 1975).
2. Veja *Keep in Step with the Spirit*, 94-169, especialmente 145-64; John MacArthur, Jr., *Our Sufficiency in Christ* (Dallas: Word Publishing), 191-209.
3. Veja Romanos 5.1,10; Efésios 4.32; Colossenses 1.13; 1 João 1.3.
4. Veja J. I. Packer, *Keep in Step with the Spirit*, 170-234; "Charismatic Renewal: Pointing to a Person and a Power", *Christianity Today* (07 de março de 1980),

- 16-20; "Piety on Fire", *Christianity Today* (12 de maio de 1989), 18-23.
5. J. R. W. Stott, *The Epistles of John* (Londres: Tyndale Press e Grand Rapids: Eerdmans, 1964), 119. Ele cita Robert Law, *The Tests of Life* (Edinburgh: T. & T. Clark, 1909).

Capítulo 4

UMA VISÃO PANORÂMICA DA SANTIDADE

1. Stephen Neill, *Christian Holiness* (Londres: Lutterworth Press, 1960), 114.
2. Neill, *Christian Holiness*, 118.
3. *Keep in Step with the Spirit*, 93-115.
4. Veja Kenneth Leech, *Soul Friend: The Practice of Christian Spirituality* (Londres: Sheldon Press, 1977; São Francisco: Harper & Row, 1980); Tilden H. Edwards, *Spiritual Friend: Reclaiming the Gift of Spiritual Direction* (Nova York: Paulist Press, 1980).
5. Minha crítica sobre estas formulações está apresentada em *Keep in Step with the Spirit*; veja, especialmente, 132-145, 202-228.
6. João Calvino, *Institutas da Religião Cristã*, I, xi.
7. Veja Regin Prenter: *Spiritus Creator* (Filadélfia: Muhlenberg Press, 1953); Paul Althaus, *The Theology of Martin Luther* (Filadélfia: Fortress Press, 1966), Index, s.v. God the Holy Spirit.
8. Veja J. I. Packer, *A Quest for Godliness* (Wheaton: Crossway Books, 1990); *Among God's Giants* (Eastbourne: Kingsway, 1991); Leland Ryken, *Wordly Saints* (Grand Rapids: Zondervan, 1986).
9. John Owen, *Of the Mortification of Sin in Believers: Works*, org. William H. Gould (Londres: Banner of Truth Trust, 1966), VI, 79.
10. *Keep in Step with the Spirit*, obra citada.
11. R. Kent Hughes, *Disciplines of a Godly Man* (Wheaton: Crossway Books, 1991), 206.
12. John Gere, *The Character of an Old English Puritane or Nonconformist* (1646); citado por Gordon Wakefield, *Puritan Devotion* (Londres: Epworth Press, 1957), x.

Capítulo 5

HUMILHANDO-SE PARA CRESCER: A VIDA DE ARREPENDIMENTO

1. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.* (Cambridge: Parker Society, 1848), 30.
2. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 32-35.
3. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 36. John Foxe, o martirologista, escrevendo, ao que parece independentemente, diz que as últimas palavras audíveis de Bradford, ao ocupar o seu lugar na estaca, foram: "Ó Inglaterra, Inglaterra, arrependa-te dos teus pecados": *Acts and Monuments* (Londres: Seeley & Burnside, 1836-1847), VII, 194.

4. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 33.
5. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 36.
6. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 224.
7. Compare a confissão congregacional de Cranmer, que inicia os seus cultos de oração matinais e noturnos: “Erramos e nos afastamos dos teus caminhos como ovelhas perdidas (...) não temos saúde. Mas tu, ó Senhor, tenha misericórdia de nós, ofensores miseráveis. Não puna, Senhor, aqueles que confessam os seus pecados. Restauraes aos que são penitentes”. Compare também sua série de Quarta-feira de Cinzas: “Cria em nós um coração novo e contrito, no qual estimemos o lamento de nossos pecados, e que, ao reconhecermos a nossa miséria, possamos obter de Ti, o Deus de toda misericórdia, a remissão e justificação perfeita”.
8. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 35.
9. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 34.
10. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 14.
11. *Writings of John Bradford: Sermons, etc.*, 22.
12. *Writings of John Bradford: Letters, etc.* (Cambridge: Parker Society, 1848), 10, 20, 31, 34.
13. *Breve Catecismo de Westminster*, resposta 87. Compare com a *Confissão de Fé de Westminster*, XV, “Do Arrependimento para a Vida”. “O arrependimento para a vida é uma graça salvadora, a doutrina que deve ser pregada por todo ministro do Evangelho, bem como a da fé em Cristo. Por ela, o pecador, tem uma percepção e consciência não apenas do perigo, mas também da imundície e odiosidade de seus pecados, em oposição à natureza santa, e da lei justa de Deus; e sobre a gratidão pela misericórdia de Deus em Cristo para com ele, ele se arrepende, se enche de tristeza e aversão por seus pecados, os abandona e volta-se para Deus (...) arrependimento (...) é de tamanha necessidade para todos os pecadores, uma vez que ninguém pode esperar o perdão sem ele”, (i-iii).
14. Prefácio, *Commentary on the Psalms* (1557).
15. *Institutas da Religião Cristã*, III, iii, 5.
16. *Confissão de Fé de Westminster*, XV, v.
17. Para maior discussão de Romanos 7.7-25, veja *Keep in Step with the Spirit*, 127, 159, 263.
18. Como exemplo dessa meditação, veja meu livro *Knowing God* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1973).
19. *Christian Holiness*, 128.

Capítulo 6

CRESCENDO NA SEMELHANÇA DE CRISTO: A EXPERIÊNCIA CRISTÃ SAUDÁVEL

1. Ryle, *Holiness*, 82-84. O autor reforça seu ponto de vista com as palavras do puritano Thomas Watson: “A verdadeira graça é progressiva, de uma natureza

expansiva e crescente. Ela se dá com graça e com luz: primeiro, ocorre o romper do dia; depois ele brilha forte até o meio-dia. Os santos não são apenas comparados às estrelas por sua luz, mas às árvores por seu crescimento (Is 61.3; Os 14.5). Um bom cristão não é como o sol de Ezequias que retrocedeu, nem como o de Josué que parou, mas está sempre avançando em santidade e crescendo no crescimento de Deus”.

2. Ryle, *Holiness*, 199ss.
3. Ryle, *Holiness*, 144.
4. Eric Liddell, *Disciplines of the Christian Life* (Londres: Triangle, 1985), 21.
5. J. M. Barrie, *Peter Pan* (Londres: Hodder & Stoughton, 1928), 111, 155.

Capítulo 7

CRESCENDO EM FORÇA: A VIDA CRISTÃ COM PODER

1. Veja *Keep in Step with the Spirit*, 191-209.
2. Alguns afirmam que a falta de tal promessa é uma garantia virtual de que eles não continuarão; veja, por exemplo, B. B. Warfield, *Counterfeit Miracles* (Londres: Banner of Truth, 1976).
3. C. S. Lewis, *Miracles* (Londres: Geoffrey Bles, 1947), título do capítulo 16.
4. Veja H. G. Haile, *Luther: an Experiment in Biography* (Princeton: Princeton University Press, 1980), 277-280.
5. Veja J. I. Packer, “The Means of Conversion”, *Crux*, XXV.4 (dezembro de 1989), 20.
6. J. R. W. Stott, *God’s New Society: The Message of Ephesians* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1979), 123.
7. Tom Smail, *The Giving Gift* (Londres: Hodder & Stoughton, 1988), 35.

Capítulo 8

A DURA CONQUISTA: A DISCIPLINA DA PERSISTÊNCIA

1. Veja, a este respeito, Peter Kreeft, *Making Sense out of Suffering* (Ann Arbor: Servant Books, 1986); Elisabeth Elliot, *A Path through Suffering* (Ann Arbor: Vine Books, Servant Publications, 1990); Joni Eareckson, *A Step Further* (Grand Rapids: Zondervan, 1978).
2. Tentei corrigir algumas das idéias erradas a respeito de Deus no livro *Knowing God* (Downers Grove: InterVarsity Press, 1973).
3. Thomas Schmidt, *Trying to be Good* (Grand Rapids: Zondervan, 1990), 131.
4. Schmidt, *Trying to be Good*, 130ss.
5. Packer, *A Quest for Godliness*, 151.
6. Schmidt, *Trying to be Good*, 182.
7. *Church Times*, 27 de dezembro de 1991, 2.

Guia de Estudo

Em *A Redescoberta da Santidade*, J. I. Packer expõe uma deficiência surpreendente e perturbadora de muitos cristãos ocidentais centrados na Bíblia: sua desconsideração pela santidade pessoal. “Isto não é uma tendência que se tenha esperado”, diz Packer – não dada a insistência bíblica de que os cristãos são chamados à santidade e que, sem santificação pessoal, ninguém agrada (e muito menos verá) ao Senhor. No entanto, diz ele, “é um fato escandaloso e triste” em que o presente interesse cristão, na verdade, deixou de se concentrar na santidade para enfatizar “alegria e realização, massagem do ego e técnicas para alcançar o sucesso, e questões públicas que não representam desafio algum para os princípios morais de uma pessoa” (p. 9).

A Redescoberta da Santidade não somente abre os nossos olhos para esta tendência triste como desenvolve uma maneira de revertê-la, começando conosco mesmos. Baseando-se na mina ecumênica de ensinamentos bíblicos “históricos”, mas “largamente esquecidos”, Packer apresenta uma explicação clara e atrativa da santidade pessoal, juntamente com uma sabedoria prática sobre como buscá-la. Com paixão e inteligência, ele apresenta a santidade como o chamado e a promessa divina para todo cristão sem exceção – a chave para a verdadeira saúde e alegria nesta vida e na futura.

O objetivo deste guia de estudo é ajudar o leitor deste livro a encarar este chamado com seriedade, assimilando e meditando nas idéias do autor, e aplicando-as à sua própria vida. O guia contém oito estudos, sendo cada um dividido em três partes: O “Objetivo” focaliza-se no ponto principal ou algo a ser considerado; as questões da seção “Revisão e Reflexão” garantem a compreensão das principais idéias do capítulo; a “Aplicação” convida o leitor a pensar no material apresentado em termos de sua própria vida e a responder ao ensino.

Este guia de estudo pode ser usado individualmente ou em grupo. Aqui estão algumas sugestões que se aplicam a ambos os casos:

1. Você pode ler o livro todo, e depois relê-lo usando o guia de estudo. Ou

você pode usar o guia de estudo por capítulo, enquanto faz a primeira leitura do livro.

2. Não se apresse em responder as questões. Elas irão guiá-lo através dos principais pontos de cada capítulo. Portanto, você aproveitará melhor sua leitura se refletir sobre elas, uma por uma. Algumas questões podem ser respondidas rápida e objetivamente, enquanto outras requerem uma opinião ou convidam a uma maior reflexão. As questões de “Aplicação” irão ajudá-lo a examinar sua vida à luz do material já estudado. Se uma seção não for suficiente para um estudo em particular, retorne ao assunto na seção seguinte.
3. Talvez você queira escrever suas respostas em um caderno ou usar um diário para manter a seqüência de idéias que chamam sua atenção. Também é importante anotar as orações, decisões e versículos bíblicos.
4. Mantenha sua Bíblia aberta. Procure as referências. Leia a versão mais longa de algumas das passagens citadas. Uma vez que a Bíblia é o fundamento do ensino apresentado neste livro, sua leitura esclarecerá e reforçará o que você está aprendendo.
5. E, por fim, ore. Como J. I. Packer menciona repetidas vezes, tornar-se santo não é algo que fazemos por nós mesmos. Um livro como *A Redescoberta da Santidade* pode expor um problema, convencer-nos, dar-nos o desejo de mudar e mostrar-nos o caminho. Mas sem o Espírito Santo agindo em nós, nunca progrediremos em nossa semelhança com Cristo, que é a verdadeira santidade.

Portanto, convide o Espírito Santo para estudar com você *A Redescoberta da Santidade*. Peça a ele para abrir-lhe olhos e coração e para formar em você o caráter de Jesus. Esteja aberto para a ação divina. Peça a Deus para usar os seus esforços pessoais com o intuito de trazê-lo mais para perto do alvo estabelecido na primeira carta de Pedro:

“Segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento, porque escrito está: Sede santos, porque eu sou santo”. 1Pe 1.15,16

Capítulo 1

QUAL A DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA DA SANTIDADE?

Objetivo: Considerar o significado da santidade pessoal e o chamado a estar “com Cristo na escola da santidade”.

Revisão e Reflexão:

1. Como os comentários iniciais de Packer (pp. 9-12) explicam o título deste livro? Quais são os propósitos e princípios que guiam sua tentativa de ajudar a reabrir a “estrada da santidade”?
2. Três verdades básicas são enfatizadas na frase “com Cristo na escola da santidade”. Você pode identificá-las? Qual é o ponto fundamental para progredir nesta escola?
3. Packer reforça sua definição de santidade citando uma descrição clássica e desafiadora de uma pessoa santa (pp. 16-18). O que você acha deste perfil? Você acredita que Cristo pode sobrenaturalizar a vida humana a este ponto?
4. Por que Packer insiste que a santidade começa no coração? Como este foco é uma proteção?
5. O que a expressão “Não preciso me tornar (ou continuar sendo) uma vítima do meu temperamento” (p. 22) tem a ver com a busca da santidade?
6. Packer afirma que muitas pessoas, nos dias de hoje, estão vivendo uma vida “qualitativamente subumana” (p. 23). Você concorda com esta afirmação? O que faz a vida ser verdadeiramente humana? Por que justificar-se usando a desculpa: “Mas eu sou apenas humano”?
7. “Quero ser santo”, diz um amigo seu, “mas estou muito envolvido com o meu trabalho e a minha família. É impossível pensar em Deus quando existem tantas pessoas em minha vida”. Como você responderia?
8. Qual é a evidência apresentada por Packer para sustentar sua afirmação de que a maioria dos cristãos hoje vê a santidade como algo fora de moda? Que evidências, pró ou contra, você pode acrescentar?
9. Nas páginas 29 a 32 Packer desenvolve um esboço das razões pelas quais a santidade é importante “para todo cristão, sem exceção”. Você acha que essas razões são convincentes? Elas revelam alguns aspectos da santidade que você não havia ainda considerado?

Aplicação:

- Será que penso com frequência no meu chamado para ser santo? Busco essa santidade com todo o meu coração? Tenho desenvolvido o hábito de “chegar-

me a Jesus” diante das decisões da minha vida, incluindo esta área?

- Que tipo de temperamento tenho? Posso destacar alguns pontos fortes do meu temperamento? E algumas fraquezas? Que hábitos devo desenvolver para me parecer mais com Jesus?
- Selecione alguns relacionamentos-chaves em sua vida e reflita sobre eles à luz da seguinte afirmação: “A maneira como me relaciono com os outros é a essência de minha santidade aos olhos de Deus” (p. 26).
- Em espírito de oração, releia os doze pontos que perfilam uma pessoa santa, desenvolvidos pelo Bispo Ryle (pp. 16-18), consultando alguma passagem bíblica que chame a sua atenção. Como uma expressão de fé no poder de Deus e de seu próprio desejo por santidade, tente por o seu nome no lugar da expressão “um homem santo” toda vez que ela aparecer.

Capítulo 2

EXPLORANDO A SALVAÇÃO: É NECESSÁRIO SER SANTO?

Objetivo: Adquirir um entendimento bíblico sobre como o chamado à santidade se encaixa dentro da obra completa da graça divina em uma pessoa.

Revisão e Reflexão:

1. Quais são os elementos que o Novo Testamento adiciona ao entendimento do Antigo Testamento sobre a salvação?
2. Por que é certo reconhecer Jesus Cristo como a figura-chave de nossa salvação, mas errado ver a salvação como uma obra realizada apenas por ele?
3. Imagine-se tendo uma conversa sincera com um amigo que nunca manifestou sua necessidade de ser salvo. De que maneira você poderia adaptar a análise de Packer sobre esta necessidade (pp. 44-46) para convencê-lo da realidade do pecado e de sua verdadeira condição (“sem esperança e sem Deus no mundo”)?
4. Continue o exercício acima, revendo o esboço de Packer sobre o plano divino de salvação – no passado, no presente e no futuro (pp. 46-58). Pense em como você poderia comunicar estas verdades, de maneira mais efetiva, em uma conversa informal.
5. Packer insiste que os cristãos devem acordar para o fato de que a vida nova em Cristo opera “uma transformação real e radical do nosso ser”. Por isso, nos tornamos pessoas diferentes do que éramos por natureza (p. 48). O que isto significa e por que é tão importante?
6. O que é graça preveniente? Como ela indica o propósito amoroso de Deus e nos mostra o caminho da humildade, gratidão e esperança (p. 51)?

7. Deus é amor e luz. O que esta expressão implica para todo cristão?
8. Packer identifica a doutrina (D), a experiência (E) e a prática (P) como as três “colunas” que sustentam a vida cristã. Como uma deficiência em D (E ou P) afeta nossa vida?
9. O que podemos saber sobre a obra futura de Deus que consumará a nossa salvação? O que ainda não se sabe? Por que o alerta “*Esteja Preparado!*” é tão importante para todos os cristãos?

Aplicação:

- “Nem sempre é fácil perceber que alguém está doente” (p. 37). Será que *eu* tenho uma visão acurada da minha saúde espiritual? Posso ver e admitir que realmente preciso do Grande Médico? A que armadilhas sobre a fé e a vida cristã estou mais susceptível (veja pp. 38,39)?
- Reveja as sugestões dadas por Packer sobre como tirar proveito do estudo bíblico (pp. 39,40). O que você pode aprender com elas? Escolha uma delas para pôr em prática da próxima vez que pegar a sua Bíblia. (Escreva sua análise caso tenha medo de esquecer-se.)
- Sempre caio na tentação de comparar meu desenvolvimento espiritual com o de outras pessoas? Que resultados alcancei? As observações de Packer sobre os mistérios do crescimento espiritual (pp. 56,57) me convencem a deixar o julgamento nas mãos de Deus?
- Reserve tempo para refletir em algumas das declarações bíblicas sobre o propósito amoroso de Deus no que se refere à salvação (por exemplo, aquelas citadas nas páginas 50 e 51). Use-as como base para uma oração de gratidão e louvor.

Capítulo 3

VALORIZANDO A SALVAÇÃO: O PONTO INICIAL DA SANTIDADE

Objetivo: Aprender a valorizar mais o plano de salvação de Deus por meio do temor, gratidão, zelo e naturalidade da vida.

Revisão e Reflexão:

1. O que você acha da avaliação que Packer faz do nosso tempo como “a era do distanciamento de Deus”? Você pode identificar algum autor que evidencia esta tendência descrita por ele? Quem você adicionaria à lista dos autores que têm proclamado a verdade a respeito de Deus?
2. Algumas vezes ouvimos a seguinte objeção: “Deus não precisa que eu o exalte”. De que maneira esta abordagem está equivocada? Por que se exige o

- louvor do povo de Deus? Quem se beneficia com o louvor, e como?
3. Por que a necessidade de render ações de graças é mais enfatizada no Cristianismo do que em qualquer outra religião? Quais são os efeitos de se cultivar um coração agradecido?
 4. O Novo Testamento afirma que o principal propósito do Pai no plano da salvação é glorificar o Filho. Quais são alguns dos textos que revelam este propósito? Quais falam principalmente da salvação como algo encontrado em Jesus e por meio dele?
 5. Quais recomendações práticas Packer oferece para que se desenvolva e mantenha uma atitude de zelo pela glória de Jesus Cristo?
 6. O que significa ser “natural na maneira de viver a minha vida”? O que isto têm a ver com a questão de ser santo?
 7. Packer diz que é errado pensar que os cristãos têm duas naturezas. Esta explicação faz sentido para você? Quais são algumas vantagens da perspectiva que ele apresenta?
 8. A sua experiência e observação apóiam a seguinte declaração: Cristãos que pecam “estão agindo contra a sua própria natureza, ocupando-se em atividades contra as quais a sua natureza interior se revolta” (p. 75)? Por que os cristãos pecam?
 9. Quais são as duas razões pelas quais devem-se evitar sempre as falhas morais?
 10. Você pode explicar a ligação entre santidade e satisfação?

Aplicação:

- O que inspira em mim um sentimento de temor? Sempre penso no plano de salvação de Deus de uma maneira que me leva a maravilhar-me com a grandeza divina? O louvor é uma parte importante da minha vida de oração?
- Estou familiarizado com os autores que Packer menciona na página 60? Posso ter algum proveito se explorar o que eles dizem? Será que alimento o meu relacionamento espiritual com Deus por meio de boas leituras?
- Deus se agrada da pessoa cujo objetivo, dia após dia, é expressar esta gratidão por meio de uma vida dedicada a ele, por ele e para ele, e que constantemente pergunta como o salmista: “Que darei ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?” (p. 68). Até que ponto o que foi dito acima se aplica à minha vida?
- Pense em deixar um caderno à mão para anotar as passagens bíblicas que lhe motivam a louvar, agradecer, zelar e desejar Deus. (Você poderia começar explorando as muitas referências bíblicas citadas neste capítulo). Use suas anotações como algo que irá ajudá-lo em suas orações.

- Pergunte-se: *Se eu realmente visse o pecado como algo estranho e repugnante à minha verdadeira natureza, seria mais fácil rejeitá-lo?* Depois peça ao Espírito Santo para ajudá-lo a se conhecer como uma nova criatura e fortalecer em você o desejo pelo bem.

Capítulo 4

UMA VISÃO PANORÂMICA DA SANTIDADE

Objetivo: Rever algumas verdades básicas sobre a santidade e examinar seis tradições diferentes, mas complementares, nesta área de ensino.

Revisão e Reflexão:

1. Nas páginas 81 à 83, Packer reúne algumas já mencionadas verdades básicas para a definição de etapas sobre a santidade que proverão a base de referência para o restante do livro. Você está familiarizado com todas essas verdades? Se não, reveja as seções apropriadas dos capítulos um a três.
2. Quais são os dois extremos que devem ser evitados quando procuramos dar uma resposta prática às exigências divinas de santidade? De que maneira a tendência humana de querer exclusividade afeta esta tentativa?
3. Quais são os dois caminhos da vida cristã?
4. Em suas próprias palavras, descreva os principais elementos da abordagem tradicional da santidade que requer um redirecionamento do desejo. Quais são os pontos fortes dessa abordagem?
5. Como você explicaria os seguintes termos para uma outra pessoa: deserto da solidão; *apatheia*; casamento espiritual; as trevas da alma ou o abandono espiritual; amor perfeito; segunda bênção?
6. Qual é a linha de ensino da santidade que origina-se, em particular, dos anglicanos pós-Reforma e dos escolásticos medievais, como São Tomás de Aquino? No que ela se concentra, e por quê?
7. A santidade têm sido vista como um assunto que implica na habitação do Espírito Santo e no cumprimento de suas ordenanças. Que verdades devem ser guardadas na mente caso este caminho da santidade seja frutífero? Como os ensinamentos de Lutero servem ao objetivo de corrigir alguns abusos desta abordagem?
8. Como os puritanos vêem o pecado? Por que Packer sugere que os cristãos do nosso século têm muito a aprender com eles?
9. Um de seus parentes está preocupado com a afirmação feita por um pregador da TV de que é impossível ter uma vida de santidade sem o batismo no Espí-

rito, que vem após a conversão. Baseando a sua resposta na crítica que Packer faz à questão da “segunda bênção” em relação à santidade, como você aliviaría os temores dele? Que elemento-chave da vida cristã é corretamente enfatizado por esta abordagem?

10. “Os filhos de Deus, movidos pela grandeza do amor divino, devem ter na mente o alvo da disciplina em sua vida diária, e trabalhar com a mesma disposição, planejando, orando e fazendo provas a fim de tornar esse alvo uma realidade” (p. 101). Por que esta abordagem planejada, ordenada e refletida em relação à santidade é tão crítica para os nossos dias? Onde você poderia descobrir uma reafirmação contemporânea desta ênfase histórica?

Aplicação:

- “Todo cristão deve achar seu próprio caminho” na vida de comunhão com Deus, “com possível ajuda de amigos, pastores e daqueles que, desde o século 17, foram chamados de ‘conselheiros espirituais’ [ou] ‘amigos do peito’” (p. 86). Como está meu relacionamento com Deus? Estou encontrando o meu caminho? Este capítulo sugeriu alguma avenida na qual eu possa trilhar? Algum texto a ser explorado? Algum hábito a ser cultivado?
- O que você acha da descrição encontrada nos escritos de John Geree, *The Character of an Old English Puritane or Nonconformist* (O Caráter de um Velho Puritano Inglês ou Não-Conformista) (pp. 103,104)? Você concorda com Packer quando ele diz que o modelo de santidade proposto aqui precisa apenas de um pequeno ajuste para ser viável para os nossos dias? Que ajustes poderiam ser feitos para tornar-lhe este modelo útil?

Capítulo 5

HUMILHANDO-SE PARA CRESCER: A VIDA DE ARREPENDIMENTO

Objetivo: Entender a importância da humildade e do arrependimento na vida cristã e explorar algumas possibilidades de ajuda para chegar-se ao arrependimento constante.

Revisão e Reflexão:

1. “A vida de santidade é uma vida de crescimento para baixo” (p. 121). O que isto significa? Como a pequenez de uma pessoa abre espaço para a grandiosidade de Jesus? Onde se enquadra o arrependimento nisto tudo?
2. O que é arrependimento? É um exagero chamar o arrependimento de uma “revolução espiritual” que somente os cristãos podem experimentar em sua plenitude?

- Quais são os cinco passos que constituem o processo de arrependimento?
3. Packer propõe o reformador inglês, John Bradford, como um modelo de uma vida de constante arrependimento. Quais foram os exercícios e práticas que Bradford desenvolveu, em uma base diária, que o ajudaram a concentrar-se nesta visão? Como as suas ações expressaram isso? Quais foram os dois fundamentos da percepção de Bradford quanto ao constante arrependimento? O que caracterizava sua oração?
 4. Por que é imperativo que se desenvolva um “sentido caracteristicamente cristão da misericórdia e do temor do Senhor” (p. 116)? Como o teólogo Rudolph Otto analisa este aspecto duplo de Deus em seu livro, *The Idea of the Holy* (A idéia do Sagrado)?
 5. A vida cristã tem de ser “antes de tudo, um exercício de contínuo arrependimento” (p. 118). Por quê? Por que os maiores cristãos tendem a se ver como os piores dos pecadores?
 6. Leia as cartas para as cinco igrejas que Packer menciona (Ap 2,3). Você pode vê-las como um modelo para o arrependimento do cristão de hoje?
 7. Quais os aspectos de nossa cultura que dificultam a prática da disciplina do arrependimento contínuo? Que aspectos dificultam o cultivo de uma consciência sensível e educada?
 8. Qual é a ligação entre a pureza de Deus e o nosso arrependimento? Como o Salmo 51 discute essa ligação?
 9. Você está certo sobre a ligação entre a saúde espiritual e a humildade, o auto-conhecimento e o arrependimento? Como a lei de Deus nos impede tanto ao auto-conhecimento quanto à humildade? Reserve alguns minutos para refletir no texto de Romanos 7.7-25 como a apresentação clássica desta dinâmica.
 10. O que Packer identifica como a maior necessidade dos discípulos modernos de Cristo? Quais as duas linhas de ação que ele sugere?
 11. Packer recomenda um caminho de mediação nas Escrituras que levanta três questões e uma promessa. Quais são elas?

Aplicação:

- Será que abomino o pecado por ele ser uma ofensa contra a pureza de Deus? Com a ajuda de Deus, decidi procurar lutar contra o mal que está em mim? Estou consciente da minha profunda necessidade de uma contínua conversão que acontece por meio do arrependimento?
- Quais poderiam ser as ajudas práticas e úteis para o meu arrependimento e auto-conhecimento neste exato momento? Um diário espiritual (veja pp. 111-114)?

Uma série de orações para ser usada como modelo na formação e expressão do meu próprio desejo de rejeitar o pecado (veja pp. 114, 115, 120, 121, 129, 130)?
Uma abordagem mais centrada na meditação das Escrituras (veja pp. 129, 130)?
Alguns “relacionamentos que envolvem responsabilidade” (veja p. 125)?

- Reservo um tempo diário para inundar minha alma com as Escrituras, ouvindo a palavra pessoal de Deus para a minha vida? O que posso fazer para crescer nesta área?

Capítulo 6

CRESCENDO NA SEMELHANÇA DE CRISTO: A EXPERIÊNCIA CRISTÃ SAUDÁVEL

Objetivo: Entender a santificação como um processo contínuo de crescimento na graça e adquirir uma sabedoria prática para melhor cooperar com o processo.

Revisão e Reflexão:

1. Este capítulo enfatiza que os cristãos saudáveis devem continuar a crescer nas dimensões morais e espirituais de sua semelhança com Cristo. Como podemos saber se este crescimento na graça é necessário? É possível alcançá-lo?
2. Por que as visões parciais da santificação são tão atraentes e tão prejudiciais? Você encontrou as duas distorções que Packer descreve (veja pp. 144-146)?
3. O que acontece com o cristão que não consegue manter um equilíbrio entre a verdade, a experiência e a ação?
4. Leia rapidamente as sete proposições referentes à graça necessária para o crescimento em santidade (pp. 151-157). Alguma delas é nova para você? O que a apresentação de Packer acrescentou à sua compreensão sobre o modo como a graça funciona?
5. Por que é tão difícil detectar e medir o crescimento na graça? Como a vida da esposa de Manoá, Abraão e Pedro apresentam evidências de uma estatura ou crescimento espiritual? Você pode apontar a mesma dinâmica em algum outro personagem bíblico?
6. Que verdade sobre o crescimento espiritual deveria trazer conforto aos cristãos que lutam contra um caráter ou temperamento deficiente? Qual deveria deixar os profissionais cristãos em alerta?
7. Como o crescimento de um indivíduo em graça pode gerar um aumento de paz e tensão interior?
8. Quais são os cinco sinais que Packer propõe como indicadores confiáveis de que o crescimento espiritual está acontecendo?

9. Packer diz que muitos cristãos “eles se contentam com a sua estagnação ou até recuo espiritual” (p. 169). Por quê? O que poderia motivá-los a buscar o crescimento espiritual? Quais as diretrizes práticas que eles poderiam usar (veja a seção “axiomas” e “disciplinas” de Packer nas páginas 169-175)?
10. Você percebe um dia que sua vida espiritual está estagnada e tristemente negligenciada. Por que seria conveniente ler 2Pe 3 ao mesmo tempo que você tenta fazer uma mudança? Como as disciplinas sugeridas poderiam estimular um crescimento saudável na graça?
11. “O maior problema social do mundo moderno é a imaturidade emocional que se dissimila como um estilo de vida adulto” (p. 176). Você concorda com esta afirmação? Por que o ideal de Peter Pan é incompatível com um crescimento espiritual saudável?

Aplicação:

- Realmente creio que a saúde da alma é “mais importante do que o bem-estar do corpo” (p. 140)? Reflito esta verdade na maneira como vivo?
Reserve um tempo para refletir se sua vida espiritual está baseada nas verdades representadas nas afirmações de Packer sobre a graça (pp. 152-157). Possíveis questões a considerar:
 - Tenho me consagrado a Deus?
 - Estou convicto sobre a diferença entre a função de Deus e a minha no processo de salvação e santificação?
 - Estou unido com Cristo em sua morte e ressurreição? Esta é uma verdade cotidiana para mim?
 - Eu me disponho, deliberadamente, a rejeitar o pecado e praticar as coisas que me assemelham a Cristo em todas as situações? Peço, conscientemente, ao Espírito Santo para ajudar-me a fazer isto?
 - Qual é minha abordagem com relação à lei de Deus? O “amor obediente às leis” descreve o espírito no qual sirvo a Deus e aos outros?
- A última seção deste capítulo (pp. 168-176) é um exercício extensivo de aplicação dos princípios sobre o crescimento em santidade. Releia-a tendo em mente a sua própria vida. Peça ao Espírito Santo para ajudá-lo.

Capítulo 7

CRESCENDO EM FORÇA: A VIDA CRISTÁ COM PODER

Objetivo: Examinar um aspecto do poder de Deus: como ele regenera, santifica e opera por meio dos homens.

Revisão e Reflexão:

1. “O poder é um tema que sempre deve ser discutido pelos cristãos”, diz Packer (p. 184). Por quê? Qual é a deficiência de um Cristianismo que ignora esta preocupação? Que cuidados precisam ser tomados?
2. Como o entendimento de poder proposto pela Bíblia difere, por exemplo, do mencionado na revista *Time*? Como vemos este poder manifestado no Novo Testamento? Qual é o supremo “sinal e prodígio” que testifica o poder de Deus?
3. Todo cristão tem um ministério? Que relação existe entre ministério e santidade?
4. Que desenvolvimentos históricos levaram muitos cristãos a crer que Deus raramente – isso se acontecer – penetra no nosso mundo por meio de demonstrações sobrenaturais de poder? Este é um erro que ainda acontece hoje?
5. Como o pecado do orgulho pode sabotar nossas justas aspirações de desenvolver nossos dons e usá-los para o bem dos outros? Que verdades, mantidas na mente, nos protegerão?
6. Você concorda com a avaliação de Packer sobre os pontos fortes e fracos da ênfase no “encontro de poderes” na evangelização?
7. Em que sentido pode ser dito que a “espera frustrada” é parte da experiência de todos os discípulos sérios de Cristo?
8. Qual é o indicador mais preciso do poder de Deus agindo em uma pessoa?
9. O poder de Deus, que criou o universo, é o mesmo poder que opera em minha vida e na vida da igreja. Quais são algumas implicações desta verdade?
10. Que diferença prática o fato de este poder não ser uma força impessoal, mas uma pessoa viva, o Espírito Santo, faz para mim?
11. O que Packer identifica como o supremo propósito de Deus – o fim para o qual ele direciona seu poder e suas promessas? Como nossa oração de petição deveria nos ajudar a penetrar na mente e propósito divinos?
12. Ser cheio do poder divino para crescer em Cristo tem tudo a ver com “reconhecimento e sentimento de nossa fraqueza” (p. 208). Como a experiência de Paulo com os coríntios exemplifica esta verdade extremamente importante?

Aplicação:

- Preciso repensar em minha abordagem sobre poder à luz do que li neste capítulo? Tenho uma abertura para o sobrenatural que é, ao mesmo tempo, saudável e cheia de expectativa?
- “Os cristãos provam, por suas próprias experiências, que o poder de Deus transforma vidas” (pp. 193, 194). Esta afirmação é uma verdade em minha

vida? Será que realmente desejo ser cheio do poder divino para levar uma vida santa tendo diligência em usar os meios de graça?

- O seu relacionamento com o Espírito Santo está vivo e anda bem? O que você pode dizer a esse respeito? Leia Romanos 8.4-16 como um lembrete da lista de dons que estão à sua disposição por meio do ministério do Espírito Santo. Como o Espírito o está equipando para o ministério?
- “Minha graça te basta”, disse o Senhor a Paulo, “porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9). É mais fácil falar desta verdade do que vivê-la. Você está pronto para fazer esta oração com Packer: “Que Deus, em sua grande misericórdia, nos enfraqueça”? “Que Deus, em sua grande misericórdia, *me* enfraqueça” (veja p. 209)?

Capítulo 8

A DURA CONQUISTA: A DISCIPLINA DA PERSISTÊNCIA

Objetivo: Entender porque a persistência é vital para o processo de santificação.

Revisão e Reflexão:

1. O que é persistência para o cristão? Sob quais circunstâncias ela é mais visível? Por que não existe maturidade sem ela?
2. Por que uma corrida de longa distância é um exemplo adequado para elucidar a vida cristã? Como você se relaciona com este exemplo? Você tem experiência pessoal com alguma outra disciplina que exija um esforço contínuo e concentrado?
3. “Olhemos firmemente para Jesus”, diz o autor do livro de Hebreus (12.2). Por que tal atitude é importante? Em quais dois aspectos de Jesus deveríamos nos concentrar?
4. O que sustenta o estóico em meio às dificuldades? E o cristão? Qual a visão de ego encontrada em cada uma destas abordagens?
5. Packer inverte um ditado popular e diz: *Enquanto há esperança, há vida*. Como esta inversão ilumina uma verdade mais profunda? Qual é a viva esperança do cristão? Que diferença isto faz?
6. Como Packer define o sofrimento? Que tipos de sofrimento vêm sobre os cristãos exatamente pelo fato de serem cristãos? Quais simplesmente fazem parte da esfera comum da humanidade?
7. Este capítulo oferece três razões pelas quais os cristãos devem valorizar o sofrimento. Se você tivesse de apresentar a primeira razão para uma classe de estudo bíblico formada por adultos, como seria a sua abordagem?

8. O texto de Romanos 5.3,4 fala de uma progressão, partindo do sofrimento, passando pela perseverança, experiência e esperança. Você já pensou sobre isto? Como o caráter produz a esperança?
9. A segunda razão para valorizar o sofrimento é que ele glorifica a Deus. Neste caso, quais são os dois sentidos em que Deus é glorificado? Como Deus foi glorificado no sofrimento de Paulo? E dos salmistas? E de Richard Baxter, o puritano inglês?
10. A “lei da colheita” é a terceira razão pela qual os cristãos devem valorizar o sofrimento. O que é esta lei? Onde ela pode ser encontrada na Bíblia? Como ela é demonstrada na vida de Jesus? Que respostas práticas ela sugere para o cristão que, em meio aos sofrimentos, pergunta: “Por que isto está acontecendo comigo?”
11. O que é firmeza? Quais são as duas maneiras pelas quais ela é nutrida pela fé?

Aplicação:

- Qual é o meu nível de participação na corrida espiritual? Sou um sério competidor ou um iniciante indiferente? Sou um espectador? Quero competir “para vencer”? O que farei para firmar meus olhos em Jesus nos dias de hoje?
- Com que frequência penso na volta de Jesus? Encontro encorajamento ao pensar na recompensa eterna que Deus promete para aqueles que perseveram ou olho para esta recompensa como uma motivação sem valor? Estou crescendo na esperança?
- O que penso da explicação de Packer sobre o valor do sofrimento? Ela poderia me ajudar a superar meu sofrimento com facilidade? A receber com alegria seus efeitos sobre o meu caráter para a formação de um cristão? A responder com louvor? A aumentar minha disposição em sofrer para a glória de Deus e pelo bem de outros?
- Leia e ore ao ler a carta aos Hebreus (especialmente os trechos mencionados neste capítulo) como uma maneira de obter entendimento e gratidão pela disciplina da persistência.
- Reserve um tempo para refletir no que você aprendeu em seu estudo do livro *A Redescoberta da Santidade*. Tome algumas decisões práticas. Permita que a sua reflexão o conduza à oração.

A Redescoberta da SANTIDADE

O Caminho para a Alegria e Liberdade,
agora e no futuro

“Houve um tempo”, escreve Packer, “quando todos os cristãos davam grande ênfase ao chamado divino para a santidade. Mas como isso mudou! Ouvindo os sermões que ouvimos e lendo os livros que hoje são escritos, e depois observando o modo mundano e agressivo como nos comportamos, dá a impressão que o caminho para a santidade nunca foi mostrado claramente para os crentes.” Em ***A Redescoberta da Santidade*** esse caminho é mostrado de novo com clareza, conduzindo à verdadeira liberdade e alegria – que se mostra aqui e na eternidade.

J.I. Packer, autor de ***Evangelização e Soberania de Deus, Nunca Perca a Esperança, Religião Vida Mansa, Teologia Concisa*** e de artigos e notas para a *Bíblia de Estudos de Genebra* (Editora Cultura Cristã) e outros, é um dos mais notáveis mestres da Bíblia de nosso tempo, respeitado pela sua fidelidade e clareza na exposição da Escritura.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Junior, 382/394 – Cambuci

01540-040 – São Paulo – SP – Brasil

C.Postal 15.136 – São Paulo – SP – 01599-970

Fone (0**11) 3207-7099 – Fax (0**11) 3209-1255

www.cep.org.br – cep@cep.org.br

0800-141963

Vida Cristã / Doutrina